O SILMARILLION

J. R. R. TOLKIEN

J. R. R. TOLKIEN
QUENTA SILMARILLION
(A História das Silmarils)

com

AINULINDALË
(A Música dos Ainur)

e

VALAQUENTA
(Relato dos Valar)

aos quais foi acrescentado
AKALLABÊTH
(A Queda de Númenor)

e

DOS ANÉIS DE PODER E DA TERCEIRA ERA O SILMARILLION

J. R. R. TOLKIEN

O SILMARILLION

Orga n izado por Christopher Tolkien

TRADUÇÃO Waldéa Barcellos

Martins Fontes

São Paulo 2003

Sumário

Prefácio

O Silmarillion, publicado agora, quatro anos após o falecimento do seu autor, é um relato dos Dias Antigos, a Primeira Era do Mundo. Em O Senhor dos Anéis, foram narrados os grandes eventos do final da Terceira Era; as histórias de O Silmarillion, no entanto, são lendas derivadas de um passado muito mais remoto, quando Morgoth, o primeiro Senhor do Escuro, habitava a Terra-média, e os altos-elfos guerrearam com ele pela recuperação das Silmarils.

Mas O Silmarillion não relata apenas os eventos de uma época muito anterior àquela de O Senhor dos Anéis; em todos os pontos essenciais de sua concepção, ele também é, de longe, a obra mais antiga. Na realidade, embora na época não se chamasse O Silmarillion, ele já existia meio século atrás. Em cadernos velhíssimos, que remontam a 1917, podem ser lidas as versões iniciais das histórias mais importantes da mitologia, muitas vezes escritas às pressas, a lápis Ele nunca foi publicado (ainda que alguma indicação de seu conteúdo pudesse ser depreendida de O Senhor dos Anéis), mas meu pai, durante sua longa vida, jamais o deixou de lado, nem parou de trabalhar nele, mesmo em seus últimos anos. Durante todo esse tempo, O Silmarillion, se considerado meramente como uma grande estrutura narrativa, sofreu relativamente poucas mudanças radicais: há muito, tornou-se uma tradição estabelecida e uma fonte de referência para textos posteriores. Estava, entretanto, longe de se fixar como um texto pronto, e não permaneceu inalterado nem mesmo em certas idéias fundamentais relativas à natureza do mundo que retrata, quando as mesmas lendas voltaram a ser relatadas em formas mais longas e mais curtas e em estilos diferentes. Com o passar dos anos, as mudanças e as variantes, tanto em detalhes quanto em perspectivas maiores, tornaram-se tão complexas, tão onipresentes e com tantos níveis, que uma versão final e definitiva parecia inatingível. Além disso, as velhas lendas (”velhas” agora não só por derivarem da remota Primeira Era, mas também em termos da vida de meu pai) passaram a ser veículo e repositório de suas reflexões mais profundas. Em seus textos tardios, a mitologia e a poesia cederam espaço a preocupações teológicas e filosóficas, motivo pelo qual surgiram incompatibilidades de tom.

Quando da morte de meu pai, coube-me tentar organizar obra em forma publicável. Tomou-se claro para mim que a tentativa de apresentar, num único volume, a diversidade de materiais – revelar O Silmarillion de fato como uma criação contínua e em evolução, que se estendeu por mais de cinqüenta anos – levaria na realidade apenas à confusão e ao obscurecimento daquilo que é essencial. Propus-me, por isso, elaborar um texto único, selecionando e organizando trechos de tal modo que me parecessem produzir a narrativa mais coerente e de maior consistência interna Nesta obra, os capítulos conclusivos (a partir da morte de Túrin Turambar) apresentaram dificuldades especiais, já que permaneceram inalterados ao longo de muitos anos e, sob certos aspectos, conflitavam seriamente com concepções mais elaboradas em outras partes do livro.

Não se pode aspirar a uma harmonia perfeita (quer no âmbito do próprio O Silmarillion, quer entre O Silmarillion e outras obras publicadas de meu pai), e ela somente poderia ser alcançada, se fosse possível, a um custo elevado e desnecessário. De mais a mais, meu pai veio a conceber O Silmarillion como uma compilação, uma narrativa sucinta e abrangente, feita muito tempo depois, a partir de fontes de grande diversidade (poemas, crônicas históricas e narrativas orais), que sobreviveram numa tradição secular. Essa concepção tem de fato paralelo na verdadeira história do livro, pois um enorme volume de prosa e poesia antiga subjaz a ele; ele é, até certo ponto, um compêndio de fato, e não apenas em teoria. A esse fator, pode-se atribuir a variação de ritmo da narrativa e a riqueza de detalhes em diversas partes, o contraste (por exemplo)

entre as recordações precisas de lugar e motivo na lenda de Túrin Turambar e o relato remoto e sublime do final da Primeira Era, quando as Thangorodrim foram destruídas e, Morgoth, derrotado, bem como algumas diferenças de tom e de descrição, alguns pontos obscuros e, aqui e ali, alguma falta de coesão.

No caso do Valaquenta, por exemplo, temos de supor que, embora ele contenha muitos fatos que devem remontar aos primeiros dias dos eldar em Valinor, deve ter sido reformulado em tempos mais recentes, o que explica sua contínua mudança de tempo verbal e de ponto de vista, de tal modo que os poderes divinos ora parecem presentes e ativos no mundo, ora remotos, constituindo uma camada desaparecida, conhecida apenas na lembrança.

O livro, embora devidamente intitulado O Silmarillion, contém não somente o Quenta Silmarillion ou O Silmarillion, mas também quatro outras obras curtas O Ainunlidalë e o Valaquenta, que são apresentados no início, estão na realidade intimamente associados a O Silmarillion. Já o Akallabêth e Dos anéis de poder, que aparecem no final, são totalmente separados e independentes (o que se deve salientar). Estão incluídos em obediência à explícita intenção de meu pai; por meio de sua inclusão, toda a história é descrita, desde a Música dos Ainur, com a qual o mundo começou, até a passagem dos Portadores do Anel saindo dos Portos de Mithlond, no final da Terceira Era.

A quantidade de nomes que aparecem no livro é muito grande, motivo pelo qual elaborei um glossário completo; porém, o número de pessoas (elfos e homens) que desempenham papel importante na narrativa da Primeira Era é muito menor, e todos eles constam nas árvores genealógicas. Além disso, preparei também um adendo, que especifica a denominação bastante complexa dos diferentes povos élficos; uma nota a respeito da pronúncia dos nomes dos elfos e uma lista de alguns dos principais elementos encontrados nesses nomes; além de um mapa.

Deve-se ressaltar que a grande cadeia de montanhas a leste, Ered Luin ou Ered Lindon, as Montanhas Azuis, aparece no extremo oeste do mapa de O Senhor dos Anéis. No corpo do livro, há um mapa menor A intenção é deixar clara a um mero golpe de vista onde se localizavam os reinos dos elfos depois da volta dos noldor a Terra-média. Não sobrecarreguei o livro com mais nenhum tipo de comentário ou anotação. Existe de fato uma grande quantidade de textos inéditos de meu pai – narrativos, lingüísticos, históricos e filosóficos -, relacionados às Três Eras; espero conseguir publicar parte deles futuramente.

Na tarefa árdua e cheia de dúvidas de finalizar o texto para o livro, recebi a enorme ajuda de Guy Kay, que trabalhou comigo em 1974 e 1975.

Christopher Tolkien

AINULINDALË

Ainulindalë

A Música dos Ainur

Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado. E ele lhes falou, propondo-lhes temas musicais; e eles cantaram em sua presença, e ele se alegrou. Entretanto, durante muito tempo, eles cantaram cada um sozinho ou apenas alguns juntos, enquanto os outros escutavam, pois cada um compreendia apenas aquela parte da mente de Ilúvatar da qual havia brotado e evoluía devagar na compreensão de seus irmãos. Não obstante, de tanto escutar, chegaram a uma compreensão mais profunda, tornando-se mais consonantes e harmoniosos.

E aconteceu de Ilúvatar reunir todos os Ainur e lhes indicar um tema poderoso, desdobrando diante de seus olhos imagens ainda mais grandiosas e esplêndidas do que havia revelado até então; e a glória de seu início e o esplendor de seu final tanto abismaram os Ainur, que eles se curvaram diante de Ilúvatar e emudeceram.

Disse-lhes então Ilúvatar: - A partir do tema que lhes indiquei, desejo agora que criem juntos, em harmonia, uma Música Magnífica. E, como eu os inspirei com a Chama Imperecível, vocês vão demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos, se assim o desejar. Eu porém me sentarei para escutar; e me alegrarei, pois, através de vocês, uma grande beleza terá sido despertada em forma de melodia.

E então as vozes dos Ainur, semelhantes a harpas e alaúdes, a flautas e trombetas, a violas e órgãos, e a inúmeros coros cantando com palavras, começaram a dar forma ao tema de Ilúvatar, criando uma sinfonia magnífica; e surgiu um som de melodias em eterna mutação, entretecidas em harmonia, as quais, superando a audição, alcançaram as profundezas e as alturas; e as moradas de Ilúvatar encheram-se até transbordar; e a música e o eco da música saíram para o Vazio, e este não estava mais vazio. Nunca, desde então, os Ainur fizeram uma música como aquela, embora tenha sido dito que outra ainda mais majestosa será criada diante de Ilúvatar pelos coros dos Ainur e dos Filhos de Ilúvatar, após o final dos tempos Então, os temas de Ilúvatar serão desenvolvidos com perfeição e irão adquirir Existência no momento em que ganharem voz, pois todos compreenderão plenamente o intento de Ilúvatar para cada um, e cada um terá a compreensão do outro; e Ilúvatar, sentindo-se satisfeito, concederá a seus pensamentos o fogo secreto.

Agora, porém, Ilúvatar escutava, sentado, e por muito tempo aquilo lhe pareceu bom, pois na música não havia falha. Enquanto o tema se desenvolvia, no entanto, surgiu no coração de Melkor o impulso de entremear motivos da sua própria imaginação que não estavam em harmonia com o tema de Ilúvatar; com isso procurava aumentar o poder e a glória do papel a ele designado. A Melkor, entre os Ainur, haviam sido concedidos os maiores dons de poder e conhecimento, e ele ainda tinha um quinhão de todos os dons de seus irmãos. Muitas vezes, Melkor penetrara sozinho nos espaços vazios em busca da Chama Imperecível, pois ardia nele o desejo de dar Existência a coisas por si mesmo; e a seus olhos Ilúvatar não dava atenção ao Vazio, ao passo que Melkor se impacientava com o vazio. E, no entanto ele não encontrou o Fogo, pois este está com Ilúvatar. Estando sozinho, porém, começara a conceber pensamentos próprios, diferentes daqueles de seus irmãos.

Alguns desses pensamentos ele agora entrelaçava em sua música, e logo a dissonância surgiu ao seu redor. Muitos dos que cantavam próximo perderam o ânimo,

seu pensamento foi perturbado e sua música hesitou; mas alguns começaram a afinar sua música a de Melkor, em vez de manter a fidelidade ao pensamento que haviam tido no início. Espalhou-se então cada vez mais a dissonância de Melkor, e as melodias que haviam sido ouvidas antes soçobraram num mar de sons turbulentos. Ilúvatar, entretanto, escutava sentado até lhe parecer que em volta de seu trono bramia uma tempestade violenta, como a de águas escuras que guerreiam entre si numa fúria incessante que não queria ser aplacada.

Ergueu-se então Ilúvatar, e os Ainur perceberam que ele sorria E ele levantou a mão esquerda, e um novo tema surgiu em meio à tormenta, semelhante ao tema anterior e ao mesmo tempo diferente; e ganhava força e apresentava uma nova beleza. Mas a dissonância de Melkor cresceu em tumulto e o enfrentou. Mais uma vez houve uma guerra sonora, mais violenta do que antes, até que muitos dos Ainur ficaram consternados e não cantaram mais, e Melkor pôde dominar. Ergueu-se então novamente Ilúvatar, e os Ainur perceberam que sua expressão era severa. Ele levantou a mão direita, e vejam! Um terceiro tema cresceu em meio à confusão, diferente dos outros. Pois, de início parecia terno e doce, um singelo murmúrio de sons suaves em melodias delicadas; mas ele não podia ser subjugado e acumulava poder e profundidade. E afinal pareceu haver duas músicas evoluindo ao mesmo tempo diante do trono de Ilúvatar, e elas eram totalmente díspares. Uma era profunda, vasta e bela, mas lenta e mesclada a uma tristeza incomensurável, na qual sua beleza tivera principalmente origem. A outra havia agora alcançado uma unidade própria; mas era alta, fútil e infindavelmente repetitiva; tinha pouca harmonia, antes um som uníssono e clamoroso como o de muitas trombetas soando apenas algumas notas. E procurava abafar a outra música pela violência de sua voz, mas suas notas mais triunfais pareciam ser adotadas pela outra e entremeadas em seu próprio arranjo solene.

No meio dessa contenda, na qual as mansões de Ilúvatar sacudiram, e um tremor se espalhou, atingindo os silêncios até então impassíveis, Ilúvatar ergueu-se mais uma vez, e sua expressão era terrível de ver. Ele então levantou as duas mãos, e num acorde, mais profundo que o Abismo, mais alto que o Firmamento, penetrante como a luz do olho de Ilúvatar, a Música cessou.

Então, falou Ilúvatar e disse: - Poderosos são os Ainur, e o mais poderoso dentre eles é Melkor; mas, para que ele saiba, e saibam todos os Ainur, que eu sou Ilúvatar, essas melodias que vocês entoaram, irei mostrá-las para que vejam o que fizeram E tu, Melkor, verás que nenhum tema pode ser tocado sem ter em mim sua fonte mais remota, nem ninguém pode alterar a música contra a minha vontade. E aquele que tentar, provará não ser senão meu instrumento na invenção de coisas ainda mais fantásticas, que ele próprio nunca imaginou.

E então os Ainur sentiram medo e ainda não compreenderam as palavras que lhes eram dirigidas; e Melkor foi dominado pela vergonha, da qual brotou uma raiva secreta. Ilúvatar, porém, ergueu-se em esplendor e afastou-se das belas regiões que havia criado para os Ainur; e os Ainur o seguiram.

Entretanto, quando eles entraram no Vazio, Ilúvatar lhes disse: - Contemplem sua Música! - E lhes mostrou uma visão, dando-lhes uma imagem onde antes havia somente o som E eles viram um novo Mundo tomar-se visível aos seus olhos; e ele formava um globo no meio do Vazio, e se mantinha ali, mas não pertencia ao Vazio, e enquanto contemplavam perplexos, esse Mundo começou a desenrolar sua história, e a eles parecia que o Mundo tinha vida e crescia. E, depois que os Ainur haviam olhado por algum tempo, calados, Ilúvatar voltou a dizer: - Contemplem sua Música! Este é seu repertório. Cada um de vocês encontrará aí, em meio à imagem que lhes apresento, tudo aquilo que

pode parecer que ele próprio inventou ou acrescentou. E tu, Melkor, descobrirás todos os pensamentos secretos de tua mente e perceberás que eles são apenas uma parte do todo e subordinados à sua glória.

E muitas outras palavras disse Ilúvatar aos Ainur naquele momento; e, em virtude da lembrança de suas palavras e do conhecimento que cada um tinha da música que ele próprio criara, os Ainur sabem muito do que foi, do que é e do que será,e deixam de ver poucas coisas.

Mas algumas coisas há que eles não conseguem ver, nem sozinhos nem reunidos em conselho; pois a ninguém a não ser a si mesmo Ilúvatar revelou tudo o que tem guardado; e em cada Era surgem novidades que não haviam sido previstas, pois não derivam do passado. E assim foi que, enquanto essa visão do Mundo lhes era apresentada, os Ainur viram que ela continha coisas que eles não haviam imaginado. E, com admiração, viram a chegada dos Filhos de Ilúvatar, e também a habitação que era preparada para eles. E perceberam que eles próprios, na elaboração de sua música, estavam ocupados na construção dessa morada, sem saber, no entanto, que ela tinha outro objetivo além da própria beleza. Pois os Filhos de Ilúvatar foram concebidos somente por ele; e surgiram com o terceiro tema; eles não estavam no tema que Ilúvatar propusera no início, e nenhum dos Ainur participou de sua criação. Portanto, quando os Ainur os contemplaram, mais ainda os amaram, por serem os Filhos de Ilúvatar diferentes deles mesmos, estranhos e livres; por neles verem a mente de Ilúvatar refletida mais uma vez e aprenderem um pouco mais de sua sabedoria, a qual, não fosse por eles, teria permanecido oculta até mesmo para os Ainur.

Ora, os Filhos de Ilúvatar são elfos e os homens, os Primogênitos e os Sucessores. E em meio a todos os esplendores do Mundo, seus vastos palácios e espaços e seus círculos de fogo, Ilúvatar escolheu um local para habitarem nas Profundezas do Tempo e no meio das estrelas incontáveis. E essa morada poderia parecer insignificante para quem leve em conta apenas a majestade dos Ainur, e não sua terrível perspicácia; e considere toda a área de Arda como o alicerce de uma coluna e a erga até que o cone do seu topo seja mais aguçado que uma agulha; ou contemple somente a vastidão incomensurável do Mundo, que os Ainur ainda estão moldando, não a precisão detalhada com que moldam todas as coisas que ali existem. Mas, quando os Ainur contemplaram essa morada numa visão e viram os Filhos de Ilúvatar surgirem dentro dela, muitos dos mais poderosos dentre eles concentraram todo o seu pensamento e seu desejo nesse lugar. E, desses, Melkor era o chefe, exatamente como no início ele fora o mais poderoso dos Ainur que haviam participado da Música. E ele fingia, a princípio até para si, que desejava ir até lá e ordenar tudo pelo bem dos Filhos de Ilúvatar, controlando o turbilhão de calor e frio que o atravessava. No fundo, porém, desejava submeter à sua vontade tanto elfos quanto homens, por invejar-lhes os dons que Ilúvatar prometera conceder-lhes; e Melkor desejava ter seus próprios súditos e criados, ser chamado de Senhor e ter comando sobre a vontade de outros.

Já os outros Ainur contemplaram essa habitação instalada nos vastos espaços do Universo, que os elfos chamam de Arda, a Terra; e seus corações se alegraram com a luz, e seus olhos, enxergando muitas cores, se encheram de contentamento; porém, o bramido do oceano lhes trouxe muita inquietação. E observaram os ventos e o ar, e as matérias das quais Arda era feita: de ferro, pedra, prata, ouro e muitas substâncias. Mas de todas era a água a que mais enalteciam. E dizem os eldar que na água ainda vive o eco da Música dos Ainur mais do que em qualquer outra substância existente na Terra; e muitos dos Filhos de Ilúvatar escutam, ainda insaciados, as vozes do Oceano, sem contudo saber por que o fazem.

Ora, foi para a água que aquele Ainu que os elfos chamam de Ulmo voltou seu pensamento, e de todos foi ele quem recebeu de Ilúvatar noções mais profundas de música. Já sobre os ares e os ventos, mais havia refletido Manwë, o mais nobre dos Ainur. Sobre a textura da Terra havia pensado Aulë, a quem Ilúvatar concedera talentos e conhecimentos pouco inferiores aos de Melkor; mas a alegria e o prazer de Aulë estão no ato de fazer e no resultado desse ato, não na posse nem em sua própria capacidade; motivo pelo qual ele dá, e não acumula, é livre de preocupações e sempre se interessa por alguma nova obra.

E Ilúvatar falou a Ulmo, e disse: - Não vês como aqui neste pequeno reino, nas Profundezas do Tempo, Melkor atacou tua província? Ele ocupou o pensamento com um frio severo e implacável, mas não destruiu a beleza de tuas fontes, nem de teus lagos cristalinos. Contempla a neve, e o belo trabalho da geada! Melkor criou calores e fogo sem limites, e não conseguiu secar teu desejo nem sufocar de todo a música dos mares. Admira então a altura e a glória das nuvens, e das névoas em permanente mutação; e ouve a chuva a cair sobre a Terra! E nessas nuvens, tu és levado mais para perto de Manwë, teu amigo, a quem amas.

Respondeu então Ulmo: - Na verdade, a Água tornou-se agora mais bela do que meu coração imaginava. Meu pensamento secreto não havia concebido o floco de neve, nem em toda a minha música estava contida a chuva que cai. Procurarei Manwë para que ele e eu possamos criar melodias eternamente para teu prazer! - E Manwë e Ulmo se aliaram desde o início, e sob todos os aspectos serviram com a máxima fidelidade aos objetivos de Ilúvatar.

Porém, no momento em que Ulmo falava, e enquanto os Ainur ainda contemplavam a visão, ela foi recolhida e permaneceu oculta Pareceu-lhes que naquele instante eles percebiam uma nova realidade, as Trevas, que eles ainda não conheciam a não ser em pensamento. Estavam, porém, apaixonados pela beleza da visão e fascinados pela evolução do Mundo que nela ganhava existência, e suas mentes estavam totalmente voltadas para isso; pois a história estava incompleta, e os círculos do tempo, ainda não totalmente elaborados quando a visão foi retirada. E alguns disseram que a visão cessou antes da realização do Domínio dos Homens e do desaparecimento gradual dos Primogênitos; motivo pelo qual, embora a Música estivesse sobre todos, os Valar não viram com o dom da visão as Eras Posteriores ou o final do Mundo.

Houve então inquietação entre os Ainur; mas Ilúvatar os conclamou, e disse: - Conheço o desejo em suas mentes de que aquilo que viram venha na verdade a ser, não apenas no pensamento, mas como vocês são e, no entanto, diferente. Logo, eu digo: Eä! Que essas coisas Existam! E mandarei para o meio do Vazio a Chama Imperecível; e ela estará no coração do Mundo, e o Mundo Existirá; e aqueles de vocês que quiserem, poderão descer e entrar nele. - E, de repente, os Ainur viram ao longe uma luz, como se fosse uma nuvem com um coração vivo de chamas; e souberam que não era apenas uma visão, mas que Ilúvatar havia criado algo novo: Eä, o Mundo que É.

Aconteceu, assim, de entre os Ainur alguns continuarem residindo com Ilúvatar fora dos limites do Mundo, mas outros, e entre eles muitos dos mais fortes e belos, despediram-se de Ilúvatar e desceram para nele entrar. No entanto, essa condição llúvatar impôs, ou talvez fosse conseqüência necessária de seu amor, que o poder deles a partir daí fosse contido no Mundo e a ele restrito, e nele permaneceria para sempre, até que ele se completasse, para que eles fossem a vida do mundo; e o mundo, a deles. E por esse motivo foram chamados de Valar, os Poderes do Mundo.

Mas quando os Valar entraram em Eä, a princípio ficaram assustados e desnorteados, pois era como se nada ainda estivesse feito daquilo que haviam

contemplado na Visão; tudo estava a ponto de começar, ainda sem forma, e a escuridão era total. Pois a Grande Música não havia sido senão a expansão e o florescer do pensamento nas Mansões Eternas, sendo a Visão apenas um prenúncio; mas agora eles haviam entrado no início dos Tempos, e perceberam que o Mundo havia sido apenas prefigurado e prenunciado; e que eles deveriam concretizá-la. Assim teve início sua enorme labuta em espaços imensos e inexplorados, e em eras incontáveis e esquecidas, até que nas Profundezas do Tempo e no meio das vastas mansões de Eä, veio a surgir à hora e o lugar em que foi criada a habitação dos Filhos de Ilúvatar. E, nessa obra, a parte principal coube a Manwë, Aulë e Ulmo; mas Melkor também estava ali desde o início e interferia em tudo o que era feito, transformando-o, se conseguisse, de modo que satisfizesse seus próprios desejos e objetivos; e ele acendia enormes fogueiras. E assim, quando a Terra ainda era jovem e repleta de energia, Melkor a cobiçou e disse aos outros Valar: - Este será o meu reino; e eu o designo como meu!

Manwë era, porém, irmão de Melkor na mente de Ilúvatar; e ele foi o principal instrumento do segundo tema que Ilúvatar havia criado para combater a dissonância de Melkor. E Manwë chamou a si muitos espíritos, superiores e inferiores, e eles desceram aos campos de Arda e auxiliaram Manwë, evitando que Melkor impedisse para sempre a realização de seu trabalho e que a Terra murchasse antes de florescer. E Manwë disse a Melkor:

- Este reino tu não tomarás como teu, pois muitos trabalharam aqui não menos do que tu. - E houve luta entre Melkor e os outros Valar. E, por algum tempo, Melkor recuou e partiu para outras regiões, e lá fez o que quis; mas não tirou de seu coração o desejo pelo Reino de Arda.

Então os Valar assumiram formas e matizes; e, atraídos para o Mundo pelo amor aos Filhos de Ilúvatar, por quem esperavam, adotaram formas de acordo com o estilo que haviam contemplado na Visão de Ilúvatar, menos na majestade e no esplendor. Além do mais, sua forma deriva de seu conhecimento do Mundo visível, em vez de derivar do Mundo em si; e eles não precisam dela, a não ser apenas como as vestes que usamos, e, no entanto podemos estar nus sem sofrer nenhuma perda de nosso ser. Portanto, os Valar podem caminhar, se quiserem, despidos; e nesse caso nem mesmo os eldar conseguem percebê-los com clareza, mesmo que estejam presentes. Quando os Valar desejam trajar-se, porém, costumam assumir, alguns, formas masculinas, outros, formas femininas; pois essa diferença de temperamento eles possuíam desde o início, e ela somente se manifesta na escolha de cada um, não sendo criada por essa escolha, exatamente como entre nós o masculino e o feminino podem ser revelados pelos trajes, mas não criados por eles. Mas as formas com as quais os Grandes se ornamentam não são sempre semelhantes às formas dos reis e rainhas dos Filhos de Ilúvatar; já que às vezes eles podem se revestir do próprio pensamento, tornado visível em formas de majestade e terror.

E os Valar atraíram para si muitos companheiros, alguns menos grandiosos do que eles, outros quase tão grandiosos quanto eles; e, juntos, trabalharam na organização da Terra e no controle de seus tumultos. Melkor então viu o que era feito; que os Valar caminhavam sobre a Terra como forças visíveis, trajados com roupas do Mundo, e eram lindos e gloriosos ao olhar, além de jubilosos, e que a Terra estava se tomando um jardim para seu prazer, já que seus turbilhões estavam subjugados. Cresceu-lhe então muito mais a inveja; e ele também assumiu forma visível; mas, em virtude de seu ânimo e do rancor que nele ardia, essa forma era escura e terrível. E ele desceu sobre Arda com poder e majestade maiores do que os de qualquer outro Vala, como uma montanha que avança sobre o mar e tem seu topo acima das nuvens, que é revestida de gelo e coroada de fumaça e fogo, e a luz dos olhos de Melkor era como uma chama que faz murchar com

seu calor e perfura com um frio mortal.

Assim começou a primeira batalha dos Valar com Melkor pelo domínio de Arda; e sobre esses tumultos, os elfos sabem pouquíssimo, pois o que foi aqui declarado teve origem nos próprios Valar, com quem os eldalië falavam na terra de Valinor e por quem foram instruídos; mas os Valar pouco se dispõem a relatar sobre as guerras anteriores à chegada dos elfos. Diz-se, porém, entre os eldar que os Valar sempre se esforçaram, apesar de Melkor, para governar a Terra e prepará-la para a chegada dos Primogênitos: e eles criaram terras, e Melkor as destruía; sulcavam vales, e Melkor os erguia; esculpiam montanhas, e Melkor as derrubava; abriam cavidades para os mares, e Melkor os fazia transbordar; e nada tinha paz ou se desenvolvia, pois mal os Valar começavam algum trabalho, Melkor o desfazia ou corrompia. E, no entanto, o trabalho deles não foi totalmente vão; e embora em tarefa ou em parte alguma sua vontade e determinação fossem perfeitamente cumpridas, e todas as coisas fossem em matiz e forma diferentes da intenção inicial dos Valar, apesar disso, lentamente, a Terra foi moldada e consolidada. E assim finalmente estabeleceu-se à morada dos Filhos de Ilúvatar nas Profundezas do Tempo e no meio das estrelas incontáveis.

VALAQUENTA
Valaquenta
Relato dos Valar e dos Maiar, segundo o conhecimento dos eldar

No início, Eru, o Único, que no idioma élfico é chamado de Ilúvatar, gerou de seu pensamento os Ainur; e eles criaram uma Música magnífica diante dele. Nessa música, o Mundo teve início; pois Ilúvatar tornou visível a canção dos Ainur, e eles a contemplaram como uma luz nas trevas. E muitos dentre eles se enamoraram de sua beleza, e também ele sua história, cujo início e evolução testemunharam como numa visão. Então, Ilúvatar deu Vida a essa visão e a instalou no meio do Vazio; e o Fogo Secreto foi enviado para que ardesse no coração do Mundo; e ele se chamou Eä.

Então, aqueles dos Ainur que assim desejaram, levantaram-se e entraram no Mundo no início dos Tempos; e foi sua missão realizar esse Mundo e, com seus esforços, concretizar a visão que haviam tido. Foi longa sua labuta nas regiões de Eä, que são vastas para além do alcance de elfos e homens, até que, no momento previsto, foi criada Arda, o Reino da Terra. Eles então vestiram os trajes da Terra, desceram até ela e a habitaram.

Dos Valar

Os Grandes, entre esses espíritos, os elfos denominam Valar, os Poderes de Arda; e os homens com freqüência os chamaram deuses. Os Senhores dos Valar são sete; e as Valier, as Rainhas dos Valar, são também em número de sete. Estes eram seus nomes no idioma élfico falado em Valinor, embora eles tenham outros nomes na fala dos elfos da Terra-média, e entre os homens seus nomes sejam numerosos. Os nomes dos Senhores na ordem correta são Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Mandos, Lórien e Tulkas; e os das Rainhas são Varda, Yavanna, Nienna, Estë, Vairë, Vána e Nessa. Melkor não é mais

incluído entre os Valar, e seu nome não é pronunciado na Terra.

Manwë e Melkor eram irmãos no pensamento de Ilúvatar. O mais poderoso daqueles Ainur que vieram para o Mundo foi inicialmente Melkor. Já Manwë tem a maior estima de Ilúvatar e compreende com mais clareza seus objetivos. Ele foi designado para ser, na plenitude do tempo, o primeiro de todos os Reis: senhor do reino de Arda e governante de todos os que o habitam. Em Arda, seu prazer está nos ventos e nas nuvens, e em todas as regiões do ar, das alturas às profundezas, dos limites mais remotos do Véu de Arda às brisas que sopram nos prados. Súlimo é seu sobrenome, Senhor do Alento de Arda. Ele ama todas as aves velozes, de asas fortes, e elas vão e vêm, atendendo às suas ordens.

Com Manwë mora Varda, Senhora das Estrelas, que conhece todas as regiões de Eä. Sua beleza é por demais majestosa para ser descrita nas palavras de homens ou elfos, pois a luz de Ilúvatar ainda vive em seu semblante. Na luz estão seu poder e sua alegria. Das profundezas de Eä, veio ela em auxílio a Manwë; pois conhecia Melkor antes do início da Música e o rejeitava; e ele a odiava e temia mais do que qualquer outro ser criado por Eru. Manwë e Varda raramente se separam, e permanecem em Valinor. Suas moradas são acima das neves eternas, em Oiolossë, a torre suprema da Taniquetil, a mais alta de todas as montanhas na face da Terra. Quando Manwë sobe ao seu trono e olha em volta, se Varda estiver a seu lado, ele vê mais longe do que todos os outros olhos, através da névoa, através da escuridão e por sobre as léguas dos mares.

E, se Manwë estiver com ela, Varda ouve com mais clareza do que todos os outros seres o som de vozes que gritam de leste a oeste, dos montes e dos vales, e também dos locais sinistros que Melkor criou na Terra. De todos os Grandes Seres que habitam o mundo, os elfos sentem maior reverência e amor por Varda. O nome que lhe dão é Elbereth, e eles o invocam das sombras da Terra-média, elevando-o em hino quando nascem as estrelas.

Ulmo é o Senhor das Águas. Ele vive só. Não mora em lugar algum por muito tempo, mas se movimenta à vontade em todas as águas profundas da Terra ou debaixo dela. Seu poder só é inferior ao de Manwë; e, antes da criação de Valinor, era seu melhor amigo. A partir dessa época, entretanto, raramente foi às assembléias dos Valar, a menos que questões importantes estivessem em discussão. Pois guardava na mente Arda inteira; e não necessita de um local de repouso. Além disso, não gosta de caminhar sobre a terra e raramente se dispõe a se apresentar num corpo, como fazem seus pares. Se os Filhos de Eru o avistassem, eram dominados por intenso pavor; pois a chegada do Rei dos Mares era terrível, como uma onda que se agiganta e avança sobre a terra, com elmo escuro e crista de espuma, e cota de malha cintilando do prateado a matizes do verde. As trombetas de Manwë são estridentes, mas a voz de Ulmo é profunda, como as profundezas do oceano que só ele viu.

Não obstante, Ulmo ama elfos e homens e nunca os abandonou, nem mesmo quando foram alvo da ira dos Valar. Às vezes, ele vem despercebido ao litoral da Terra-média, ou entra terra adentro, subindo por braços de mar para aí criar música com suas grandes trompas, as Ulumúri, que são feitas de concha branca; e aqueles que a escutam, passam a ouvi-la para sempre em seu coração, e o anseio pelo mar nunca mais os abandona. Na maioria das vezes, porém, Ulmo fala àqueles que moram na Terra-média com vozes que são ouvidas apenas como a música das águas. Pois tem sob seu domínio todos os mares, lagos, fontes e nascentes, e os elfos dizem que o espírito de Ulmo corre em todas as veias do mundo Assim, mesmo nas profundezas do mar, chegam a Ulmo notícias de todas as necessidades e aflições de Arda, que de outra forma permaneceriam ocultas a Manwë.

Aulë tem poder pouco inferior ao de Ulmo. Governa todas as substâncias das quais Arda é feita. No início, trabalhou bastante na companhia de Manwë e Ulmo; e a criação de todas as terras foi sua tarefa. Ele é ferreiro e mestre de todos os ofícios; deleita-se com trabalhos que exigem perícia, por menores que sejam, e também com a poderosa construção do passado São suas as pedras preciosas que jazem nas profundezas da Terra, e o ouro que é belo nas mãos, não menos do que as muralhas das montanhas e as bacias dos oceanos. Os noldor foram os que mais aprenderam com ele, e ele sempre foi seu amigo. Melkor sentia inveja de Aulë, pois era Aulë o que mais se assemelhava a ele em idéias e poderes; e houve um longo conflito entre os dois, no qual Melkor sempre desfigurava ou desfazia as obras de Aulë; e Aulë se exauria a reparar os tumultos e as desordens de Melkor. Os dois também desejavam criar coisas que fossem suas, novas e ainda não imaginadas pelos outros, e gostavam de ter sua habilidade elogiada. Aulë, porém, mantinha-se fiel a Eru e submetia tudo o que fazia à sua vontade; e não invejava os feitos dos outros, mas procurava conselhos e os dava. Ao passo que Melkor dissipava seu espírito em inveja e ódio, até que afinal não fazia mais outra coisa a não ser ridicularizar o pensa-mento de terceiros, e destruiria todas as obras alheias se pudesse.

A esposa de Aulë é Yavanna, a Provedora de Frutos. Ela ama todas as coisas que crescem na terra, e guarda na mente todas as suas incontáveis formas, das árvores semelhantes a torres nas florestas primitivas ao musgo sobre as pedras ou aos seres pequenos e secretos que vivem no solo. Em reverência, Yavanna vem logo após Varda entre as Rainhas dos Valar. Na forma de mulher, ela é alta e se traja de verde; mas às vezes assume outras formas. Há quem a tenha visto em pé como uma árvore sob o firmamento, coroada pelo Sol; e, de todos os seus galhos, derramava-se um orvalho dourado sobre a terra estéril, que se tornava verdejante com o trigo; mas as raízes das árvores estavam nas águas de Ulmo, e os ventos de Manwë falavam nas suas folhas. Kementári, Rainha da Terra, é seu sobrenome na língua eldarin.

Os fëanturi, senhores dos espíritos, são irmãos; e são geralmente chamados de Mandos e Lórien. Contudo, esses são de fato os nomes dos locais onde moram, sendo verdadeiros nomes Námo e Irmo.

Námo, o mais velho, mora em Mandos, que fica a oeste, em Valinor. Ele é o guardião das Casas dos Mortos; e o que convoca os espíritos dos que foram assassinados. Nunca se esquece de nada; e conhece todas as coisas que estão por vir, à exceção daquelas que ainda se encontram no arbítrio de Ilúvatar. Ele é o Oráculo dos Valar; mas pronuncia seus presságios e suas sentenças apenas em obediência a Manwë. Vairë, a Tecelã, é sua esposa, e tece em suas telas, repletas de histórias, todas as coisas que um dia existiram no Tempo, e as moradas de Mandos, que sempre se ampliam com o passar das eras, estão re-vestidas dessas telas.

Irmo, o mais novo, é o senhor das visões e dos sonhos. Em Lórien estão seus jardins na terra dos Valar, repletos de espíritos, são os mais belos locais do mundo. Estë, a Suave, curadora de ferimentos e da fadiga, é sua esposa. Cinzentos são seus trajes, e o repouso é seu dom. Ela não se movimenta de dia, mas dorme numa ilha no lago sombreado de árvores de Lórellin. Nas fontes de Irmo e Estë, todos os que moram em Valinor revigoram suas forças; e com freqüência os Valar vêm eles próprios a Lórien para ali encontrar repouso e alívio dos encargos de Arda.

Mais poderosa do que Estë é Nienna, irmã dos fëanturi, que vive sozinha. Ela conhece a dor da perda e pranteia todos os ferimentos que Arda sofreu pelos estragos provocados por Melkor.

Tão imensa era sua tristeza, à medida que a Música se desenvolvia, que seu canto se transformou em lamento bem antes do final; e o som do lamento mesclou-se aos temas

do Mundo antes que ele começasse. Não chora, porém, por si mesma; e quem escutar o que ela diz, aprende a compaixão e a persistência na esperança. Sua morada fica a oeste do Oeste, nos limites do mundo; e ela raramente vem à cidade de Valimar, onde tudo é alegria. Prefere visitar a morada de Mandos, que fica mais perto da sua; e todos os que esperam em Mandos clamam por ela, pois ela traz força ao espírito e transforma a tristeza em sabedoria. As janelas de sua casa olham para fora das muralhas do mundo.

O maior na força e nos atas de bravura é Tulkas, cujo sobrenome é Astaldo, o Valente. Chegou a Arda por último, para auxiliar os Valar nas primeiras batalhas contra Melkor. Aprecia a luta corpo a corpo e as competições de força; não cavalga nenhum corcel, pois supera em velocidade todas as criaturas providas de patas, além de ser incansável. Seu cabelo e sua barba são dourados; e sua pele, corada. Suas armas são suas mãos. Presta pouca atenção ao passado ou ao futuro, e não tem serventia como conselheiro, mas é um amigo destemido. Sua esposa é Nessa, a irmã de Oromë, e também ela é ágil e veloz. Ama os cervos, e eles acompanham seus passos onde quer que ela vá aos bosques; mas ela corre mais do que eles, célere como uma flecha com o vento nos cabelos. Adora dançar, e dança em Valimar em gramados eternamente verdes.

Oromë é um senhor poderoso. Embora seja menos forte do que Tulkas, é mais temível em sua ira; ao passo que Tulkas sempre ri, tanto na luta por esporte quanto na guerra; e, mesmo diante de Melkor, ele riu em batalhas ocorridas antes do nascimento dos elfos. Oromë amava as terras da Terra-média e as deixou a contragosto, sendo o último a chegar a Valinor. Muitas vezes, no passado, atravessava as montanhas de volta para o leste e retornava com suas hostes para os montes e as planícies. É caçador de monstros e feras cruéis e adora cavalos e cães de caça, ama todas as árvores, motivo pelo qual é chamado de Aldaron e, pelos sindar, Tauron, o Senhor das Florestas. Nahar é o nome de seu cavalo, branco à luz do sol e prateado à noite Valaróma é o nome da sua enorme trompa, cujo som se assemelha ao nascer do Sol escarlate, ou ao puro relâmpago que divide as nuvens. Mais alto que todas as trompas de suas hostes, ela era ouvida nos bosques que Yavanna fez surgir em Valinor; pois ali Oromë treinava sua gente e seus animais para perseguir as criaturas perversas de Melkor. A esposa de Oromë é Vána, a Semprejovem, irmã mais nova de Yavanna. Todas as flores brotam à sua passagem e se abrem se ela as contemplar de relance. E todos os pássaros cantam à sua chegada.

São esses os nomes dos Valar e das Valier, e aqui se descreve por alto sua aparência, como os eldar os viram em Aman. Mas, por mais belas e nobres que fossem as formas dos Filhos de Ilúvatar, elas não passavam de um véu a encobrir sua beleza e seu poder. E, se pouco se diz aqui de tudo o que os eldar souberam outrora, isso não é nada em comparação com seu verdadeiro ser, que remonta a regiões e eras muito além do alcance de nossa mente. Entre eles, nove gozavam de maior poder e reverência; mas um foi excluído do grupo e oito permanecem, os Aratar, os Seres Superiores de Arda. Manwë e Varda, Ulmo, Yavanna e Aulë, Mandos, Nienna e Oromë Embora Manwë seja seu Rei e tenha a lealdade de todos sob as ordens de Eru, em majestade eles são semelhantes, ultrapassando de longe todos os outros, sejam Valar, sejam Maiar, sejam de qualquer outra ordem que Ilúvatar tenha enviado para Eä.

Dos Maiar

Com os Valar vieram outros espíritos cuja existência também começou antes do Mundo, e da mesma ordem dos Valar, mas de grau inferior. São os Maiar, o povo dos Valar, seus criados e auxiliares. Seu número não é conhecido entre os elfos, e poucos têm nomes em qualquer dos idiomas dos Filhos de Ilúvatar. Pois, embora seja diferente em Aman, na Terra-média os Maiar raramente apareceram em forma visível a elfos e homens.

Importantíssimos entre os Maiar de Valinor, cujos nomes são lembrados nas histórias dos Tempos Antigos, são Ilmarë, a criada de Varda, e Eönwë, o porta-estandarte e arauto de Manwë, cujo poder em armas ninguém supera em Arda. Porém, de todos os Maiar, Ossë e Uinen são os mais conhecidos dos Filhos de Ilúvatar.

Ossë é vassalo de Ulmo e é o senhor dos mares que banham as praias da Terra-média. Ele não mergulha nas profundezas, mas ama as costas e ilhas, e se deleita com os ventos de Manwë.

Pois, com a tempestade ele se delicia e ri em meio ao bramir das ondas. Sua esposa é Uinen, a Senhora dos Mares, cuja cabeleira se espalha por todas as águas sob os céus. Ela ama todas as criaturas que habitam as correntes salgadas e todas as algas que ali se desenvolvem. Por ela clamam os marinheiros, pois Uinen pode impor a calma às ondas, restringindo a ferocidade de Ossë. Os númenorianos viveram muito tempo sob sua proteção e sentiam por ela reverência igual à que dedicavam aos Valar.

Melkor odiava o Mar, já que não conseguia dominá-lo. Conta-se que na criação de Arda ele tentou atrair Ossë para sua vassalagem, prometendo-lhe todo o reino e o poder de Ulmo, se Ossë quisesse servi-lo. Assim, há muito tempo ocorreram enormes turbulências no mar, que devastaram as terras. Uinen, porém, atendendo a um pedido de Aulë, controlou Ossë e o levou à presença de Ulmo. Ossë foi perdoado e voltou a seu compromisso de lealdade, ao qual tem sido fiel. Isso, na maior parte do tempo, já que o prazer da violência nunca o abandonou por completo e às vezes ele se enfurece, em seus caprichos, sem nenhuma ordem de Ulmo, seu senhor. Portanto, os que moram junto ao mar ou que navegam em barcos podem amá-lo, mas nele não confiam.

Melian era o nome de uma Maia que servia tanto a Vána quanto a Estë. Morou muito tempo em Lórien, cuidando das arvores que florescem nos jardins de Irmo, antes de vir para a Terramédia.

Rouxinóis cantavam à sua volta onde quer que ela fosse.

O mais sábio dos Maiar era Olórin. Ele também mora em Lórien, mas sua natureza o levava com freqüência à casa de Nienna, e com ela aprendeu a compaixão e a paciência.

De Melian muito se fala no Quenta Silmarillion. Já de Olórin essa história não fala; pois embora ele amasse os elfos, caminhava invisível em seu meio ou na forma de um deles, e eles não sabiam de onde vinham as belas visões ou as sugestões de sabedoria que ele instilava em seus corações. Em tempos mais recentes, foi amigo de todos os Filhos de Ilúvatar e se compadeceu de suas tristezas; e aqueles que o escutavam despertavam do desespero e abandonavam as fantasias sinistras.

Dos Inimigos

Em último lugar está o nome de Melkor, Aquele que se levanta Poderoso. A esse nome, porém, ele renunciou. E os noldor, entre os elfos os que mais sofreram com sua perversidade, se recusam a pronunciá-lo e o chamam de Morgoth, o Sinistro Inimigo do Mundo. Grande poder lhe foi concedido por Ilúvatar, e ele era contemporâneo de Manwë. Dispunha dos poderes e conhecimentos de todos os outros Valar, mas os desviava para objetivos perversos e desperdiçava sua força em violência e tirania. Pois cobiçava Arda e tudo o que nela existia, desejando a realeza de Manwë e o domínio sobre os reinos de seus pares.

Do esplendor, por arrogância, caiu no desdém por tudo o que não fosse ele mesmo, um espírito devastador e impiedoso. O entendimento ele transformou em sutileza, em perverter à própria vontade tudo o que quisesse usar, e acabou se tornando um mentiroso contumaz. Começou desejando a Luz; mas, quando viu que não podia possuí-la só para si, desceu através do fogo e da ira, em enormes labaredas, até as Trevas. E às trevas recorreu principalmente em seus atos malignos em Arda e encheu-as de temor por todas as criaturas vivas.

Contudo, tão extraordinário era o poder de sua rebelião, que, em eras esquecidas, combateu Manwë e todos os Valar, e durante longos anos em Arda manteve a maior parte dos territórios da Terra sob seu domínio. Mas não estava sozinho. Pois, dos Maiar, muitos foram atraídos por seu esplendor em seus dias de majestade, permanecendo fiéis a ele em seu mergulho nas trevas.

E outros ele corrompeu mais tarde, atraindo-os para si com mentiras e presentes traiçoeiros.

Horrendos entre esses espíritos eram os valaraukar, os flagelos de fogo que na Terra-média eram chamados de balrogs, demônios do terror.

Entre seus servos que possuem nomes, o maior era aquele espírito que os eldar chamavam de Sauron, ou Gorthaur, o Cruel. No início, ele pertencia aos Maiar de Aulë e continuou poderoso na tradição daquele povo. Em todos os atos de Melkor, o Morgoth, em Arda, em seus imensos trabalhos e nas trapaças originadas por sua astúcia, Sauron teve participação; e era menos maligno do que seu senhor somente porque por muito tempo serviu a outro, e não a si mesmo.

No entanto, nos anos posteriores, ele se elevou como uma sombra de Morgoth e como um espectro de seu rancor, e o acompanhou no mesmo caminho desastroso de descida ao Vazio.

AQUI TERMINA O VALAQUENTA

QUENTA SILMARILLION
A História das Silmarils

CAPÍTULO I
Do início dos tempos

Diz-se entre os sábios que a Primeira Guerra começou antes que Arda estivesse totalmente formada, e antes mesmo que qualquer criatura crescesse ou caminhasse sobre a terra; e por muito tempo Melkor prevaleceu. Entretanto, no meio da guerra, ao ouvir no distante firmamento que havia batalha no Pequeno Reino, um espírito de enorme força e resistência veio em auxílio dos Valar; e Arda se encheu com o som de seu riso. Assim veio Tulkas, o Forte, cuja ira circula como um vento poderoso, afastando a nuvem e a escuridão à sua frente.

E Melkor fugiu de sua fúria e de suas risadas, abandonando Arda, e a paz reinou por uma longa era. E Tulkas permaneceu, tomando-se um dos Valar do Reino de Arda; mas Melkor remoia pensamentos nas trevas distantes, e dirigiu seu ódio a Tulkas para todo o sempre.

Naquele período, os Valar trouxeram ordem aos mares, terras e montanhas, e Yavanna finalmente plantou as sementes que havia muito imaginara. E, como houvesse necessidade de luz, já que os fogos estavam dominados ou enterrados sob as colinas primitivas, Aulë, a pedido de Yavanna, criou duas lamparinas poderosas para iluminar a Terra-média, construída por ele entre os mares circundantes. Então Varda encheu as lamparinas, e Manwë as consagrou; e os Valar as puseram em cima de colunas altíssimas, mais elevadas do que qualquer das montanhas mais recentes. Ergueram uma lamparina junto ao norte da Terra-média, e ela se chamou Illuin; e a outra foi erguida no sul, e foi chamada Ormal; e a luz das Lamparinas dos Valar se derramou por toda a Terra, iluminando tudo como se fosse sempre dia.

Então, as sementes que Yavanna havia plantado logo começaram a brotar e a se desenvolver, e surgiu uma infinidade de seres em crescimento, grandes e pequenos, musgos, capins e enormes samambaias, e árvores cujas copas eram coroadas de nuvens, como montanhas vivas, mas cujos pés ficavam envoltos numa penumbra verde. E surgiram feras que habitavam as pradarias, os rios e os lagos, ou caminhavam nas sombras dos bosques. Ainda não surgira nenhuma flor, nem cantara pássaro algum, pois esses seres esperavam sua vez no ventre de Yavanna; mas havia abundância do que ela imaginara, e nenhum lugar era mais rico do que as partes mais centrais da Terra, onde a luz das duas Lamparinas se encontrava e se fundia. E ali, na Ilha de Almaren, no Grande Lago, foi a primeira morada dos Valar quando tudo era novo, e o verde recém-criado ainda era uma maravilha aos olhos dos criadores. E eles se contentaram por muito tempo.

Ora, veio a acontecer que, enquanto os Valar repousavam da sua labuta e observavam o crescimento e o desabrochar daquilo que haviam inventado e iniciado, Manwë ofereceu uma grande festa; e os Valar e toda a sua gente atenderam ao convite. No entanto, Aulë e Tulkas estavam exaustos; pois a habilidade de Aulë e a força de Tulkas haviam estado ininterruptamente a serviço de todos, nos dias de sua faina. E Melkor sabia de tudo o que era feito, pois já naquela época dispunha de espiões e amigos secretos entre os Maiar, que havia atraído para sua causa. E muito ao longe, nas trevas, ele se enchia de ódio, sentindo inveja do trabalho de seus pares e desejando submetê-los. Assim, Melkor chamou a si os espíritos que desviara para seu serviço, fazendo-os sair das mansões de Eä, e se considerou forte. E, vendo que essa era sua hora, ele mais uma vez se

aproximou de Arda e baixou os olhos até ela; e a beleza da Terra em sua Primavera o enfureceu ainda mais.

Assim, os Valar se reuniram em Almaren, sem temer mal algum, e, por causa da luz de Illuin, não perceberam a sombra do norte que vinha sendo lançada de longe por Melkor; pois ele se tornara escuro como a Noite do Vazio. E dizem as canções que, naquela festa, na Primavera de Arda, Tulkas desposou Nessa, a irmã de Oromë, e ela dançou diante dos Valar sobre a relva verdejante de Almaren Tulkas então adormeceu, exausto e contente, e Melkor acreditou que sua hora havia chegado.

Transpôs as Muralhas da Noite com sua legião e chegou a Terra-média, à distância, no norte, sem que os Valar dele se apercebessem.

Melkor iniciou então as escavações e a construção de uma enorme fortaleza nas profundezas da Terra, debaixo das montanhas escuras onde os raios de Illuin eram frios e pálidos. Esse reduto foi chamado Utumno. E, embora os Valar ainda nada soubessem a respeito, mesmo assim a perversidade de Melkor e a influência maléfica de seu ódio emanavam de lá, e a Primavera de Arda foi destruída. Os seres verdes adoeceram e apodreceram, os rios foram obstruídos por algas e lodo; criaram-se pântanos, repelentes e venenosos, criatórios de moscas; as florestas tornaram-se sombrias e perigosas, antros do medo; e as feras se transformaram em monstros de chifre e marfim e tingiram a terra de sangue. Os Valar tiveram então certeza, de que Melkor estava agindo novamente, e saíram à procura de seu esconderijo. Melkor, porém, confiante na resistência de Utumno e no poder de seus servos, apresentou-se de repente para a luta e deu o primeiro golpe antes que os Valar estivessem preparados, atacou as luzes de Illuin e Ormal, arrasou suas colunas e quebrou suas lamparinas. Quando as enormes colunas desmoronaram, terras fenderam-se e mares elevaram-se em turbulência. E, quando as lamparinas foram derrubadas, labaredas destruidoras se derramaram pela Terra. E a forma de Arda, além da simetria de suas águas e de suas terras, foi desfigurada naquele momento, de modo tal que os primeiros projetos dos Valar nunca mais foram restaurados.

Em meio à confusão e às trevas, Melkor conseguiu escapar, embora o medo se abatesse sobre ele; pois, mais alto que o bramido dos mares, ele ouvia a voz de Manwë como um vento fortíssimo, e a terra tremia sob os pés de Tulkas. Chegou, porém a Utumno antes que Tulkas conseguisse alcançá-lo; e ali permaneceu escondido. E os Valar não puderam então derrotá-lo, já que a maior parte de sua força era necessária para controlar as turbulências da Terra e salvar da destruição tudo o que pudesse ser salvo de sua obra. Depois, eles recearam fender novamente a Terra, enquanto não soubessem onde habitavam os Filhos de Ilúvatar, que ainda estavam por vir num momento que desconheciam.

Assim terminou a Primavera de Arda. A morada do Valar em Almaren foi totalmente destruída, e eles não tinham nenhum local de pouso na face da Terra. Por esse motivo partiram da Terra-média e foram para a Terra de Aman, a mais ocidental de todas, junto aos limites do mundo; pois seu litoral oeste dá para o Mar de Fora, que é chamado pelos elfos de Ekkaia e circunda o Reino de Arda. A extensão desse mar ninguém conhece a não ser os Valar; e, para além dele, ficam as Muralhas da Noite. Já a costa leste de Aman era o limite mais distante de Belegaer, o Grande Mar do Oeste. E, como Melkor estava de volta a Terra-média e eles ainda não tinham como derrotá-la, os Valar fortificaram sua morada e, junto ao litoral, ergueram as Pelóri, as montanhas de Aman, as mais altas de toda a Terra. E acima de todas as montanhas das Pelóri elevava-se aquela em cujo pico Manwë instalou seu trono. Taniquetil é como os elfos chamam essa montanha sagrada; e Oiolossë, Brancura Eterna; e Elerrína, Coroada de Estrelas, e muitos outros nomes. Já os sindar a mencionavam, em sua língua mais recente, como Amon

Uilos. De seu palácio no cume da Taniquetil, Manwë e Varda conseguiam descortinar a Terra inteira, até mesmo as maiores distâncias a leste.

Por trás das muralhas das Pelóri, os Valar estabeleceram seu domínio na região chamada Valinor; e ali ficavam suas casas, seus jardins e suas torres. Nesse território seguro, os Valar acumularam enorme quantidade de luz e tudo de mais belo que fora salvo da destruição. E muitas outras coisas ainda mais formosas eles voltaram a criar; e Valinor tornou-se ainda mais bonita do que a Terra-média na Primavera de Arda. E Valinor foi abençoada, pois os Imortais ali moravam; e ali nada desbotava nem murchava; não havia mácula alguma em flor ou folha naquela terra; nem nenhuma decomposição ou enfermidade em coisa alguma que fosse viva; pois as próprias pedras e águas eram abençoadas.

E quando Valinor estava pronta, e as mansões dos Valar, instaladas no meio da planície do outro lado das montanhas, eles construíram sua cidade, Valmar de muitos sinos. Diante de seu portão ocidental, havia uma colina verdejante, Ezellohar, que também é chamada Corollairë; Yavanna a consagrou, e ficou ali sentada muito tempo sobre a relva verde, entoando uma canção de poder, na qual expunha o que pensava sobre as coisas que crescem na terra. Nienna, porém, meditava calada e regava o solo com lágrimas. Naquele momento, os Valar, reunidos para ouvir o canto de Yavanna, estavam sentados, em silêncio, em seus tronos do conselho no Máhanaxar, o Círculo da Lei junto aos portões dourados de Valmar; e Yavanna Kementãri cantava diante deles, e eles observavam.

E enquanto olhavam, sobre a colina surgiram dois brotos esguios; e o silêncio envolveu todo o mundo naquela hora, nem havia nenhum outro som que não o canto de Yavanna. Em obediência a seu canto, as árvores jovens cresceram e ganharam beleza e altura; e vieram a florir; e assim, surgiram no mundo as Duas Árvores de Valinor. De tudo o que Yavanna criou, são as mais célebres, e em torno de seu destino são tecidas todas as histórias dos Dias Antigos.

Uma tinha folhas verde-escuras, que na parte de baixo eram como prata brilhante; e de cada uma de suas inúmeras flores caía sem cessar um orvalho de luz prateada; e a terra sob sua copa era manchada pelas sombras de suas folhas esvoaçantes. A outra apresentava folhas de um verde viçoso, como o da faia recém-aberta, orladas de um dourado cintilante. As flores balançavam nos galhos em cachos de um amarelo flamejante, cada um na forma de uma cornucópia brilhante, derramando no chão uma chuva dourada. E da flor daquela árvore, emanavam calor e uma luz esplêndida. Telperion, a primeira, era chamada em Valinor, e Silpion, e Ninquelótë, entre muitos outros nomes; mas Laurelin era a outra, e também Malinalda e Culúrien, entre muitos outros nomes poéticos.

Em sete horas, a glória de cada árvore atingia a plenitude e voltava novamente ao nada; e cada uma despertava novamente para a vida uma hora antes de a outra deixar de brilhar. Assim, em Valinor, duas vezes ao dia havia uma hora suave de luz mais delicada, quando as duas árvores estavam fracas e seus raios prateados e dourados se fundiam. Telperion era a mais velha das árvores e chegou primeiro à sua plena estatura e florescimento; e aquela primeira hora em que brilhou, com o bruxulear pálido de uma alvorada de prata, os Valar não incluíram na história das horas, mas denominaram a Hora Inaugural, e a partir dela passaram a contar o tempo de seu reinado em Valinor. Portanto, à sexta hora do Primeiro Dia, e de todos os dias jubilosos que se seguiram, até o Ocaso de Valinor, Telperion interrompia sua vez de florir; e na décima segunda hora, era Laurelin que o fazia. E cada dia dos Valar em Aman continha doze horas e terminava com a segunda fusão das luzes, na qual Laurelin empalidecia, e Telperion se fortalecia.

Contudo, a luz que se derramava das árvores persistia muito, antes de ser levada para as alturas pelos ares ou de afundar terra adentro. E as gotas de orvalho de Telperion e a chuva que caía de Laurelin, Varda armazenava em enormes tonéis, como lagos brilhantes, que eram para toda a terra dos Valar como poços de água e luz. Assim começaram os Dias de Bem-aventurança de Valinor; e assim começou a Contagem do Tempo.

Porém, enquanto as Eras se aproximavam da hora estabelecida por Ilúvatar para a chegada dos Primogênitos, a Terra-média jazia numa penumbra sob as estrelas que Varda havia criado nos tempos remotos da sua labuta em Eä. E nas trevas habitava Melkor, e ele ainda saía com freqüência, sob muitos disfarces de poder e terror, brandindo o frio e o fogo, dos cumes das montanhas às fornalhas profundas que se encontram sob elas; e tudo o que fosse cruel, violento ou fatal naqueles tempos é a ele atribuído.

Da beleza e bem-aventurança de Valinor, os Valar raramente atravessavam as montanhas para chegar a Terra-média, mas dedicavam a terra por trás das Pelóri carinho e amor. E no meio do Reino Abençoado estava a morada de Aulë; e lá ele muito trabalhou. Pois, na criação de todas as coisas naquela terra, ele teve o papel principal, e lá realizou muitas obras bonitas e bemfeitas, tanto abertamente quanto em segredo. Dele vêm as tradições e os conhecimentos da Terra e de tudo o que ela contém – tanto as tradições dos que nada fazem, mas buscam o entendimento do que seja, quanto às tradições de todos os artífices: o tecelão, aquele que dá forma à madeira, aquele que trabalha os metais; aquele que cultiva e também lavra, embora estes últimos e todos os que lidam com o que cresce e dá frutos devam recorrer também à esposa de Aulë, Yavanna Kementári. É Aulë que é chamado de Amigo-dos-noldor, pois com ele aprenderam muito nos tempos que viriam; e os noldor são os mais habilidosos dos elfos. E, a seu próprio modo, de acordo com os dons que Ilúvatar lhes concedeu, eles muito acrescentaram aos seus ensinamentos, apreciando línguas e textos, figuras bordadas, desenho e entalhe. Foram também os noldor os primeiros a aprender a criar pedras preciosas; e as mais belas de todas as gemas foram as Silmarils, que estão perdidas.

Manwë Súlimo, o supremo e mais sagrado dos Valar, instalou-se nas fronteiras de Aman, não abandonando em pensamento as Terras de Fora. Pois seu trono situa-se majestosamente sobre o cume da Taniquetil, a mais alta das montanhas do mundo, que se ergue à beira do mar.

Espíritos na forma de falcões e águias sempre chegavam em vôo à sua morada e dela partiam; e seus olhos enxergavam as profundezas dos mares e penetravam nas cavernas ocultas nos subterrâneos do mundo. Assim, traziam-lhe notícia de quase tudo o que se passava em Arda.

Alguns fatos, porém, permaneciam ocultos aos olhos de Manwë e de seus servos, pois pairavam sombras impenetráveis sobre o lugar onde Melkor se encontrava, mergulhado em seus pensamentos sinistros.

Manwë não dá atenção à própria honra, nem sente apego pelo poder, mas governa todos para a paz. Dentre os elfos, os vanyar ele mais amava; e, dele, os vanyar receberam a música e a poesia; pois a poesia é o prazer de Manwë; e o entoar de palavras é sua música. Seus trajes são azuis, e azul é o brilho de seus olhos; e seu cetro é de safiras, que os noldor fabricaram para ele.

E ele foi designado vice-regente de Ilúvatar, Rei do mundo dos Valar, dos elfos e dos homens, principal baluarte contra o mal de Melkor. Com Manwë, vivia Varda, a belíssima, ela, que, no idioma sindarin é chamada de Elbereth, Rainha dos Valar, criadora das estrelas; e com os dois morava uma multidão de espíritos abençoados.

Ulmo, entretanto, vivia só e não tinha morada em Valinor, nem jamais ia até lá, a

menos que houvesse alguma reunião importante. Desde o início de Arda, ele habitava o Oceano de Fora e lá reside. De lá, governa o fluxo de todas as águas, as marés, os cursos de todos os rios e o reabastecimento das nascentes, o gotejar de todos os pingos de orvalho e de chuva em todas as terras sob o céu. Nas profundezas, ele pensa em música majestosa e terrível; e o eco dessa música percorre todas as veias do mundo na dor e na alegria. Pois, se é alegre a fonte que brota à luz do sol, suas nascentes estão nos poços de insondável tristeza nos alicerces da Terra. Os teleri muito aprenderam com Ulmo, e por isso a música deles tem tanto tristeza quanto encantamento. Veio com ele para Arda, Salmar, que fabricou as trompas de Ulmo para que ninguém que as tenha ouvido jamais se esqueça delas; e Ossë e Uinen, também, a quem ele concedeu o controle das ondas e dos movimentos dos Mares Interiores, além de muitos outros espíritos. E, assim, foi pelo poder de Ulmo que, mesmo sob as trevas de Melkor, a vida continuava a correr em muitos veios secretos, e a Terra não morreu. E Ulmo estava sempre aberto a todos os que estavam perdidos nas trevas ou perambulavam afastados da luz dos Valar; e também nunca abandonou a Terra-média, nem deixou de refletir sobre tudo o que aconteceu desde então em termos de destruição ou de mudança, e não deixará de fazê-la até o final dos tempos.

E naquela época de trevas Yavanna também não quis abandonar totalmente as Terras de Fora; pois tudo o que cresce lhe é caro, e ela chorava pelas obras que havia começado na Terra-média e Melkor destruíra. Assim, deixando a morada de Aulë e os prados floridos de Valinor, ela às vezes vinha curar os ferimentos causados por Melkor; e, ao voltar, costumava instigar os Valar para a guerra contra seu domínio nefasto que sem dúvida precisariam travar antes da chegada dos Primogênitos. E Oromë, domador de feras, também costumava cavalgar de vez em quando na escuridão das florestas sem luz. Como caçador poderoso vinha com lança e arco, perseguindo até a morte os monstros e as criaturas impiedosas do reino de Melkor; e seu cavalo branco Nahar brilhava como prata nas sombras. E então a terra adormecida tremia ao som de seus cascos dourados; e, no crepúsculo do mundo, Oromë costumava fazer soar a Valaróma, sua grande trompa, pelas planícies de Arda; nesse momento, as montanhas reverberavam o som, as sombras do mal fugiam, e o próprio Melkor tremia em Utumno, prevendo a ira que estava por vir. Porém, assim que Oromë passava, os servos de Melkor voltavam a se reunir; e as terras se cobriam de sombras e falsidade.

Agora já se disse tudo o que estava relacionado à natureza da Terra e seus governantes no início dos tempos, e antes que o mundo se tornasse tal como os Filhos de Ilúvatar o conheceram. Pois elfos e homens são os Filhos de Ilúvatar; e, como os Ainur não entendessem plenamente o tema através do qual os Filhos entraram na Música, nenhum Ainu ousou acrescentar nada de seu próprio alvitre. Motivo pelo qual os Valar estão para essas famílias mais como antepassados e chefes do que como senhores. E, se algum dia no seu trato com elfos e homens, os Ainur tentaram forçá-los quando eles não queriam ser orientados, raramente o resultado foi bom, por melhor que fossem as intenções. As relações dos Ainur na realidade se deram principalmente com os elfos, pois Ilúvatar os fez mais parecidos com os Ainur, embora inferiores em poder e em estatura; enquanto aos homens conferiu dons estranhos.

Pois se diz que, depois da partida dos Valar, houve silêncio, e, por uma eternidade, Ilúvatar permaneceu sentado, meditando. Falou ele então e disse: - Olhem, eu amo a Terra, que será uma mansão para os quendi e os atani! Mas os quendi serão as mais belas criaturas da Terra; e irão ter, conceber e produzir maior beleza do que todos os meus Filhos; e terão a maior felicidade neste mundo. Já aos atani concederei um novo dom Ele, assim, determinou que os corações dos homens sempre buscassem algo fora do mundo e

que nele não encontrassem descanso; mas que tivessem capacidade de moldar sua vida, em meio aos poderes e aos acasos do mundo, fora do alcance da Música dos Ainur, que é como que o destino de todas as outras coisas; e por meio de sua atuação tudo deveria, em forma e de fato, ser completado; e o mundo seria concluído até o último e mais ínfimo detalhe.

Ilúvatar sabia, porém, que os homens, colocados em meio ao torvelinho dos poderes do mundo, se afastariam com freqüência do caminho e não usariam seus dons em harmonia; e disse: - Esses também, no seu tempo, descobrirão que tudo o que fazem resulta no final em glória para minha obra. - Contudo, os elfos acreditam que os homens costumam ser motivo de tristeza para Manwë, que conhece a maior parte da mente de Ilúvatar; na opinião dos elfos, os homens são mais parecidos com Melkor do que com qualquer outro Ainur, embora Melkor sempre os tenha temido e odiado, mesmo aqueles que lhe prestaram serviços.

Inclui-se, nesse dom de liberdade, que os filhos dos homens permaneçam vivos por um curto intervalo no mundo, não sendo presos a ele, e partam logo, para onde, os elfos não sabem. Ao passo que os elfos ficam até o final dos tempos, e seu amor pela Terra e por todo o mundo é mais exclusivo e intenso por esse motivo e, com o passar dos anos, cada vez mais cheio de tristezas. Pois os elfos não morrem enquanto o mundo não morrer, a menos que sejam assassinados ou que definhem de dor (e a essas duas mortes aparentes eles estão sujeitos); nem a idade reduz sua força, a menos que estejam fartos de dez mil séculos; e, ao morrer, eles são reunidos na morada de Mandos, em Valinor, de onde podem depois retornar. Já os filhos dos homens morrem de verdade, e deixam o mundo, motivo pelo qual são chamados Hóspedes ou Forasteiros. A morte é seu destino, o dom de Ilúvatar, que, com o passar do tempo, até os Poderes hão de invejar. Melkor, porém, lançou sua sombra sobre esse dom, confundindo-o com as trevas; e fez surgir o mal do bem; e o medo, da esperança. Outrora, no entanto, os Valar declararam aos elfos em Valinor que os homens juntarão suas vozes ao coro na Segunda Música dos Ainur: embora Ilúvatar não tenha revelado suas intenções com relação aos elfos depois do fim do Mundo; e Melkor ainda não as tenha descoberto.

CAPÍTULO II
De Aulë e Yavanna

Dizem que no início os anões foram feitos por Aulë na escuridão da Terra-média. Pois, tão grande era o desejo de Aulë pela vinda dos Filhos, para ter aprendizes a quem ensinar suas habilidades e seus conhecimentos, que não se dispôs a aguardar a realização dos desígnios de Ilúvatar. E Aulë criou os anões, exatamente como ainda são, porque as formas dos Filhos que estavam por vir não estavam nítidas em sua mente e, como o poder de Melkor ainda dominasse a Terra, desejou que eles fossem fortes e obstinados. Temendo, porém, que os outros Valar pudessem condenar sua obra, trabalhou em segredo e fez em primeiro lugar os Sete Pais dos Anões num palácio sob as montanhas na Terra-média.

Ora, Ilúvatar soube o que estava sendo feito e, no exato momento em que o trabalho de Aulë se completava, e Aulë estava satisfeito e começava a ensinar aos anões a língua que inventara para eles, Ilúvatar dirigiu-lhe a palavra; e Aulë ouviu sua voz e emudeceu. E a voz de Ilúvatar lhe disse: - Por que fizeste isso? Por que tentaste algo que

sabes estar fora de teu poder e de tua autoridade? Pois tens de mim como dom apenas tua própria existência e nada mais. E, portanto, as criaturas de tua mão e de tua mente poderão viver apenas através dessa existência, movendo-se quando tu pensares em movê-las e ficando ociosas se teu pensamento estiver voltado para outra coisa. É esse teu desejo?

- Não desejei tamanha ascendência – respondeu Aulë. - Desejei seres diferentes de mim, que eu pudesse amar e ensinar, para que também eles percebessem a beleza de Eä, que tu fizeste surgir. Pois me pareceu que há muito espaço em Arda para vários seres que poderiam nele deleitar-se; e, no entanto, em sua maior parte ela ainda está vazia e muda. E, na minha impaciência, cometi essa loucura. Contudo, à vontade de fazer coisas está em meu coração porque eu mesmo fui feito por ti. E a criança de pouco entendimento, que graceja com os atos de seu pai, pode estar fazendo isso sem nenhuma intenção de zombaria, apenas por ser filho dele. E agora, o que posso fazer para que não te zangues comigo para sempre? Como um filho ao pai, ofereço-te essas criaturas, obra das mãos que criaste. Faze com elas o que quiseres. Mas não seria melhor eu mesmo destruir o produto de minha presunção?

E Aulë apanhou um enorme martelo para esmagar os anões, e chorou. Mas Ilúvatar apiedou-se de Aulë e de seu desejo, em virtude de sua humildade. E os anões se encolheram diante do martelo e sentiram medo, baixaram a cabeça e imploraram clemência. E a voz de Ilúvatar disse a Aulë: - Tua oferta aceitei enquanto ela estava sendo feita Não percebes que essas criaturas têm agora vida própria e falam com suas próprias vozes? Não fosse assim, e elas não teriam procurado fugir ao golpe nem a nenhum comando de tua vontade.

Largou, então, Aulë o martelo e, feliz, agradeceu a Ilúvatar, dizendo. - Que Eru abençoe meu trabalho e o corrija. Ilúvatar voltou a falar, entretanto, e disse: - Exatamente como dei existência aos pensamentos dos Ainur no início do Mundo, agora adotei teu desejo e lhe atribuí um lugar no Mundo; mas de nenhum outro modo corrigirei tua obra; e, como tu a fizeste, assim ela será. Contudo não tolerarei o seguinte: que esses seres cheguem antes dos Primogênitos de meus desígnios, nem que tua impaciência seja premiada. Eles agora deverão dormir na escuridão debaixo da pedra, e não se apresentarão enquanto os Primogênitos não tiverem surgido sobre a Terra; e até essa ocasião tu e eles esperareis, por longa que seja a demora. Mas quando chegar a hora, eu os despertarei, e eles serão como filhos teus; e muitas vezes haverá discórdia entre os teus e os meus, os filhos de minha adoção e os filhos de minha escolha.

Então Aulë pegou os Sete Pais dos Anões e os levou para descansar em locais bem afastados; voltou em seguida a Valinor e esperou os longos anos transcorrerem.

Como fossem surgir na época em que Melkor prevalecia, Aulë fez os anões resistentes. Por isso, eles são duros como a pedra, teimosos, firmes na amizade e na inimizade, e conseguem suportar fadiga, fome e ferimentos com mais bravura do que todos os outros povos que falam; e vivem muito, bem mais do que os homens, embora não para sempre. Antigamente, dizia-se entre os elfos na Terra-média que os anões, ao morrer, voltavam para a terra e a pedra da qual eram feitos; no entanto, não é essa a crença entre eles próprios. Pois dizem que Aulë, o Criador, que chamam de Mahal, gosta deles e os acolhe em Mandos em palácios separados; e que ele declarou a seus antigos Pais que Ilúvatar os abençoará e lhes dará um lugar entre os Filhos no Final. Então, seu papel será servir a Aulë e auxiliá-la na reconstrução de Arda depois da Última Batalha. Dizem também que os Sete Pais dos Anões voltam a viver em seus próprios parentes e a usar de novo seus nomes ancestrais: dos quais Durin foi o mais célebre em épocas posteriores, pai daquela família mais simpática aos elfos, cujas mansões ficavam em

Khazaddûm.

Ora, quando estava trabalhando na criação dos anões, Aulë manteve sua obra oculta dos outros Valar; mas acabou revelando seu segredo a Yavanna e lhe contou tudo o que havia acontecido.

Disse-lhe então Yavanna: - Eru é misericordioso. Agora vejo que teu coração se alegra, como de fato pode; pois recebeste não só perdão, mas generosidade. Mas como escondeste essa idéia de mim até sua realização, teus filhos terão pouco amor pelas coisas que amo. Eles amarão acima de tudo o que fizerem com as próprias mãos, como seu pai. Escavarão a terra, e não darão atenção ao que cresce e vive sobre ela. Muitas árvores sentirão o golpe de seu machado impiedoso.

Aulë, contudo, respondeu: - Isso também valerá para os Filhos de Ilúvatar; pois eles irão comer e construir. E por mais que os seres de teu reino tenham valor, e continuassem tendo mesmo que nenhum Filho estivesse por vir, ainda assim Eru lhes dará primazia, e eles usarão tudo o que encontrarem em Arda; embora, pelo desígnio de Eru, não sem respeito ou gratidão.

- Não, se Melkor toldar seus corações – respondeu Yavanna. E não se tranqüilizou, mas sofreu no íntimo, temendo o que poderia ocorrer na Terra-média em dias futuros. Assim, ela se apresentou diante de Manwë e não revelou sua conversa com Aulë, mas disse: - Rei de Arda, é verdade, como Aulë me disse, que os Filhos, quando vierem, dominarão todo o fruto de meu trabalho, com o direito de fazer dele o que quiserem?

- É verdade – respondeu Manwë. - Mas por que perguntas, se não necessitas em nada dos ensinamentos de Aulë?

Calou-se então Yavanna, para examinar seus próprios pensamentos. E respondeu: - Porque meu coração está apreensivo, pensando nos dias que virão. Todas as minhas obras me são caras. Não basta que Melkor já tenha destruído tantas? Será que nada do que inventei ficará livre do domínio alheio?

- Pela tua vontade, o que preservarias? - perguntou Manwë.- De todo o teu reino, o que te é mais caro?

- Tudo tem seu valor, e cada um contribui para o valor dos outros. Mas os kelvar podem fugir ou se defender, ao passo que os olvar que crescem, não. E entre estes, prezo mais as árvores.

Embora de crescimento demorado, veloz é sua derrubada, e, a menos que paguem o imposto dos frutos nos galhos, pouca tristeza despertam quando morrem. É assim que vejo no meu pensamento. Quisera que as árvores falassem em defesa de todos os seres que têm raízes, e castigassem aqueles que lhes fizessem mal!

- Estranho esse seu pensamento – disse Manwë.

- E, no entanto ele estava na Música – disse Yavanna. - Pois, enquanto estavas nos céus e com Ulmo criavas as nuvens e derramavas as chuvas, eu erguia os galhos das grandes árvores para recebê-las, e algumas cantaram a Ilúvatar em meio ao vento e à chuva.

Calou-se então Manwë, e o pensamento de Yavanna, que ela havia instilado em seu coração, cresceu e se desenvolveu; e foi visto por Ilúvatar. Pareceu, então, a Manwë que a Música se erguia de novo a seu redor, e ele agora percebia nela muitas coisas, às quais, embora já as tivesse ouvido, não prestara atenção. E afinal a Visão reapareceu, mas não estava mais afastada, pois ele próprio se encontrava dentro dela; e, contudo via que tudo era sustentado pela mão de Ilúvatar; e a mão penetrava na Visão e dela surgiam muitas maravilhas que até então estavam ocultas a seus olhos, nos corações dos Ainur.

Despertou então Manwë, desceu até Yavanna na colina Ezellohar e sentou-se a seu lado, à sombra das Duas Árvores. E Manwë falou: - Ó, Kementári, Eru pronunciou-se e

disse: “Será que algum Vala supõe que eu não tenha ouvido toda a Música? Mesmo o som mais ínfimo da voz mais fraca? Vejam!Quando os Filhos despertarem, o pensamento de Yavanna também despertará, e ele convocará espíritos de muito longe, que irão se misturar aos kelvar e aos olvar, e alguns ali residirão e serão reverenciados, e sua justa ira será temida. Por algum tempo: enquanto os Primogênitos estiverem no apogeu, e os Segundos forem jovens.” Não te lembras agora, Kementári, que teu pensamento cantava, nem sempre sozinho? Que teu pensamento e o meu tampouco se encontravam, de modo que nós dois alçávamos vôo juntos como grandes aves que sobem acima das nuvens? Isso também irá se passar pela intenção de Ilúvatar; e, antes que os Filhos despertem, as Águias dos Senhores do Oeste surgirão com asas como o vento”.

Alegrou-se então Yavanna, e ela se levantou, com os braços esticados para os céus, e disse: - Crescerão muito as árvores de Kementári para que as Águias do Rei possam habitar suas copas!

Manwë, entretanto, também ergueu-se; e ele parecia tão alto, que sua voz descia até Yavanna como se viesse dos caminhos dos ventos.

- Não, Yavanna, apenas as árvores de Aulë terão altura suficiente. As Águias habitarão as montanhas e ouvirão as vozes daqueles que clamam por nós. Mas nas florestas caminharão os Pastores das Árvores.

Manwë e Yavanna então se despediram, e Yavanna voltou a Aulë; e ele estava em sua oficina de ferreiro, derramando metal derretido numa forma. - Eru é generoso – disse ela – Mas teus filhos que se cuidem! Pois caminhará pelas florestas uma força, cuja ira eles despertarão por seu próprio risco.

- Mesmo assim, eles precisarão de madeira – disse Aulë, e continuou seu trabalho de ferreiro.

CAPÍTULO III

Da chegada dos elfos e do cativeiro de Melkor Durante longas eras, os Valar viveram em bem-aventurança, à luz das Árvores por trás das Montanhas de Aman, mas toda a Terra-média jazia em penumbra, à luz das estrelas. Enquanto as Lamparinas brilhavam, ali tivera início um crescimento que agora estava interrompido porque tudo voltara à escuridão. No entanto, os seres vivos mais antigos já haviam surgido: nos mares, as grandes algas; na terra, a sombra de árvores imensas; e, nos vales dos montes, envoltos no manto da noite, havia criaturas sinistras, velhas e fortes. A essas terras e florestas, raramente vinham os Valar, à exceção de Yavanna e Oromë. E Yavanna costumava caminhar ali nas sombras, lamentando o desenvolvimento e a promessa da Primavera de Arda estarem suspensos. E ela lançou um sono sobre muitos seres que haviam surgido na Primavera, para que não envelhecessem, mas esperassem para despertar numa hora que ainda viria.

No norte, porém, Melkor aumentava suas forças e não dormia, mas vigiava e trabalhava. Os seres nefastos que ele havia pervertido andavam a solta, e os bosques escuros e sonolentos eram assombrados por monstros e formas pavorosas. E, em Útumno, reuniu ele ao seu redor seus demônios, aqueles espíritos que primeiro lhe haviam sido leais nos seus dias de esplendor e se tornado mais parecidos com ele em sua depravação Seus corações eram de fogo, mas eles se ocultavam nas trevas, e o terror ia à sua frente, com seus açoites de chamas. Balrogs foram eles chamados na Terra-média em tempos

mais recentes. E, naquela época sombria, Melkor gerou muitos outros monstros de variados tipos e formas, que por muito tempo atormentaram o mundo. E seu reino cada vez mais se espalhava na direção sul, pela Terra-média.

E Melkor construiu também uma fortaleza e arsenal não muito distante do litoral noroeste, para resistir a qualquer ataque que viesse de Aman. Essa cidadela era comandada por Sauron, lugartenente de Melkor; e seu nome era Angband.

Ocorreu que os Valar se reuniram em conselho por estarem perturbados com as notícias que Yavanna e Oromë traziam das Terras de Fora; e Yavanna falou diante dos Valar:

- Poderosos de Arda, a Visão de Ilúvatar foi breve, e logo se dissipou, de modo que talvez não consigamos adivinhar, contando os dias, a hora exata. Contudo, estejam certos do seguinte – o momento se aproxima; e, dentro desta era, nossa esperança será revelada, e os Filhos despertarão. Deixaremos então desoladas e repletas de maldade as terras de sua morada? Será que eles caminharão nas trevas enquanto nós temos a luz? Eles chamarão Melkor de senhor enquanto Manwë tem seu trono na Taniquetil?

- Não! - exclamou Tulkas. - Vamos iniciar a guerra imediatamente! Já não repousamos demais da luta? Nossas forças não estão renovadas? Será que um ser sozinho rivalizará conosco para sempre?

No entanto, a pedido de Manwë, Mandos falou, dizendo: - Nesta era, os Filhos de Ilúvatar de fato virão, mas não neste momento. Além disso, está escrito que os Primogênitos chegarão nas trevas e contemplarão primeiro as estrelas. Grande luz está reservada para seu declínio. A Varda eles sempre irão recorrer em momentos de necessidade.

Afastou-se então Varda do conselho e olhou das alturas da Taniquetil, contemplando a escuridão da Terra-média, abaixo das inúmeras estrelas, pálidas e esparsas Começou ela nesse instante um enorme trabalho, a maior de todas as obras dos Valar desde sua chegada a Arda.

Apanhou os orvalhos de prata dos tonéis de Telperion e com eles fez estrelas novas e mais brilhantes para a chegada dos Primogênitos. Por isso, ela, cujo nome desde as profundezas do tempo e da construção de Eä era Tintallë, a Inflamadora, foi mais tarde chamada pelos elfos de Elentári, Rainha das Estrelas. Camil e Luinil, Nénar e Lumbar, Alcarinquë e Elemmírë ela criou naquela ocasião, e muitas outras das estrelas mais antigas ela reuniu e dispôs como sinais nos céus de Arda: Wilwarin, Telumendif, Soronúmë e Anarríma; e Menel-macar, com seu cinturão cintilante, prenúncio da Última Batalha, que ocorrerá no final dos tempos. E bem alto ao norte, como um desafio a Melkor, ela pôs a balançar a coroa de sete estrelas poderosas, Valacirca, a Foice dos Valar e sinal do destino.

Diz-se que, no momento em que Varda encerrou seus trabalhos, e eles foram demorados, quando Menelmacar foi subindo pelo céu, e a chama azul de Helluin cintilou nas névoas acima dos limites do mundo, nessa hora os Filhos da Terra despertaram, os Primogênitos de Ilúvatar.

Perto da lagoa de Cuiviénen, a Água do Despertar, iluminados pelas estrelas, eles acordaram do sono de Ilúvatar. E enquanto permaneciam, ainda em silêncio, junto a Cuiviénen, seus olhos contemplaram antes de mais nada as estrelas dos céus. Por isso, eles sempre amaram o brilho das estrelas, e reverenciam Varda Elentãri mais do que qualquer outro Vala.

Nas transformações do mundo, as formas das terras e dos mares foram destruídas e refeitas.

Rios não mantiveram seus cursos, e montanhas não permaneceram firmemente

enraizadas; e não há como retomar a Cuiviénen. Diz-se, porém, entre os elfos que essa lagoa ficava a grande distância a leste da Terra-média, e ao norte; e que era uma baía no Mar Interior de Helcar; e esse mar estava onde anteriormente haviam estado os sopés da montanha de Illuin, antes que Melkor a derrubasse. Muita água fluía para ali das regiões montanhosas a leste, e o primeiro som ouvido pelos elfos foi o de água corrente, e o de água caindo na pedra.

Muito tempo viveram eles em seu primeiro lar junto à água, à luz das estrelas, e caminhavam pela Terra maravilhados. E começaram a criar a fala e a dar nomes a todas as coisas que percebiam. A si mesmos, chamaram quendi, querendo dizer adueles que falam com vozes. Pois até então não haviam conhecido nenhum outro ser vivo que falasse ou cantasse.

E uma vez aconteceu de Oromë cavalgar mais para o leste em sua caçada; e ele se voltou para o norte, às margens do Helcar, e passou à sombra das Orocami, as Montanhas do Leste. E então, de repente, Nahar começou a relinchar muito e estancou, imóvel. E Oromë se perguntou o que seria e ficou calado. Pareceu-lhe ouvir ao longe, no silêncio da terra sob as estrelas, o canto de muitas vozes.

Foi assim que os Valar encontraram afinal, como que por acaso, aqueles por quem há muito esperavam. E Oromë, ao contemplar os elfos, encheu-se de admiração, como se eles fossem seres inesperados, maravilhosos e imprevistos; pois assim sempre será com os Valar. De fora do Mundo, embora todas as coisas possam ser prenunciadas em música ou previstas em visões remotas, para aqueles que realmente entrem em Eä, uma coisa de cada vez os apanhará desprevenidos, como algo novo e inaudito.

No início, os Primogênitos de Ilúvatar eram mais fortes e imponentes do que se tornaram desde então, mas não eram mais belos; pois, embora a beleza dos quendi nos dias de juventude superasse qualquer outra que Ilúvatar tenha feito surgir, ela não pereceu, mas vive no oeste, e a tristeza e a sabedoria a enriqueceram. E Oromë amou os quendi e os chamou em sua própria língua de eldar, o povo das estrelas. Esse nome, entretanto, mais tarde só foi usado por aqueles que o seguiram na estrada para o oeste.

Contudo, muitos dos quendi se apavoraram com sua chegada. E isso era obra de Melkor. Pois, em retrospectiva, os sábios declaram que Melkor, sempre alerta, fora o primeiro a se dar conta do despertar dos quendi; e enviara sombras e espíritos malévolos para espioná-los e armar-lhes emboscadas. Ocorreu assim, alguns anos antes da chegada de Oromë, que, se qualquer elfo se perdesse longe de casa, sozinho ou em pequenos grupos, era freqüente que desaparecesse e nunca retornasse; e os quendi diziam que o Caçador o apanhara e sentiam medo. E, de fato, as mais antigas canções dos elfos – cujos ecos ainda são relembrados no oeste – falam de formas sombrias, que perambulavam nas colinas que se erguiam a partir de Cuiviénen, ou que passavam de repente encobrindo as estrelas, ou ainda do Cavaleiro sinistro montado em seu cavalo selvagem que perseguia os caminhantes para apanhá-los e devorá-los. Ora, Melkor sentia um ódio imenso de Oromë e temia seus passeios a cavalo, e ele, ou mandou realmente seus servos obscuros como cavaleiros, ou espalhou rumores mentirosos, com o objetivo de que os quendi evitassem Oromë, se algum dia o encontrassem.

Foi assim que, quando Nahar relinchou e Oromë de fato surgiu entre eles, alguns dos quendi se esconderam, e alguns fugiram e se perderam. Mas aqueles que tiveram coragem, e permaneceram, rapidamente perceberam que o Grande Cavaleiro não era nenhuma forma saída das trevas, pois a luz de Aman estava em seu semblante, e todos os mais nobres elfos se sentiram atraídos por ela.

Entretanto, pouco se sabe daqueles infelizes que caíram na armadilha de Melkor. Pois, quem, entre os seres vivos, desceu aos abismos de Utumno, ou percorreu as trevas

dos pensamentos de Melkor? É, porém, considerado verdadeiro pelos sábios de Eressëa que todos aqueles quendi que caíram nas mãos de Melkor antes da destruição de Utumno foram lá aprisionados, e, por lentas artes de crueldade, corrompidos e escravizados; e assim Melkor gerou a horrenda raça dos ores, por inveja dos elfos e em imitação a eles, de quem eles mais tarde se tornaram os piores inimigos. Pois os orcs tinham vida e se multiplicavam da mesma forma que os Filhos de Ilúvatar; e nada que tivesse vida própria, nem aparência de vida, Melkor jamais poderia criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Início. Assim dizem os sábios. E, no fundo de seus corações negros, os orcs odiavam o Senhor a quem serviam por medo, criador apenas de sua desgraça. Esse pode ter sido o ato mais abjeto de Melkor, e o mais odioso aos olhos de Ilúvatar.

Oromë demorou-se um pouco entre os quendi, e então voltou veloz por terra e mar a Valinor, trazendo as notícias a Valmar; e falou das sombras que perturbavam Cuiviénen. Alegraram-se então os Valar, e, no entanto sentiam alguma dúvida em meio ao júbilo; e debateram muito qual seria a melhor decisão a tomar para proteger os quendi da sombra de Melkor. Oromë, porém, voltou de imediato a Terra-média para morar com os elfos.

Manwë refletiu muito em seu trono na Taniquetil e procurou o conselho de Ilúvatar. Descendo, então, a Valmar, convocou os Valar ao Círculo da Lei, e até mesmo Ulmo, do Mar de Fora, compareceu.

Disse então Manwë aos Valar: - Este é o conselho de Ilúvatar em meu coração: que devemos reconquistar o domínio de Arda, a qualquer custo, e liberar os quendi da ameaça de Melkor.

Com isso alegrou-se Tulkas; mas Aulë se entristeceu, prevendo os danos ao mundo que deveriam resultar desse combate. No entanto, os Valar se prepararam e partiram de Aman prontos para a guerra, resolvidos a atacar as fortalezas de Melkor e encerrar o assunto. Jamais Melkor se esqueceu de que essa guerra tivera início pelo bem dos elfos e de que eles haviam sido a causa de sua derrocada. Contudo, os elfos não tiveram nenhuma participação nesses atos, e têm pouquíssimo conhecimento sobre o ataque da força do oeste contra o norte, no início de seus dias.

Melkor enfrentou a investida dos Valar no noroeste da Terra-média, e toda a região sofreu grande destruição. Mas a primeira vitória dos exércitos do oeste foi rápida, e os servos de Melkor fugiram, perseguidos, até Utumno. Então, os Valar cruzaram a Terra-média, e montaram guarda para vigiar Cuiviénen; e daí em diante os quendi nada souberam da grande Batalha dos Poderes senão que a Terra tremia e gemia sob seus pés, e as águas mudavam de lugar; e ao norte havia clarões como os de enormes fogueiras. Longo e angustiante foi o cerco a Utumno, e muitas batalhas foram travadas diante de seus portões, das quais nada chegou aos ouvidos dos elfos, a não ser rumores. Nessa época, a forma da Terra-média foi alterada, e o Grande Mar que a separava de Aman se alargou e se aprofundou. Ele também avançou costa adentro e formou um golfo profundo mais ao sul. Muitas baías menores foram abertas entre o Grande Golfo e Helcaraxë no extremo norte, onde a Terra-média e Aman se aproximavam.

Dessas, a Baía de Balar era a principal; e nela desembocava o caudaloso rio Sirion, que descia das regiões elevadas recém-erguidas ao norte: Dorthonion e as montanhas ao redor de Hithlum.

As terras do extremo norte tornaram-se ainda mais desoladas nesse período; pois lá Utumno havia sido escavada a enorme profundidade, e seus subterrâneos estavam cheios de fogos e de grandes contingentes de servos de Melkor.

Finalmente, porém, os portões de Utumno foram arrombados, e seus salões, destelhados; e Melkor foi refugiar-se no canto mais profundo. Tulkas apresentou-se então para defender os Valar. Lutou com ele e o imobilizou com o rosto no chão. E Melkor foi

acorrentado com Angainor, a corrente que Aulë havia feito, e levado prisioneiro; e o mundo teve paz por uma longa era.

Não obstante, os Valar não descobriram todas as poderosas masmorras e cavernas, ocultas com astúcia muito abaixo das fortalezas de Angband e Utumno. Muitos seres malignos ainda ali permaneceram, e outros se dispersaram e fugiram para as trevas e perambularam pelos lugares desolados do mundo, à espera de hora mais nefasta. E Sauron não foi encontrado.

Porém, quando a Batalha terminou e das ruínas do Norte nuvens enormes se ergueram e esconderam as estrelas, os Valar conduziram Melkor até Valinor, com pés e mãos atados e vendas nos olhos. E ele foi levado ao Círculo da Lei. Ali prostrou-se aos pés de Manwë e implorou perdão; mas sua súplica foi negada, e ele foi levado à prisão na fortaleza de Mandos, de onde ninguém consegue escapar, nem Vala, nem elfo, nem homem mortal. Vastas e fortes são essas construções, e elas foram erguidas a oeste da terra de Aman. Lá Melkor foi condenado a permanecer ao longo de três eras, antes que sua causa voltasse a ser julgada e ele pudesse mais uma vez implorar perdão.

Reuniram-se então novamente os Valar em conselho, e se dividiram no debate. Pois alguns, e desses Ulmo era o principal, sustentavam que os quendi deveriam ter a liberdade de perambular à vontade pela Terra-média e, com sua habilidade, ordenar todas as terras e curar seus estragos.

Já a maioria temia pelos quendi no mundo perigoso, em meio às ciladas da penumbra iluminada pelas estrelas; e, além disso, estavam tomados de amor pela beleza dos elfos e desejavam sua companhia. Ao final, portanto, os Valar convocaram os quendi a vir a Valinor, para ali se reunirem aos pés dos Poderes à luz das Árvores, para sempre; e Mandos rompeu seu silêncio dizendo – E assim está determinado – Dessa convocação, decorreram muitas desgraças.

Mas os elfos de início não estavam dispostos a dar ouvidos à convocação, pois até então somente haviam visto os Valar encolerizados em guerra, à exceção apenas de Oromë; e estavam dominados pelo pavor. Oromë foi, portanto, enviado novamente até eles e esacolheu entre eles embaixadores que se dispusesem a vir a Valinor falar em nome; de seu povo; e esses foram Ingwë, Finwë e Elwë, que mais tarde se tornaram reis. E, quando 1á chegaram eles se espantaram com a glória e a imponência dos Valar, e sentiram enorme desejo pela luz e pelo esplendor das Árvores. E então Oromë os levou de volta a Cuiviénen, e eles falaram a seu povo aconselhando-os a obedecer à convocação dos Valar e a se transferir para o oeste.

Foi então que ocorreu a primeira cisão dos elfos. Pois os familiares de Ingwë, e a maior parte dos familiares de Finwë e Elwë, foram influenciados pelas palavras de seus senhores e se dispuseram a partir e acompanhar Oromë. E esses ficaram co-nhecidos para sempre como os eldar, nome que Oromë deu aos elfos no ofício em sua própria língua. Muitos, porém, desrespeitaram a convocação, preferindo a luz das estrelas e a amplidão da Terra-média ao rumor das Árvores, e esses são os avari, Os Relutantes; e nessa época eles se separaram dos eldar e só voltaram a se encontrar passadas muitas eras.

Os eldar prepararam então uma enorme marcha partindo de sua primeira morada no leste, e se organizaram em três grandes grupos. O menor e primeiro a iniciar viagem era liderado por Ingwë, o senhor supremo de todos os elfos. Ele entrou em Valinor e está sentado aos pés dos Poderes, e todos os elfos reverenciam seu nome. Jamais, porém retornou nem voltou a lançar seu olhar sobre a Terra-média. Os vanyar eram seu povo. São os belos-elfos, amados por Manwë e Varda, e entre os homens poucos falaram com eles Em seguida, vinham os noldor, um nome de sabedoria, o povo de Finwë. São os elfosprofundos, amigos de Aulë; e eles são celebrados em música por terem lutado e

trabalhado penosamente e por muito tempo nas antigas terras do norte.

O grupo maior vinha no final, e eles são chamados de teleri, pois se demoraram no caminho e não estavam totalmente decididos a passar da penumbra para a luz de Valinor. Demonstravam enorme encantamento pela água, e aqueles que chegaram finalmente ao litoral do oeste ficaram apaixonados pelo mar. Passaram a ser, na terra de Aman, os elfos-do-mar, os falmari, pois criavam música ao lado das ondas da arrebentação. Dois senhores tinham eles, pois eram muito numerosos: Elwë Singollo (que significa manto-cinzento) e Olwë, seu irmão.

Foram esses os três clãs de eldaliё, que, tendo passado para o extremo oeste na época das Árvores, são chamados de calaquendi, elfos-da-luz. Mas houve outros eldar que de fato partiram na marcha para o Oeste, mas se perderam no longo trajeto, se desviaram, ou ainda permaneceram nas costas da Terra-média, e esses eram em sua maioria do clã dos teleri, como será relatado a partir daqui. Eles moravam à beira-mar, ou perambulavam pelos bosques e montanhas do mundo, mas seus corações estavam sempre voltados para o oeste. A esses elfos os calaquendi chamam de úmanyar, já que nunca chegaram à terra de Aman e ao Reino Abençoado; mas também os úmanyar e os avari eles chamam de moriquendi, elfos-das-trevas, pois jamais contemplaram a Luz que existia antes do Sol e da Lua.

Diz-se que, quando as hostes de eldaliё partiram de Cuiviénen, Oromë cavalgou à frente montado em Nahar, seu cavalo branco de ferraduras de ouro; e, passando na direção norte pelas margens do Mar de Helcar, elas se voltaram para o oeste. Diante delas, nuvens imensas pairavam ainda negras no Norte, acima das ruínas da guerra, e as estrelas naquela região estavam ocultas. Nessa hora, não poucos sentiram medo e se arrependeram, e deram meia-volta e foram esquecidos.

Longa e vagarosa foi à marcha dos eldar para o oeste, pois as léguas da Terra-média eram incontáveis, fatigantes e inexploradas. Nem desejavam os elfos apressar-se, pois estavam maravilhados com tudo o que viam, e sentiram vontade de morar próximo a muitas terras e rios; e, embora todos ainda estivessem dispostos a caminhar, muitos antes temiam o fim da viagem do que ansiavam por ele. Assim, sempre que Oromë se afastava, tendo às vezes outras questões às quais dar atenção, eles paravam e não avançavam até que ele retomasse para guiálos.

E aconteceu, depois de muitos anos viajando dessa forma, que os eldar seguiram por uma floresta e chegaram a um rio enorme, mais largo do que qualquer outro que já tivessem visto; e do outro lado do rio havia montanhas cujos picos pontiagudos pareciam perfurar o reino das estrelas. Diz-se que esse rio era exatamente aquele que mais tarde foi chamado de Anduin, o Grande, e sempre foi à fronteira da região ocidental da Terra-média. Já as montanhas eram as Hithaeglir, as Torres de Névoa nas fronteiras de Eriador. Eram, entretanto, mais altas e mais terríveis naquela época e haviam sido erguidas por Melkor para impedir à cavalgada de Oromë.

Ora, os teleri por muito tempo habitaram a margem oriental daquele rio, com o desejo de ali permanecer, mas os vanyar e os noldor o atravessaram, e Oromë os conduziu pelas passagens nas montanhas. E, quando Oromë já estava mais adiante, os teleri contemplaram os montes sombrios e sentiram medo.

Ergueu-se então alguém do clã de Olwë, que sempre ficava mais para trás no caminho. Lenwë era seu nome. Ele renegou a marcha para o Oeste e levou consigo um grupo numeroso, na direção sul, descendo pelo grande rio, e esses desapareceram do conhecimento de seus parentes, só retomando depois de muitos anos. Eram os Nandor; e se tornaram um povo isolado, diferente dos familiares, a não ser por amar a água e quase sempre habitar as proximidades de cachoeiras e cursos d'água. Sabiam mais sobre seres

vivos, árvores e plantas, aves e bichos, do que quaisquer outros elfos. Em anos posteriores, Denethor, filho de Lenwë, voltou-se afinal para o oeste, e conduziu parte daquele povo através das montanhas para entrar em Beleriand antes do surgimento da Lua.

Afinal, os vanyar e os noldor transpuseram as Ered Luin, as Montanhas Azuis, entre Eriador e a região do extremo oeste da Terra-média, que os elfos mais tarde chamariam de Beleriand; e as companhias de vanguarda atravessaram o Vale do Sirion e desceram pelas costas do Grande Mar, entre Drengist e a Baía de Balar. Quando o viram, porém, um medo imenso abateu-se sobre eles, e muitos se afastaram, embrenhando-se nas matas e montes de Beleriand. Oromë, então, partiu de volta a Valinor em busca dos conselhos de Manwë, e os deixou.

E as hostes de teleri atravessaram as Montanhas Nevoentas e cruzaram as amplas terras de Eriador, sempre com o incentivo de Elwë Singóllo, pois ele ansiava por voltar a Valinor e à Luz que havia visto. E não desejava ser afastado dos noldor, pois tinha grande amizade por Finwë, seu senhor. Assim, depois de muitos anos, os teleri afinal também passaram pelas Ered Luin, entrando nas regiões mais orientais de Beleriand. Ali pararam, ficando algum tempo do outro lado do Rio Gelion.

CAPÍTULO IV
De Thingol e Melian

Melian era uma Maia, da raça dos Valar. Vivia nos jardins de Lórien, e entre todos os de seu povo não havia ninguém mais bela do que Melian, nem mais sábia, nem mais hábil em canções de encantamento Diz-se que os Valar costumavam abandonar seu trabalho, e as aves de Valinor, sua alegria, que os sinos de Valmar se calavam, e as fontes paravam de jorrar quando na hora da mistura das luzes Melian cantava em Lórien. Os rouxinóis sempre a acompanhavam, e ela lhes ensinou seu canto; e adorava as sombras profundas das grandes árvores. Antes que o Mundo fosse feito, era aparentada da própria Yavanna; e na época em que os quendi despertaram ao lado das águas de Cuiviénen, ela partiu de Valinor e veio até as Terras de Cá: e aí preencheu o silêncio da Terra-média antes do amanhecer com sua voz e as vozes de seus pássaros.

Ora, quando sua viagem estava próxima do final, como já se relatou, o povo dos teleri permaneceu muito tempo no leste de Beleriand, do outro lado do Rio Gelion; e, naquela época, muitos dos noldor ainda estavam mais à oeste, nas florestas que mais tarde foram chamadas de Neldoreth e Region Elwë, senhor dos teleri, muitas vezes atravessava os grandes bosques à procura de Finwë, seu amigo, nas moradas dos noldor. E ocorreu que certa vez ele chegou sozinho ao bosque de Nan Elmoth, iluminado pelas estrelas, e ali de repente ouviu o canto de rouxinóis. Caiu então sobre ele um encantamento, que o deixou imobilizado. E muito ao longe, para além das vazes dos lómelindi, ele ouviu a voz de Melian; e ela encheu seu coração de maravilha e de desejo. Esqueceu-se Elwë, então, inteiramente de seu povo e dos objetivos de sua mente; e, acompanhando os pássa-ros à sombra das árvores, embrenhou-se por Nan Elmoth adentro e se perdeu. Finalmente, porém, chegou a uma clareira aberta para as estrelas, e ali estava Melian. E, do meio da escuridão, ele a contemplou; e a luz de Aman estava em seu rosto.

Melian não disse uma palavra; mas, dominado pelo amor, Elwë aproximou-se e segurou sua mão. Imediatamente um encantamento caiu sobre ele, de tal modo que os

dois ficaram na mesma posição enquanto longos anos eram contados pelas estrelas que giravam acima de suas cabeças; e as árvores de Nan Elmoth cresceram e se tornaram escuras antes que eles dissessem alguma palavra.

Assim, o povo de Elwë que o procurava não o encontrou, e Olwë assumiu o trono dos teleri e partiu, como é relatado daqui em diante. Enquanto viveu, Elwë Singollo nunca mais atravessou o mar para chegar a Valinor, e Melian não voltou para lá enquanto perdurou o reinado de ambos. A partir de Melian, porém, surgiu entre elfos e homens uma linhagem dos Ainur que estavam com Ilúvatar antes de Eä. Em tempos posteriores, Elwë tomou-se um rei célebre, e seu povo compreendia todos os eldar de Beleriand; os sindar eram chamados eltos-cinzentos, elfosdo- crepúsculo, e o Rei Manto-cinzento era ele, Elu Thingol na língua daquela terra. E Melian era sua Rainha, mais sábia do que qualquer filho da Terra-média; e suas moradas ocultas eram em Menegroth, as Mil Cavernas, em Doriath. Grande poder Melian concedeu a Thingol, que era ele próprio grande entre os eldar; pois somente ele entre todos os sindar havia visto com os próprios olhos as Árvores no dia em que floresceram; e, embora fosse rei dos úmanyar, não era incluído entre os moriquendi, mas entre os elfos-da-luz, poderosos na Terra-média E, do amor de Thingol e Melian, vieram ao mundo os mais belos Filhos de Ilúvatar que já existiram ou virão a existir.

CAPÍTULO V
De Eldamar e dos príncipes dos eldalië

Com o tempo, as hostes de vanyar e de noldor chegaram ao ponto extremo oeste das praias das Terras de Cá. Ao norte, esse litoral, nos tempos antigos posteriores à Batalha dos Poderes, fazia uma curva para o oeste, até que, na região do extremo norte de Arda, somente um mar estreito dividia Aman, onde Valinor havia sido construída, das Terras de Cá; mas esse mar estreito era cheio de um gelo que atritava pela violência do congelamento de Melkor. Por esse motivo, Oromë não conduziu as multidões dos eldalië para o extremo norte, mas as trouxe para as belas terras próximas ao Rio Sirion, que mais tarde receberam o nome de Beleriand; e dessas praias, de onde pela primeira vez os eldar, com medo e admiração, contemplaram o Mar, estendia-se um oceano, largo, escuro e profundo, entre elas e as Montanhas de Aman.

Ora, Ulmo, de acordo com a decisão dos Valar, chegou ao litoral da Terra-média e falou com os eldar que ali esperavam, com os olhos fixos nas ondas escuras; e, graças às suas palavras e à música que criou para eles com suas trompas de concha, seu medo do mar foi transformado em desejo. E, por esse motivo, Ulmo arrancou uma ilha que há muito estava isolada no meio do mar, distante dos dois litorais, desde a época das turbulências da queda de Illuin; e, com o auxílio de seus servos, ele a moveu, como se fosse uma embarcação imponente, e a ancorou na Baía de Balar, na qual o Sirion desaguava E então os vanyar e os noldor embarcaram nessa ilha e foram arrastados oceano afora, chegando afinal às longas praias aos pés das Montanhas de Aman; entraram em Valinor e foram acolhidos em sua bem-aventurança. No entanto, o cabo oriental da ilha, que estava profundamente enraizado nos baixios ao largo das Fozes do Sirion, separou-se e ficou para trás; e diz-se que ele se tornou a Ilha de Balar, à qual posteriormente Ossë costumava vir.

Já os teleri estavam ainda na Terra-média, pois habitavam o leste de Beleriand,

longe do mar, e só ouviram o chamado de Ulmo quando já era tarde demais. Muitos continuavam a procurar por Elwë, seu senhor, pois sem ele não se dispunham a seguir viagem. Entretanto, quando souberam que Ingwë, Finwë e seus povos haviam partido, muitos dos teleri se apressaram a chegar ao litoral de Beleriand e ali ficaram, daí em diante, próximos às Fozes do Sirion, saudosos dos amigos que haviam partido. E escolheram Olwë, irmão de Elwë, para ser seu rei.

Muito tempo ficaram eles nas costas do mar ocidental, e Ossë e Uinen vinham a eles e os tratavam com amizade. E Ossë os instruía, sentado numa rocha perto da praia; e com ele eles aprenderam todos os tipos de histórias e de canções do mar. Foi assim que os teleri, que desde o início amavam a água e eram os melhores cantares de todos os elfos, mais tarde se apaixonaram pelos mares, e suas canções eram cheias dos sons das ondas batendo na praia.

Passados muitos anos, Ulmo deu ouvidos às súplicas dos noldor e de Finwë, seu rei, que se lamentavam pela longa separação dos teleri e lhe imploravam que os trouxesse a Aman, se eles quisessem vir. E a maioria deles revelou então estar realmente disposta a partir; mas foi enorme a dor de Ossë quando Ulmo voltou às costas de Beleriand para levá-los embora para Valinor.

Pois se interessava pelos litorais da Terra-média e pelas costas das Terras de Cá, e ele ficou descontente porque as vozes dos teleri não seriam mais ouvidas em seu território. Alguns ele convenceu a ficar; e esses foram os falathrim, os elfos-das-falas que em tempos posteriores habitaram os portos de Brithombar e Eglarest, os primeiros marinheiros da Terra-média e os primeiros a fabricar embarcações. Círdan, o Armador, era seu senhor Os parentes e amigos de Elwë Singollo também permaneceram nas Terras de Cá, ainda a procura-lo, embora tivessem preferido partir para Valinor e a Luz das Árvores, se Ulmo e Olwë estivessem dispostos a esperar. Olwë, porém, queria ir embora e afinal a grande maioria grande maioria dos teleri embarcou na ilha, e Ulmo os levou. Nessa ocasião, ficaram para trás os amigos de Elwë; e eles se denominaram o povo abandonado. Habitavarn os bosques e as colinas de Belriand, em vez de morar junto ao mar, que os enchia de tristeza; mas o desejo de chegar a Aman permanecia em seus corações.

Mas quando despertou de seu longo sono, Elwë saiu de Nan Elmoth com Melian, e os dois dali em diante habitaram os bosques no centro do território. Por maior que fosse seu desejo de ver mais uma vez a luz das Árvores, Elwë enxergava no rosto de Melian a luz de Aman como num espelho sem mácula, e com aquela luz se contentava. Seu povo reuniu-se ao seu redor em júbilo, cheio de admiração; pois se ele havia sido belo e majestoso, agora parecia um senhor Maia, o cabelo como prata acinzentada, mais alto do que todos os Filhos de Ilúvatar; e o aguardava um destino majestoso.

Ora, Ossë acompanhou as hostes de Olwë e, quando chegaram à Baía de Eldamar (que é Casadelfos), ele as chamou. Todos reconheceram sua voz e imploraram a Ulmo que suspendesse a viagem. E Ulmo concedeu-lhes esse pedido, e em obediência a ele Ossë fixou a ilha e a prendeu ao fundo do mar. Ulmo concordou com isso prontamente, pois compreendia os corações dos teleri e no conselho dos Valar havia falado contra a convocação, por acreditar ser melhor que os quendi permanecessem na Terra-média.Os Valar não gostaram muito de saber o que ele havia feito: e Finwë se entristeceu quando os telèri não chegaram, ainda mais quando soube que Elwë fora abandonado e que não o veria novamente a não ser nos palácios de Mandos. No entanto, a ilha não voltou a ser movida e ficou ali parada, sozinha, na Baía de Eldamar; e foi chamada de Tol Eressëa, a Ilha Solitária. Ali os teleri permaneceram como queriam, sob as estrelas dos céus, mas podendo ver Aman e a costa imortal. E, desse longo isolamento na Ilha Solitária, resultou

que seu idioma se afastou daquele dos vanyar e dos noldor.

A esses, os Valar haviam proporcionado uma terra e um local de moradia. Mesmo em meio às flores radiantes dos jardins iluminados pelas Árvores de Valinor, eles às vezes ainda sentiam falta das estrelas. E assim foi feita uma fenda nas grandes muralhas das Pelóri, e ali, num vale profundo que corria até o mar, os eldar ergueram uma colina alta e verdejante. Túna, chamavase ela. Do ocidente, a luz das Árvores a iluminava; e sua sombra sempre era projetada para o leste. E, para o leste, ela dava para a Baía de Casadelfos, para a Ilha Solitária e para os Mares Sombrios. E então, através da Calacirya, a Passagem da Luz, jorrava o esplendor do Reino Abençoado, aquecendo as ondas escuras com tons de prata e ouro e tocando a Ilha Solitária, o que tomou sua costa oeste verde e bela. Ali surgiram as primeiras flores que existiram a leste das Montanhas de Aman.

No topo de Túna, foram construídos a cidade dos elfos, as brancas muralhas e os terraços de Tirion; e a mais alta das turres dessa cidade era a Torre de Ingwë, Mindon Eldaliéva, cuja lamparina de prata brilhava longe, em meio às névoas do mar. Poucos foram os navios de homens mortais que viram seu facho estreito. Em Tirion, no alto de Túna, os vanyar e os noldor viveram muito tempo como companheiros. E como, de tudo o que havia em Valinor, o que eles mais amassem era a Árvore Branca, Yavanna fez para eles uma árvore semelhante a uma imagem menor de Telperion, com a diferença de que ela não emitia luz de seu próprio ser; Galathilion, foi ela chamada no idioma sindarin. Essa árvore foi plantada nos pátios abaixo da Mindon e ali floresceu; e suas mudas eram muitas em Eldamar. Dessas, uma foi mais tarde plantada em Tol Eressëa e ali vicejou, sendo chamada de Celeborn. Depois, com o transcorrer do tempo, como está relatado em outro trecho, surgiu Nimloth, a Árvore Branca de Númenor.

Manwë e Varda gostavam mais dos vanyar, os belos-elfos; mas os noldor tinham a preferência de Aulë, e ele e seu povo costumavam andar entre eles. Enormes tornaram-se seu conhecimento e sua habilidade. Entretanto, ainda maior era sua sede de conhecimento; e, sob muitos aspectos, logo ultrapassaram seus mestres. Eram criativos na fala, pois tinham um amor imenso pelas palavras e sempre procuravam descobrir nomes mais adequados para todas as coisas que conheciam ou imaginavam. E aconteceu que os pedreiros da casa de Finwë, trabalhando nas montanhas em busca de pedra (pois adoravam construir altas torres), descobriram pela primeira vez as pedras preciosas e as apresentaram em miríades incontáveis.

E inventaram ferramentas para cortar e lapidar as pedras, esculpindo-as em muitas formas. Eles não as guardavam como tesouros, mas as davam livremente e, com seu trabalho, enriqueceram toda Valinor.

Mais tarde, os noldor voltaram a Terra-média, e este relato fala principalmente de seus feitos.

Por isso, os nomes: e o parentesco dos príncipes podem ser aqui descritos na forma que esses nomes assumiram no idioma dos elfos de Beleriànd.

Finwë era Rei dos noldor Os filhos de Finwë eram Fëanor, e Fingolfin e Finarfin. Mas a mãe de Fëanor era Míriel Serindë, enquanto a mãe de Fingolfin e Finarfin era Indis dos vanyar.

Fëanor era o mais hábil tanto na palavra quanto no trabalho manual. Era mais instruído que seus irmãos. Seu espírito ardia como uma chama. Fingolfin era o mais forte, o mais firme e o mais valente. Finarfin era o mais belo e o de coração mais prudente. E, mais tarde, ele foi amigo dos filhos de Olwë, senhor dos teleri, e se casou com Eärwen, a donzela-cisne de Alqualondë, filha de Olwë.

Os sete filhos de Fëanor eram Maedhros, o alto; Maglor, o cantor maravilhoso,

cuja voz podia ser ouvida ao longe, fosse na terra, fosse no mar; Celegorm, o louro, e Caranthir, o moreno; Curufin, o habilidoso, que herdou grande parte do talento do pai para os trabalhos manuais; e os mais novos, Amrod e Amras, que eram gêmeos, semelhantes de rosto e de temperamento.

Em épocas posteriores, foram grandes caçadores nos bosques da Terra-média; e caçador foi também Celegorm, que em Valinor era amigo de Oromë e muitas vezes acompanhava o chamado do Vala.

Os filhos de Fingolfin eram Fingon, que mais tarde foi Rei dos noldor no norte do mundo, e Turgon, senhor de Gondolin.

Sua irmã era Aredhel, a Branca. Ela era mais jovem nos anos dos eldar do que seus irmãos; e, quando atingiu sua plena estatura e beleza, era alta e forte e adorava cavalgar e caçar nas florestas. Ali, esteve muitas vezes na companhia dos filhos de Fëanor, seus parentes; mas a ninguém entregou seu coração. Ar-Feiniel, era ela chamada, a Dama Branca dos Noldor, pois era clara, embora seus cabelos fossem escuros, e nunca se trajava de outra forma a não ser de branco e prata.

Os filhos de Finarfin eram Finrod, o Fiel (que mais tarde foi chamado de Felagund, Senhor das Cavernas), Orodreth, Angrod e Aegnor, Esses quatro eram tão amigos dos filhos de Fingolfin como se fossem irmãos. Uma irmã tinham eles, Galadriel, a mais bela de todos os da Casa de Finwë. Seu cabelo tinha reflexos de ouro como se tivesse captado numa rede o esplendor de Laurelin.

Aqui é preciso que se diga como os teleri chegaram afinal à terra de Aman. Durante um longo período, eles permaneceram em Tol Eressëa; mas aos poucos seus corações foram mudando, sendo atraídos pela luz que se espalhava pelo mar até a Ilha Solitária. Estavam num dilema entre o amor pela música das ondas sobre as praias e o desejo de voltar a ver seus familiares e contemplar o esplendor de Valinor; mas, no final, o desejo de luz foi mais forte. Assim, submetendo-se ao desejo dos Valar, Ulmo enviou-lhes Ossë, seu amigo, e ele, embora triste, lhes ensinou a arte da fabricação de barcos. E, quando seus barcos estavam prontos, ele lhes trouxe como presente de despedida muitos cisnes de asas fortes. Os cisnes, então, puxaram os alvos barcos dos teleri pelo mar calmo; e assim, finalmente e por último, chegaram eles a Aman e às costas de Eldamar.

Ali ficaram. E, se quisessem, podiam ver a luz das Árvores e caminhar pelas ruas douradas de Valmar e pelas escadas de cristal de Tirion sobre Túna, a colina verde; mas principalmente velejavam em seus barcos velozes nas águas da Baía de Casadelfos, ou andavam junto às ondas na praia, com o cabelo cintilando à luz que vinha do outro lado da colina. Muitas pedras preciosas deram-lhes os noldor: opalas, diamantes e cristais claros, que eles espalharam pelas praias e pelos lagos. Maravilhosas eram as praias de Elendë naquela época. E muitas pérolas eles ganharam por si mesmos do mar; e seus palácios eram de pérolas, e de pérolas eram as mansões de Olwë em Alqualondë, o Porto dos Cisnes, iluminado por muitas lamparinas. Pois aquela era sua cidade, e o porto de seus barcos; e estes eram feitos na forma de cisnes, com bicos de ouro e olhos de ouro e azeviche. A entrada para aquele porto era um arco de rocha viva esculpida pelo mar; e ela ficava nos limites de Eldamar, ao norte da Calacirya, onde a luz das estrelas era forte e clara.

Com a passagem das eras, os vanyar começaram a amar a terra dos Valar e a luz plena das Árvores; abandonaram a cidade de Tirion sobre Túna e a partir daí passaram a morar na montanha de Manwë ou nas planícies e bosques de Valinor, afastando-se dos noldor. Mas a lembrança da Terra-média à luz das estrelas permanecia nos corações dos noldor, e eles ficaram na Calacirya e nas colinas e nos vales ao alcance do som do mar ocidental. E, embora muitos deles costumassem passear pela terra dos Valar, fazendo

longas viagens em busca dos segredos da terra, da água e de todos os seres vivos, ainda assim os povos de Túna e de Alqualondë se aproximaram naquela época. Finwë era rei em Tirion, e Olwë, em Alqualondë; mas Ingwë sempre foi considerado o Rei Supremo de todos os elfos. A partir daí, ele viveu aos pés de Manwë na Taniquetil.

Fëanor e seus filhos raramente moravam num único lugar por muito tempo, mas viajavam com liberdade, dentro dos limites de Valinor, chegando mesmo às fronteiras das Trevas e às margens frias do Mar de Fora, em busca do desconhecido. Costumavam hospedar-se no palácio de Aulë; mas Celegorm preferia ir para a casa de Oromë, e ali adquiriu grande conhecimento sobre aves e outros animais e aprendeu todas as suas línguas. Pois todos os seres vivos que existem ou existiram no Reino de Arda, à exceção das criaturas perversas e cruéis de Melkor, viviam então na terra de Aman; e ali havia também muitas outras criaturas que não foram vistas na Terra-média, e talvez nunca voltem a sê-la, já que a configuração do mundo mudou.

CAPÍTULO VI

De Fëanor e da libertação de Melkor

Agora as Três Famílias dos eldar estavam finalmente reunidas em Valinor, e Melkor estava acorrentado. Esse foi o Apogeu do Reino Abençoado, a plenitude de sua glória e bemaventurança, longo na contagem dos anos, mas muito breve na memória. Naquele tempo, os eldar atingiram a maturidade de corpo e mente; e os noldor progrediram sempre em conhecimentos e habilidades; e os longos anos foram preenchidos com seus trabalhos prazerosos, nos quais inventaram muitas coisas belas e maravilhosas. Aconteceu então que os noldor foram os primeiros a quem ocorreu a idéia das letras, e Rúmil de Tirion foi o nome do estudioso que conseguiu adequar sinais ao registro da fala e da música, alguns para serem gravados em metal ou em pedra, outros para serem desenhados com pincel ou pena.

Naquela época, nasceu em Eldamar, na Casa do Rei em Tirion, no cume de Túna, o filho mais velho de Finwë, e o mais amado. Curunfinwë era seu nome, mas por sua mãe ele foi chamado de Fëanor, Espírito de Fogo; e assim é lembrado em todas as histórias dos noldor.

Míriel era o nome da sua mãe, que era chamada Serindë, por sua extraordinária competência no tear e no bordado; pois suas mãos eram mais adequadas à delicadeza do que quaisquer outras entre os noldor. O amor de Finwë e Míriel era imenso e cheio de alegria, pois começara no Reino Abençoado nos Dias de Bem-aventurança. Entretanto, ao dar à luz seu filho, Míriel foi consumida em corpo e em espírito; e, depois do nascimento da criança, ela ansiava por se livrar do esforço de viver E, quando deu nome ao filho, disse ela a Finwë - Nunca mais terei filhos; pois as forças que teriam nutrido a vida de muitos foram todas para Fëanor.

Finwë entristeceu-se, então, pois os noldor eram jovens, e ele desejava trazer muitos filhos à bem-aventurança de Aman. Disse ele: - Sem dúvida, existe cura em Aman. Aqui toda a exaustão pode encontrar alívio. - Porém, como Míriel continuasse definhando, Finwë procurou aconselhar-se com Manwë, e Manwë a entregou aos cuidados de Irmo, em Lórien. Em sua despedida (por um curto período, pensava ele), Finwë estava tnste, porque parecia uma infelicidade que a mãe se afastasse e perdesse no,

mínimo o início da infância do filho.

- É mesmo uma infelicidade – disse Míriel -, e eu choraria, se não estivesse tão exausta. Mas não me culpe por isso, nem por nada que possa acontecer.

Ela foi então para os jardins de Lórien, onde se deitou para dormir. No entanto, embora parecesse estar dormindo, seu espírito de fato abandonou o corpo e passou em silêncio para os palácios de Mandos. As criadas de Estë cuidavam do corpo de Míriel, e ele manteve seu viço, mas ela não voltou. Finwë vivia, portanto, desolado. Ia com freqüência aos jardins de Lórien e, sentado à sombra dos salgueiros prateados ao lado do corpo da esposa, ele a chamava por seus nomes. Mas sem nenhum resultado. E somente ele em todo o Reino Abençoado era privado de alegria. Depois de algum tempo, ele deixou de ir a Lórien.

A partir daí, todo o seu amor ele dedicava ao filho. E Fëanor crescia rapidamente, como se houvesse dentro dele um fogo secreto aceso. Era alto, belo de rosto e dominador; seus olhos tinham um brilho penetrante, e seus cabelos eram negros e lustrosos. Para atingir seus objetivos, era ávido e obstinado. Poucos chegaram a conseguir mudar sua atitude por meio de conselhos, ninguém pela força. De todos os noldor, daquela época ou de épocas posteriores, tomou-se ele o de raciocínio mais sutil e de mãos mais habilidosas. Na juventude, aperfeiçoando a obra de Rúmil, Fëanor criou as letras que levam seu nome, e que os eldar usam desde então; e foi ele o primeiro dos noldor a descobrir como fazer, com técnica, pedras preciosas maiores e mais brilhantes do que as da Terra. As primeiras pedras que Fëanor criou eram brancas e sem cor, mas, quando expostas à luz das estrelas, brilhavam com raios azuis e prateados mais luminosos do que Helluin. E outros cristais ele também fez, com os quais era possível enxergar coisas distantes, em tamanho pequeno mas com nitidez, como se fosse com os olhos das águias de Manwë. Raramente descansavam as mãos e a mente de Fëanor.

Enquanto ainda era muito jovem, Fëanor desposou Nerdanel, a filha de um grande ferreiro chamado Mahtan, que entre os noldor era o mais querido de Aulë. E, com Mahtan, Fëanor muito aprendeu sobre a criação de objetos de metal e de pedra. Nerdanel também tinha firmeza e determinação, mas era mais paciente do que Fëanor, procurando compreender as mentes, em vez de domina-las; e a princípio ela o refreava quando o temperamento do marido se incendiava. Mas os atos posteriores do marido a entristeceram; e os dois se desentenderam.

Sete filhos deu ela a Fëanor. Sua disposição ela transmitiu em parte a alguns deles, mas não a todos.

Ora, ocorreu que Finwë tomou como segunda esposa Indis, a Loura. Era ela uma vanya, parente próxima de Ingwë, o Rei Supremo, alta e de cabelos dourados, e sob todos os aspectos diferente de Míriel. Finwë muito a amou e voltou a se alegrar. Porém, a lembrança de Míriel não abandonou a casa de Finwë, nem seu coração; e, de todos os que ele amava, Fëanor ocupava a maior parte de seu pensamento.

O casamento do pai não agradou a Fëanor; e ele não sentia grande amor nem por Indis, nem por Fingolfin e Finarfin, os filhos dela. Fëanor vivia separado deles, em viagens de exploração pela terra de Aman ou ocupando-se com o conhecimento e os ofícios que adorava. Nos tristes acontecimentos que mais tarde vieram a ocorrer, e nos quais Fëanor assumiu a posição de líder, muitos perceberam o resultado dessa cisão dentro da Casa de Finwë, considerando que, se Finwë tivesse suportado sua perda e se contentado em ser pai de seu poderoso filho, os caminhos de Fëanor teriam sido diferentes, e um grande mal poderia ter sido evitado. Pois a dor e a discórdia na Casa de Finwë estão gravadas na memória dos elfos noldorin. Contudo, os filhos de Indis foram notáveis e gloriosos, bem como os filhos deles; e, se eles não tivessem nascido, a história

dos eldar teria empobrecido.
Ora, mesmo enquanto Fëanor e os artífices dos noldor trabalhavam com prazer, sem prever nenhum fim para suas atividades, e enquanto os filhos de Indis atingiam sua plena maturidade, o Apogeu de Valinor se aproximava do fim. Pois ocorreu que Melkor, como os Valar haviam determinado, completou sua pena de cativeiro, tendo permanecido três eras no cárcere de Mandos, totalmente só. Por fim, como Manwë havia prometido, ele foi conduzido novamente diante dos tronos dos Valar. Contemplou então sua glória e sua bem-aventurança; e a inveja encheu seu coração. Viu os Filhos de Ilúvatar sentados aos pés dos Poderosos, e o ódio o dominou. Observou a abundância de pedras preciosas, e as cobiçou. Ocultou, porém, seus pensamentos e adiou sua vingança.

Diante dos portões de Valmar, Melkor humilhou-se aos pés de Manwë e suplicou seu perdão, jurando que, se pudesse ser equiparado mesmo ao mais ínfimo dos seres livres de Valinor, ajudaria os Valar em todas as suas obras e, principalmente, na cura dos muitos danos que causara ao mundo. E Nienna auxiliou em sua súplica; mas Mandos não se pronunciou.

Concedeu-lhe então Manwë o perdão; mas os Valar ainda não se dispunham a deixá-la partir para fora do alcance de sua visão e de sua vigilância; e ele foi obrigado a permanecer dentro dos portões de Valmar. Entretanto, eram aparentemente justos todos os atos e palavras de Melkor naquela época; e tanto os Valar quanto os eldar se beneficiavam de sua ajuda e de seus conselhos, se os procurassem. Portanto, dentro de pouco tempo, ele recebeu permissão para andar livremente pelo território; e a Manwë pareceu que o mal de Melkor estava curado. Pois Manwë era isento de maldade e não conseguia compreendê-la; e sabia que no início, no pensamento de Ilúvatar, Melkor havia sido igual a ele; e Manwë não chegava a enxergar as profundezas do coração de Melkor e não percebia que o amor o abandonara para sempre.

Ulmo, porém, não se iludiu. E Tulkas cerrava os punhos sempre que via passar Melkor, seu inimigo. Pois se Tulkas é lento para chegar à ira, também é lento para esquecer. Seguiram os dois, no entanto, a decisão de Manwë; pois aqueles que defendem a autoridade contra a rebelião não devem eles próprios se rebelar.

Ora, em seu coração, Melkor odiava acima de tudo os eldar, tanto por serem belos e alegres quanto por ver neles a razão para o ataque dos Valar e sua própria derrocada. Por esse motivo, mais ainda simulava amor por eles, procurando sua amizade e lhes oferecendo seu conhecimento e seus serviços em qualquer grande obra que quisessem empreender. Os vanyar na realidade ainda o mantinham sob suspeita, pois moravam à luz das Árvores e se sentiam satisfeitos; e aos teleri, ele não dava atenção, considerando-os desprezíveis, instrumentos fracos demais para suas intenções. Já os noldor se encantavam com o conhecimento oculto que ele lhes poderia revelar. E alguns deram ouvidos a palavras que teria sido melhor nunca terem escutado. Melkor de fato declarou mais tarde que Fëanor havia aprendido grandes artes com ele em segredo, e que havia sido instruído por ele em suas maiores obras; mas Melkor mentia, em sua cobiça e inveja, pois nenhum dos eldalië jamais odiou Melkor mais do que Fëanor, filho de Finwë, que primeiro lhe deu o nome de Morgoth. E, embora tivesse se enredado nas tramas da perversidade de Melkor contra os Valar, Fëanor jamais conversou com ele nem aceitou seus conselhos Pois Fëanor era movido pelo fogo de seu próprio coração, apenas; trabalhando sempre com rapidez e em solidão; e não pedia ajuda nem procurava a opinião de ninguém que habitasse Aman, fosse grande, fosse pequeno, à única e breve exceção de Nerdanel, a Sábia, sua esposa.

CAPÍTULO VII
Das Silmarils e da inquietação dos noldor

Naquela época foram feitas as coisas que mais tarde alcançaram maior renome entre todas as obras dos elfos. Pois Fëanor, atingindo seu poder máximo, foi dominado por uma nova idéia, ou talvez lhe tivesse ocorrido alguma sombra de presságio do triste destino que se acercava. E ele se perguntava como a luz das Árvores, a glória do Reino Abençoado, poderia manter-se imperecível. Começou, então, um trabalho longo e secreto, para o qual recorreu a todo o seu conhecimento, seu poder e sua habilidade sutil. E, ao final de tudo, fez as Silmarils.

Como três magníficas pedras preciosas eram elas na forma. Mas não antes do Fim, quando retornará Fëanor, que pereceu antes que o Sol fosse criado, e agora está sentado nos Palácios da Espera e não surge mais entre seus parentes; somente depois que o Sol passar, e a Lua cair, será conhecido de que substância elas eram feitas. Aparentemente do cristal dos diamantes e, no entanto, mais duras do que ele, de tal modo que nenhuma violência pudesse danificá-las ou quebrá-las no Reino de Arda. Contudo, esse cristal estava para as Silmarils como o corpo para os Filhos de Ilúvatar: a morada do fogo interior, que se encontra dentro dele e, ainda assim, em todas as suas partes; e que é sua vida. E o fogo interior das Silmarils, Fëanor criou a partir da fusão da luz das Árvores de Valinor, que ainda sobrevive nas jóias, embora as Árvores já há muito tenham definhado e não brilhem mais. Portanto, mesmo na escuridão do cofre mais profundo, as Silmarils brilhavam com luz própria, como as estrelas de Varda; e, no entanto, como se de fato fossem seres vivos, elas se deleitavam na luz e a recebiam e refletiam em matizes mais maravilhosos do que antes.

Todos os que moravam em Aman ficaram maravilhados e se deleitavam com a obra de Fëanor.

E Varda consagrou as Silmarils, para que dali em diante nenhuma carne mortal, nem mãos impuras, nem nada de mau, pudesse tocá-las, que não se queimasse e murchasse. E Mandos previu que os destinos de Arda, da terra, do mar e do ar estavam dentro delas. O coração de Fëanor apegou-se profundamente a essas gemas que ele próprio havia criado.

E então Melkor cobiçou as Silmarils, e a mera lembrança de seu brilho era um fogo a lhe corroer o coração. Daquela época em diante, instigado por esse desejo, ele buscou, cada vez mais avidamente, um meio de destruir Fëanor e encerrar a amizade entre os Valar e os elfos; mas disfarçou seus objetivos com astúcia, e nenhuma malignidade podia ser vislumbrada no semblante que ele apresentava. Por muito tempo dedicou-se ele a esse trabalho, e a princípio lentos e estéreis eram seus esforços. Contudo, quem semeia mentiras no final não deixará de ter sua colheita; e em breve poderá descansar da labuta enquanto outros vão colher e semear em seu lugar. Melkor sempre encontrava ouvidos que lhe dessem atenção, e algumas línguas que aumentassem o que haviam escutado; e suas mentiras passaram de amigo a amigo, como segredos cujo conhecimento demonstra a sabedoria de quem os revela. Amargo foi o preço pago pelos noldor, nos tempos que se seguiram, pela tolice de manter os ouvidos abertos.

Quando via que muitos se inclinavam em sua direção, Melkor costumava caminhar entre eles; e, em meio a suas belas palavras, eram entremeadas outras, com tanta sutileza, que muitos daqueles que as ouviam, ao procurar se lembrar, acreditavam terem elas brotado de seu próprio pensamento. Ele fazia surgirem visões em seus corações dos esplêndidos reinos que eles poderiam ter governado por si mesmos, em poder e liberdade,

no leste; e então se espalharam rumores de que os Valar teriam atraído os eldar para Aman em decorrência de sua inveja, temendo que a beleza dos quendi e o poder criador que Ilúvatar lhes havia transmitido crescessem tanto, que os Valar não pudessem mais controlá-lo, à medida que os elfos crescessem e se espalhassem pelas terras do mundo.

Naquela época, além disso, embora os Valar soubessem de fato da chegada dos homens, que ocorreria, os elfos nada sabiam a respeito; pois Manwë não lhes havia feito essa revelação.

Melkor, porém, falou-lhes em segredo dos homens mortais, percebendo que o silêncio dos Valar poderia ser distorcido. Pouco sabia ele, ainda, dos homens, pois, absorto em seu próprio pensamento, na Música, prestara pouquíssima atenção ao Terceiro Tema de Ilúvatar; mas agora corriam entre os elfos rumores de que Manwë os mantinha cativos, para que os homens pudessem chegar e suplantá-los nos territórios da Terra-média, pois os Valar consideravam que poderiam influenciar com maior facilidade essa raça mais fraca e de vida curta, privando os elfos da herança de Ilúvatar. Pouca verdade havia nisso; e raramente os Valar chegaram a tentar influenciar a vontade dos homens; mas muitos dos noldor acreditaram, ou acreditaram em parte, nessas palavras nefastas.

Assim, antes que os Valar percebessem, a paz de Valinor estava envenenada. Os noldor começaram a resmungar contra eles, e muitos se encheram de orgulho, esquecendo-se de que grande parte do que possuíam e conheciam lhes chegara como presente dos Valar. Ardia com maior violência a nova chama do desejo de liberdade e de territórios mais vastos no coração impaciente de Fëanor; e Melkor ria em segredo, pois era esse o alvo ao qual se dirigiam suas mentiras, já que odiava Fëanor acima de todos e sempre cobiçara as Silmarils. Dessas, porém, não lhe era permitido aproximar-se. Pois, embora em grandes comemorações Fëanor as usasse, refulgentes sobre a testa, em outras ocasiões elas eram guardadas em segurança, trancadas nas câmaras profundas de seus tesouros em Tirion. De fato, Fëanor começara a amar as Silmarils com um amor ganancioso, ressentindo-se de que qualquer um as visse, à exceção do pai e de seus sete filhos. Agora raramente se lembrava de que a luz das pedras não era propriedade sua.

Nobres príncipes eram Fëanor e Fingolfin, os filhos mais velhos de Finwë, respeitados por todos em Aman; mas agora eles se haviam tornado orgulhosos, e cada um sentia ciúme de seus direitos e de seus bens. E então Melkor espalhou novas mentiras em Eldamar, e rumores chegaram aos ouvidos de Fëanor, dizendo que Fingolfin e seus filhos estavam tramando usurpar a liderança de Finwë e da linha primogênita de Fëanor, para suplantá-los, com a permissão dos Valar; pois aos Valar desagradava que as Silmarils estivessem em Tirion, e não confiadas à sua guarda. Já para Fingolfin e Finarfin foi dito: -Cuidado! Pouco amor já teve um dia o orgulhoso filho de Míriel pelos filhos de Indis. Agora ele se tornou importante, e tem o pai sob seu domínio. Não vai demorar muito para ele expulsar vocês de Túna! E, quando Melkor viu que as mentiras se inflamavam, e que o orgulho e a raiva haviam despertado entre os noldor, ele lhes falou de armas. E foi nessa época que os noldor começaram a forjar espadas, machados e lanças. Também fizeram escudos, exibindo os símbolos das muitas casas e clãs que competiam entre si. Somente estes eles usavam em público, e de outras armas não falavam, pois cada um acreditava que somente ele havia recebido o aviso. E Fëanor construiu uma forja secreta, que nem mesmo Melkor conhecia; e ali temperou espadas cruéis para si e para os filhos, além de criar elmos altos, com plumas vermelhas. Lamentou amargamente Mahtan o dia em que ensinara ao marido de Nerdanel todo o conhecimento de metais que havia aprendido com Aulë.

E assim, por meio de mentiras, rumores maldosos e conselhos falsos, Melkor atiçou os corações dos noldor para a luta; e de suas contendas, com o tempo, resultou o

fim dos belos dias de Valinor e o crepúsculo de sua glória antiqüíssima. Pois Fëanor começava agora a falar abertamente em rebelião contra os Valar, proclamando alto e bom som que partiria de Valinor de volta para o mundo de fora e livraria os noldor da escravidão, se eles quisessem segui-la.

Houve então enorme inquietação em Tirion, o que perturbou Finwë. E ele convocou todos os senhores seus súditos para uma reunião. Fingolfin, porém, apressou-se a chegar a seus palácios e parou diante dele.

- Rei e pai, não queres reprimir o orgulho de nosso irmão, Curufinwë, que é chamado, com muito acerto, de Espírito de Fogo? Com que direito ele fala por todo o nosso povo, como se fosse Rei? Foste tu que há muito tempo falaste aos quendi, pedindo-lhes que aceitassem a convocação dos Valar para vir a Aman. Foste tu que conduziste os noldor pela longa estrada, superando os perigos da Terra-média até a luz de Eldamar. Se não te arrependes agora do que fizeste, tens pelo menos dois filhos que honram tuas palavras.

Mas no momento exato em que Fingolfin falava, Fëanor entrou no salão, e estava totalmente armado: com o elmo na cabeça e uma poderosa espada de lado. - Quer dizer que é mesmo como imaginei – disse ele. - Meu meio-irmão prefere estar antes de mim com meu pai neste assunto, como em qualquer outro.

Voltando-se então contra Fingolfin, ele sacou a espada e gritou: - Vai embora, e ocupa teu devido lugar!

Fingolfin fez uma reverência a Finwë e, sem dizer palavra ou olhar na direção de Fëanor, saiu do salão. Fëanor, entretanto, o acompanhou, detendo-o à porta da casa do rei; e tocou o peito de Fingolfin com a ponta de sua espada brilhante.

- Vê, meu meio-irmão! Esta é mais afiada do que tua língua. Tenta, uma vez mais que seja, usurpar meu lugar e o amor de meu pai, e pode ser que ela livre os noldor de alguém que procura ser o senhor de escravos.

Essas palavras foram ouvidas por muitos, já que a morada de Finwë ficava na grande praça aos pés da Mindon. Mais uma vez, porém, Fingolfin não deu resposta e, passando pela multidão em silêncio, foi procurar Finarfin, seu irmão.

Ora, a inquietação dos noldor na realidade não passava despercebida aos Valar, mas sua semente havia sido plantada na escuridão. Portanto, como Fëanor fora o primeiro a falar abertamente contra eles, os Valar julgaram que ele fosse o instigador da insatisfação, por serem notórias sua teimosia e arrogância, embora todos os noldor se houvessem tomado orgulhosos. E Manwë sentiu grande dor, mas vigiava sem dizer palavra. Os Valar haviam trazido os eldar para sua terra em liberdade, para que ficassem ou partissem; e, embora pudessem considerar a partida uma insensatez, os Valar não poderiam impedi-los de ir embora. Agora, os atos de Fëanor não poderiam ser ignorados, e os Valar estavam irritados e consternados. E Fëanor foi convocado a se apresentar diante deles junto aos portões de Valmar, para responder por suas palavras e seus atos. Foram também convocados todos os outros que haviam tido qualquer participação na questão, ou qualquer conhecimento dela. E Fëanor, parado diante de Mandos no Círculo da Lei, recebeu ordens de responder a tudo o que lhe fosse perguntado. Então, afinal, foi desnudada a raiz e revelada a influência perniciosa de Melkor. E imediatamente Tulkas deixou o conselho para ir buscá-lo e trazê-lo mais uma vez a julgamento. Fëanor, porém, não foi considerado livre de culpa, pois fora ele quem desrespeitara a paz de Valinor, tendo puxado a espada contra alguém de sua própria família, e Mandos lhe disse: - Tu falas de escravidão. Se for mesmo escravidão, não podes escapar a ela; pois Manwë é Rei de Arda, e não apenas de Aman. E esse ato foi contrário às leis, seja em Aman, seja em outra parte.

Portanto, a sentença está agora decidida: por doze anos deixarás Tirion, onde a ameaça foi feita.

Durante esse período, reflete em teu íntimo e lembra-te de quem és e do que és. Após esse prazo, essa questão estará resolvida e considerada reparada se os outros te desobrigarem.

- Eu desobrigo meu irmão – disse então Fingolfin. Fëanor, porém, não disse palavra em resposta, permanecendo parado em silêncio diante dos Valar. Em seguida, deu meia-volta, saiu do conselho e partiu de Valmar.

Com ele, para o exílio, foram seus sete filhos; e ao norte de Valinor construíram, nas montanhas, uma fortaleza provida de cofres. Ali, em Formenos, grande quantidade de pedras preciosas foi acumulada, assim como armas, e as Silmarils foram trancadas numa câmara de ferro. Para lá também foi Finwë, o Rei, pelo amor que sentia por Fëanor. E Fingolfin governou os noldor em Tirion. Assim, tornaram-se aparentemente realidade as mentiras de Melkor, embora Fëanor, por seus próprios atos, tivesse provocado esses acontecimentos. E o rancor que Melkor havia semeado perdurou, estendendo-se ainda por muito tempo entre os filhos de Fingolfin e os de Fëanor.

Ora, Melkor, sabendo que seus expedientes haviam sido revelados, escondeu-se, passando de um lugar a outro como uma nuvem nas colinas. E Tulkas procurou por ele em vão. Pareceu então ao povo de Valinor que a luz das Árvores estava mais fraca, e que as sombras de tudo o que estivesse em pé ficavam mais longas e mais escuras nessa época.

Diz-se que por um tempo Melkor não mais foi visto em Valinor, nem se ouviu rumor algum dele, até que de repente chegou a Formenos e falou com Fëanor diante de suas portas. Amizade simulou ele com argumentos astuciosos, incitando Fëanor a seu pensamento anterior de fugir às peias dos Valar; e ele disse: - Vê a verdade de tudo o que eu falei, e como foste banido injustamente. Porém, se o coração de Fëanor ainda é livre e audaz, como foram suas palavras em Tirion, então eu o ajudarei e o levarei para longe desta terra estreita. Pois não sou eu também um Vala? Sim, e mais do que aqueles que se sentam em majestade em Valimar; e sempre fui amigo dos noldor, o mais habilidoso e valente dos povos de Arda.

Ora, o coração de Fëanor ainda estava magoado com a humilhação perante Mandos; e ele olhou para Melkor em silêncio, ponderando se na realidade poderia ainda confiar nele a ponto de permitir que o auxiliasse em sua fuga. E Melkor, vendo que Fëanor hesitava e sabendo que seu coração era presa das Silmarils, disse afinal: - Este é um lugar seguro e bem guardado; mas não penses que as Silmarils estejam em segurança em nenhum cofre dentro do reino dos Valar! Sua astúcia ultrapassou, porém, o objetivo. Suas palavras tocaram muito fundo e despertaram um fogo mais ameaçador do que o projetado. E Fëanor contemplou Melkor com olhos que atravessaram em chamas seu semblante enganoso e penetraram nos recônditos de sua mente, percebendo ali sua feroz cobiça pelas Silmarils. Então o ódio suplantou o medo de Fëanor, e ele amaldiçoou Melkor, mandando que se fosse dali.

- Sai já de meus portões, tu, prisioneiro de Mandos! - E bateu as portas de sua casa no nariz do mais poderoso de todos os que habitavam Eä.

Melkor partiu, então, envergonhado, pois ele próprio estava em perigo, e não vislumbrava ainda a hora de sua vingança. Mas seu coração estava obscurecido pelo ódio. E Finwë foi tomado de um medo imenso; e apressado mandou mensageiros a Manwë, em Valmar.

Ora, os Valar estavam reunidos em conselho diante dos portões, temendo o alongamento das sombras, quando chegaram os mensageiros de Formenos. De imediato,

Oromë e Tulkas se levantaram, mas, no momento em que iam partir em perseguição, chegaram mensageiros de Eldamar, dizendo que Melkor havia fugido pela Calacirya, e que, do morro de Túna, os elfos o haviam visto passar irado, como uma nuvem de tempestade. E disseram que dali ele se dirigira para o norte, pois os teleri em Alqualondë haviam visto sua sombra passar por seu porto, na direção de Araman

Assim, Melkor partiu de Valinor e, durante algum tempo, as Duas Árvores voltaram a brilhar sem sombras, e a terra esteve cheia de luz. Os Valar procuraram em vão notícias do inimigo. E, como uma nuvem muito ao longe que se avoluma cada vez mais, trazida por um vento frio e lento, uma dúvida agora estragava a alegria de todos os moradores de Aman, o temor de um mal desconhecido, que ainda poderia surgir.

CAPÍTULO VIII
Do ocaso de Valinor

Quando Manwë soube dos caminhos que Melkor havia tomado, pareceu-lhe claro que Melkor pretendia fugir para suas antigas fortalezas no norte da Terra-média; e Oromë e Tulkas foram para o norte com a máxima rapidez, procurando alcançá-lo, se possível, mas não encontraram nenhum traço nem rumor dele para além das costas dos teleri, nos territórios desolados e despovoados próximos ao Gelo. Daquele momento em diante, a guarda foi redobrada ao longo da fronteira norte de Aman; mas inutilmente, pois, antes mesmo que fosse iniciada a perseguição, Melkor deu meia-volta e, em segredo, passou direto para o extremo sul. Pois ele ainda era um Valar, e podia mudar sua apresentação ou andar sem forma, como seus irmãos; embora esse poder ele logo perdesse para sempre.

Assim, sem ser visto, ele afinal chegou à sombria região de Avathar. Essa terra estreita ficava ao sul da Baía de Eldamar, junto aos sopés orientais das Pelóri, e suas praias tristes e longas se estendiam para o sul, escuras e inexploradas. Ali, abaixo das muralhas escarpadas das montanhas e junto ao mar frio e negro, as sombras eram as mais profundas e densas do mundo; e ali, em Avathar, em total segredo, Ungoliant havia feito morada. Os eldar não sabiam de onde ela teria vindo; mas alguns diziam que, em épocas muito remotas, ela descera da escuridão que cerca Arda, quando Melkor pela primeira vez contemplara com inveja o Reino de Manwë, e que no início ela fora um dos seres que ele corrompera para seu serviço. Ungoliant, no entanto, renegara seu Senhor, por desejar ser senhora de seu próprio prazer, tomando para si todas as coisas a fim de nutrir seu vazio. E ela fugira para o sul, escapando às investidas dos Valar e aos caçadores de Oromë, pois a vigilância destes sempre fora dirigida para o norte, e o sul ficara por muito tempo negligenciado. De lá ela se arrastara na direção da luz do Reino Abençoado; pois ansiava pela luz e a odiava.

Numa ravina, morava ela sob a forma de uma aranha monstruosa, tecendo suas teias negras numa fenda nas montanhas. Ali, sugava toda a luz que conseguia encontrar e passava a tecê-la em redes sinistras de uma escuridão sufocante, até que nenhuma luz conseguiu mais chegar à sua morada; e ela estava faminta.

Ora, Melkor chegou a Avathar e a procurou. Assumiu novamente a forma que havia usado como tirano de Utumno: a de um Senhor cruel, alto e terrível. Nessa forma, ele permaneceu eternamente. Ali, nas sombras negras, fora do alcance até mesmo dos olhos de Manwë, em seus altos palácios, Melkor tramou sua vingança com Ungoliant.

Contudo, quando compreendeu o objetivo de Melkor, Ungoliant ficou num dilema entre o desejo e um medo imenso. Pois ela não se dispunha a desafiar os perigos de Aman e o poder dos Senhores temíveis; e se recusava a sair do esconderijo. Disse-lhe, portanto, Melkor: - Faz o que ordeno; e se ainda sentires fome quando tudo estiver terminado, eu te darei aquilo que teu desejo possa exigir. Sim, e com as duas mãos.

Com frivolidade fez ele esse voto, como sempre; e, em seu íntimo, ele ria. Foi assim que o grande ladrão conseguiu seduzir a que lhe era inferior.

Um manto de trevas ela teceu ao redor de ambos quando Melkor e ela avançaram: uma Antiluz, na qual as coisas pareciam não mais existir, e os olhos não conseguiam penetrar porque ela era vazia. E então, lentamente, ela começou a criar suas teias: corda a corda, de fenda em fenda, de rocha saliente até pináculo de pedra, sempre subindo, arrastando-se e se agarrando, até afinal chegar ao próprio cume de Hyarmentir, a montanha mais alta naquela região do mundo, muito ao sul da enorme Taniquetil. Ali, os Valar não vigiavam; pois a oeste das Pelóri havia uma terra vazia na penumbra e, a leste, as montanhas, à exceção da região esquecida de Avathar, davam apenas para as águas turvas do mar inexplorado.

Agora, porém, no topo da montanha estava Ungoliant. Ela teceu uma escada de cordas trançadas e a jogou para baixo. E Melkor subiu por essa escada e chegou àquele lugar nas alturas, parou a seu lado e baixou o olhar até o Reino Protegido. Abaixo deles, estavam os bosques de Oromë, e a oeste tremeluziam os campos e as pastagens de Yavanna, dourados abaixo do alto trigo dos deuses. Melkor olhou, entretanto, para o norte, e avistou ao longe a planície reluzente e os damos de prata de Valmar, cintilando à mescla de luzes de Telperion e Laureún. Deu, então, uma forte risada, e desceu veloz pelas longas encostas acidentais. E Ungoliant estava a seu lado, e sua escuridão os encobria.

Aquela era a época de uma festa, como Melkor bem sabia. Embora todas as estações e épocas seguissem a vontade dos Valar, e em Valinor não existisse nenhum inverno de morte, mesmo assim eles estavam então no Reino de Arda, e este era apenas um pequeno território nos palácios de Eä, cuja vida é o Tempo, que flui para sempre, da primeira nota ao último acorde de Eru. E exatamente como era então para os Valar um prazer (como está relatado no Ainulindalé) se apresentarem vestindo as formas dos filhos de Ilúvatar, eles também apreciavam comer e beber, além de colher da Terra os frutos de Yavanna, que sob o comando de Eru haviam criado.

Portanto, Yavanna estabeleceu épocas para o florescimento e a maturação de tudo o que crescia em Valinor. E, a cada primeira colheita de frutos, Manwë oferecia uma grande festa em louvor a Eru, quando todos os povos de Valinor manifestavam sua alegria em música e poesia sobre Taniquetil. Essa hora era agora, e Manwë decretou que a festa fosse mais gloriosa do que qualquer outra já realizada desde a chegada dos eldar a Aman. Pois, embora a fuga de Melkor prenunciasse dificuldades e aflições futuras, e na realidade ninguém pudesse dizer quais outros danos seriam causados a Arda antes que ele fosse novamente subjugado, nessa ocasião Manwë pretendia curar o mal que havia surgido entre os noldor. E todos foram chamados ao palácio, no topo de Taniquetil, para ali deixar de lado os rancores que existiam entre os príncipes e relegar ao esquecimento as mentiras de seu Inimigo.

Vieram os vanyar, e vieram também os noldor de Tirion; e os Maiar se reuniram; e os Valar estavam engalanados em sua beleza e majestade; e eles cantavam diante de Manwë e Varda em seus grandiosos salões ou dançavam nas encostas verdes da Montanha que davam para o oeste, na direção das Árvores. Nesse dia, as ruas de Valmar estavam vazias, e as escadas de Tirion, em silêncio. E toda a terra estava adormecida, em

paz. Somente os teleri, do outro lado das montanhas, ainda cantavam nas praias, pois eles pouco se importavam com estações ou épocas, e não dedicavam um pensamento sequer aos interesses dos governantes de Arda ou à sombra que havia caído sobre Valinor, pois, por enquanto, ainda não haviam sido tocados por ela.

Somente uma coisa prejudicou o intento de Manwë. Fëanor de fato viera, pois somente a ele Manwë dera ordem para vir. Já Finwë não viera, como não viera mais ninguém dos noldor de Formenos. Pois disse Finwë: - Enquanto persistir a interdição a Fëanor, meu filho, de entrar em Tirion, eu me considero destronado, e me recuso a me encontrar com meu povo.

E Fëanor não viera trajado para uma festa. Não usava nenhum ornamento, nem prata, ouro, nem pedra preciosa. E recusou aos Valar e aos eldar a visão das Silmarils, deixando-as trancadas em Formenos em sua câmara de ferro. Não obstante, ele se encontrou com Fingolfin diante do trono de Manwë, e os dois se reconciliaram, pelo menos em palavras. E Fingolfin não deu importância à espada desembainhada, pois estendeu a mão e disse:

- Como prometi, cumpro agora. Eu te perdôo e não guardo nenhum rancor.

Fëanor então segurou sua mão em silêncio; mas Fingolfin disse. - Meio-irmão de sangue, irmão total serei no coração. Tu serás o líder, e eu te seguirei. Que nenhum ressentimento possa nos separar.

- Eu te ouço – disse Fëanor. - Assim seja. - No entanto, eles não sabiam o significado que suas palavras teriam.

Diz-se que, no momento em que Fëanor e Fingolfin estavam diante de Manwë, ocorreu a mescla das luzes, quando as duas Árvores brilharam, e a cidade silenciosa de Valmar se encheu de um brilho de ouro e prata. E, naquele mesmo instante, Melkor e Ungoliant atravessaram apressados os campos de Valinor, como a sombra de uma nuvem negra ao sabor do vento que passa veloz sobre a terra ensolarada. E os dois chegaram à colina verde de Ezellohar. Então a Antiluz de Ungoliant subiu até as raízes das Árvores, e Melkor de um salto escalou a colina. E, com sua lança negra, atingiu cada Árvore até o cerne, ferindo todas profundamente. E a seiva jorrou como se fosse seu sangue e se derramou pelo chão. Contudo, Ungoliant tudo sugou; e, indo de uma Árvore a outra, grudou seu bico negro nos ferimentos até que as esgotou. E o veneno da Morte que ela continha penetrou em seus tecidos e as fez murchar, na raiz, no galho, na folha. E elas morreram. E, ainda assim, Ungoliant sentiu sede. Foi até os Poços de Varda, e também os secou; mas Ungoliant arrotava vapores negros enquanto bebia: e inchou tanto, e de forma tão horrenda, que Melkor sentiu medo.

Abateu-se assim sobre Valinor a grande escuridão. Dos feitos daquele dia, muito está relatado no Aldudéniië, que Elemmíre dos vanyar compôs e é conhecido de todos os eldar. No entanto; nenhuma canção ou história poderia conter toda a dor e o terror que se sucederam. A Luz desapareceu; mas a Escuridão que se seguiu era mais do que falta de luz. Naquela hora, criouse uma Escuridão que parecia ser não uma falta, mas um ser provido de existência própria: pois ela era, na realidade, feita de maldade a partir da luz, e tinha o poder de penetrar no olho, de entrar no coração e na mente, e sufocar a própria vontade.

Das alturas de Taniquetil, Varda olhou para baixo e viu a Sombra que se erguia em súbitas torres de trevas. Valmar havia mergulhado num profundo mar noturno. Logo a Montanha Sagrada estava só, uma última ilha num mundo submerso. Toda a música cessou. Reinava o silêncio em Valinor, e não se ouvia nenhum som, além de algo que vinha de longe, com o vento, atravessando a passagem nas montanhas: o lamento dos teleri, como o grito frio de gaivotas. Pois o vento soprava gelado do leste naquela hora, e

as vastas sombras do mar rolavam contra as muralhas do litoral.

Manwë, porém, de seu trono elevado, olhou ao longe; e somente seus olhos atravessaram a noite, até que divisaram uma Escuridão mais do que escura, na qual não conseguiam penetrar, imensa, mas muito distante, movendo-se agora para o norte a grande velocidade. E ele soube que Melkor havia vindo e ido embora.

Teve início então a perseguição. E a terra tremeu com os cavalos da hoste de Oromë, e as faíscas acesas pelos cascos de Nahar foram a pnmeira luz que voltou a Valinor. Porém, assim que qualquer um deles alcançava a Nuvem de Ungoliant, os cavaleiros dos Valar ficavam cegos e apavorados, e se dispersavam e não sabiam para onde estavam indo; e o som da Valaróma hesitava e se calava. E Tulkas parecia alguém preso a uma teia negra à noite, e ele estava ali indefeso, debatendo-se, em vão, no ar. Mas quando a Escuridão passou, era tarde demais.

Melkor havia fugido para onde queria, e sua vingança estava consumada.

CAPÍTULO IX
Da fuga dos noldor

Passado algum tempo, uma grande multidão reuniu-se junto ao Círculo da Lei; e os Valar estavam na penumbra, pois era noite. Mas as estrelas de Varda agora cintilavam lá no alto, e o ar estava límpido; pois os ventos de Manwë haviam dispersado os vapores da morte e feito recuar as sombras do mar. E então Yavanna se levantou e ficou em pé em Ezellohar, a Colina Verde, que agora estava nua e negra. E ela pôs as mãos nas Árvores, mas elas estavam mortas e escuras; e cada galho que Yavanna tocava, quebrava e caía sem vida a seus pés. Muitas vozes então se ergueram em lamento E pareceu àqueles que choravam que haviam esgotado a última gota do cálice de infortúnio que Melkor havia preparado para eles. Mas estavam enganados.

Yavanna falou aos Valar, dizendo: - A Luz das Árvores se extinguiu e sobrevive agora somente nas Silmarils de Fëanor. Como ele foi previdente! Mesmo para os mais poderosos súditos de Ilúvatar, existem obras que podem realizar uma e apenas uma vez. Dei existência à Luz das Árvores, e dentro de Eä nunca mais poderei repetir esse feito. Porém, se eu tivesse um pouco que fosse dessa luz, poderia devolver a vida às Árvores, antes que suas raízes apodrecessem.

Assim, nossa dor seria curada, e a maldade de Melkor, frustrada.

- Ouviste, Fëanor, filho de Finwë, as palavras de Yavanna? - disse então Manwë. - Desejas conceder o que ela quis pedir? Houve um longo silêncio, mas Fëanor não deu resposta.

- Fala, ó noldo, sim ou não! - exclamou Tulkas, então. - Mas quem negaria algo a Yavanna? E a luz das Silmarils por acaso não provém do trabalho dela desde o início?

- Não sejas apressado, Tulkas! - retrucou Aulë, o Criador. - Pedimos algo maior do que imaginas. Que ele possa refletir um pouco.

Pronunciou-se, porém, Fëanor com um lamento amargurado.

- Para os inferiores como para os superiores, existe um feito que ele não poderá realizar mais do que uma vez; e a esse feito seu coração se apegará. Talvez eu libere minhas pedras preciosas, mas nunca mais farei outras semelhantes; e, se precisar destruí-las, destruirei meu coração e morrerei; serei o primeiro a morrer de todos os eldar em

Aman.

- Não o primeiro – disse Mandos, mas ninguém entendeu suas palavras. E mais uma vez fez-se silêncio enquanto Fëanor meditava no escuro. Parecia-lhe estar encurralado numa roda de inimigos, e voltaram à sua mente as palavras de Melkor, dizendo que as Silmarils não estariam em segurança se os Valar quisessem possuí-ias. "E não é um Vala como eles," dizia seu pensamento, "e não compreende seus corações? Sim, um ladrão revelará ladrões!" - Isso eu não farei de livre e espontânea vontade – gritou então bem alto. - Porém, se os Valar me forçarem, saberei então com certeza que Melkor é da sua estirpe.

- Já te pronunciaste – disse então Mandos. E Nienna se levantou e subiu ao topo de Ezellohar.

Ela afastou do rosto seu capuz cinzento e, com suas lágrimas, lavou toda a profanação de Ungoliant; e cantou um lamento pela tristeza do mundo e pela Destruição de Arda.

Contudo, enquanto Nienna entoava seu canto triste, chegaram mensageiros de Formenos; e eles eram noldor e traziam notícias funestas. Pois contaram como uma Escuridão cega chegara ao norte, e no meio dela viera algum poder para o qual não havia nome; e a Escuridão emanava desse poder. Melkor, porém, também estava lá e fora à casa de Fëanor. Ali ele assassinara Finwë, Rei dos noldor, diante das portas, e derramara o primeiro sangue no Reino Abençoado; pois somente Finwë não havia fugido ao horror das Trevas. E contaram que Melkor arrombara a fortaleza de Formenos, tirando todas as pedras preciosas dos noldor que lá estavam guardadas; e as Silmarils haviam desaparecido.

Levantou-se então Fëanor e, erguendo a mão diante de Manwë, amaldiçoou Melkor, chamando-o de Morgoth, o Sinistro Inimigo do Mundo, e somente por esse nome passou ele a ser conhecido entre os eldar para sempre. Fëanor também mal-disse a convocação de Manwë e a hora em que ele viera a Taniquetil, acreditando, em meio ao furor de sua ira e de sua dor, que, se tivesse estado em Formenos, sua força poderia ter sido mais proveitosa do que ser simplesmente assassinado, como era o propósito de Melkor. Saiu então Fëanor correndo do Círculo da Lei e fugiu pela noite adentro. Pois seu pai lhe era mais caro do que a Luz de Valinor ou do que as incomparáveis obras de suas mãos. E quem, entre os filhos, de elfos ou de homens, deu mais valor aos pais?

Muitos ali choraram pela aflição de Fëanor, mas sua perda não era exclusivamente sua. E Yavanna chorava junto à colina, temendo que a Escuridão devorasse os últimos raios da Luz de Valinor para sempre. Pois, embora os Valar ainda não compreendessem plenamente o que havia acontecido, percebiam que Melkor havia recorrido a algum auxilio de fora dos limites de Arda. As Silmarils haviam desaparecido, e parecia não fazer diferença se Fëanor tivesse dito sim ou não a Yavanna. Contudo, tivesse ele dito sim de início, antes que chegassem as notícias de Formenos, talvez seus atos posteriores tivessem sido diferentes do que foram. Agora, porém, o cruel destino dos noldor se aproximava.

Enquanto isso, Morgoth, em sua fuga à perseguição dos Valar, chegava aos ermos de Araman.

Essa terra ficava ao norte entre as Montanhas das Pelóri e o Grande Mar, como Avathar ficava ao sul. Araman era, entretanto, uma terra mais larga; e entre as praias e as montanhas havia planícies áridas, cada vez mais frias com a aproximação do Gelo. Morgoth e Ungoliant passaram às pressas por essa região, atravessando assim as grandes brumas de Oiomúrë até Helcaraxë, onde o estreito entre Araman e a Terra-média era cheio de gelo em constante atrito; e ele fez a travessia, voltando por fim para o norte elas Terras de Fora Juntos, eles prosseguiram; pois Morgoth não conseguiu escapar a

Ungoliant, e a nuvem dela ainda o envolvia enquanto todos os olhos dela o vigiavam; e chegaram àquelas terras que ficavam ao norte do Estuário de Drengtst. Agora Morgoth se aproximava das ruínas de Angband, onde no passado ficara sua grande fortaleza ocidental. E Ungoliant percebeu sua esperança e soube que ali ele procuraria fugir. Fez, então, com que ele parasse e exigiu que cumprisse sua promessa.

- Monstro cruel – disse ela – Fiz o que pediste. Mas ainda estou com fome.

- O que mais queres devorar? - respondeu Morgoth. - Desejas o mundo inteiro para encher a barriga? Não jurei te dar isso Eu sou o Senhor do mundo.

- Não desejo tudo isso. Mas tu tens um imenso tesouro de Formenos. É o que quero. Sim, e com as duas mãos tu o entregarás.

Foi assim que, forçado, Morgoth lhe entregou as pedras preciosas que trazia consigo, uma a uma e com relutância. E, quando ela as devorou, a beleza delas desapareceu do mundo. Cada vez maior e mais sinistra tornava-se Ungoliant, mas sua voracidade não estava saciada – Com apenas uma das mãos tu dás -disse ela – somente com a esquerda. Abre tua mão direita.

Na mão direita, Morgoth segurava firme as Silmarils e, embora estivessem guardadas num porta-jóias de cristal, já começavam a queimá-la, e era com grande dor que ele mantinha a mão cerrada, mas se recusava a abri-la.

- Não! Já recebeste teu quinhão. Pois com meu poder, que te transmiti, tua parte foi feita. Não preciso mais de ti. Estas pedras tu não terás, nem as verás Eu as tomo para mim para sempre.

Ungoliant, entretanto, se havia tornado enorme, enquanto ele ficara menor, pelo poder que dele havia saído. E ela se rebelou contra ele, cercando-o com sua nuvem, e o enredou numa teia de tiras grudentas para sufocá-lo. Morgoth deu então um grito terrível, que ecoou pelas montanhas. Por esse motivo, aquela região foi chamada de Lammoth, pois os ecos de sua voz permaneceram ali para sempre, de tal modo que quem desse um grito naquele lugar os despertava, e todos os recantos isolados entre os montes e o mar ficavam cheios de um clamor de vozes em agonia. Naquela hora, o grito de Morgoth foi o maior e mais horrendo jamais ouvido no norte do mundo. Abalou as montanhas, a terra tremeu e rochas se fenderam. Nas profundezas de lugares esquecidos, aquele grito foi ouvido. Muito abaixo dos salões destruídos de Angband, em subterrâneos aos quais os Valar, na pressa de seu ataque, não haviam descido, balrogs ainda estavam escondidos, sempre à espera do retomo de seu Senhor. E agora, velozes, eles se ergueram e, passando por Hithlum, chegaram a Lammoth como uma tempestade de chamas. Com seus açoites de fogo, eles rasgaram as teias de Ungoliant; e ela se acovardou e procurou fugir, soltando vapores negros para se encobrir. E, tendo escapado do norte, ela pousou em Beleriand e foi morar nos sopés das Ered Gorgoroth, naquele vale sinistro que mais tarde foi chamado de Nan Dungortheb, o Vale da Morte Horrenda, em decorrência dos horrores que ela espalhou por lá. Pois outras criaturas nefastas em forma de aranha ali habitavam desde os tempos das escavações de Angband, e ela copulava com essas criaturas e as devorava. E, mesmo depois que a própria Ungoliant partiu, não se sabe para onde, nas plagas esquecidas do sul, sua prole permaneceu ali, tecendo suas teias hediondas. Do destino de Ungoliant, não há história que fale. Contudo, há quem tenha dito que teve seu fim há muito tempo, quando, em sua fome extrema, ela própria acabou devorando a si própria.

E assim não se realizou o temor de Yavanna de que as Silmarils fossem engolidas e caíssem no vazio; mas elas continuaram nas mãos de Morgoth. E ele, estando livre, reuniu novamente todos os servos que conseguiu encontrar e chegou às ruínas de Angband. Ali, voltou a escavar seus enormes salões subterrâneos e calabouços; e, acima de seus portões,

ergueu os picos tríplices das Thangorodrim, e uma densa nuvem de fumaça escura os envolveu eternamente.

Ali multiplicaram-se suas hostes de feras e demônios; e a raça dos orcs, criada tanto tempo antes, cresceu e proliferou nas entranhas da terra. Caía agora sobre Beleriand uma sombra escura, como será relatado a seguir.

Em Angband, porém, Morgoth forjou para si uma coroa de ferro e se intitulou Rei do Mundo.

Como símbolo de majestade, engastou as Silmarils em sua coroa. Suas mãos ficaram carbonizadas ao tocar naquelas pedras abençoadas, e negras elas continuaram para sempre. Ele também nunca mais se livrou da dor da queimadura e da raiva causada pela dor. Essa coroa, ele jamais tirou da cabeça, embora seu peso acabasse se transformando num cansaço mortal. Uma única vez chegou ele a sair, mas em segredo, de seus domínios no norte. Na realidade, raramente deixava as profundezas de sua fortaleza, comandando seus exércitos a partir de seu trono no norte. E, enquanto durou seu império, uma única vez, também, voltou a brandir uma arma.

Pois agora, mais do que nos tempos de Utumno, antes que seu orgulho sofresse humilhação, o ódio o devorava; e ele consagrava seu espírito a dominar seus servos e a inspirar-lhes o desejo do mal. Mesmo assim, sua majestade como um Vala persistiu por muito tempo, embora transformada em terror, e, diante de seu semblante, todos, a não ser os mais poderosos, sucumbiam num negro abismo de pavor.

Ora, quando se soube que Morgoth havia escapado de Valinor e que a perseguição a ele fora infrutífera, os Valar permaneceram por muito tempo sentados no Círculo da Lei; e os Maiar e vanyar ficaram a seu lado e choraram. Já os noldor, em sua maior parte, voltaram a Tirion e prantearam o escurecimento de sua bela cidade. Através da escura ravina da Calacirya, chegavam as brumas dos mares sombrios, que encobriam suas torres, e a lamparina da Mindon ardia pálida na penumbra.

Entao Fëanor apareceu de repente na cidade e convocou todos a irem ao palácio do Rei, no cume de Túna. Mas a sentença de exílio que lhe havia sido imposta ainda não fora revogada; e ele estava se rebelando contra os Valar. Uma enorme multidão reuniu-se rapidamente, portanto, para ouvir o que ele queria dizer; e a colina, assim como as escadas e ladeiras que subiam por suas encostas, foi iluminada pela luz dos muitos archotes que cada um trazia na mão. Fëanor era um mestre das palavras, e sua fala exercia enorme influência sobre os corações quando ele se decidia a usá-la. Naquela noite, ele fez um discurso perante os noldor do qual eles se lembrariam para sempre. Ferozes e cruéis foram suas palavras, e cheias de raiva e orgulho; e, ao ouvi-Ias, os noldor foram levados à loucura. Sua ira e seu ódio eram dirigidos principalmente a Morgoth; e, entretanto, quase tudo o que dizia vinha das mentiras do próprio Morgoth. Fëanor estava, porém, transtornado de dor com o assassinato do pai e aflito com o roubo das Silmarils. Ele agora reivindicava o trono de rei de todos os noldor, já que Finwë havia morrido, e ele desdenhava os decretos dos Valar.

- Ó povo dos noldor, por que deveríamos continuar a servir aos invejosos Valar, que não conseguem proteger nem a nós nem a seu próprio reino, do Inimigo? E, embora ele agora seja seu adversário, não é verdade que Morgoth e eles são da mesma linhagem. A vingança exige que eu parta; mas, mesmo que não fosse assim, eu não moraria mais na mesma terra que a família do assassino de meu pai e ladrão de meu tesouro. Não sou, porém, o único valente neste povo destemido. E vocês todos não perderam seu Rei? E o que mais vocês não perderam, encurralados aqui numa terra estreita, entre as montanhas e o mar.

- Aqui, outrora, houve luz, que os Valar não concediam à Terra-média, mas agora

as trevas deixam todos em condições iguais. Vamos nos lamentar aqui, passivos, para todo o sempre, um povo-fantasma, que corre atrás de névoas, derramando lágrimas vãs sobre os mares ingratos? Ou vamos voltar para a terra natal? Em Cuiviénen, as águas fluíam tranqüilas à luz das estrelas límpidas, e havia terras extensas onde um povo livre podia caminhar. Lá elas ainda estão aguardando por nós, que em nossa loucura as abandonamos. Vamos embora! Que os covardes fiquem com esta cidade!

Longo foi seu discurso, e ele sempre insistia para que os noldor o acompanhassem e, com sua própria força, conquistassem a liberdade e territórios imensos nas terras do leste, antes que fosse tarde demais. Pois ele repetia as mentiras de Melkor, de que os Valar os haviam iludido e queriam mantê-los cativos para que os homens dominassem a Terra-média. Muitos dos eldar ouviram falar ali pela primeira vez dos Sucessores

- Belo será o final – exclamou Fëanor -, embora a estrada seja longa e difícil! Digam adeus à servidão! Mas digam também adeus ao conforto! Digam adeus aos fracos! Digam adeus a seus tesouros! Faremos tesouros ainda maiores. Não carreguem peso na viagem; mas tragam suas espadas! Pois iremos muito mais longe do que Oromë, e resistiremos mais do que Tulkas.

Nunca desistiremos da perseguição. No encalço de Morgoth até os confins da Terra! Guerra terá ele, e um ódio eterno. Porém, quando tivermos vencido e reconquistado as Silmarils, nós, e somente nós, seremos os donos da Luz impoluta, senhores da felicidade e da beleza de Arda.

Nenhuma outra raça nos derrubará!

Nesse momento, Fëanor fez um juramento terrível. Seus sete filhos colocaram-se imediatamente a seu lado e fizeram juntos o mesmo voto, e vermelhas como sangue brilharam suas espadas desembainhadas à luz dos archotes. Fizeram um voto que ninguém deveria quebrar, e que ninguém deveria fazer, nem mesmo em nome de Ilúvatar, conclamando as Trevas Eternas a caírem sobre eles se não o cumprissem. E como testemunhas nomearam Manwë, Varda e a montanha abençoada de Taniquetil, jurando perseguir até o fim do Mundo com vingança e ódio qualquer Vala, demônio, elfo ou homem ainda não nascido, ou qualquer criatura, grande ou pequena, boa ou má, que o tempo fizesse surgir até o final dos tempos, quem quer que segurasse, tomasse ou guardasse uma Silmaril, impedindo que eles dela se apoderassem.

Assim falaram Maedhros, Maglor e Celegorm, Curufin e Caranthir, Amrod e Amras, príncipes dos noldor; e muitos fraquejaram ao ouvir aquelas palavras tremendas. Pois um juramento desses, para o bem ou para o mal, não pode ser quebrado; e perseguirá quem o cumprir e quem o descumprir até o fim do mundo. Fingolfin e Turgon, seu filho, falaram então contra Fëanor, e palavras terríveis surgiram, de tal modo que mais uma vez, a ira quase chegou ao fio das espadas. Finarfin, porém, falou com ponderação, como era seu costume, e procurou acalmar os noldor, convencendo-os a parar e refletir antes de agir de modo irreparável; e Orodreth foi o único entre seus filhos a se manifestar da mesma forma. Finrod estava com Turgon, seu amigo; mas Galadriel, a única mulher dos noldor a se apresentar naquele dia, alta e valente entre os príncipes em conflito, estava ansiosa por partir. Não fez nenhum juramento, mas as palavras de Fëanor acerca da Terra-média haviam reverberado em seu coração, pois ela ansiava por ver os vastos territórios desprotegidos e estabelecer ali um reino a seu gosto. Disposição semelhante à de Galadriel tinha Fingon, filho de Fingolfin, que também ficara comovido com as palavras de Fëanor, embora não gostasse muito dele. E ao lado de Fingon, como sempre faziam, estavam Angrod e Aegnor, filhos de Finarfin. Esses, porém, permaneceram calados e não falaram contra seus pais.

Afinal, após um longo debate, a vontade de Fëanor prevaleceu; e a maior parte dos

noldor ali reunidos ele inflamou com o desejo de coisas novas e países desconhecidos. Por isso, quando Finarfin mais uma vez defendeu a cautela e mais tempo para pensar, ergueu-se da multidão um forte brado: - Não! Vamos embora! - E imediatamente Fëanor e seus filhos começaram os preparativos para a marcha.

Pouco poderiam prever aqueles que ousavam enveredar por um caminho tão sombrio. Mesmo assim, tudo foi feito às pressas; pois Fëanor os instigava, temendo que, quando os corações arrefecessem, suas palavras perdessem o brilho e outras opiniões pudessem prevalecer. E, apesar de toda a sua arrogância, ele não se esquecia do poder dos Valar. De Valmar, porém, não chegava mensagem alguma, e Manwë estava em silêncio. Ainda não queria proibir nem impedir a iniciativa de Fëanor. Pois os Valar estavam magoados com a acusação de que teriam intenções malévolas para com os eldar, ou de que algum deles estaria ali cativo contra a própria vontade. Agora, eles só observavam e aguardavam, pois ainda não acreditavam que Fëanor pudesse fazer valer sua vontade sobre todos os noldor.

E, de fato, quando Fëanor começou a comandar os noldor para a partida, imediatamente iniciou-se a discordância. Pois, embora ele tivesse convencido todos os reunidos em assembléia a partir, de modo algum tinham todos eles a intenção de aceitá-la como Rei. Um amor maior era dedicado a Fingolfin e seus filhos; e tanto a família deste quanto a maior parte dos habitantes de Tirion se recusavam a renunciar a ele, se ele quisesse vir junto. E assim, no final, como duas hostes separadas, os noldor partiram para sua amarga jornada. Fëanor e seus seguidores tornaram a dianteira, mas a multidão mais numerosa vinha atrás, sob o comando de Fingolfin; e este marchava contrariando seu discernimento, porque Fingon, seu filho, insistia com ele para que o fizesse, e por não querer se isolar de seu próprio povo, que estava decidido a partir, nem querer abandoná-la às decisões apressadas de Fëanor. Tampouco se esquecera de suas palavras diante do trono de Manwë. Com Fingolfin ia também, e por motivos semelhantes, Finarfin, mas ele muito relutara em partir. E, de todos os noldor em Valinor, que agora formavam uma grande população, apenas uma pequena fração se recusou a pôr o pé na estrada: alguns pelo amor que sentiam pelos Valar (principalmente por Aulë), alguns pelo amor por Tirion e pelas muitas coisas que haviam feito. Nenhum por medo dos perigos que os aguardavam.

Mas no momento exaro em que soava a trombeta, e Fëanor saía pelos portões de Tirion, chegou afinal um mensageiro de Manwë, dizendo:

- Somente contra a insensatez de Fëanor declaro minha decisão. Não sigam adiantei Pois a hora é funesta, e seu caminho leva a tristezas das quais vocês ainda não têm idéia. Nenhum auxílio lhes prestarão os Valar nessa demanda; mas também não lhes criarão obstáculos. Pois isso saibam vocês: como chegaram aqui livremente, livremente partirão. Mas tu, Fëanor, filho de Finwë, por teu próprio juramento estás exilado. As mentiras de Melkor irás desaprendê-las amargamente. Vala ele é, dizes. Pois juraste em vão, porque nenhum Vala podes derrotar nem agora nem nunca dentro dos limites de Eä, nem se Eru, em nome de quem juraste, te houvesse criado três vezes mais poderoso do que és.

Fëanor riu, porém, e não se dirigiu ao arauto, mas aos noldor.

- Pois bem! Será que esse povo valente vai enviar o herdeiro de seu Rei sozinho para o exílio apenas com seus filhos, e voltar para o cativeiro? Mas se alguém quiser vir comigo, eu lhes pergunto se está previsto o sofrimento. No entanto, em Aman, nós já o conhecemos. Em Aman chegamos ao sofrimento através da felicidade. Agora vamos tentar o oposto: através do sofrimento, chegar à alegria, ou à liberdade pelo menos. - Voltando-se então para o arauto, gritou: - Diga o seguinte a Manwë Súlimo, Rei Supremo

de Arda. Se Fëanor não pode derrotar Morgoth, ele pelo menos não deixa o ataque para depois, nem fica sentado, ocioso, a chorar. E talvez Eru tenha posto em mim um fogo maior do que conheces. No mínimo vou infligir tal sofrimento ao Inimigo dos Valar, de tal modo que mesmo os poderosos no Círculo da Lei ficarão espantados em saber. Sim, no final, eles me seguirão. Adeus! Nessa hora, a voz de Fëanor tomou-se tão forte e potente, que até mesmo o arauto dos Valar lhe fez uma reverência, como alguém que houvesse recebido uma resposta completa, e foi embora; e os noldor se sujeitaram. Continuaram, portanto, sua marcha. E a Casa de Fëanor ia apressada, à frente, ao longo das costas de Elendë. Nem uma vez eles voltaram os olhos para Tirion na verde colina de Túna. Com menos pressa e entusiasmo vinha a hoste de Fingolfin atrás deles.

Desses, Fingon ia à frente. Já na retaguarda iam Finarfin e Finrod, além de muitos dos mais nobres e sábios entre os noldor. E muitas vezes, eles olhavam para trás para ver sua bela cidade, até a lamparina da Mindon Eldaliéva desaparecer na noite. Mais do que qualquer outro dos Exilados, eles levavam lembranças da felicidade à qual haviam renunciado, e mesmo algumas coisas que lá haviam feito eles traziam consigo: um alívio e um fardo na estrada.

Ora, Fëanor conduziu os noldor para o norte, porque seu primeiro objetivo era seguir Morgoth

Além disso, Túna, aos pés da Taniquetil, ficava próxima do cinturão de Arda, e ali o Grande Mar tinha extensão incomensurável, ao passo que para o norte os mares divisores ficavam mais estreitos, à medida que se aproximavam os ermos de Araman e as costas da Terra-média. Mas, quando a mente de Fëanor se acalmou e refletiu, ele percebeu tarde demais que aquela enorme multidão jamais conseguiria transpor as longas léguas até o norte, nem cruzar os mares no final, a não ser com a ajuda de barcos. Seria, porém, necessário muito tempo e trabalho para construir uma frota tão grande, mesmo que houvesse entre os noldor alguém capacitado para essa tarefa. Resolveu, então, convencer os teleri, sempre amigos dos noldor, a se juntarem a eles. E, em sua rebeldia, acreditava desse modo poder diminuir ainda mais a felicidade de Valinor e aumentar seu poder para enfrentar Morgoth. Apressou-se então a chegar a Alqualondë, e falou com os teleri, como havia falado antes em Tirion.

Os teleri, entretanto, não se comoveram com nada do que ele dissesse. Estavam realmente tristes com a partida de parentes e amigos de longa data, mas, em vez de auxiliá-los, preferiam dissuadi-los. E nenhuma embarcação emprestariam ou ajudariam a construir contra a vontade dos Valar. Quanto a si próprios, não desejavam outro lar a nao ser as praias de Eldamar; e nenhum outro senhor além de Olwë, príncipe de Alqualondë. E ele nunca dera ouvidos a Morgoth, nem o acolhera em sua terra; e ainda tinha confiança de que Ulmo e os outros poderosos entre os Valar compensariam os danos de Morgoth, e que a noite ainda passaria a ser uma nova aurora.

Então a ira tomou conta de Fëanor, pois ele ainda temia um atraso. E foram veementes suas palavras a Olwë.

- Vocês renegam a amizade justamente na hora de nossa necessidade – disse. - Mas ficaram bem felizes de receber nossa ajuda quando chegaram por último a estas praias, preguiçosos covardes, e praticamente de mãos vazias. Ainda estariam morando em cabanas na praia se os noldor não tivessem esculpido seu porto e trabalhado em suas muralhas.

- Não renegamos nenhuma amizade – respondeu, porém, Olwë. - Mas a um amigo pode caber o papel de censurar a loucura do companheiro. E, quando os noldor nos acolheram e auxiliaram, eram diferentes suas palavras: na terra de Aman viveríamos para sempre, como irmãos cujas casas ficam lado a lado. Quanto a nossas alvas embarcações,

essas vocês não nos deram. Não aprendemos esse ofício com os noldor, mas com os Senhores do Mar; e as madeiras claras trabalhamos com nossas próprias mãos; e as velas brancas foram tecidas por nossas esposas e filhas. Por isso, não nos dispomos a dá-las nem vendê-las por nenhuma aliança ou amizade.

Pois eu 1he digo, Fëanor, filho de Finwë, elas são para nós como são as pedras preciosas dos noldor: as obras que mais prezamos, iguais às quais não voltaremos a fazer outras.

Com isso, Fëanor o deixou e foi sentar remoendo maus pensamentos do lado de fora das muralhas de Alqualondë até sua hoste se reunir. Quando considerou que sua força era suficiente, foi até o Porto dos Cisnes e começou a manobrar os barcos que ali estavam ancorados, levando-os à força. Os teleri, entretanto, ofereceram resistência e lançaram muitos dos noldor ao mar. Então, espadas foram desembainhadas, e travou-se uma terrível batalha nos barcos, em volta dos molhes e dos quebra-mares do Porto, iluminados por lamparinas, e mesmo sobre o grande arco de entrada. Três vezes o povo de Fëanor foi rechaçado, e muitos morreram de ambos os lados. Contudo, a vanguarda dos noldor foi socorrida por Fingon com os primeiros da hoste de Fingolfin, que, ao se aproximarem, encontraram uma batalha em curso e sua própria gente caindo. Eles correram para ajudar antes de saber ao certo a causa da contenda. Alguns chegaram a acreditar que os teleri haviam tentado uma cilada contra a marcha dos noldor a pedido dos Valar.

Assim, finalmente, os teleri foram derrotados; e grande parte de seus marinheiros que moravam em Alqualondë foi brutalmente assassinada Pois os noldor estavam se tomando cruéis e desesperados; e os teleri tinham menos força e estavam armados, em sua maioria, apenas com arcos finos. Os noldor então puxaram os barcos brancos e manejaram seus remos da melhor forma possível, levando-os para o norte ao longo da costa. E Olwë recorreu a Ossë, mas este não veio, pois os Valar não permitiram que a fuga dos noldor fosse interrompida pela força.

Uinen, porém, chorou pelos marinheiros dos teleri; e o mar cresceu em fúria contra os assassinos, de modo que muitas embarcações naufragaram, e aqueles que nelas estavam morreram afogados. Sobre o Fratricídio de Alqualondë, mais é dito no lamento conhecido como Noldolantë, a Queda dos Noldor, que Maglor compôs antes de se perder.

Mesmo assim, a maior parte dos noldor escapou. E, quando a tempestade passou, eles mantiveram seu curso, alguns por mar, outros por terra. Mas o caminho era longo, e mais difícil à medida que avançavam. Depois de muito marcharem na noite sem limites, chegaram afinal ao extremo norte do Reino Protegido, junto às fronteiras dos ermos vazios de Araman, que eram frios e montanhosos. Ali, viram de repente uma figura escura parada no alto de um rochedo que dava para a praia. Alguns dizem que era o próprio Mandos, e nenhum mensageiro menos importante de Manwë. E ouviram uma voz alta, solene e terrível, que 1hes ordenou que parassem e escutassem. Todos então pararam e ficaram imóveis; e de uma ponta à outra das hostes dos noldor ouviu-se a voz que proferiu a maldição e profecia que é chamada de Profecia do Norte, e a Condenação dos Noldor. Muito ela pressagiou em palavras sombrias, que os noldor somente foram entender quando as desgraças de fato se abateram sobre eles; mas todos ouviram a maldiçâo lançada sobre aqueles que não quisessem ficar nem procurar a lei e o perdão dos Valar.

- Vocês verterão lágrimas sem conta; e os Valar cercarão Valinor para impedi-los de entrar.

Ficarão de tal modo isolados, que nem mesmo o eco de suas lamentações atravessará as montanhas. Sobre a Casa de Fëanor, a ira dos Valar se abate, desde o oeste

até o extremo leste, e sobre todos aqueles que se dispuserem a acompanhá-los. O Juramento que fizeram os motivará, e ao mesmo tempo os trairá, arrancando de suas mãos os próprios tesouros que juraram procurar. Um final funesto terão todas as coisas que eles iniciarem com êxito; e isso se dará pela traição de irmão por irmão, e pelo medo da traição. Para sempre serão eles Os Espoliados.

- Vocês derramaram o sangue de seus irmãos injustamente e macularam a terra de Aman. Pelo sangue, irão entregar sangue; e fora de Aman permanecerão na sombra da Morte. Pois, embora Eru tenha determinado que vocês não morressem em Eä, e que nenhuma enfermidade os atacasse, mesmo assim vocês podem ser assassinados, e serão: por armas, tormentos e pela tristeza; e seus espíritos sem pouso virão, então, para Mandos.
Ali ficarão por muito tempo a ansiar por seus corpos, e encontrarão pouquíssima compaixão, mesmo que aqueles que vocês assassinaram venham a implorar por vocês. E aqueles que resistirem na Terra-média e não vierem para Mandos ficarão cansados do mundo como de um peso enorme e definharão, tornando-se como que espectros de remorso diante da raça mais jovem que virá. Falaram os Valar.

E então muitos se intimidaram, mas Fëanor endureceu seu coração.

- Fizemos nosso juramento, e não foi com leviandade. A esse juramento seremos fiéis. Somos ameaçados com muitos males, e a traição não é o menor deles. Mas uma coisa não é dita: que sofreremos de medo, de covardia ou do temor à covardia. Portanto, digo que devemos seguir, e acrescento um prognóstico: nossos feitos futuros serão tema de canções até os últimos dias de Arda.

Nessa hora, porém, Finarfin abandonou a marcha e voltou, por estar cheio de dor e de amargura contra a Casa de Fëanor, em virtude de seu parentesco com Olwë de Alqualondë. E muitos dos seus foram com ele, refazendo seus passos, pesarosos, até contemplar mais uma vez o facho longínquo de Mindon sobre Túna, ainda fulgindo na noite, e afinal chegar a Valinor. Ali receberam o perdão dos Valar, e Finarfin foi indicado para governar os noldor que restavam no Reino Abençoado. Seus filhos, entretanto, não estavam com ele, pois não quiseram abandonar os filhos de Fingolfin. E toda a gente de Fingolfin ainda prosseguiu, sentindo a obrigação do parentesco e a vontade de Fëanor, e tendo de encarar a condenação dos Valar, já que nem todos eram inocentes no Fratricídio de Alqualondë. Além disso, Fingon e Turgon eram audazes e belicosos, e relutavam em abandonar qualquer tarefa à qual se houvessem dedicado antes do triste final, se ele tivesse de ser triste. Portanto, a hoste principal continuou viagem, e rapidamente o mal que havia sido previsto começou a atuar.

Os noldor acabaram chegando ao norte de Arda e viram as primeiras pontas do gelo que flutuava no mar. Souberam, então, que estavam se aproximando de Helcaraxë; Pois, entre a terra de Aman, que ao norte fazia uma curva para o leste, e o litoral oeste de Endor (que é a Terra-média), que se projetava para o ocidente, havia um pequeno estreito, através do qual confluíam as águas do Mar Circundante e as ondas de Belegaer. Havia vastos nevoeiros e brumas de um frio mortal, e as correntes marítimas vinham carregadas de blocos de gelo que colidiam uns com os outros e do atrito do gelo das profundezas. Assim era Helcaraxë, e ali ninguém até então ousara pisar, a não ser os Valar, e Ungoliant.

Portanto, Fëanor parou, e os noldor debateram que caminho deveriam seguir a partir dali.

Começaram, porém, a sofrer com o frio e o nevoeiro insistente, que o brilho de nenhuma estrela poderia penetrar. E muitos se arrependeram da viagem e começaram a reclamar, especialmente os que acompanhavam Fingolfin, amaldiçoando Fëanor e

dizendo que ele era a causa de todas as desgraças dos eldar. Fëanor, porém, sabendo de tudo o que era dito, aconselhou-se com seus filhos. E eles viam apenas dois meios de escapar de Araman e entrar em Endor: pelos estreitos, ou em barcos. Contudo, consideravam Helcaraxë intransponível, enquanto a quantidade de barcos era insuficiente. Muitos haviam sido perdidos na longa viagem, e os restantes eram poucos para transportar de uma vez toda aquela multidão. No entanto, ninguém estava disposto a permanecer na costa ocidental enquanto outros eram transportados primeiro. Já havia despertado entre os noldor o medo da traição. Por isso, ocorreu a Fëanor e seus filhos a idéia de tomar todos os barcos e partir de repente. Pois eles haviam mantido o comando da frota desde a Batalha do Porto, e ela era tripulada apenas por aqueles que lá haviam lutado e tinham vínculos com Fëanor. E, como se fosse a pedido seu, começou a soprar um vento vindo do noroeste, e Fëanor escapou em segredo com todos os que ele considerava fiéis, embarcou e pôs-se ao mar e deixou Fingolfin em Araman. E, como o mar ali fosse estreito, navegando para o leste e um pouco para o sul ele fez a travessia sem perdas, sendo o primeiro de todos os noldor a voltar a pisar nas praias da Terra-média; e o desembarque de Fëanor foi na foz do estuário chamado Drengist, que levava ao interior de Dorlómin.

Quando estavam em terra firme, porém, Maedhros, seu primogênito, e no passado amigo de Fingon, antes que as mentiras de Morgoth os separassem, dirigiu-se a Fëanor.

- Agora quais barcos e remadores liberarás para a volta? E quem eles trarão em primeiro lugar? Fingon, o Valente?

Riu então Fëanor como um ensandecido e gritou: - Nenhum barco, nenhum remador! O que deixei para trás não dou como perda. Revelou-se bagagem desnecessária no caminho. Que aqueles que amaldiçoaram meu nome continuem a me amaldiçoar e voltem os gemidos para as jaulas dos Valar! Queimem os barcos! - E então Maedhros ficou de lado, sozinho, mas Fëanor fez com que ateassem fogo aos alvos barcos dos teleri. Portanto, naquele local chamado de Losgar, na saída do Estuário de Drengist, acabaram-se as mais belas embarcações que jamais navegaram, num enorme incêndio, brilhante e terrível. E Fingolfin e seu povo viram a luz ao longe, vermelha sob as nuvens; e souberam que haviam sido traídos. Esses foram os primeiros frutos do Fratricídio e da Condenação dos Noldor.

Então, Fingolfin, ao ver que Fëanor o havia deixado para perecer em Araman ou retomar humilhado a Valinor, encheu-se de rancor. Desejava agora mais do que nunca chegar de algum modo a Terra-média para reencontrar Fëanor. Assim, ele e sua gente muito caminharam em condições deploráveis, mas seu valor e sua capacidade de resistência cresciam com as dificuldades, pois eram um povo poderoso, os filhos mais velhos e imortais de Eru Ilúvatar, porém recém-chegados do Reino Abençoado e ainda não desgastados com o cansaço da Terra.

O ânimo de seus corações tinha energia; e, liderados por Fingolfin e seus filhos, e por Finrod e Galadriel, eles ousaram penetrar nas regiões mais hostis do norte. E, não encontrando nenhum outro caminho, enfrentaram afinal o horror da Helcaraxë e os cruéis blocos de gelo. Poucos dos feitos dos noldor daí em diante suplantaram essa travessia desesperada em termos de dificuldade ou desgraças. Ali, perderam Elenwë, a mulher de Turgon; e muitos outros também pereceram. E foi com uma hoste reduzida que Fingolfin afinal pôs os pés nas Terras de Fora.

Pouco amor por Fëanor ou por seus filhos tinham aqueles que marcharam sob seu comando e que soaram suas trombetas na Terra-média ao primeiro nascer da Lua.

CAPÍTULO X
Dos sindar

Ora, como foi relatado, o poder de Elwë e Melian crescia na Terra-média, e todos os elfos de Beleriand, desde os marinheiros de Círdan aos caçadores nômades das Montanhas Azuis, do outro lado do Rio Gelion, reconheciam Elwë como seu senhor. Elu Thingol era ele chamado, Rei Manto-cinzento, no idioma de seu povo. Estes são os sindar, os elfos-cinzentos de Beleriand cheia de estrelas. E, embora fossem moriquendi, sob a liderança de Thingol e com os ensinamentos de Melian se tomaram os mais belos, mais sábios e mais habilidosos de todos os elfos da Terra-média. E, no final da primeira era da Prisão de Melkor, quando toda a Terra estava em paz e a glória de Valinor estava no seu apogeu, veio ao mundo Lúthien, a única filha de Thingol e Melian. Apesar de a Terra-média estar em sua maior parte no Sono de Yavanna, em Beleriand, sob o poder de Melian, havia vida e alegria, e as estrelas brilhantes refulgiam como raios de prata. E lá na floresta de Neldoreth, Lúthien nasceu; e as alvas flores de niphmdil surgiram para saudá-la como estrelas brotando da terra.
Ocorreu, durante a segunda era de cativeiro de Melkor, que anões atravessaram as Montanhas

Azuis de Ered Luin, entrando em Beleriand. A si mesmos davam o nome de khazâd, mas os sindar os chamavam de naugrim, o povo nanico, e gonohirrimg, mestres da pedra. Muito ao longe no leste, ficavam as habitações mais antigas dos naugrim, mas eles haviam escavado para si grandes palácios e mansões, segundo seu próprio estilo, na parte oriental das Ered Luin E essas cidades tinham em seu próprio idioma os nomes de Gabilgathol e Tumunzahar. Ao norte da enorme elevação do Monte Dolmed ficava Gabilgathol, que os elfos traduziam em sua língua como Belegost, ou seja, Grão-Forte; e ao sul foi esculpida na rocha Tumunzahar, chamada pelos elfos de Nogrod, a Morada Oca. A maior de todas as mansões dos anões era Khazad-dûm, a Mina dos Anões, Hadhodrond no idioma dos elfos, que mais tarde nos seus dias escuros foi chamada de Moria; mas ela ficava muito distante nas Montanhas Nevoentas, para além das longas léguas de Eriador, e só chegava aos elfos como um nome e um rumor com origem nas palavras dos anões das Montanhas Azuis.

De Nogrod e Belegost, os naugrim avançaram para Beleriand; e os elfos se encheram de espanto, pois acreditavam que eram os únicos seres vivos na Terra-média a falar com palavras ou a trabalhar com as mãos, e serem todos os outros apenas aves e feras. Não conseguiam, porém, entender nenhuma palavra da língua dos naugrim, que a seus ouvidos era pesada e sem beleza. E poucos foram os eldar que chegaram a dominá-la. Já os anões tinham facilidade de aprendizado e, de fato, estavam mais dispostos a aprender a língua dos elfos do que a ensinar a sua própria àquela raça estranha. Poucos dos eldar foram algum dia a Nogrod e Belegost, à exceção de Eol de Nan Elmoth e Maeglin, seu filho. Já os anões faziam comércio com Beleriand e construíram uma grande estrada que passava sob o sopé do Monte Dolmed e acompanhava o curso do Rio Ascar, cruzando o Gelion em Sam Athrad, o Vau das Pedras, onde mais tarde foi travada uma batalha. Sempre foi distante a amizade entre os naugrim e os eldar, embora ela gerasse muitos benefícios mútuos. Naquela época, porém, as desgraças que se interpuseram entre eles ainda não haviam ocorrido; e o Rei Thingol 1hes deu as boas-vindas. Já os naugrim estavam muito mais dispostos a dar sua amizade aos noldor em dias futuros, do que a quaisquer outros elfos e homens, em virtude de seu amor e reverência por Aulë; e louvavam as pedras preciosas dos noldor mais do que qualquer outra riqueza. Na

escuridão de Arda, os anões já haviam criado grandes obras; pois desde os primeiros tempos de seus Pais demonstravam fantástica habilidade com metais e pedras. Naqueles tempos antigos, porém, adoravam trabalhar com o ferro e o cobre, e não com a prata ou o ouro.

Ora, Melian tinha grande capacidade de previsão, como era comum entre os Maiar. E, quando terminou a segunda era do cativeiro de Melkor, ela avisou Thingol de que a Paz de Arda não duraria para sempre. Ele refletiu, portanto, sobre como construir para si uma habitação régia, um lugar que fosse seguro, se o mal voltasse a despertar na Terra-média. E procurou auxílio e conselho junto aos anões de Belegost. Estes o deram de bom grado, pois naquela época eram incansáveis e ansiavam sempre por novos trabalhos. E, embora os anões exigissem algo por tudo aquilo que fizessem, fosse com prazer, fosse com esforço, naquela ocasião eles se consideraram pagos. Pois Melian muito lhes ensinou que eles estavam dispostos a aprender; e Thingol os recompensou com grande quantidade de belas pérolas. Essas Círdan lhe dera, já que existiam em abundância nas águas rasas em tomo da Ilha de Balar. Os naugrim, entretanto, nunca haviam visto nada semelhante e as tinham em alta conta. Havia uma do tamanho de um ovo de pomba, e seu brilho se assemelhava ao das estrelas na espuma do mar. Nimphelos era seu nome, e o chefe dos anões de Belegost a valorizava mais do que a uma montanha de riquezas.

Assim, por muito tempo os naugrim trabalharam alegremente para Thingol, e criaram muitos palácios no estilo de sua gente, escavados nas profundezas da terra. Ali, por onde fluía o Esgalduin, separando Neldoreth de Region, havia no meio da floresta uma colina rochosa, e o rio passava junto ao seu sopé. Ali os anões ergueram os portões do palácio de Thingol, e construíram uma ponte de pedra sobre o rio, único meio de acesso aos portões. Do outro lado, amplos corredores desciam a salões e aposentos imponentes, que haviam sido escavados na rocha viva muito abaixo do nível da entrada. Eram tantos e tão magníficos, que essa morada foi chamada de Menegroth, as Mil Cavemas.

Os elfos, entretanto, também participaram desse trabalho. E elfos e anões juntos, cada um com seu talento próprio, ali concretizaram as visões de Melian, imagens da maravilha e da beleza de Valinor, além Mar. As pilastras de Menegroth foram esculpidas para se assemelharem às faias de Oromë, tronco, galho e folha, e eram iluminadas com lantemas de ouro. Os rouxinóis cantavam ali como nos jardins de Lórien; e havia fontes de prata, bacias de mármore e pisos de pedras multicores. Imagens entalhadas de animais e pássaros corriam pelas paredes, subiam pelas pilastras ou espiavam entre os galhos entremeados de miríades de flores. E, com o passar dos anos, Melian e suas servas encheram os salões com tapeçarias nas quais podiam ser lidos os feitos dos Valar, e muitos fatos que haviam acontecido em Arda desde seu início, além de indícios de acontecimentos que ainda estavam por vir. Era a mais bela morada de qualquer rei que jamais existiu a leste do Mar.

E, quando terminou a construção de Menegroth, e houve paz no reino de Thingol e Melian, os naugrim ainda cruzavam as montanhas de vez em quando e comerciavam pelas terras. Mas raramente iam até as Falas, pois detestavam o som do mar e receavam olhar para ele. A Beleriand não chegou nenhum outro rumor ou notícia do mundo lá fora.

Contudo, à medida que avançava a terceira era do cativeiro de Melkor, os anões ficaram preocupados e falaram ao Rei Thingol, dizendo que os Valar não haviam erradicado totalmente os males do norte; e que agora os restantes, tendo por muito tempo se multiplicado nas trevas, voltavam a aparecer, perambulando livremente.

- Há feras cruéis na terra à leste das montanhas, e seus antigos parentes que moram por lá estão fugindo das planícies para as colinas.

E, antes que se passasse muito tempo, as criaturas nefastas chegaram até mesmo a Beleriand, por passagens nas montanhas, ou vindo do sul através das florestas escuras. Havia lobos, ou criaturas que adotavam sua forma, e outros seres cruéis das sombras. E entre eles estavam os orcs, que mais tarde devastariam Beleriand. Naquela época, entretanto, eles ainda eram poucos e desconfiados; e só farejavam aquela terra, enquanto aguardavam a volta de seu senhor. De onde vinham ou o que eram, os elfos não sabiam, supondo que talvez fossem avari que se houvessem tornado perversos e brutais no ambiente selvagem. Conta-se que, sob esse aspecto, infelizmente sua suposição estava quase correta.

Por isso, Thingol começou a pensar em armas, das quais até então seu povo não sentira necessidade. E essas, de início, os naugrim forjaram para ele; pois eram muito hábeis nesse trabalho, embora nenhum deles suplantasse os artífices de Nogrod, dos quais Telchar, o Ferreiro, era o de maior renome. Uma raça belicosa desde tempos imemoriais eram todos os naugrim; e eles se dispunham a lutar, ferozes, com quem quer que os afligisse: servos de Melkor, eldar, avari, animais selvagens, ou, não raramente, sua própria gente, anões de outras casas ou linhagens. O oficio de ferreiro os sindar logo aprenderam com eles. No entanto, de todos os ofícios, somente na têmpera do aço os anões nunca foram superados, nem mesmo pelos noldor; e na confecção de malha de elos unidos, inventada pelos ferreiros de Belegost, seu trabalho era incomparável.

A essa altura, portanto, os sindar estavam bem armados, expulsaram todas as criaturas do mal e voltaram a ter paz. Os arsenais de Thingol, porém, estavam repletos de machados, lanças e espadas, altos elmos e longas cotas de malha brilhante; pois as armaduras dos anões eram feitas de tal forma que não enferrujavam, mas brilhavam eternamente como se fossem recém-polidas.

E isso se revelou vantajoso para Thingol na época que estava por vir.

Ora, como se relatou, um certo Lenwë da hoste de Olwë abandonou a marcha dos eldar na ocasião em que os teleri foram detidos às margens do Grande Rio junto às fronteiras da região ocidental da Terra-média. Pouco se sabe dos caminhos percorridos pelos nandor, que ele conduziu ao longo do Anduin. Diz-se que alguns deles habitaram por muito tempo os bosques do Vale do Grande Rio; alguns chegaram afinal à sua foz e ali permaneceram junto ao Mar; e outros, ainda, passando pelas Ered Nimrais, as Montanhas Brancas, voltaram para o norte e penetraram nos ermos de Eriador, entre as Ered Luin e as longínquas Montanhas Nevoentas.

Ora, esse era um povo da floresta e não possuía nenhuma arma de aço. A chegada dos animais ferozes, vindos do norte, deixou-os apavorados como os naugrim declararam ao Rei Thingol em Menegroth. Assim, Denethor, o filho de Lemvë, ao ouvir rumores sobre o poderio de Thingol e sua majestade, e também sobre a paz em seu reino, reuniu a hoste que pôde de sua gente dispersa e com ela atravessou as montanhas para entrar em Beleriand. Ali foram acolhidos por Thingol, como parentes há muito perdidos que voltam ao lar, e se instalaram em Ossiriand, a Terra dos Sete Rios.

Dos longos anos de paz que se seguiram à chegada de Denethor, pouco se sabe. Diz-se que, naquela época, Daeron, o Menestrel, o maior sábio do reino de Thingol, criou suas Runas; e os naugrim que vieram a Thingol as aprenderam e se encantaram com o invento, valorizando o talento de Daeron ainda mais do que os sindar, seu próprio povo. Por meio dos naugrim, as Cirth foram levadas para o leste, para o outro lado das montanhas, e se tornaram parte do conhecimento de muitos povos: mas foram pouco usadas pelos sindar para a finalidade de registros até os tempos da Guerra, e grande parte do que se guardava na memória pereceu nas ruínas de Doriath. É que da bem-aventurança e da alegria na vida há pouco a ser dito enquanto duram; assim como as obras belas e

maravilhosas, enquanto perduram para que os olhos as contemplem, são registros de si mesmas, e somente quando correm perigo ou são destruídas é que se transformam em poesia.

Em Beleriand naquela época, os elfos perambulavam, os rios corriam, as estrelas brilhavam, e as flores da noite exalavam seus perfumes. E a beleza de Melian era como o meio-dia; e a beleza de Lúthien era como o alvorecer na primavera. Em Beleriand, o Rei Thingol, em seu trono, era como os senhores dos Maiar, cujo poder está em repouso, cuja alegria é como o ar que respiram todos os dias, cujos pensamentos fluem numa onda imperturbável, das alturas às profundezas. Em Beleriand, ainda às vezes cavalgava Oromë, o Grande, passando como um vento pelas montanhas, e o som de sua trompa descia pelas léguas iluminadas pelas estrelas; e os elfos o temiam pelo esplendor de seu semblante e pelo enorme estrondo da investida de Nahar. No entanto, quando a Valaróma ecoava nos montes, eles bem sabiam que todos os seres do mal eram afugentados dali.

Aconteceu, porém, de se aproximar o fim da bem-aventurança, e de a tarde ensolarada de Valinor chegar ao seu crepúsculo. Pois, como foi dito e como todos sabem, por estar escrito nos registros das tradições e por ter sido cantado em muitas obras poéticas, Melkor abateu as Árvores dos Valar com o auxílio de Ungoliant e escapou, voltando para a Terra-média. Muito ao norte ocorreu o confronto entre Morgoth e Ungoliant; mas o terrível grito de Morgoth reverberou por toda a Beleriand, fazendo toda a sua gente encolher de medo. Pois, embora não soubessem o que o grito prenunciava, o que estavam ouvindo era o arauto da morte. Pouco depois, Ungoliant fugiu do norte e entrou no reino do Rei Thingol, e um terror de escuridão a cercava. Contudo, pelo poder de Melian, foi impedida de prosseguir, e não entrou em Neldoreth, mas permaneceu muito tempo à sombra dos precipícios pelos quais Dorthonion se estendia em direção ao sul. E esses passaram a ser conhecidos como Ered Gorgoroth, as Montanhas do Terror, e ninguém ousava ir até lá ou passar por perto. Ali, a vida e a luz eram sufocadas; e todas as águas, envenenadas. Morgoth, porém, como já se relatou, voltou para Angband e a reconstruiu. E acima de seus portões ergueu as torres fumegantes das Thangorodrim. E os portões de Morgoth estavam a apenas setecentos e cinqüenta quilômetros da ponte de Menegroth: distantes e, entretanto demasiado próximos.

Ora, os orcs que se multiplicavam na escuridão da terra tomaram-se fortes e cruéis, e seu senhor sinistro os encheu de desejo de devastação e morte. Eles saíram então dos portões de Angband sob as nuvens que Morgoth fez surgir e passaram em silêncio para os planaltos do norte. Dali, de súbito, um enorme exército entrou em Beleriand e atacou o Rei Thingol. Ora, em seus vastos domínios, muitos elfos perambulavam livremente na natureza ou moravam pacificamente em pequenos clãs muito afastados. Somente em torno de Menegroth, no centro da região e ao longo das Falas, no país dos marinheiros, havia grandes populações. Os orcs, porém, investiram contra os dois lados de Menegroth; e, a partir de acampamentos no leste, entre o Celon e o Gelion, e, no oeste, nas planícies entre o Sirion e o Narog, praticaram todo tipo de pilhagem. E Thingol foi isolado de Círdan em Eglarest Ele convocou, então, Denethor; e os elfos vieram em grande número de Region, do outro lado do Aros e de Ossiriand, para travar a primeira batalha nas Guerras de Beleriand. E a hoste oriental dos orcs foi cercada pelos exércitos dos eldar, ao norte de Andram e a meio caminho entre o Aros e o Gelion. E ali sofreram total derrota; e aqueles que fugiram para o norte a fim de escapar da enorme carnificina caíram na emboscada dos machados dos naugrim que saíam do Monte Dolmed. Na realidade, poucos voltaram para Angband.

Contudo, a vitória dos elfos teve um alto preço. Pois aqueles de Ossiriand estavam pouco armados e não tinham como enfrentar os orcs, que usavam calçados e escudos de

ferro e portavam enormes lanças de lâminas largas. Assim, Denethor foi isolado e cercado na colina de Amon Ereb. Ali ele sucumbiu com todos os parentes mais próximos à sua volta, antes que o exército de Thingol chegasse em seu auxilio. Por mais que sua morte fosse vingada com virulência, quando Thingol se abateu sobre a retaguarda dos orcs e os chacinou aos magotes, seu povo lamentou eternamente sua perda e não voltou a ter um rei.

Depois da batalha, alguns voltaram para Ossiriand, e suas notícias inspiraram no restante do povo um medo enorme, de tal modo que a partir dali eles nunca mais se apresentaram para uma guerra declarada, mas se mantiveram em segredo e desconfiança. E eles foram chamados de laiquendi, os elfos-verdes, em virtude de seus trajes da cor das folhas. Muitos foram, porém, para o norte e penetraram no reino protegido de Thingol, misturando-se com seu povo.

E, quando Thingol voltou a Menegroth, soube que o exército de orcs no oeste saíra vitorioso, tendo encurralado Círdan na orla do mar. Por isso, Thingol recolheu, dentro da segurança de Neldoreth e Region, todo o povo que sua convocação pôde alcançar; e Melian acionou seu poder e cercou todo o território ao redor com uma muralha invisível de sombras e desorientação: o Cinturâo de Melian, para que ninguém dali em diante pudesse passar por ele contra a sua vontade ou a do Rei Thingol, a menos que se tratasse de alguém com poder superior ao de Melian, a Maia. E essa terra cercada, que durante muito tempo foi chamada de Eglador, mais tarde recebeu o nome de Doriath, o reino protegido, a Terra do Cinturão. Ali dentro havia ainda uma paz vigilante; mas fora dela, havia o perigo e um enorme pavor; e os servos de Morgoth andavam a solta, menos nos portos murados das Falas.

Novidades estavam chegando, porém, que ninguém na Terra-média previra, nem Morgoth, em seus fossos, nem Melian, em Menegroth. Pois, depois da morte das Árvores nenhuma notícia chegara de Aman, fosse por mensageiro, fosse por espírito, fosse por visão em sonho. Na mesma época, Fëanor cruzou o Mar nas alvas embarcações dos teleri, aportou no Estuário de Drengist e ali, em Losgar, queimou os barcos

CAPÍTULO XI
Do Sol, da Lua e da ocultação de Valinor

Conta-se que, depois da fuga de Melkor, os Valar passaram muito tempo sentados imóveis, nos seus tronos no Círculo da Lei; mas não estavam ociosos, como Fëanor declarara, no desatino de seu coração. Pois os Valar podem fazer muitas coisas com o pensamento, em vez de usar as mãos; e sem usar a voz, em silêncio, eles podem conferenciar uns com os outros. Assim, eles cumpriram vigília na noite de Valinor, e seu pensamento voltou a tempos anteriores a Eä e avançou até o Fim. Contudo, nem o poder nem a sabedoria mitigavam sua dor e o conhecimento do mal na hora em que ele surge. E não lamentavam mais a perda das Árvores do que o desencaminhamento de Fëanor: das obras de Melkor, uma das mais perversas. Pois em todas as partes do corpo e da mente, em valentia, em resistência, em beleza, em compreensão, em talento, em força e em sutileza, no mesmo grau, Fëanor havia sido o mais poderoso de todos os Filhos de Ilúvatar, e nele ardia uma chama brilhante. As obras maravilhosas para a glória de Arda que ele poderia ter criado, se tudo tivesse sido diferente, somente Manwë poderia de certo

modo conceber. E os vanyar que estavam em vigília junto aos Valar relataram que, quando os mensageiros repetiram a Manwë as respostas de Fëanor a seus arautos, Manwë chorou e baixou a cabeça. Já à última frase de Fëanor – de que no mínimo os feitos futuros dos noldor vive-riam para sempre em canções -, Manwë ergueu a cabeça, como alguém que ouve uma voz ao longe.

- Assim seja! Custosas lhes sairão essas canções e serão, entretanto, uma boa aquisição. Pois o preço não poderia ser outro. Assim, exatamente como Eru nos falou, uma beleza ainda não concebida chegará a Eä e ainda terá sido bom que o mal tenha existido.

- E mesmo assim continuará sendo o mal – retrucou Mandos, porém – A mim Fëanor virá em breve.

Mas quando afinal os Valar souberam que os noldor haviam de fato deixado Aman e estavam de volta a Terra-média, eles se ergueram e começaram a concretizar em atos as decisões tomadas em pensamento para remediar os danos causados por Melkor. Então Manwë pediu a Yavanna e Nienna que exercessem todos os seus poderes em prol do crescimento e da cura. E elas aplicaram todos os seus poderes às Árvores. Porém, as lágrimas de Nienna não conseguiram curar seus ferimentos mortais, e por muito tempo Yavanna cantou sozinha na penumbra. Mesmo assim no exalo momento em que faltou esperança, e seu canto hesitou, Telperion produziu, afinal, num galho sem folhas, uma enorme flor de prata; e Laurelin, um único fruto de ouro.

Esses Yavanna colheu e então as Árvores morreram E seus troncos sem vida ainda estão em pé em Valinor, um monumento à alegria perdida. Já a flor e o fruto Yavanna deu a Aulë e Manwë os abençoou. E Aulë e seu povo criaram naves para contê-los e conservar seu brilho, como está relatado no Narsilion, o Cântico do Sol e da Lua. Essas naves os Valr entregaram a Varda, para que se tornassem lamparinas no firmamento, brilhando mais do que as estrelas antigas, por se encontrar mais perto de Arda. E ela lhes deu o poder de transitar pelas regiões inferiores de Ilmen e as pôs a percorrer trajetos definidos acima do cinturão da Terra, do oeste para o leste, e a voltar.

Tudo isso os Valar fizeram, relembrando, em sua penumbra, a escuridão das terras de Arda. E resolveram então iluminar a Terra-média para, com a luz, dificultar os feitos de Melkor. Pois lembravam-se dos avari que haviam permanecido junto às águas de seu despertar; e também não haviam abandonado totalmente os noldor no exílio. Além disso, Manwë sabia que a hora da chegada dos homens se aproximava. E o que se diz é que, da mesma forma que os Valar fizeram guerra a Melkor para proteger os quendi, agora eles eram tolerantes para proteger os hildor, Os Sucessores, os Filhos Mais Novos de Ilúvatar. Pois tão graves haviam sido os danos causados a Terra-média na guerra contra Utumno, que os Valar temiam que algo ainda pior pudesse acontecer, já que os hildor seriam mortais e mais fracos do que os quendi para suportar o medo e o tumulto. Ademais, não foi revelado a Manwë em que local se daria o início dos homens, a norte, sul ou leste. Por isso, os Valar produziram luz, mas fortificaram a terra onde habitavam.

Isil, o Esplendor, foi como os vanyar de outrora chamaram a Lua, em Valinor, flor de Telperion; e Anar, o Ouro de Fogo, fruto de Laurelin, foi como chamaram o Sol. Já os noldor também os chamaram de Rána, a Inconstante, e Vása, o Coração de Fogo, que desperta e incendeia. Pois o Sol foi criado como um sinal para o despertar do homem e para o declínio dos elfos, ao passo que a Lua homenageia sua memória.

A donzela que os Valar escolheram entre os Maiar para conduzir a nave do Sol chamava-se Arien; e aquele que guiava a ilha da Lua foi Tilion. No tempo das Árvores, Arien cuidava das flores douradas nos jardins de Vána e as regava com os orvalhos cintilantes de Laurelin. Já Tilion era um caçador do grupo de Oromë e possuía um arco de

prata. Ele adorava a prata e, quando queria descansar, deixava os bosques de Oromë e, entrando em Lórien, deitava-se, sonhador, junto aos poços de Estë, sob os raios cintilantes de Telperion. E Tilion implorou que lhe dessem a missão de cuidar para sempre da última Flor de Prata. Arien, a donzela, era mais poderosa do que ele, e foi escolhida por não ter sentido medo do calor de Laurelin e por não ter sido ferida por ele, já que desde o início ela era um espírito de fogo que Melkor não havia conseguido enganar nem atrair para seu serviço. Os olhos de Arien eram brilhantes demais até mesmo para os elfos contemplarem; e, ao deixar Valinor, ela abandonou a forma e os trajes que, como os Valar, usava lá e se tornou como que uma labareda nua, terrível na plenitude de seu esplendor.

Isil foi criada e preparada em primeiro lugar, e subiu primeiro para o reino das estrelas, sendo a mais velha dos novos luzeiros, como Telperion fora a mais velha das Árvores. Por algum tempo, então, o mundo teve luar, e começou a se mover e a despertar grande quantidade de seres que muito haviam aguardado no sono de Yavanna. Os servos de Morgoth muito se admiraram, mas os elfos das Terras de Fora olhavam para o céu, felizes. E no exato instante em que a Lua surgiu, acima da escuridão no oeste, Fingolfin soou suas trombetas de prata e começou sua marcha para entrar na Terra-média. E as sombras de sua hoste iam longas e negras a sua frente.

Tilion já atravessara os céus sete vezes e, portanto, estava no extremo leste, quando a nave de Arien ficou pronta. E então Anar surgiu, gloriosa. E a primeira aurora do Sol foi como um enorme incêndio sobre as torres das Pelóri: as nuvens da Terra-média foram aquecidas, e ouviu-se o som de muitas cachoeiras. Então, Morgoth de fato se intimidou, enfurnou-se nas maiores profundezas de Angband e recolheu seus servos, emitindo vapores fortíssimos e uma nuvem negra para ocultar seus domínios da luz da Estrela do Dia.

Ora, Varda pretendia que as duas naves viajassem em Ilmen e que sempre estivessem nas alturas, mas não juntas. Cada uma deveria passar por Valinor, entrar no leste e voltar, sendo que uma sairia do oeste no momento em que a outra começasse a voltar do leste. Assim, os primeiros dos novos dias foram contados à maneira das Árvores, pela mescla das luzes quando Arien e Tilion passavam cada um em seu trajeto, acima do meio da Terra. Entretanto, Tilion era inconstante e incerto em sua velocidade e não se fixava no caminho que lhe era designado.

Além disso, procurava se aproximar de Arien, sendo atraído pelo seu esplendor, embora a chama de Anar o queimasse, e a ilha da Lua ficasse chamuscada.

Em virtude da rebeldia de Tilion e ainda mais em resposta às súplicas de Lórien e Estë, que diziam que o sono e o descanso haviam sido banidos da Terra e as estrelas estavam ocultas, Varda mudou de opinião e concedeu um período no qual o mundo ainda tivesse sombra e penumbra. Anar descansaria algum tempo em Valinor, deitado no colo fresco e acolhedor do Mar de Fora; e o Entardecer, a hora da descida e do descanso do Sol, era a hora de maior luz e alegria em Aman. Logo, porém, o Sol era arrastado para baixo pelos servos de Ulmo e seguia apressado por baixo da Terra, chegando, assim, invisível, ao leste para ali voltar a subir no firmamento, a fim de que a noite não se prolongasse, e o mal não se espalhasse à luz da Lua.

Pelo poder de Anar, porém, as águas do Mar de Fora eram aquecidas e refulgiam com um fogo colorido, e Valinor teve luz por algum tempo depois da passagem de Arien. Contudo, à medida que Arien seguia por baixo da Terra e se aproximava do leste, o fulgor desbotava, e Valinor ficava às escuras. Nessa hora, os Valar mais lamentavam a morte de Laurelin. Ao amanhecer, as sombras das Montanhas da Defesa caíam pesadas sobre o Reino Abençoado.

Varda ordenou que a Lua se movimentasse da mesma forma e que, passando por baixo da Terra, nascesse no leste, mas somente depois que o Sol tivesse descido do céu. Tilion, no entanto, seguia com um ritmo instável, como ainda segue, e era sempre atraído por Arien, como sempre será. De tal modo que, com freqüência, os dois podem ser vistos acima da Terra, juntos; ou pode acontecer que Tilion se aproxime tanto do Sol, que sua sombra esconda o brilho de Arien, e surja a escuridão no meio do dia.
Portanto, com as idas e vindas de Anar, os Valar contaram os dias a partir dali até a Mudança do Mundo. Pois Tilion pouco se demorava em Valinor, mas na maioria das vezes passava veloz pelas terras do ocidente, por Avathar, Araman ou Valinor, e mergulhava no abismo do outro lado do Mar de Fora, seguindo seu caminho em solidão em meio às grutas e cavernas nas raízes de Arda. Ali, costumava passar muito tempo perambulando, só voltando tarde.

Ainda assim, após a Longa Noite, a luz de Valinor era mais forte e mais clara do que a da Terra-média; pois o Sol lá descansava, e as luzes do firmamento se aproximavam mais da Terra naquela região. No entanto, nem o Sol nem a Lua conseguem trazer à lembrança a luz que existia antes, a que emanava das Árvores antes que elas fossem tocadas pelo veneno de Ungoliant. Aquela luz sobrevive agora apenas nas Silmarils.

Morgoth, porém, odiava os novos luzeiros, e por algum tempo ficou desnorteado com esse inesperado golpe dos Valar. Atacou, então, Tilion, enviando espíritos de sombra contra ele, e houve luta em Ilmen sob os caminhos das estrelas, mas Tilion saiu vitorioso. E de Arien, Morgoth sentia um medo imenso e não ousava se aproximar, já não possuindo mais esse poder.

Pois, à medida que crescia em perversidade e transmitia o mal que concebia sob a forma de mentiras e criaturas nefastas, seu poder passava para elas e se dispersava, enquanto ele mesmo ficava cada vez mais preso a terra, relutante em sair de seus redutos sinistros. Com sombras, escondia a si mesmo e a seus servos de Arien, cujo olhar não conseguia suportar por muito tempo, e as terras em tomo de sua morada eram envoltas em vapores e nuvens enormes.

Ao ver, porém, a investida contra Tilion, os Valar ficaram em dúvida, temendo o que a perversidade e a astúcia de Morgoth poderiam ainda tramar contra eles. Embora não se dispusessem a enfrentá-lo na Terra-média, eles mesmo assim se lembravam da destruição de Almaren. E resolveram que nada de semelhante aconteceria a Valinor. Por isso, naquela época, voltaram a fortificar toda a terra e ergueram as paredes das Montanhas Pelóri a alturas tremendas e intransponíveis, a leste, norte e sul As encostas externas eram escuras e lisas, sem saliência ou ponto de apoio para os pés, e elas caíam em grandes precipícios, com a superfície lisa como vidro, e se elevavam em enormes picos coroados de gelo branco. Estabeleceu-se nelas uma guarda ininterrupta, e não havia passagem que as atravessasse, à exceção da Calacirya. Essa passagem, entretanto, os Valar não fecharam, em consideração aos eldar que lhes eram fiéis. E na cidade de Tirion sobre a colina verde, Finarfin ainda governava os que restavam dos noldor na profunda fenda nas montanhas. Pois todos os que são da raça dos elfos, até mesmo os vanyar e seu senhor, Ingwë, precisam às vezes respirar o ar de fora e o vento que vem pelo mar das terras de seu nascimento. E os Valár ainda não se dispunham a isolar os teleri totalmente dos seus parentes. Mesmo assim, na Calacirya, foram instaladas fortes torres e muitas sentinelas. E em sua extremidade, nos planaltos de Valmar, acampava um exército, para que nem ave, animal, elfo, homem, nem nenhuma criatura que habitasse a Terra-média passasse por aquela tropa.

E foi também nessa época, que os poemas chamam de Nurtalë Valinóreva, a Ocultação de Valinor, que as Ilhas Encantadas foram criadas, e todos os mares ao redor

foram preenchidos com sombras e desorientação. E essas ilhas foram dispostas como uma rede nos Mares Sombrios, de norte a sul, antes que Tol Eressëa, a Ilha Solitária, fosse alcançada por quem navegasse para o oeste. Dificilmente um barco conseguiria passar por elas, pois nos perigosos estreitos as ondas suspiravam eternamente em rochas escuras ocultas na névoa. E, naquela penumbra, um enorme cansaço se abatia sobre os marinheiros, acompanhado de ódio ao mar; mas quem chegasse a pisar nas ilhas ali ficaria preso, e dormiria até a Mudança do Mundo. Foi assim que, como Mandos lhes havia prenunciado em Araman, o Reino Abençoado se fechou para impedir a entrada dos noldor. E, dos muitos mensageiros que em tempos posteriores navegaram para o oeste, nenhum jamais chegou a Valinor – à exceção de um apenas: o mais poderoso marinheiro que teve sua história contada.

CAPÍTULO XII
Dos homens

Permaneceram então em paz os Valar atrás de suas montanhas e, tendo concedido a luz a Terra-média, a deixaram por muito tempo abandonada. A autoridade de Morgoth não era contestada a não ser pela bravura dos noldor. Ulmo, que recebia notícias da Terra por meio de todas as águas, não deixava de pensar nos exilados.

A partir dessa época foram contados os Anos do Sol. Mais rápidos e breves são eles do que os longos Anos das Árvores em Valinor. Foi nesse período que o ar da Terra-média se tornou pesado com o hálito do crescimento e da mortalidade; e a transformação e o envelhecimento de todas as coisas foram muito acelerados. A vida pululava no solo e nas águas na Segunda Primavera de Arda, e os eldar aumentaram em número. E, sob o novo Sol, Beleriand se tornara verde e bela.

Ao primeiro raiar do Sol, os Filhos Mais Novos de Ilúvatar despertaram na terra de Hildórien, nas regiões orientais da Terra-média; mas o primeiro Sol raiou no Oeste, e os olhos dos homens que se abriam se voltaram para ele; e seus pés, quando Perambularam pela Terra, acabavam indo naquela direção. Atani foi como os eldar os chamaram, o Segundo Povo; mas também os chamavam de Hildor, os Sucessores, entre muitos outros nomes: Apanónar, os Posteriores; Engwar, os Enfermiços; e Firimar, os Mortais. Ainda os chamavam de Usurpadores, Desconhecidos, Inescrutáveis, Malditos, Desajeitados, Temerosos-da-noite, Filhos do Sol. Dos homens, pouco se conta naquelas histórias que dizem respeito aos Dias Antigos, antes do surgimento dos mortais e do desaparecimento dos elfos, à exceção daqueles ante-passados dos homens, os atanatári, que nos primeiros anos do Sol e da Lua entraram na região Norte do mundo. A Hildórièn não veio nenhum Vala para guiar os homens ou convocá-los a ir morar em Valinor. E os homens sempre temeram os Valar, em vez de amá-los, e não compreendiam os objetivos dos Poderes, estando em desacordo com eles e em luta com o mundo. Ulmo, porém, pensava muito neles, propiciando a resolução e a vontade de Manwë, e suas mensagens muitas vezes lhes chegavam por águas correntes e inundações. Contudo, os homens não têm habilidade para essas questões, e tinham ainda menos naquele tempo, antes de se misturarem aos elfos. Por isso, adoravam as águas, e seus corações se comoviam, mas não compreendiam suas mensagens. Mesmo assim, diz-se que antes que se passasse muito tempo eles encontraram elfos escuros em muitos lugares e com eles fizeram amizade. E os homens

tornaram-se companheiros e discípulos, em sua infância, desse povo antigo, nômade da raça élfica, que nunca partiram para Valinor e conheciam os Valar somente como um rumor e um nome distante.

Não fazia muito que Morgoth voltara para a Terra-média, e seu poder não se espalhara muito, além de ser mantido sob controle pela súbita chegada da grande luz. Havia pouco perigo nas terras e nas colinas; e, lá, novos seres, criados eras antes no pensamento de Yavanna e plantados como sementes nas trevas, afinal brotavam e floriram. A oeste, norte e sul, os filhos dos homens se dispersavam e vagueavam; e sua alegria era a alegria da manhã antes de o orvalho secar, quando cada folha estava verde.

No entanto, a alvorada é breve, e o dia muitas vezes não corresponde à sua promessa.
Aproximava-se então a hora das grandes guerras das forças do norte, quando os noldor, os sindar e os homens lutaram contra os exércitos de Morgoth Bauglir, e sucumbiram derrotados.

Para essa finalidade sempre se voltaram as mentiras astutas que Morgoth semeara no passado, e que voltava a semear entre seus inimigos, aliadas à maldição decorrente do fratricídio em Alqualondë e do Juramento de Fëanor. Somente uma parcela se conta aqui dos feitos daquela época; e a maior parte fala dos noldor, das Silmarils e dos mortais cujos destinos se enredaram com os deles. Naquela época, os elfos e os homens eram semelhantes em estatura e força física, mas os elfos tinham mais sabedoria, habilidade e beleza; e aqueles que haviam morado em Valinor e contemplado os Poderes superavam os elfos-escuros nesses aspectos tanto quanto estes últimos suplantavam os mortais. Somente no Reino de Doriath, cuja rainha Melian era da linhagem dos Valar, os sindar quase se equiparavam aos calaquendi do Reino Abençoado.

Imortais eram os elfos, e sua sabedoria crescia de uma Era para outra, sem que nenhuma enfermidade ou pestilência lhes trouxesse a morte. Seus corpos eram na verdade da matéria da Terra e podiam ser destruídos; e naquela época eram mais parecidos com os corpos dos homens, pois não haviam sido habitados tanto tempo pelo fogo de seu espírito, que os consome por dentro com o passar das eras. Já os homens eram mais frágeis, mais fáceis de serem mortos por arma ou acidente, e mais difíceis de curar; eram sujeitos a doenças e muitas enfermidades, e envelheciam e morriam. O que pode acontecer com seus espíritos após a morte, os elfos não sabem. Alguns dizem que eles vão para os palácios de Mandos; mas seu local de espera por lá não é o mesmo dos elfos. E abaixo de Ilúvatar, à exceção de Manwë, somente Mandos sabe para onde vão depois do período de recordação, nos palácios silenciosos, às margens do Mar de Fora. Ninguém jamais voltou das mansões dos mortos, a não ser Beren, filho de Barahir, cuja mão tocou uma Silmaril; mas depois disso ele nunca mais falou com homens mortais. Talvez o destino dos homens após a morte não esteja nas mãos dos Valar, nem esteja tudo previsto na Música dos Ainur.

Depois, quando, em decorrência do triunfo de Morgoth e satisfazendo seu maior desejo, elfos e homens vieram a se desentender, aqueles indivíduos da raça élfica que ainda viviam na Terramédia definharam e empalideceram, enquanto os homens usurparam a luz do Sol. Os quendi passaram então a perambular pelos locais solitários das grandes terras e ilhas, preferindo o luar e a luz das estrelas, os bosques e as cavernas, tomando-se como sombras e lembranças, à exceção daqueles que de quando em quando navegavam para o oeste e desapareciam da Terramédia.

No entanto, na alvorada do tempo, elfos e homens eram aliados e se consideravam semelhantes. Houve alguns dentre os homens que aprenderam a sabedoria dos eldar e se tornaram grandes e destemidos entre os capitães dos noldor. E, na glória e na beleza dos

elfos, e também em seu destino, plena participação tiveram os filhos de elfos e de mortais, Eárendil e Elwing, bem como Elrond, seu filho.

CAPÍTULO XIII
Da volta dos noldor

Diz-se que, dos Exilados, Fëanor e seus filhos foram os primeiros a chegar a Terra-média e aportaram nos ermos de lammoth, o Grande Eco, junto às margens distantes do Estuáno de Drengist. E no mesmo instante em que os noldor pisaram na praia, seus gritos foram acolhidos pelas colinas e multiplicados, de modo que um clamor como o de inúmeras vozes poderosas encheu todo o litoral do norte; e o ruído do incêndio dos barcos em Losgar seguiu com os ventos do mar, como uma comoção de enorme fúria E, ao longe, todos os que ouviram aquele som se admiraram.

Ora, as labaredas daquele incêndio foram vistas não só por Fingolfin, que Fëanor abandonara em Araman, mas também pelos orcs e pelos vigias de Morgoth. Não houve relato do que Morgoth pensou em seu íntimo diante da notícia de que Fëanor, seu pior inimigo, trouxera um exército do Oeste. Pode ser que o temesse pouco, pois ainda não provara as espadas dos noldor; e logo se viu que pretendia expulsá-los de volta para o mar.

Sob as frias estrelas, antes do nascer da Lua, a hoste de Fëanor subiu pelo longo Estuário de Drengist, que adentrava pelas Colinas Ressoantes das Ered Lómin, e assim passou do litoral para a vastidão de Hithlum. Chegaram afinal ao lago comprido de Mithrim e, junto à sua margem norte, armaram acampamento na região de mesmo nome. Mas as hostes de Morgoth, instigadas pelo tumulto de Lammoth e pela luz do incêndio em Losgar, atravessaram as passagens das Ered Wethrin, as Montanhas de Sombra, e atacaram Fëanor de súbito, antes que o acampamento estivesse pronto ou preparado para a defesa. E ali nos campos cinzentos de Mithrim travou-se a segunda batalha nas Guerras de Beleriand. Dagor-nuin-Giliath, ela é chamada, a Batalha-sob-as-estrelas, pois a Lua ainda não havia nascido; e é celebrada em versos. Os noldor, embora em número inferior e apanhados de surpresa, conquistaram uma rápida vitória, pois a luz de Aman ainda não se apagara em seus olhos, eles eram fortes e ágeis, além de mortais em sua raiva; e suas espadas eram longas e terríveis. Os orcs fugiram deles e foram expulsos de Mithrim com grandes perdas, sendo escorraçados para o outro lado das Montanhas de Sombra para a vasta planície de Ard-galen, que ficava ao norte de Dorthonion.

Ali, os exércitos de Morgoth, que foram na direção sul para o Vale do Sirion e sitiaram Círdan nos Portos das Falas, vieram em seu auxílio e foram derrotados com eles. Pois Celegorm, filho de Fëanor, deles tendo tomado conhecimento, armou-lhes uma emboscada com uma parte do exército élfico e, abatendo-se sobre eles a partir das colinas próximas a Eithel Sirion, expulsouos para o Pântano de Serech. Péssimas sem dúvida foram às notícias que afinal chegaram a Angband, e Morgoth ficou desnorteado. Dez dias durara a batalha; e, de todos os exércitos que ele havia preparado para a conquista de Beleriand, dela retomou não mais do que um punhado de soldados.

Entretanto, motivos tinha ele para enorme regozijo, embora lhe ficassem ocultos por algum tempo. Pois Fëanor, em sua fúria contra o Inimigo, não quis parar, mas continuou a perseguir os orcs restantes, com a intenção de, assim, chegar ao próprio

Morgoth. E dava sonoras risadas enquanto brandia a espada, feliz por ter desafiado a ira dos Valar e os perigos da viagem e ver chegar a hora de sua vingança. Nada sabia ele de Angband, nem da imensa força de defesa que Morgoth preparara com tanta rapidez. Porém, mesmo que tivesse sabido, isso não o teria dissuadido, pois Fëanor estava enlouquecido, consumido pela chama de sua própria ira. Assim, seguia ele muito adiante da vanguarda de seu exército. E, percebendo isso, os servos de Morgoth resolveram acuá-la, e de Angband saíram balrogs para ajudá-los. Ali, nos confins de Dor Daedeloth, a terra de Morgoth, Fëanor foi cercado, com poucos amigos a seu lado. Lutou por muito tempo, sem desanimar, embora estivesse envolto em chamas e com muitos ferimentos. Finalmente, porém, foi derrubado por Gothmog, Senhor dos balrogs, que Ecthelion mais tarde matou em Gondolin. Ali, Fëanor teria perecido, se seus filhos naquele momento não tivessem chegado em seu auxílio; e os balrogs o abandonaram, partindo para Angband.

Seus filhos então levantaram o pai e o carregaram de volta, na direção de Mithrim. Mas quando se aproximavam de Eithel Sirion e já estavam na trilha de subida para passar para o outro lado das montanhas, Fëanor pediu-lhes que parassem. Pois seus ferimentos eram mortais, e ele sabia que sua hora havia chegado. E, das encostas das Ered Wethrin, com sua última visão, ele contemplou ao longe os cumes das Thangorodrim, as mais imponentes torres da Terra-média, e soube, com a antevisão da morte, que nenhum poder dos noldor jamais as derrubaria; mas amaldiçoou o nome de Morgoth três vezes e incumbiu os filhos de cumprir seu Juramento e vingar seu pai. Morreu então, mas não teve enterro nem túmulo, pois seu espírito era tão ardente que, no momento em que escapou, o corpo caiu transformado em cinzas e se dissipou como fumaça. E seu semblante nunca mais apareceu em Arda; nem seu espírito deixou os palácios de Mandos. Assim terminou o mais poderoso dos noldor, cujos feitos originaram sua maior fama e suas piores desgraças.

Ora, Mithrim era habitada pelos elfos-cinzentos, povo de Beleriand que viera do outro lado das montanhas para o norte, e os noldor se alegraram ao encontrá-los, como parentes havia muito afastados. De início, porém, a conversa não foi fácil entre eles, pois, durante a longa separação, os idiomas dos calaquendi em Valinor e dos moriquendi em Beleriand se tornaram muito diferentes. Com os elfos de Mithrim, os noldor souberam do poder de Elu Thingol, Rei em Doriath, e do cinturão encantando que protegia seu reino. Também notícias desses grandes feitos ao norte vieram na direção sul, chegando a Menegroth e aos portos de Brithombar e Eglarest. Então, todos os elfos de Beleriand se encheram de admiração e de esperança com a chegada de seus parentes poderosos, que assim retornavam inesperadamente do oeste no exato momento de sua necessidade, e acreditaram a princípio que eles vinham como emissários dos Valar para salvá-los.

Porém, bem na hora em que Fëanor morria, chegou a seus filhos uma embaixada de Morgoth, reconhecendo a derrota e oferecendo termos de rendição, até mesmo a entrega de uma Silmaril.

Então Maedhros, o Alto, o primogênito, convenceu seus irmãos a simular um tratado com Morgoth e ir encontrar seus emissários no lugar marcado; mas os noldor tinham tão pouca fé quanto ele. Portanto, cada delegação compareceu com mais força do que o combinado; mas Morgoth mandou mais, e vieram também balrogs. Maedhros sofreu uma emboscada, e todos os seus acompanhantes foram mortos. Ele, no entanto, foi levado vivo, por ordem de Morgoth, até Angband.

Os irmãos de Maedhros então recuaram e fortificaram um grande acampamento em Hithlum; mas Morgoth mantinha Maedhros como refém, e mandou avisar que não o soltaria a menos que os noldor desistissem da guerra, voltando para o oeste ou então partindo para longe de Beleriand, para o sul do mundo. Os filhos de Fëanor sabiam,

porém, que, não importava como agissem, Morgoth os trairia e não soltaria Maedhros. E também eram obrigados a cumprir o Juramento, não podendo por motivo algum renunciar à guerra com o Inimigo. Assim, Morgoth pegou Maedhros e o pendurou no alto de um precipício nas Thangorodrim, e ele estava preso à rocha pelo pulso da mão direita, envolto numa faixa de aço.

Agora chegavam ao acampamento em Hithlum rumores da marcha de Fingolfin e dos que o seguiram, que haviam atravessado o Gelo Atritante; e todos se admiraram com a chegada da Lua. Só que, quando a hoste de Fingolfin entrou em Mithrim, o Sol nasceu flamejante no oeste.

E Fingolfin desfraldou suas bandeiras azuis e prata, tocou seus clarins, e flores cresciam sob seus pés que marchavam. Assim, terminaram as eras das estrelas. Com o raiar da grande luz, os servos de Morgoth fugiram para dentro de Angband; e Fingolfin conseguiu passar sem combate pela segurança de Dor Daedeloth, enquanto seus inimigos se escondiam debaixo da terra.

Bateram, então, os elfos nos portões de Angband, e o desafio de suas trombetas fez tremerem as torres das Thangorodrim. E Maedhros os ouviu em meio a seu tormento, mas sua voz se perdeu nos ecos da pedra.

Mas Fingolfin, por ter um temperamento diferente do de Fëanor, e ter muita cautela com os ardis de Morgoth, recuou de Dor Daedeloth e voltou na direção de Mithrim, pois ouvira notícias de que ali encontraria os filhos de Fëanor, e por desejar, também, ter o escudo das Montanhas Sombrias para que seu povo pudesse descansar e se fortalecer. Pois vira a força de Angband e não achava que ela fosse cair apenas com toques de clarim. Portanto, chegando afinal a Hithlum, armou seu primeiro acampamento e morada junto às margens norte do lago de Mithrim. No coração dos que acompanhavam Fingolfin não havia muito amor pela Casa de Fëanor, já que a agonia dos que haviam resistido à travessia no Gelo havia sido tremenda, e Fingolfin considerava os filhos cúmplices do pai. Havia então perigo de luta entre os dois exércitos, mas, por graves que tivessem sido suas baixas no percurso, as hostes de Fingolfin e de Finrod, filho de Finarfin, ainda eram mais numerosas do que os seguidores de Fëanor; e estes agora recuaram diante dos outros e se mudaram, indo habitar a margem sul, com o lago entre eles. Muitos do povo de Fëanor, de fato arrependidos do incêndio em Losgar, se admiraram com a bravura que havia trazido os amigos, abandonados do outro lado do Gelo do Norte; e lhes teriam dado as boas-vindas, mas, por vergonha, não ousaram.

Assim, em virtude da maldição que se abatia sobre eles, os noldor não realizavam nada, enquanto Morgoth hesitava, e o pavor da luz ainda era recente e forte entre os orcs. Morgoth, contudo, despertou dos pensamentos e, percebendo a cisão entre seus inimigos, riu. Nos subterrâneos de Angband, fez com que fossem criados imensos vapores e fumaças, e eles emanavam dos cumes pestilentos das Montanhas de Ferro. E ao longe, em Mithrim, podiam ser vistos, poluindo os ares luminosos nas primeiras manhãs do mundo. Um vento veio do leste e os carregou para cima de Hithlum, escurecendo o novo Sol; e eles desceram e serpentearam pelos campos e grotões, pairando sobre as águas do Mithrim, lúgubres e venenosos.

Então Fingon, o valente, filho de Fingolfin, decidiu salvar o feudo que dividia os noldor, antes que seu Inimigo estivesse pronto para o combate. Pois a Terra tremia ao norte com o estrondo das forjas subterrâneas de Morgoth. Havia muito tempo, na bem-aventurança de Valinor, antes que Melkor fosse libertado, ou que mentiras os separassem, Fingon havia sido muito amigo de Maedhros; e, embora ainda não soubesse que Maedhros não se esquecera dele quando do incêndio dos barcos, a idéia da antiga amizade lhe doía no coração. Por isso, ousou um feito que tem justificado renome entre os maiores

príncipes dos noldor. Sozinho e sem se aconselhar com ninguém, partiu em busca de Maedhros. Auxiliado pela própria escuridão criada por Morgoth, chegou sem ser visto ao reduto dos inimigos. Subiu bem alto pelos contrafortes das Thangorodrim e contemplou em desespero a desolação daquela terra; mas nenhuma passagem ou fenda conseguiu encontrar através da qual pudesse penetrar na fortaleza de Morgoth. Então, em desafio aos orcs, que ainda estavam acuados nos escuros vãos subterrâneos, apanhou sua harpa e entoou uma canção de Valinor que os noldor haviam composto nos velhos tempos, antes que surgisse a discórdia entre os filhos de Finwë. E sua voz ecoou nos grotões melancólicos que antes nunca tinham ouvido nada a não ser gritos de medo e aflição.

Assim descobriu Fingon o que procurava. Pois, de repente, acima dele, ao longe e com voz muito fraca, sua canção foi retomada, e uma voz chamou por ele em resposta. Era Maedhros que cantava em meio a seu tormento. Mas Fingon subiu até a base do precipício onde estava pendurado seu parente e dali não pôde avançar. E chorou ao ver a cruel invenção de Morgoth.

Maedhros, portanto, angustiado e sem esperanças, implorou a Fingon que o matasse com uma flecha. E Fingon preparou uma flecha e retesou o arco. Sem ver nenhuma saída, gritou a Manwë.

- Ó, Rei, que amas todos os pássaros, leva agora esta flecha emplumada e volta a ter pena dos noldor nesta hora de necessidade!

Sua oração foi atendida prontamente. Pois Manwë, que ama todos os pássaros e a quem eles trazem notícias da Terra-média até Taniquetil, enviara a raça das Águias, com a ordem de que habitassem os penhascos do norte e mantivessem Morgoth sob vigilância, já que Manwë ainda se condoía dos elfos exilados. E as Águias traziam aos ouvidos pesarosos de Manwë notícia de grande parte do que se passava naqueles tempos. Ora, no exato instante em que Fingon retesou o arco, desceu das alturas Thorondor, Rei das Águias, a mais poderosa de todas as aves que já existiram, cujas asas abertas cobriam mais de sessenta metros, e, detendo a mão de Fingon, ergueu-o e o levou até a face do rochedo em que Maedhros estava pendurado. Fingon, porém, não conseguiu soltar o elo infernal que lhe prendia o pulso, nem cortá-la, nem arrancá-la da pedra. Mais uma vez, em sua dor, Maedhros implorou que o matasse; mas Fingon lhe decepou a mão acima do pulso, e Thorondor os trouxe de volta a Mithrim.

Ali Maedhros com o tempo sarou, pois a chama da vida era forte dentro dele; e sua resistência era do mundo antigo, tal como só possuíam aqueles que haviam sido criados em Valinor. Seu corpo recuperou-se do tormento e voltou à saúde, mas a sombra de sua dor não lhe saía do coração, e ele viveu para usar a espada com a mão esquerda com perigo mais mortal do que antes com a direita. Por esse feito, Fingon conquistou grande fama, e todos os noldor o elogiaram. Com isso, mitigou-se o ódio entre as Casas de Fingolfin e de Fëanor. Pois Maedhros implorou perdão pelo abandono em Araman; e renunciou ao direito de reinar sobre todos os noldor.

- Se não restasse rancor entre nós, senhor – disse ele a Fingolfin – ainda assim a coroa deveria ser sua de direito, o mais velho da Casa de Finwë e o não menos sábio. - Com isso, pórém, nem todos os seus irmãos concordaram de coração. Logo, e como Mandos previra, a Casa de Fëanor passou a ser chamada de os Espoliados, por ter sido passado para a Casa de Fingolfin o direito, que era seu por primogenitura, tanto em Elendë quanto em Beleriand, bem como pela perda das Silmarils. Os noldor, entretanto, estando novamente unidos, montaram guarda junto às fronteiras de Dor Daedeloth, e Angband ficou sitiada pelo oeste, pelo sul e pelo leste. E enviaram mensageiros para todos os lados a fim de conhecer as regiões de Beleriand e lidar com as pessoas que ali habitassem.

Ora, o Rei Thingol não acolheu de coração aberto a chegada de tantos príncipes cheios de poder, vindas do oeste, ansiosos por novos territórios; e não se dispôs a abrir seu reino, nem a remover seu cinturão encantado, pois, prudente com a sabedoria de Melian, não confiava que a repressão a Morgoth perdurasse. De todos os príncipes dos noldor, somente os da Casa de Finarfin tinham permissão de entrar nos limites de Doriath, já que podiam alegar um grau próximo de parentesco com o próprio Rei Thingol, pois sua mãe era Eárwen de Alqualondë, filha de Olwë.

Angrod, filho de Finarfin, foi o primeiro dos Exilados a vir a Menegroth, como mensageiro de seu irmão Finrod, e muito tempo conversou ele com o Rei, relatando os feitos dos noldor no norte, falando de seus números e da organização de suas forças; mas, sendo sincero, ponderado e considerando todos os males então perdoados, não disse palavra sobre o fratricídio, nem sobre a forma do exílio dos noldor ou sobre o Juramento de Fëanor. O Rei Thingol prestou atenção às suas palavras e lhe disse antes de Angrod partir: - O seguinte você dirá àqueles que o enviaram. Em Hithlum, os noldor têm permissão para ficar, bem como nos planaltos de Dorthonion e nas terras a leste de Doriath que estejam vazias e ermas. Em qualquer outra parte, porém, há muitos do meu povo, e não quero vê-los constrangidos em sua liberdade, muito menos expulsos de seus lares. Atentem bem, vocês, príncipes do oeste, para o modo como vão se comportar; pois eu sou o Senhor de Beleriand, e todos os que procuram aqui habitar deverão me dar ouvidos. Em Doriath, ninguém poderá permanecer, a não ser aqueles a quem eu convidar como hóspedes ou que me procurarem em grande necessidade.

Ora, os senhores dos noldor estavam reunidos em assembléia em Mithrim, e para lá se dirigiu Angrod, ao sair de Doriath, trazendo a mensagem do Rei Thingol. Fria pareceu a acolhida aos noldor, e os filhos de Fëanor se irritaram com as palavras,mas Maedhros riu.

- Rei é aquele que consegue manter seus domínios, ou seu título será em vão Thingol não nos dá nada além de terras sobre as quais não exerce poder. Na realidade, neste momento somente Doriath seria seu reino, não fosse pela chegada dos noldor. Portanto, que reine ele em Doriath e se alegre por ter como vizinhos os filhos de Finwë, não os orcs de Morgoth que encontramos.

Em outras partes, tudo correrá como nos parecer conveniente.

No entanto, Caranthir, que não gostava dos filhos de Finarfin, e era dos irmãos o mais agressivo e de temperamento mais irritável, protestou em voz alta.

- E mais! Que os filhos de Finarfin não fiquem correndo de um lado para o outro contando suas histórias para esse elfo-escuro lá nas grutas dele! Quem os nomeou nosso porta-voz para lidar com ele. E, embora tenham vindo de fato para Beleriand, que não se esqueçam assim tão depressa de que seu pai é um senhor dos noldor, embora sua mãe seja de outra linhagem.

Com isso, irou-se Angrod e abandonou a assembléia. Maedhros chegou a censurar Caranthir; mas a maioria dos noldor, dos dois séqüitos, ao ouvir suas palavras, sentiu o coração perturbado, temendo o espírito cruel dos filhos de Fëanor que parecia sempre explodir em violência ou em palavras impensadas. Maedhros, entretanto, conteve seus irmãos, e eles deixaram a assembléia. Pouco depois, partiram de Mithrim na direção leste e atravessaram o Aros para chegar ao vasto território em torno da Colina de Himring. Aquela região daí em diante foi chamada de Fronteira de Maedhros; pois na direção norte havia pouca defesa de colina ou rio contra alguma investida de Angband. Ali Maedhros e seus irmãos montavam guarda, reunindo as pessoas que quisessem a eles vir; e tinham pouco contato com seus parentes a oeste, a não ser em caso de necessidade. Diz-se na verdade que o próprio Maedhros maquinou esse plano para reduzir as chances de

rivalidade e por ter o grande desejo de que o principal perigo do ataque se abatesse sobre ele. Maedhros, por seu lado, manteve a amizade com a Casa de Fingolfin e a de Finarfin. E às vezes vinha até elas para conversas de interesse mútuo. Contudo, Maehdros também estava preso ao Juramento, embora este estivesse no momento como que esquecido.

Ora, o povo de Caranthir morava mais a leste para além do curso superior do Gelion, em torno do Lago Helevorn, aos pés do Monte Rerir e mais ao sul. E eles escalavam os picos das Ered Luin e olhavam para o leste com espanto pois as regiões da Terra-média lhes pareciam selvagens e imensas. E foi assim que o povo de Caranthir deparou com os anões, que, depois do violento ataque de Morgoth e da chegada dos noldor, haviam parado de comerciar em Beleriand. Entretanto, embora os dois povos gostavam de trabalhos habilidosos e sentissem muita vontade de aprender, não havia grande amor entre eles. Pois os anões eram reservados e suscetíveis, e Caranthir era arrogante e mal disfarçava seu desdém pela falta de beleza dos naugrim, exemplo seguido por seu povo. Não obstante, como temiam e odiavam Morgoth, os dois povos fizeram uma aliança e dela tiraram grande proveito. Pois os naugrim aprenderam muitos segredos técnicos naquela época, de modo que os ferreiros e pedreiros de Nogrod e de Belegost ganharam renome entre sua gente; e. Quando os anões retomaram suas viagens por Beleriand, todo o comércio de suas minas passava primeiro pelas mãos dè Caranthir, o que lhe trouxe grande riqueza

Passados vinte anos do Sol, Fingolfin, Rei dos noldor, deu uma grande festa. Ela se realizou na primavera, perto das lagoas de Ivrin. Onde nascia o veloz Rio Narog, pois ali as terras eram verdejantes e belas aos pés das Montanhas Sombrias, que as protegiam do norte A alegria daquela festa foi relembrada por muito tempo nos dias de tristeza que estavam por vir. E ela se chamou Mereth Aderthad, a Festa da Reunião. Para ali vieram muitos dos líderes e do povo de Fingolfin e Finrod, e dos filhos de Fëanor, Maedhros e Maglor, com guerreiros da Fronteira oriental, e também compareceram, em grande número, elfos-cinzentos, nômades dos bosques de Beleriand, assim como o povo dos Portos, com Círdan, seu senhor. Vieram até mesmo elfos-verdes de Ossiriand a Terra dos Sete Rios, muito distante, à sombra das muralhas das Montanhas Azuis De Doriath, porém, vieram apenas dois mensageiros, Mablung e Daeron, trazendo cumprimentos do Rei.

Em Mereth Aderthad, foram dados espontaneamente muitos conselhos, e feitos juramentos de lealdade e amizade. Diz-se que nessa festa a língua dos elfos-cinzentos foi a mais falada, mesmo pelos noldor, pois eles aprenderam rapidamente o idioma de Beleriand, ao passo que os sindar eram lentos para dominar a língua de Valinor. Os corações dos noldor estavam enlevados e cheios de esperança; e, para muitos deles, parecia que as palavras de Fëanor haviam sido justificadas, ao lhes recomendar que procurassem a liberdade e belos territórios na Terra-média. E, de fato, seguiram-se longos anos de paz, enquanto suas espadas protegiam Beleriand da destruição de Morgoth, e o poder dele permanecia trancado por trás de seus portões. Naquela época, havia alegria sob o novo Sol e a nova Lua, e toda a terra estava contente. Ainda assim, a Sombra pairava no norte.

E quando outros trinta anos se passaram, Turgon, filho de Fingolfin, deixou Nevrast, onde morava, e foi procurar Finrod, seu amigo, na ilha de Tol Sirion; e os dois saíram em viagem ao longo do rio na direção sul, por estarem um pouco entediados das montanhas do norte. E enquanto prosseguiam, à noite os alcançou adiante dos Alagados do Crepúsculo, ao lado das águas do Sirion, e eles adormeceram as suas margens, sob as estrelas de verão. Ulmo, porém, subindo o rio, lançou sobre eles um sono profundo e sonhos pesados. E a perturbação dos sonhos não os abandonou depois que acordaram,

mas nenhum disse nada ao outro, pois sua lembrança não era nítida, e cada um acreditava que só ele havia recebido uma mensagem de Ulmo. No entanto, a inquietação para sempre se abateu sobre eles, bem como dúvidas sobre o que aconteceria; e muitas vezes eles perambularam sozinhos por terras ainda não desbravadas, procurando por toda parte locais de força oculta. Pois a cada um lhe parecia que deveria se preparar para um dia nefasto e construir um abrigo, para a eventualidade de Morgoth sair de Angband em ataque e derrotar os exércitos do norte.

Houve uma ocasião em que Finrod e Galadriel, sua irmã, foram hospedados por Thingol, seu parente, em Doriath. Então, maravilhou-se Finrod com a força e a majestade de Menegroth, seus tesouros e arsenais, seus salões de pedra de muitas colunas. E brotou em seu íntimo o desejo de construir amplos salões atrás de portões eternamente vigiados em algum lugar profundo e secreto sob as colinas. Assim, ele abriu o coração com Thingol, relatando seus sonhos. E Thingol lhe falou do profundo desfiladeiro do Rio Narog e das cavernas aos pés dos Altos Faroth, em sua escarpada margem ocidental. E, quando Finrod partiu, Thingol lhe forneceu guias para levá-lo àquele lugar do qual poucos tinham conhecimento. Assim, Finrod chegou às Cavernas de Narog e ali começou a construir profundos salões e arsenais, no estilo das mansões de Menegroth. E essa fortaleza se chamou Nargothrond. Nesse trabalho, Finrod foi auxiliado pelos anões das Montanhas Azuis, que foram bem recompensados, pois Finrod trouxera mais tesouros de Tirion do que qualquer outro príncipe dos noldor. E naquela época foi feito para ele o Nauglamír, o Colar dos Anões, a mais célebre de suas obras nos Dias Antigos. Era uma gargantilha de ouro engastada com inúmeras pedras preciosas de Valinor.

Mas essa jóia tinha em si o poder de pousar levemente em quem a usasse, como se fosse um fio de linho, e qualquer que fosse o pescoço que cingisse, sempre assentava com graça e beleza.

Ali, em Nargothrond, Finrod estabeleceu seu lar com muitos de sua gente. E, na língua dos anões, foi chamado de Felagund, o Escavador de Grutas; e esse nome ele adotou até a morte.

Contudo, Finrod Felagund não foi o primeiro a habitar as grutas às margens do Rio Narog Galadriel, sua irmã, não foi com ele para Nargothrond, pois em Doriath morava Celeborn, parente de Thingol, e havia grande amor entre os dois. Por isso, ela permaneceu no Reino Oculto, residindo com Melian; e com ela adquiriu enorme conhecimento e sabedoria a respeito da Terra-média.

Já Turgon tinha lembranças da cidade instalada no alto de uma colina, Tirion, a bela, com sua torre e sua árvore; e não encontrava o que buscava. Mas voltou para Nevrast e se acomodou em Vinyamar, à beira-mar. E, no ano seguinte, o próprio Ulmo lhe apareceu e recomendou que voltasse a entrar sozinho no Vale do Sirion. Turgon partiu e, sob a orientação de Ulmo, descobriu o vale oculto de Tumladen, nas Montanhas Circundantes, no centro do qual havia uma colina de pedra. Dessa descoberta, ele não falou a ninguém por um tempo, mas retomou ainda uma vez a Nevrast, e ali começou em segredo a elaborar o projeto de uma cidade no estilo de Tirion sobre Túna, pela qual seu coração ansiava no exílio.

Ora, Morgoth, fiando-se nos relatos de seus espiões de que os senhores dos noldor andavam passeando sem se preocupar com a guerra, pôs à prova a força e o estado de alerta de seus inimigos. Mais uma vez, de modo muito inesperado, seu poder se ergueu, e de repente houve terremotos no norte, o fogo saía de fendas na terra, e as Montanhas de Ferro vomitavam labaredas, enquanto orcs avançavam cano uma avalanche pela planície de Ard-galen. Dali, precipitaram-se pelo Passo do Sirion no oeste; e no leste invadiram a terra de Maglor, na abertura entre as colinas de Maedhros e os contrafortes das

Montanhas Azuis. Fingolfin e Maedhros não estavam de olhos fechados, porém; e, enquanto outros perseguiam os bandos esparsos de orcs que se espalhavam por Beleriand, perpetrando grandes males, eles se abateram sobre o corpo principal do exército de ambos os flancos quando este atacava Dorthonion.

Derrotaram os servos de Morgoth e, perseguindo-os por Ard-galen, os destruíram totalmente, até o último, à vista dos portões de Angband. Essa foi a terceira grande batalha das Guerras de Beleriand, e se chamou Dagor Aglareb, a Batalha Gloriosa.

Foi uma vitória e, ainda assim, uma advertência. E os príncipes lhe deram atenção, reforçando ainda mais sua aliança, fortalecendo e organizando sua vigilância, para iniciar o Cerco a Angband, que durou quase quatrocentos anos do Sol. Por um longo período após Dagor Aglareb, nenhum servo de Morgoth se dispôs a sair de seus portões, por temor aos senhores dos noldar. E Fingolfin se vangloriava de que, a menos que houvesse traição entre eles mesmos, Morgoth jamais conseguiria romper o esconderijo dos eldar, nem surpreendê-los desprevenidos. Contudo, os noldor não conseguiam nem conquistar Angband, nem recuperar as Silmarils; e a guerra nunca cessou totalmente em todo aquele período do Cerco, pois Morgoth inventava novas maldades e, de quando em quando, testava seus inimigos. Tampouco foi possível o cerco total à fortaleza de Morgoth, pois as Montanhas de Ferro, de cuja enorme muralha em curva se projetavam às torres das Thangorodrim, a defendiam dos dois lados e eram intransponíveis aos noldor, em virtude da neve e do gelo. Assim, em sua retaguarda e na direção norte, Morgoth não tinha inimigos; e por essas vias às vezes saíam espiões, que por caminhos tortuosos entravam em Beleriand. E, no desejo supremo de semear o medo e a desunião entre os eldar, Morgoth ordenou aos orcs que capturassem vivo qualquer um que pudessem e o trouxessem amarrado até Angband. E alguns ele amedrontou tanto com o terror de seus olhos, que eles não precisavam mais de correntes, mas viviam apavorados, fazendo sua vontade onde quer que estivessem. Assim, Morgoth ficou sabendo grande parte de tudo o que havia acontecido desde a rebelião de Fëanor; e se alegrou, vendo ali a semente de muitas dissensões entre seus inimigos

Quando quase cem anos haviam decorrido desde a Dagor Aglareb, Morgoth tentou apanhar Fingolfin desprevenido (pois sabia da vigilância de Maedhros); e despachou um exército para as regiões brancas do norte. Eles se voltaram para o oeste e depois para o sul, chegando às costas do Estuário de Drengist pela rota que Fingolfin seguira a partir do Gelo Atritante.

Assim, invadiriam o reino de Hithlum pelo oeste, mas foram vislumbrados a tempo, e Fingon se abateu sobre eles entre as colinas no limite do Estuário, empurrando para o mar a maioria dos orcs. Essa não foi incluída entre as grandes batalhas, pois os orcs não estavam em grande número, e somente parte da população de Hithlum lutou ali. A partir daí, porém, houve paz por muitos anos, sem nenhum ataque direto proveniente de Angband, pois Morgoth percebia agora que os orcs desassistidos não eram inimigos à altura dos noldor; e buscou outra idéia em seu íntimo.

Passados mais de cem anos, Glaurung, o primeiro dos urulóki, os dragões de fogo do norte, saiu pelos portões de Angband à noite. Ele ainda era jovem e mal havia atingido metade de seu tamanho, pois longa e demorada é a vida dos dragões, mas os elfos fugiram diante dele para as Ered Wethrin e Dorthonion, amedrontados. E ele destruiu os campos de Ard-galen. Então, Fingon, príncipe de Hithlum, cavalgou em sua direção com arqueiros igualmente montados e o cercou com uma roda de velozes cavaleiros. E, ainda não tendo desenvolvido plenamente sua couraça, Glaurung não conseguiu suportar seus dardos e fugiu de volta para Angband, sem voltar a sair por muitos anos. Fingon foi alvo de grandes louvores, e os noldor se alegraram; pois poucos previam o pleno significado e

a ameaça desse novo ser. Morgoth porém estava insatisfeito por Glaurung se ter mostrado tão prematuramente. Depois dessa derrota, houve a Longa Paz de quase duzentos anos. Em todo esse tempo, não houve senão contendas nas fronteiras, e toda a Beleriand prosperava e enriquecia. Com a proteção da guarda de seus exércitos no norte, os noldor construíram suas moradas e suas torres, e criaram muitas coisas lindas nessa época, além de poemas, histórias e livros de tradições. Em muitas partes da região, os noldor e os sindar fundiram-se num só povo, falando o mesmo idioma; embora permanecesse entre eles a diferença de que os noldor tinham maior poder físico e mental, sendo os maiores guerreiros e sábios, sabendo construir com pedras e sendo amantes das encostas das colinas e das vastidões. Já os sindar tinham as vozes mais belas, eram mais talentosos na música, a exceção de Maglor, filho de Fëanor, e adoravam os bosques e as margens dos nos. E alguns elfos-cinzentos ainda perambulavam à vontade, sem residência fixa, e cantavam enquanto caminhavam.

CAPÍTULO XIV
De Beleriand e seus reinos

Esta é a descrição das terras para onde os noldor foram, no norte das regiões acidentais da Terra-média, nos tempos antigos; e aqui também se relata como os comandantes dos eldar mantiveram suas terras e o sítio contra Morgoth depois da Dagor Aglareb, a terceira batalha nas Guerras de Beleriand.

Na região norte do mundo, Melkor em épocas passadas havia erguido as Ered Engrin, as Montanhas de Ferro, como uma cerca para sua cidadela de Utumno; e elas ficavam junto às fronteiras do frio eterno, formando uma enorme curva de leste para oeste. Atrás das muralhas das Ered Engrin, no ocidente, onde a curva se voltava para o norte, Melkor construiu outra fortaleza, como defesa contra o ataque que poderia vir de Valinor; e, quando voltou à Terramédia, como foi dito, instalou residência nos intermináveis calabouços de Angband, os Infernos de Ferro; pois, na Guerra dos Poderes, em sua pressa de derrotá-la em seu imponente reduto de Utumno, os Valar não destruíram Angband totalmente, nem investigaram o que havia em suas profundezas. Por baixo das Ered Engrin, Melkor abriu um túnel enorme, que saía ao sul das montanhas; e ali construiu um portão fortíssimo. Acima desse portão, porém, e atrás dele até atingir as montanhas, forjou as torres trovejantes das Thangorodrim, que eram feitas de cinzas e escória de suas fornalhas subterrâneas, e também da imensa quantidade de entulho da abertura dos túneis. Essas torres eram negras, desoladas e extremamente altas. De seu cume saía fumaça, escura e repugnante para os céus do norte. Diante dos portões de Angband, a imundície e a devastação se espalhavam na direção sul por muitos quilômetros pela planície de Ard-galen. No entanto, após a chegada do Sol, brotou ali um capim verdejante e, enquanto Angband estava sitiada com seus portões fechados, havia plantas verdes até mesmo entre os fossos e as rochas quebradas diante das portas do inferno.

A oeste das Thangorodrim ficava Hísilómë, a Terra da Névoa, pois assim foi chamada pelos noldor em sua própria língua em virtude das nuvens que Morgoth para lá enviou durante seu primeiro acampamento. Tornou-se Hithlum no idioma dos sindar que habitavam aquelas regiões. Foi uma bela terra enquanto durou o Cerco a Angband,

embora seu ar fosse frio, e o inverno, gelado. No lado ocidental. Seus limites eram as Ered Lómin, as Montanhas Ressoantes, que acompanhavam de perto a linha do litoral; e, no lado oriental e sul, sua fronteira era a grande curva das Ered Wethrin, as Montanhas Sombrias, que davam para Ardgalen e o Vale do Sirion.

Fingolfin e Fingon, seu filho, detiveram a posse de Hithlum, e a maior parte do povo de Fingolfin veio habitar Mithrim, perto das margens do grande lago. A Fingon foi destinada Dorlómin, que ficava a oeste das Montanhas de Mithrim. Contudo, sua principal fortaleza era em Eithel Sirion, a leste das Ered Wethrin, de onde podia vigiar Ard-galen. E sua cavalaria percorria aquela planície até chegar à sombra das Thangorodrim; pois, de uns poucos, seus cavalos se haviam multiplicado rapidamente, e a pastagem de Ard-galen era verde e abundante.

Desses cavalos, muitos dos reprodutores vinham de Valinor, e foram doados a Fingolfin por Maedhros em compensação por suas perdas, por terem sido trazidos nos barcos até Losgar.

A oeste de Dor-lómin, do outro lado das Montanhas Ressoantes, que se embrenhavam na terra ao sul do Estuário de Drengist, ficava Nevrast, que significa a Costa de Cá no idioma sindarin.

Esse nome se aplicava de início a todas as regiões costeiras ao sul do Estuário, mas, depois, indicava somente o território cujo litoral se situava entre Drengist e o Monte Taras. Ali, por muito tempo foi o reino de Turgon, o Sábio, filho de Fingolfin, limitado pelo mar, pelas Ered Lómin e pelas colinas que davam continuidade às muralhas das Ered Wethrin na direção do oeste, de Ivrin ao Monte Taras, que ficava num promontório. Alguns achavam que Nevrast pertencia mais a Beleriand do que a Hithlum, pois era uma terra mais amena, irrigada pelos ventos úmidos do mar e abrigada dos frios ventos do norte que sopravam sobre Hithlum. Era uma terra protegida, cercada por montanhas e grandes penhascos litorâneos mais altos do que as planícies no interior; e dali não corria nenhum rio No centro de Nevrast havia uma grande lagoa, sem margens definidas, por ser cercada de vastos pântanos. Linaewen era o nome dessa lagoa, em virtude da multidão de aves que ali habitava, daquelas espécies que adoram juncos altos e águas rasas. Quando da chegada dos noldor, muitos dos elfos-cinzentos viviam em Nevrast, perto do litoral, e em especial ao redor do Monte Taras no sudoeste, pois àquele local Ulmo e Ossë costumavam vir outrora. Toda essa gente aceitou Turgon como seu senhor, e a fusão dos noldor e dos sindar se realizou mais cedo ali; e Turgon morou muito tempo naquele palácio que ele chamou de Vinyamar, aos pés do Monte Taras, junto ao mar.

Ao sul de Ard-galen, o vasto planalto chamado Dorthonion cobria trezentos quilômetros de leste a oeste. Nele havia imensos pinheirais, especialmente ao norte e a oeste. Por meio de suaves encostas a partir da planície, ele se erguia até um platô árido e elevado, onde existiam muitos lagos circulares aos pés de picos nus, cujos cumes eram mais altos do que os das Ered Wethrin; mas, na direção sul na qual era voltado para Doriath, ele caía, abrupto, em precipícios apavorantes. Das encostas setentrionais de Dorthonion, Angrod e Aegnor, filhos de Finarfm, contemplavam os campos de Ard-galen, e eram vassalos de seu irmão Finrod, senhor de Nargothrond. Sua população era pequena, pois a terra era árida, e as grandes alturas por trás deles eram consideradas um baluarte que Morgoth não procuraria atravessar sem um bom motivo.

Entre Dorthonion e as Montanhas Sombrias, havia um vale estreito, cujas paredes íngremes eram cobertas de pinheiros. Mas o vale em si era verde, pois o Rio Sirion passava por ele, fluindo para Beleriand. Finrod guardava o Passo do Sirion e, sobre a ilha de Tol Sirion, no meio do rio, construiu um imponente posto de observação, Minas Tirith. Contudo, depois que Nargothrond estava pronta, transferiu a responsabilidade por Minas

Tirith principalmente a seu irmão, Orodreth.

Ora, o belo e vasto país de Beleriand cobria as duas margens do grande Rio Sirion, renomado em versos, que nascia em Eithel Sirion e margeava Ard-galen, antes de mergulhar na passagem, avolumando-se cada vez mais com os córregos das montanhas. Dali ele seguia para o sul por cerca de seiscentos e cinqüenta quilômetros, recebendo as águas de muitos afluentes, até que, com um tremendo caudal, atingia suas várias fozes e seu delta arenoso, na Baía de Balar. E, acompanhando o Sirion de norte a sul, à sua margem direita em Beleriand Ocidental, havia a Floresta de Brethil, entre o Sirion e o Teiglin, e depois o reino de Nargothrond, entre o Teiglin e o Narog. E o Rio Narog nascia nas quedas de Ivrin, na face meridional de Dor-lómin, percorrendo cerca de quatrocentos quilômetros antes de se juntar ao Sirion em Nan-tathren, a Terra dos Salgueiros. Ao sul de Nantathren havia uma região de pradarias repletas de flores, habitada por pouca gente. E mais adiante ficavam os pântanos e as ilhas de junco das Fozes do Sirion, bem como as areias de seu delta, desertas de seres vivos a não ser pelas aves marinhas.

No entanto, o reino de Nargothrond também se estendia a oeste do Narog até o Rio Nenning, que alcançava o mar em Eglarest; e Finrod passou a ser o senhor supremo de todos os elfos de Beleriand entre o Sirion e o mar, à exceção apenas da região das Falas. Ali moravam aqueles sindar que ainda adoravam barcos, e Círdan, o Armador, era seu senhor. Entre Círdan e Finrod havia, porém, amizade e aliança; e, com o auxílio dos noldor, os portos de Brithombar e Eglarest foram reconstruídos. Por trás de suas imponentes muralhas, tornaram-se belas cidades e ancoradouros, com cais e píeres de pedra. No cabo a oeste de Eglarest, Finrod ergueu a torre de Barad Nimras para vigiar o mar ocidental, embora desnecessariamente, como acabou se revelando. Pois, em absolutamente nenhum momento Morgoth tentou construir embarcações ou fazer guerra pelo mar. A água, todos os seus servos evitavam; e ao mar nenhum deles se disporia a ir, a não ser em caso de tremenda necessidade. Com o auxílio dos elfos dos Portos, algumas pessoas de Nargothrond construíram novos barcos e navegaram para examinar a grande Ilha de Balar, pensando em preparar ali um último refúgio, se o pior acontecesse. Mas não era seu destino que um dia viessem a habitá-la.

Era, portanto, o reino de Finrod de longe o maior, embora ele fosse o mais novo dos grandes senhores dos noldor, Fingolfin, Fingon, Maedhros e Finrod Felagund. Mas Fingolfin era considerado o senhor supremo de todos os noldor, ficando Fingon em segundo lugar, embora seu reino se restringisse ao território setentrional de Hithlum. Seu povo era, porém, o mais resistente e corajoso, mais temido pelos orcs e mais odiado por Morgoth.

À margem esquerda do Sirion ficava Beleriand Oriental, que na sua maior largura media quinhentos quilômetros, do Sirion até o Gelion e às fronteiras de Ossiriand. Em primeiro lugar, entre o Sirion e o Mindeb, ficava a terra deserta de Dimbar, à sombra dos picos de Crissaegrim, morada de águias. Entre o Mindeb e o curso superior do Esgalduin ficava a terra de ninguém de Nan Dungortheb; e essa região era impregnada de medo, pois, de um dos lados, o poder de Melian fechava o marco setentrional de Doriath, mas, do outro, os abruptos precipícios das Ered Gorgoroth, as Montanhas do Terror, despencavam das alturas de Dorthonion. Para ali, como foi relatado anteriormente, Ungoliant fugira dos açoites dos balrogs; e ali ela viveu por um tempo, enchendo os desfiladeiros com sua escuridão fatal; e ali ainda, quando ela se foi, sua prole abominável se escondia e tecia suas teias nefastas. E os fios da água que escorriam das Ered Gorgoroth eram contaminados e perigosos, pois o coração de quem os provasse se enchia de sombras de loucura e desespero. Todos os seres vivos evitavam essa terra; e os noldor passavam por Nan Dungortheb somente em caso de grande necessidade, por trilhas

próximas à fronteira de Doriath e à maior distância possível das colinas mal-assombradas. Esse caminho fora aberto muito antes, na época em que Morgoth ainda não voltara a Terra-média. E quem seguisse por ele iria para o leste até Esgalduin, onde, no tempo do Cerco, ainda havia a ponte de pedra de Iant Iaur. Dali, o viajante atravessaria Dor Dínen, a Terra Silenciosa, e, cruzando os Arossiach (que significa os Vaus do Aros), chegaria às fronteiras setentrionais de Beleriand, onde viviam os filhos de Fëanor.

Para o sul, ficavam os bosques protegidos de Doriath, morada de Thingol, o Rei Oculto, em cujo reino ninguém entrava a não ser que ele quisesse Sua parte menor e mais ao norte, a Floresta de Neldoreth, tinha como limite leste e sul o escuro Rio Esgalduin, que fazia uma curva para o oeste no meio do terri-tório. E entre o Aros e o Esgalduin situavam-se os bosques mais densos e maiores de Region. Na margem sul do Esgalduin, onde ele fazia a curva para o oeste na direção do Sirion, localizavam-se as Grutas de Menegroth; e Doriath inteira estava a leste do Sirion, a não ser por uma estreita região de mata entre o encontro do Teiglin com o Sirion e os Alagados do Crepúsculo. O povo de Doriath chamava esse bosque de Nivrim, o Marco Ocidental. Cresciam ali carvalhos enormes, e a região também estava incluída no Cinturão de Melian, para que alguma parte do Sirion, que ela amava em reverência a Ulmo, ficasse inteiramente sob o poder de Thingol.

Na região sudoeste de Doriath, onde o Aros desembocava no Sirion, havia grandes lagoas e pântanos dos dois lados do rio, que ali suspendia seu curso e se perdia em muitos canais. Essa região era chamada de Aelin-uial, os Alagados do Crepúsculo, pois eles estavam permanentemente envoltos em névoa, e o encantamento de Doriath pairava sobre eles. Ora, toda a região setentrional de Beleriand apresentava uma inclinação para o sul até esse ponto, e ali por certa extensão era plana, o que detinha o curso do Sirion. Entretanto, ao sul dos Aelinuial, havia uma queda acentuada e súbita. E todos os campos inferiores do Sirion eram separados dos superiores por essa queda, a qual, para quem estivesse olhando do sul para o norte parecia ser uma cadeia interminável de colinas se estendendo de Eglarest para além do Narog, no oeste, até Amon Ereb, no leste, podendo ser vista ao longe, do Gelion. O Narog atravessava essas colinas num profundo desfiladeiro e descia em corredeiras, mas não apresentava cascatas, e em sua margem ocidental a terra subia até os grandes planaltos cobertos de árvores de Taur-en-Faroth. No lado ocidental dessa ravina, onde o riacho Ringwil, curto e turbulento, se lançava direto no Narog vindo dos Altos Faroth, Finrod fundou Nargothrond.

Porém, cerca de cento e vinte e cinco quilômetros a leste da ravina de Nargothrond, o Sirion caía do norte numa catarata majestosa, a jusante dos Alagados, e então mergulhava subitamente por baixo da terra em túneis imensos, escavados pelo peso da queda das águas. E voltava a surgir a céu aberto quinze quilômetros ao sul, com grande ruído e vapor através de arcos rochosos no sopé das colinas que eram chamadas de Portões do Sirion.

Essa queda divisória era chamada de Andram, a Longa Muralha, de Nargothrond até Ramdal, o Fim da Muralha, em Beleriand Oriental. A leste, porém, ela se tornava cada vez menos íngreme, pois o vale do Gelion apresentava uma inclinação constante para o sul, e o Gelion não tinha cataratas nem corredeiras em todo o seu curso, mas sempre fora mais rápido que o Sirion.

Entre Ramdal e o Gelion, havia apenas uma colina de grande extensão e de encostas suaves, mas que parecia ser mais imponente do que era, por estar isolada. E essa colina se chamava Amon Ereb. No Amon Ereb morreu Denethor, senhor dos nandor que moravam em Ossiriand e que marcharam em auxílio a Thingol contra Morgoth, na época em que os orcs atacaram pela primeira vez em grande número e destruíram a paz cheia de

estrelas de Beleriand. Também nessa colina Maedhros morou após a grande derrota. Contudo, ao sul da Andram, entre o Sirion e o Gelion, havia uma terra bravia de florestas emaranhadas nas quais ninguém entrava, a não ser aqui e ali alguns elfos-escuros a perambular. Chamava-se Taur-im-Dunaith, a Floresta entre os Rios.

O Gelion era um grande rio. Nascia de duas fontes e, de início, tinha dois braços: o Pequeno Gelion, que descia da Colina de Himring, e o Grande Gelion, que vinha do Monte Rerir. Do encontro dos dois braços, ele seguia na direção sul por cerca de duzentos quilômetros antes de receber seus afluentes. E, antes de chegar ao mar, era duas vezes mais longo do que o Sirion, embora menos largo e com menor volume de água, pois chovia mais em Hithlum e Dorthonion, de onde o Sirion extraía suas águas, do que no leste. Das Ered Luin desciam seis afluentes do Gelion: Ascar (que mais tarde recebeu o nome de Rathlóriel), Thalos, Legolin, Brilthor, Duilwen e Adurant, rios velozes e turbulentos, que desciam das montanhas íngremes. E entre o Ascar ao norte e o Adurant ao sul, assim como entre o Gelion e as Ered Luin, ficava a região remota e verdejante de Ossiriand, a Terra dos Sete Rios. Ora, a certa altura, quase na metade de seu curso, a corrente do Adurant se dividia para depois voltar a se unir. E a ilha que suas águas cercavam era chamada de Tol Galen, a Ilha Verde. Ali Beren e Lúthien foram morar depois de seu retorno.

Em Ossiriand, sob a proteção dos rios, habitavam os elfos-verdes. É que, depois do Sirion, Ulmo amava o Gelion mais do que quaisquer outras águas do mundo ocidental. A experiência em florestas dos elfos de Ossiriand era tal, que um desconhecido poderia passar por suas terras de uma extremidade a outra sem ver nenhum deles. Na primavera e no verão, vestiam-se de verde, e o som de seus cantos podia ser ouvido do outro lado do Gelion, motivo pelo qual os noldor denominaram a região Lindon, a Terra da Música, e as montanhas mais além chamaram de Ered Lindon, pois as viram pela primeira vez de Ossiriand.

A leste de Dorthonion, as fronteiras de Beleriand eram mais suscetíveis a um ataque; e somente colinas de pouca altura protegiam o vale do Gelion de ataques do norte. Naquela região, na Fronteira de Maedhros e nas terras na retaguarda, moravam os filhos de Fëanor com um povo numeroso; e seus cavaleiros passavam com freqüência pela extensa planície setentrional, Lothlann, a vasta e deserta, a leste de Ard-galen, para que Morgoth não tentasse nenhuma investida na direção de Beleriand Oriental. A principal fortaleza de Maedhros ficava sobre a Colina Himring, o Gelo-eterno; e ela era larga, desprovida de árvores, com o topo plano, cercado de muitos montes menores. Entre Himring e Dorthonion, havia uma passagem, muitíssimo íngreme do lado ocidental, a Passagem de Aglon, que servia como portão para Doriath; e um vento implacável sempre soprava por ela, vindo do norte. Celegorm e Curufin, porém, fortificaram Aglon e mantiveram com forças numerosas sua posse, bem como toda a terra de Himlad, ao sul, entre o Rio Aros, que nascia em Dorthonion, e seu afluente Celon, que vinha de Himring.

Entre os braços do Gelion ficava o posto de vigia de Maglor; e ali, a certa altura, as colinas simplesmente desapareciam. Foi por ali que os orcs entraram em Beleriand Oriental, antes da Terceira Batalha. Por esse motivo, os noldor mantinham um grande contingente de cavalaria nas planícies, naquele local. E o povo de Caranthir fortificou as montanhas a leste da Falha de Maglor. Ali, o Monte Rerir, tendo ao seu redor muitos outros morros menores, se destacava da cadeia principal das Ered Lindon, na direção oeste. E, no ângulo formado entre o Rerir e as Ered Lindon, havia um lago, sombreado por montanhas de todos os lados, à exceção do sul.

Era o Lago Helevorn, profundo e escuro; e às suas margens Caranthir tinha sua morada. No entanto, todo o vasto território situado entre o Gelion e as montanhas, e entre

o Rerir e o Rio Ascar, era chamado pelos noldor de Thargelion, que significa a Terra para Além do Gelion, ou Dor Caranthir, a Terra de Caranthir; e foi ali que os noldor vieram a conhecer os anões.

Contudo, Thargelion era antes chamada pelos elfos-cinzentos de Talath Rhúnen, Vale Oriental.

Assim, os filhos de Fëanor sob o comando de Maedhros eram os senhores de Beleriand Oriental, mas sua gente naquela época se concentrava principalmente no norte daquela região, e na direção sul somente cavalgavam para caçar nas matas. Era lá, porém, que Amrod e Amras tinham sua morada; e raramente vinham para o norte enquanto o Cerco durou. E ali também outros senhores élficos costumavam às vezes cavalgar, vindo mesmo de muito longe, pois a região era selvagem mas belíssima. Desses, Finrod Felagund era o que vinha com maior freqüência, pois sentia enorme prazer em passear, tendo chegado até mesmo a Ossiriand e conquistado a amizade dos elfos-verdes. Nenhum dos noldor, contudo, jamais ultrapassou as Ered Lindon, enquanto durou seu reinado. E poucas notícias, geralmente atrasadas, chegavam a Beleriand sobre o que acontecia nas regiões do leste.

CAPÍTULO XV
Dos noldor em Beleriand

Já se relatou como, com a orientação de Ulmo, Turgon de Nevrast descobriu o vale oculto de Tumladen; e este (como mais tarde se soube) ficava a leste do curso superior do Sirion, num círculo de montanhas altas e escarpadas, aonde não chegava nenhum ser vivo à exceção das águias de Thorondor. Existia, porém, um caminho nas profundezas, por baixo das montanhas, escavado nas trevas do mundo, por águas que fluíam para se juntar à correnteza do Sirion. E esse caminho Turgon descobriu, e chegou assim à verde planície em meio às montanhas, e viu a colina-ilha de pedra dura e lisa que ficava ali; pois o vale havia sido outrora um lago enorme.

Turgon soube, então, que havia encontrado o local de seus desejos, e decidiu construir ali uma bela cidade, um monumento em memória de Tirion sobre Túna. Voltou porém para Nevrast e lá permaneceu sossegado, embora sempre pensando num modo de realizar seu projeto.

Ora, depois da Dagor Aglareb, a inquietação que Ulmo instilara em seu coração lhe voltou, e Turgon convocou muitos dos mais resistentes e mais habilidosos de seu povo, levou-os em segredo para o vale oculto, e ali começaram a construção da cidade que Turgon havia imaginado. Montaram também guarda em toda a sua volta, para que ninguém que viesse de fora pudesse deparar com seu trabalho, e o poder de Ulmo que corria nas águas do Sirion os protegia. Turgon, porém, ainda residia na maior parte do tempo em Nevrast até que afinal a cidade ficou pronta, após cinqüenta e dois anos de faina em segredo. Diz-se que Turgon a denominou Ondolindë, na fala dos elfos de Valinor, a Rocha da Música da Água, pois havia nascentes na colina; mas no idioma sindarin o nome foi mudado, tornando-se Gondolin, a Rocha Oculta. Preparou-se então Turgon para partir de Nevrast e abandonar seus palácios em Vinyamar à beira-mar. E ali Ulmo mais uma vez veio até ele e lhe falou.

- Agora irás finalmente para Gondolin, Turgon; e manterei meu poder sobre o Vale

do Sirion, e sobre todas as águas que existem ali, para que ninguém se dê conta de tua viagem. Ninguém tampouco encontrará a entrada secreta contra a tua vontade. De todos os reinos dos eldalië, Gondolin será o que resistirá mais tempo a Melhor. Não tenhas, porém, amor em excesso pela obra de tuas mãos e pelas invenções de teu coração. Lembra-te que a verdadeira esperança dos noldor está no oeste e vem do Mar.

E Ulmo avisou a Turgon que ele também estava sujeito à Condenação de Mandos, a qual Ulmo não tinha nenhum poder para eliminar.

- Assim, pode acontecer que a maldição dos noldor também te descubra antes do fim, e que a traição surja dentro de tuas muralhas. Então, elas correrão perigo de incêndio. No entanto, se esse perigo chegar muito perto, da própria Nevrast, virá alguém te avisar; e dele, superando a destruição e o fogo, nascerá a esperança para elfos e homens. Deixa. Portanto, nesta casa armas e uma espada para que em anos futuros ele as possa encontrar e, assim, tu o reconheças e não sejas enganado. - E Ulmo determinou a Turgon de que tipo e tamanho deveriam ser o elmo, a cota de malha e a espada que ele ali deixaria.

Retornou Ulmo, então, para o mar, e Turgon despachou todo o seu povo, que chegou a compor um terço dos noldor da combativa de Fingolfin e uma multidão ainda maior dos sindar. E eles desapareceram, uma companhia após a outra, em segredo, sob as sombras elas Ered ethrin, chegando a Gondolin sem serem vistos. E ninguém soube dizer para onde haviam ido. Em último lugar, Turgon se levantou e partiu com sua família em silêncio pelas colinas, entrando pelos portões nas montanhas; e estes se fecharam depois de sua passagem.

Por muitos e muitos anos, dali em diante, ninguém entrou nesse lugar, à exceção de Húrin e Huor. E o povo de Turgon nunca mais voltou a sair até o Ano da Lamentação, mais de trezentos e cinqüenta anos depois. Contudo, por trás do círculo das montanhas, o povo de Turgon cresceu e prosperou. E dedicavam seus talentos ao trabalho incessante, de tal modo que Gondolin sobre o Amon Gwareth se tomou realmente bela e digna de ser comparada até mesmo a Tirion élfica, do outro lado do mar. Altas e brancas eram suas muralhas; bem-feitas, suas escadarias; e forte e elevada, a Torre do Rei. Dali, jorravam fontes cintilantes, e nos pátios de Turgon havia imagens das Árvores de outrora que o próprio Turgon criara com sua habilidade de elfo. E a Árvore que ele fez de ouro chamava-se Glingal; e a Árvore cujas flores ele fez de prata chamava-se Belthil. No entanto, mais bela do que todas as maravilhas de Gondolin era Idril, filha de Turgon, que foi chamada de Celebrindal, a Pés-de-prata, cujos cabelos eram como o ouro de Laurelin antes da chegada de Melkor. Assim, Turgon muito tempo viveu em bem-aventurança; mas Nevrast permaneceu desolada, deserta de seres vivos até a destruição de Beleriand.

Ora, enquanto a cidade de Gondolin estava sendo construída em segredo, Finrod Felagund trabalhava nas profundezas de Nargothrond; mas Galadriel, sua irmã, morava, como já foi relatado, no reino de Thingol, em Doriath. E às vezes Melian e Galadriel conversavam sobre Valinor e a felicidade de antigamente. Contudo, além da hora negra da morte das Árvores, Galadriel se recusava a ir, e sempre se calava.

- Há alguma desgraça que paira sobre você e sua gente – disse Melian um dia. - Isso eu posso ver em você, mas tudo o mais permanece oculto. Nem por visão, nem por pensamento, consigo perceber nada do que ocorreu ou ocorre no oeste: uma sombra encobre toda a terra de Aman e se estende para além, por sobre o mar. Por que você não quer me dizer mais?

- Essa desgraça ficou no passado – disse Galadriel. - E eu acabaria com a alegria que aqui nos resta, e não é perturbada pela lembrança. E talvez venha a ocorrer desgraça suficiente no futuro, embora a esperança ainda pareça brilhar.

- Não acredito que os noldor tenham vindo como mensageiros dos Valar, como se

dizia de início – disse Melian, olhando nos olhos de Galadriel. - Não acredito, mesmo tendo eles chegado na exata hora de nossa necessidade. Pois eles nunca falam nos Valar, nem seus senhores supremos trouxeram nenhuma mensagem a Thingol, fosse de Manwë, de Ulmo, ou mesmo de Olwë, o irmão do Rei, e de sua própria gente que se pôs ao mar Por que motivo, Galadriel, foi o nobre povo dos noldor expulso de Aman como exilados? Ou que mal jaz no íntimo dos filhos de Fëanor, para que sejam tão arrogantes e cruéis? Não estou chegando perto da verdade?

- Perto – respondeu Galadriel – só que não fomos expulsos, mas viemos por vontade própria, e contra o desejo dos Valar. E correndo enorme perigo e a despeito dos Valar, viemos com este objetivo: nos vingarmos de Morgoth e recuperar o que ele roubou.

Falou, então, Galadriel a Melian a respeito das Silmarils e do assassinato do Rei Finwë em Formenos. Mesmo assim, não disse palavra sobre o Juramento, sobre o fratricídio ou sobre a queima dos barcos em Losgar.

- Agora, muito você me conta, e ainda mais eu percebo – disse Melian, entretanto. - Uma escuridão você desejaria lançar sobre o longo trajeto de Tirion até aqui, mas vejo o mal ali, mal do qual Thingol deveria saber para se orientar.

- Talvez – disse Galadriel – mas não de mim.

E Melian não tocou mais nesses assuntos com Galadriel; mas contou ao Rei Thingol tudo o que ouvira a respeito das Silmarils.

- É uma questão importante – disse ela – na realidade, mais importante do que os próprios noldor conseguem compreender. Pois a Luz de Aman e o destino de Arda estão agora presos a essas gemas, a obra de Fëanor, que já se foi. Elas não serão recuperadas, antecipo, por nenhum poder dos eldar; e o mundo será destruído em batalhas que estão por vir antes que elas sejam arrancadas das mãos de Morgoth. Veja bem! Fëanor eles assassinaram, e muitos outros, suponho. Mas a primeira de todas as mortes que provocaram e que ainda irão provocar foi a de Finwë, seu amigo. Morgoth matou-o antes de fugir de Aman.

Calado então ficou Thingol, dominado pela dor e pelos maus presságios; mas, finalmente, falou.

- Agora, enfim, entendo a vinda dos noldor do oeste, com a qual antes muito me admirei. Não foi em nosso auxílio que vieram ao não ser por acaso; pois os que permanecem na Terra-média os Valar deixam que recorram aos meios ao seu alcance, até na extrema necessidade. Vieram os noldor por vingança e em busca de compensação por sua perda. Mesmo assim, ainda mais fiéis serão eles como aliados contra Morgoth, com quem agora não se pode pensar que algum dia venham a entrar em acordo.

- É verdade que vieram por esses motivos – respondeu, porém, Melian. - Mas também por outros. Cuidado com os filhos de Fëanor! A sombra da ira dos Valar paira sobre eles. E eles agiram mal, percebo eu, tanto em Aman quanto com seu próprio povo. Uma mágoa que está apenas adormecida jaz entre os príncipes dos noldor.

- E que diferença isso me faz? - retrucou Thingol. - De Fëanor, só ouvi a história, que o descreve como realmente destemido. De seus filhos, pouco ouço o que seja do meu agrado.

Contudo, eles podem se revelar os inimigos mais letais de nosso inimigo.

- Suas espadas e seus conselhos sempre terão dois gumes – disse Melian, e daí em diante não mais tocou nesse assunto.

Não demorou muito para que começassem a circular histórias a respeito dos feitos dos noldor anteriores à chegada a Beleriand. Conhecida é sua procedência, e a terrível verdade foi aumentada e envenenada com mentiras; mas os sindar ainda eram incautos e

confiantes em palavras; e (como bem se pode imaginar) Morgoth os escolheu para a primeira investida de sua maldade, pois eles não o conheciam. E Círdan, ao ouvir essas histórias sinistras, ficou perturbado. Pois era prudente e percebeu logo que, verdadeiras ou falsas, elas eram espalhadas àquela altura por rancor, que ele atribuía aos príncipes dos noldor, em decorrência da inveja entre suas Casas. Enviou, portanto, mensageiros a Thingol para relatar tudo o que ouvira.

Por acaso, naquela ocasião, os filhos de Finarfin eram mais uma vez hóspedes de Thingol, pois desejavam ver a irmã, Galadriel. Thingol, então, muito alterado, dirigiu-se a Finrod, com raiva.

- Você agiu mal comigo, parente, ao ocultar de mim questões tão importantes. Pois eu agora soube de todos os feitos nefastos dos noldor.

- Que mal lhe fiz, senhor? - perguntou-lhe Finrod – Ou que feito nefasto os noldor perpetraram em seu reino para afligi-lo? Nem contra vossa majestade nem contra nenhum indivíduo de seu povo eles agiram mal ou pretenderam o mal.

- Eu me admiro que você, filho de Eärwen – disse Thingol -, chegue à mesa de parentes com as mãos ensangüentadas da chacina dos parentes de sua mãe; e ainda assim não diga nada para se defender, nem procure pedir perdão!

Finrod então ficou muito atrapalhado, mas silenciou, porque não poderia se defender a não ser fazendo acusações aos outros príncipes dos noldor; e isso ele não queria fazer diante de Thingol. No entanto, no coração de Angrod, a lembrança das palavras de Caranthir voltou a crescer em ressentimento, e ele protestou.

- Senhor, não sei que mentiras lhe contaram, nem sua procedência. Mas nós não chegamos com as mãos ensangüentadas. Viemos sem nenhuma culpa, a não ser talvez a da loucura de dar ouvidos às palavras do cruel Fëanor, e de nos inebriarmos com elas como que com o vinho, efeito que passou com a mesma rapidez. Nenhum mal fizemos em nosso percurso, mas sofremos, sim, enorme violência, e a perdoamos. Por esse motivo, somos chamados de leva-etraz e de possíveis traidores dos noldor. Uma inverdade, como o senhor sabe, pois em nossa lealdade nos calamos diante do senhor e, assim, atraímos sua ira. Agora, porém, não aceitaremos mais essas acusações, e a verdade o senhor saberá.

Então, Angrod falou com rancor contra os filhos de Fëanor, relatando o Fratricídio de Alqualondë, a Condenação de Mandos e a queima dos barcos em Losgar.

- Por que nós, que suportamos o Gelo Atritante, deveríamos aceitar a pecha de traidores e assassinos de nossos parentes?

- Mas a sombra de Mandos também paira sobre vocês – disse Melian. Thingol, porém, ficou muito tempo em silêncio antes de falar.

- Vão agora! Pois meu coração está revoltado. Mais tarde, podem voltar, se quiserem; pois não fecharei minhas portas para vocês, parentes, que foram enredados num mal para o qual não contribuíram. Com Fingolfin e seu povo também manterei a amizade, pois já pagaram caro pelo mal que fizeram. E em nosso ódio ao Poder que criou toda essa desgraça, nossas mágoas se perderão. Mas ouçam minhas palavras! Nunca mais chegará a meus ouvidos a língua dos que assassinaram meus parentes em Alqualondë! Nem em todo o meu reino ela poderá ser falada abertamente enquanto durar meu poder. Todos os sindar darão ouvidos à minha ordem de que não falem a língua dos noldor nem respondam a ela. E todos os que a usarem, serão considerados assassinos e impenitentes traidores de parentes.

Partiram então de Menegroth os filhos de Finarfin, pesarosos, percebendo que as palavras de Mandos seriam eternamente verdadeiras, e que nenhum dos noldor que acompanhasse Fëanor poderia escapar à sombra que pairava sobre sua Casa. E ocorreu exatamente o que Thingol dissera. Pois os sindar obedeceram à sua palavra e, dali em

diante, em toda a Beleriand, eles se recusaram a usar a língua dos noldor e evitaram aqueles que a falavam em voz alta. Já os Exilados adotaram o idioma sindarin em todos os seus usos correntes, e a alta-fala do oeste era usada apenas pelos senhores dos noldor entre si. Ela sobreviveu, porém, para sempre como a língua da tradição, não importa onde morasse qualquer indivíduo daquele povo.

Aconteceu que Nargothrond ficou pronta (e no entanto Turgon ainda residia nos palácios em Vinyamar), e os filhos de Finarfin lá se reuniram para uma festa. Galadriel veio de Doriath e permaneceu um pouco em Nargothrond. Ora, o Rei Finrod Felagund não tinha esposa, e Galadriel lhe perguntou por que era solteiro. Enquanto ela falava, um presságio ocorreu a Felagund.

- Um juramento eu também farei, e devo ser livre para cumpri-lo e ir para as trevas. Nem nada de meu reino irá durar para que um filho o herde. Diz-se, porém, que até aquela hora pensamentos tão frios não o haviam dominado; pois a verdade era que sua amada fora Amarië dos vanyar, e ela não o acompanhara no exílio.

CAPÍTULO XVI
De Maeglin

Aredhel Ar-Feiniel, a Dama Branca dos noldor, filha de Fingolfin, morava em Nevrast com Turgon, seu irmão, e foi com ele para o Reino Oculto. Cansou-se, porém, da cidade protegida de Gondolin, desejando cada vez mais voltar a cavalgar em território aberto e caminhar nas florestas, como costumava fazer em Valinor. E, quando se passaram duzentos anos desde que Gondolin ficara pronta, Aredhel dirigiu-se a Turgon e pediu permissão para partir. Turgon abominava a idéia de conceder essa permissão e por muito tempo se negou a dá-la. Acabou, porém, cedendo.

- Vá então, se quiser, embora seja contra a minha recomendação. Prevejo que disso virão desgraças tanto para você quanto para mim. Mas vá apenas procurar Fingon, nosso irmão. E os que eu mandar com você deverão voltar para Gondolin o mais rápido possível.

- Sou sua irmã, não sua criada – respondeu-lhe então Aredhel. - E, fora de seu território, farei o que me parecer conveniente. E, se é a contragosto que você me fornece uma escolta, irei sozinha.

- Não lhe dou a contragosto nada do que tenho. Mesmo assim, meu desejo é que ninguém que saiba o caminho até aqui venha a morar fora destas muralhas. E, embora eu confie em você, irmã, confio menos em que outros saibam se manter calados – respondeu Turgon.

E designou três senhores de sua Casa para cavalgar com Aredhel, pedindo-lhes que a levassem a Fingon em Hithlum, se pudessem convencê-la.

- E tenham cuidado – disse ele – pois, embora Morgoth ainda esteja cercado no norte, há muitos perigos na Terra-média, que a Dama desconhece.

Aredhel partiu então de Gondolin; e o coração de Turgon se afligiu com a separação. Mas quando chegaram ao Vau de Brithiach, no Rio Sirion, Aredhel dirigiu-se aos acompanhantes.

- Vamos agora para o sul, não para o norte, pois não quero ir até Hithlum; Meu coração deseja, sim, encontrar os filhos de Fëanor, meus amigos de outrora. - E, como

não conseguissem dissuadi-la, viraram para o sul, em obediência a ela, e procuraram ser admitidos em Doriath.

Contudo, os guardas da fronteira lhes negaram acesso. Pois Thingol não admitia que nenhum noldor cruzasse o Cinturão, à exceção de seus parentes da Casa de Finarfin, e menos ainda os que fossem amigos dos filhos de Fëanor. Portanto, os guardas da fronteira falaram com Aredhel.

- Para chegar às terras de Celegorm que a senhora procura, de modo algum é permitido passar pelo território do Rei Thingol. Deverão seguir por fora do Cinturão de Melian, ao sul ou ao norte. O caminho mais rápido é pelas trilhas que vão para o leste a partir de Brithiach, através de Dimbar, e ao longo da fronteira norte desse reino, até passar pela Ponte do Esgalduin e pelos Vaus do Aros, chegando às terras que ficam por trás da Colina de Himring. Acreditamos que é ali que residem Celegorm e Curufin; e pode ser que os encontrem; mas a estrada é perigosa.

Aredhel então deu meia-volta e tentou a estrada perigosa entre os vales mal-assombrados das Ered Gorgoroth e as bordas setentrionais de Doriath. E, à medida que se aproximavam da região nefasta de Nan Dungortheb, os cavaleiros se enredaram em sombras; e Aredhel se afastou da escolta e se perdeu. Muito procuraram por ela, em vão, temendo que tivesse caído em alguma armadilha ou bebido dos riachos envenenados da região; mas as criaturas cruéis de Ungoliant, que moravam nas ravinas, despertaram para persegui-los, e eles mal conseguiram escapar com vida. Quando afinal voltaram e relataram sua história, houve enorme tristeza em Gondolin. E Turgon ficou muito tempo sozinho, suportando em silêncio a dor e a raiva.

Aredhel, porém, tendo procurado em vão seus acompanhantes, seguiu viagem, pois era destemida e valente, como todos os descendentes de Finwë. Manteve-se no caminho e, tendo atravessado o Esgalduin e o Aros, chegou à terra de Himlad, entre o Aros e o Celon, onde Celegorm e Curufin moravam na época, antes de ser rompido o Cerco a Angband. Na ocasião, eles não estavam em casa, pois cavalgavam com Caranthir mais a leste em Thargelion; mas a gente de Celegonn deu-lhe as boas-vindas e pediu que ela ficasse com eles, com honras, até o retorno de seu senhor. Ali, por algum tempo, Aredhel se contentou; e sentiu enorme alegria em perambular em liberdade pelos bosques. No entanto, à medida que o ano ia se alongando e Celegorm não retornava, ela voltou a se sentir inquieta e se habituou a cavalgar sozinha, cada vez mais longe, à procura de novas trilhas e veredas inexploradas. Foi assim que no final do ano aconteceu de Aredhel chegar ao sul de Himlad e atravessar o Celon; e, antes que se desse conta, estava perdida em Nan Elmoth.

Naquele bosque, em eras passadas, Melian caminhara no crepúsculo da Terra-média, quando as árvores eram novas e um encantamento ainda pairava sobre ele. Agora, porém, as árvores de Nan Elmoth eram as mais altas e escuras de toda a Beleriand; e ali o sol nunca penetrava. Ali residia Eöl, que era chamado de elfo-escuro. Outrora, ele pertencera à linhagem de Thingol, mas em Doriath se sentia irrequieto e pouco à vontade; e, quando o Cinturão de Melian circundou a Floresta de Region, onde ele morava, ele fugiu para Nan Elmoth, onde passou a viver nas sombras profundas, apaixonado pela noite e pela penumbra sob as estrelas. Eöl evitava os noldor, considerando-os culpados por Morgoth ter voltado a perturbar a tranqüilidade de Beleriand; mas dos anões ele gostava mais do que qualquer outro elfo de outrora. Com ele, os anões vieram a saber muito do que se passava nas terras dos eldar.

Ora, o trajeto dos anões ao descerem das Montanhas Azuis seguia duas estradas que atravessavam Beleriand Oriental, e a trilha do norte, que se dirigia aos Vaus do Aros, passava perto de Nan Elmoth. Ali Eöl se encontrava com os naugrim e conversava com

eles. E, à medida que sua amizade se fortaleceu, ele às vezes se hospedava nas profundas mansões de Nogrod ou de Belegost. Lá aprendeu muito sobre o trabalho com metais e adquiriu grande habilidade nessa atividade. Criou um metal tão resistente quanto o aço dos anões, mas tão maleável que era possível fazê-la fino e flexível, embora continuasse resistente a qualquer lâmina ou dardo. Deu-lhe o nome de galvorn, pois era negro e brilhante como o azeviche, e Eöl se vestia com ele sempre que saía de Nan Elmoth. Contudo, Eöl, apesar de encurvado em virtude do trabalho de ferreiro, não era nenhum anão, mas um elfo alto, de importante linhagem dos teleri, nobre, embora de expressão carrancuda; e seus olhos viam longe nas sombras e nos cantos escuros. E ocorreu que ele enxergou Aredhel Ar-Feiniel enquanto ela vagava por entre as árvores altas perto dos limites de Nan Elmoth, um brilho branco na terra sombria. Belíssima ela lhe pareceu, e ele a desejou. Lançou, então, seus encantamentos sobre ela para que não conseguisse encontrar saída, mas que se aproximasse cada vez mais de sua morada nas profundezas do bosque Ali ficavam sua oficina de ferreiro, seus salões sombrios e os criados que possuía, silenciosos e reservados como seu senhor. E, quando Aredhel, exausta de caminhar, chegou finalmente às suas portas, ele se revelou, acolheu-a e a conduziu para dentro de sua casa. E ali ela ficou, pois Eöl a tomou como esposa, e demorou muito até que algum parente de Aredhel voltasse a ter notícias dela.

Não se diz que Aredhel se opusesse totalmente a isso, nem que sua vida em Nan Elmoth lhe fosse detestável por muitos anos. Pois, embora em obediência à ordem de Eöl ela devesse evitar a luz do sol, os dois davam longos passeios juntos à luz das estrelas ou da foice da lua.

Ela podia passear sozinha se quisesse, só que Eöl a proibira de procurar os filhos de Fëanor ou qualquer outro noldo. E Aredhel teve um filho seu, nas sombras de Nan Elmoth. No íntimo, ela lhe deu um nome na língua proibida dos noldor, Lómion, que significa Filho do Crepúsculo.

Já o pai não lhe deu nome algum até ele completar doze anos. Chamou-o então de Maeglin, que significa Olhar Penetrante, pois percebia que os olhos do filho iam ainda mais fundo que os seus, e que seu pensamento lia os segredos dos corações que se escondiam por trás da névoa das palavras.

Quando Maeglin atingiu sua plena estatura, em rosto e forma lembrava seus parentes dos noldor, mas em temperamento e raciocínio havia saído ao pai. Falava pouco, a não ser em questões que o interessassem de perto. Além disso, sua voz tinha o poder de comover os que o ouviam e de derrubar os que resistissem a ele. Era alto e tinha cabelos negros; os olhos eram escuros, porém brilhantes e perspicazes, como os olhos dos noldor; e sua pele era branca. Com freqüência, acompanhava Eöl às cidades dos anões a leste das Ered Lindon, e lá aprendia com prazer o que se dispusessem a lhe ensinar, e acima de tudo a arte de encontrar minérios de metais nas montanhas.

Diz-se, porém, que Maeglin amava mais a mãe e, se Eöl estivesse viajando, costumava se sentar muito tempo ao seu lado e escutar tudo o que ela pudesse lhe contar de seu povo e de seus feitos em Eldamar, assim como do poder e valor dos príncipes da Casa de Fingolfin. A tudo isso ele dedicava enorme atenção, mas principalmente ao que ouvia sobre Turgon e sobre ele não ter nenhum herdeiro. Pois Elenwë, sua mulher, perecera na travessia de Helcaraxë, e Idril Celebrindal era sua única filha

O relato dessas histórias despertou em Aredhel o desejo de rever sua gente, e agora ela se espantava com o tédio que sentira da luz de Gondolin, das fontes ao sol, dos verdes gramados de Tumladen ao vento dos céus da primavera. Além disso, muitas vezes ficava sozinha nas sombras, quando o filho e o marido viajavam. Essas histórias também deram origem às primeiras desavenças entre Maeglin e Eöl. Pois, de modo algum quis a mãe

revelar a Maeglin onde residia Turgon, nem de que modo se poderia chegar lá. E o filho dava tempo ao tempo, com a certeza de que um dia extrairia dela o segredo, ou talvez conseguisse ler seu pensamento desarmado. Mas antes de fazer isso, desejava observar os noldor e falar com os filhos de Fëanor, seu parente, que não moravam longe dali. Quando declarou sua intenção a Eöl, porém, o pai se enfureceu.

- Você pertence à Casa de Eöl, Maeglin, meu filho, não à dos golodhrim. Toda esta terra pertence aos teleri, e eu não lidarei, nem permitirei que meu filho o faça, com os assassinos de nossa gente, os invasores e usurpadores de nossos lares. Nisso você me obedecerá ou eu o acorrentarei. - E Maeglin não respondeu, mas calou-se com frieza e nunca mais saiu com Eöl.

E Eöl não confiava nele.

Ocorreu que, no solstício de verão, como era seu costume, os anões convidaram Eöl para uma festa em Nogrod; e ele foi. Então Maeglin e a mãe ficaram livres por algum tempo para fazer o que quisessem; e, com freqüência, cavalgavam até as bordas da floresta, em busca do Sol. E cresceu no coração de Maeglin o desejo de deixar Nan Elmoth para sempre.

- Senhora – disse ele a Aredhel. - Vamos partir enquanto temos tempo! Que esperança existe neste bosque para a senhora ou para mim? Estamos aqui num cativeiro, e nenhuma vantagem irei eu aqui encontrar. Pois já aprendi tudo o que meu pai tinha a ensinar ou que os naugrim quiseram me revelar. E se fôssemos procurar Gondolin? A senhora será minha guia; e eu, seu protetor!

Alegrou-se então Aredhel, e olhou com orgulho para o filho. E, dizendo aos criados de Eöl que iam em busca dos Filho de Fëanor, partiram a cavalo pelos limites setentrionais de Nan Elmoth. Ali atravessaram a estreita corrente do Celon, entrando na terra de Himlad; e seguiram até os Vaus do Aros, continuando, assim, para o oeste, ao longo das bordas de Doriath.

Ora, Eöl voltou do leste mais cedo do que Maeglin previra e descobriu que a mulher e o filho haviam partido apenas dois dias antes. Tamanha foi sua ira, que ele seguiu atrás deles mesmo à luz do dia. Ao entrar em Himlad, controlou sua fúria e prosseguiu com cautela, lembrando-se do perigo que corria, pois Celegorm e Curufin eram senhores poderosos que não amavam Eöl nem um pouco; e, além do mais, Curufin tinha temperamento perigoso. Entretanto, os guardas de Aglon observaram a viagem de Maeglin e Aredhel até os Vaus do Aros; e Curufin, percebendo que acontecimentos estranhos estavam em andamento, desceu um pouco ao sul da Passagem e acampou perto dos Vaus.

E, antes de ter percorrido muito terreno em Himlad, Eöl foi cercado pelos cavaleiros de Curufin, sendo levado a seu senhor.

- Que missão traz o elfo-escuro a minha terra? - perguntou, então, Curufin a Eöl. - Questão urgente, talvez, para fazer quem se esconde do Sol sair por aí à luz do dia.

E Eöl, reconhecendo o perigo, refreou as palavras rancorosas que lhe vieram à mente.

- Disseram-me, Senhor Curufin, que meu filho e minha mulher, a Dama Branca de Gondolin, saíram a cavalo para visitá-lo enquanto eu estava fora de casa. Pareceu-me correto juntar-me a eles nessa visita.

Curufin então riu de Eöl.

- Se você lhes tivesse feito companhia, eles poderiam ter encontrado uma acolhida menos calorosa do que .esperavam; mas não importa, porque não era essa sua intenção. Não faz dois dias que atravessaram os Arossiach, partindo velozes para o oeste. Parece-me que você quer me enganar; a menos que você mesmo tenha sido enganado

- Então, talvez o senhor me conceda permissão de seguir em frente e descobrir a verdade sobre esse assunto

- Você tem minha permissão, mas não minha amizade – disse Curufin. - Quanto mais cedo deixar minha terra, mais ficarei satisfeito.

- É bom, senhor Curufin – disse Eöl, então, montando em seu cavalo -, encontrar um parente tão generoso quando necessitamos. Não me esquecerei disso quando voltar. Curufin lançou então um olhar sinistro para Eöl.

- Não se vanglorie do título de sua mulher diante de mim. Pois os que roubam as filhas dos noldor e se casam com elas sem doação ou permissão não se tornam parentes dos parentes delas. Concedi-lhe permissão para ir. Aceite-a e vá embora. Pelas leis dos eldar, não posso matá-lo neste momento. E ainda vou lhe dar um conselho: volte agora para sua morada nas trevas de Nan Elmoth; pois meu coração me diz que, se perseguir aqueles que não o amam mais, nunca voltará para lá.

Saiu entào Eöl às pressas, cheio de ódio de todos os noldor, pois agora percebia que Maeglin e Aredhel estavam fugindo para Gondolin E impelido pela raiva e pela vergonha da humilhação, atravessou os Vaus do Aros e cavalgou firme pelo caminho seguido por eles. Contudo, embora os dois não soubessem que ele os seguia, e embora Eöl tivesse a montaria mais veloz, em nenhum momento chegou a avistá-los, até que chegaram a Brithiach e abandonaram seus cavalos. Nesse momento, por falta de sorte, foram traídos, pois os cavalos relincharam alto, e a montaria de Eöl os ouviu e partiu veloz em sua direção. E de longe Eöl viu os trajes brancos de Aredhel, e observou para onde se dirigia, em busca da trilha secreta para entrar nas montanhas.

Ora, Aredhel e Maeglin chegaram ao Portão Exterior de Gondolin e à Guarda Escura sob as montanhas. Ali foi recebida com alegria e, passando pelos Sete Portões, chegou com Maeglin a Turgon sobre o Amon Gwareth. Então o Rei ouviu admirado tudo o que Aredhel tinha a contar; e olhou com simpatia para Maeglin, filho da irmã, vendo que ele era digno de ser incluído entre os príncipes dos noldor.

- Alegra-me de fato que Ar-Feiniel tenha voltado para Gondolin – disse ele. - E agora ainda mais bela será minha cidade do que nos tempos em que considerei minha irmã perdida. E Maeglin terá as mais altas honrarias em meu reino.

Então Maeglin fez uma grande reverência e aceitou Turgon como senhor e rei, para obedecer a todas as suas ordens. Daí em diante, porém, ficou calado e vigilante, pois a felicidade e o esplendor de Gondolin superavam tudo o que ele imaginara a partir das histórias de sua mãe; e estava admirado com a fortificação da cidade e a quantidade de habitantes. E também com os inúmeros objetos estranhos e belos que via. Contudo, nada atraía tanto seu olhar quanto Idril, a filha do Rei, que estava sentada a seu lado. Pois ela era dourada como os vanyar, parentes de sua mãe, e lhe parecia ser como o Sol de onde todo o salão do Rei extraía sua luz.

Eöl, entretanto, ao seguir Aredhel, encontrou o Rio Seco e a trilha secreta. E assim, sorrateiro, chegou à Guarda, sendo apanhado e interrogado. Quando a Guarda ouviu que ele alegava ser Aredhel sua esposa, todos se surpreenderam e enviaram um mensageiro veloz à Cidade, e este veio ao salão do Rei.

- Senhor – gritou ele – a Guarda deteve alguém que se aproximava às escondidas do Portão Escuro. Diz ele chamar-se Eöl, e é um elfo alto, moreno e carrancudo, da linhagem dos sindar.

Ele alega, porém, que a Senhora Aredhel é sua esposa e exige ser trazido à sua presença Sua ira é enorme e é difícil contê-la, mas não o matamos, como exige a lei.

- Que lástima! - disse então Aredhel. - Eöl nos seguiu, exatamente como eu temia. Mas foi com grande esperteza que o fez, pois não vimos nem ouvimos sinal de

perseguição quando entramos pelo Caminho Oculto. - Voltou-se então para o mensageiro. - O que ele diz é verdade. É Eöl, eu sou sua esposa, e ele é o pai de meu filho. Não o matem, mas tragam-no aqui para a decisão do Rei, se o Rei assim determinar.

E isso foi feito. Trouxeram Eöl ao salão de Turgon e, diante do trono elevado, o puseram em pé, orgulhoso e mal-encarado. Embora estivesse tão admirado quanto seu filho com tudo o que via, seu coração se encheu ainda mais de raiva e ódio dos noldor. Turgon, porém, tratou-o com cortesia. Levantou-se e lhe ofereceu a mão.

- Bem-vindo seja, irmão, pois assim o considero. Aqui você habitará como lhe aprouver, com a restrição de aqui permanecer e não partir de meu reino. Pois é minha lei que ninguém que encontre o caminho para cá saia daqui.

Eöl, entretanto, recolheu a mão.

- Não reconheço sua lei. Nenhum direito tem o senhor nem ninguém de sua linhagem de conquistar reinos nesta terra ou de fixar fronteiras, seja aqui, seja acolá. Esta terra é dos teleri, à qual vocês trazem a guerra e todo tipo de perturbação, sempre com atitudes injustas e arrogantes. Não ligo a mínima para seus segredos nem vim espioná-la, mas reivindicar o que é meu: minha esposa e meu filho. Contudo, se sobre Aredhel, sua irmã, o senhor crê ter algum direito, ela que fique. Que o pássaro volte para a gaiola da qual logo enjoará, como enjoou antes. Mas Maeglin, não. Meu filho o senhor não irá separar de mim. Venha, Maeglin, filho de Eöl! É seu pai quem ordena. Deixe a casa dos inimigos de seu pai e dos assassinos de sua gente, ou maldito seja! - Maeglin, porém, nada respondeu.

Sentou-se então Turgon em seu trono elevado, segurando seu cetro de justiça, e falou em tom severo.

- Não discutirei com você, elfo-escuro Seus bosques sombrios somente são defendidos pelas espadas dos noldor. Sua liberdade de perambular por lá à vontade, você deve à minha gente.

Não fosse por eles há muito você já estaria mourejando na escravidão nas profundezas de Angband. E aqui eu sou Rei Quer você queira, quer não, minha decisão é lei. Só lhe é dada a seguinte escolha: ficar aqui ou morrer aqui. O mesmo vale para seu filho Eöl olhou então nos olhos do Rei Turgon. E não se intimidou, mas ficou ali muito tempo sem nenhuma palavra ou movimento, enquanto um silêncio total caía sobre o salão. E Aredhel teve medo, por saber que ele era perigoso. De repente, com a rapidez de uma serpente, ele apanhou uma azagaia que trazia escondida por baixo do manto e a lançou na direção de Maeglin, com um grito.

- Escolho a segunda opção para mim e também para meu filho! Vocês não ficarão com o que é meu!

Aredhel, porém, saltou diante do dardo, que a atingiu no ombro. E Eöl foi dominado por muitos, acorrentado e levado dali, enquanto outros cuidavam de Aredhel. Maeglin, entretanto, olhava para o pai em silêncio.

Foi determinado que Eöl fosse trazido no dia seguinte para ser julgado pelo Rei. E Aredhel e Idril conseguiram convencer Turgon a ser misericordioso. Ao entardecer, porém, apesar de o ferimento parecer pequeno, Aredhel adoeceu, caiu na escuridão e durante a noite morreu. Pois a ponta da azagaia estava envenenada, embora ninguém soubesse disso até que fosse tarde demais.

Logo, quando Eöl foi levado à presença de Turgon, não obteve misericórdia alguma. E o levaram até o Caragdûr, um precipício de rocha negra no lado norte do monte de Gondolin, para ali jogá-la do alto das muralhas escarpadas da cidade. E Maeglin estava presente sem nada dizer; mas no último instante, Eöl exclamou – Quer dizer que você renuncia a seu pai e a sua gente, filho desnaturado! Aqui você vai perder todas as suas

esperanças; e que aqui você um dia morra a mesma morte que eu.

Lançaram então Eöl do alto do Caragdûr, e foi esse seu fim. Para todos em Gondolin, isso pareceu justo, mas Idril se sentiu confusa e, daquele dia em diante, não mais confiou em seu parente. Maeglin, porém, prosperou e adquiriu renome entre os gondolindrim, elogiado por todos e alvo da alta estima de Turgon; pois, se aprendia com disposição e rapidez tudo o que pudesse, também tinha muito a ensinar. E reuniu ao seu redor todos os que tinham maior pendor para a mineração e para o ofício de ferreiro. E explorou as Echoriath (que são as Montanhas Circundantes), lá encontrando ricos veios de diversos metais. O que mais valorizava era o ferro duro da mina de Anghabar no norte das Echoriath, e de lá obteve grande quantidade de metal forjado e de aço, de tal modo que as armas dos gondolindrim se tornaram cada vez mais fortes e mais afiadas. E isso lhes seria bem útil nos dias que viriam. Sábio em seus conselhos era Maeglin, além de cauteloso; e, no entanto, corajoso e valente se necessário.

E isso se comprovou em dias futuros. Pois, quando, no terrível ano das Nimaeth Amoediad, Turgon abriu seu cerco e avançou para ajudar Fingon no norte, Maeglin não quis permanecer em Gondolin como regente do Rei, mas foi para a guerra e lutou ao lado de Turgon, revelandose cruel e destemido em combate.

Assim, tudo parecia bem com a sorte de Maeglin, que se tornara poderoso entre os príncipes dos noldor, e o segundo maior, no mais renomado dos reinos. Contudo, ele não revelava seu coração. E embora nem tudo saísse como desejava, suportava isso em silêncio, ocultando seus pensamentos, de modo que poucos conseguiam lê-los, a menos que se tratasse de Idril Celebrindal. Pois, desde seus primeiros dias em Gondolin, ele trazia no peito uma dor, cada vez pior, que lhe roubava a alegria. Ele adorava a beleza de Idril e a desejava, sem esperanças. Os eldar não se casavam com parentes tão próximos; nem nunca algum deles tivera esse tipo de desejo. E, fosse como fosse, Idril absolutamente não amava Maeglin. E, ao ficar sabendo como ele pensava nela, passou a amá-lo ainda menos. Pois, a seus olhos, havia algo de estranho e depravado nele, como de fato os eldar desde então sempre consideraram: um fruto nefasto do fratricídio, através do qual a sombra da maldição de Mandos caía sobre a última esperança dos noldor. Porém, com o passar dos anos, Maeglin ainda observava Idril e esperava; e seu amor se transformou em trevas em seu coração. E ele procurava cada vez mais fazer valer sua vontade em outras questões, sem evitar nenhuma faina ou carga, se com aquilo pudesse obter mais poder.

Foi assim em Gondolin; e em meio à bem-aventurança daquele reino, enquanto durou sua glória, fora plantada uma sinistra semente do mal.

CAPÍTULO XVII
Da chegada dos homens ao oeste

Passados mais de trezentos anos da vinda dos noldor para Beleriand, nos dias da Longa Paz, Finrod Felagund, senhor de Nargothrond, passeava a leste do Sirion e fora caçar com Maglor e Maedhros, filhos de Fëanor. Cansou-se, porém, da caçada e prosseguiu sozinho na direção das montanhas de Ered Lindon, que via cintilando ao longe. Tomando a Estrada dos Anões, atravessou o Gelion no Vau de Sarn Athrad e, voltando-se para o sul e cruzando o curso superior do Ascar, chegou ao norte de Ossiriand.

Num vale em meio aos contrafortes das montanhas, abaixo das fontes de Thalos,

viu luzes à noite e ouviu mais ao longe o som de cantos. Com isso ficou muito admirado, pois os elfosverdes daquela terra não acendiam fogueiras, nem cantavam à noite. De início, temeu que um ataque de orcs tivesse atravessado o Cerco do Norte; mas, à medida que se aproximava, viu que não se tratava disso, pois os cantores usavam uma língua que nunca ouvira antes, nem de anões, nem de orcs. Felagund, então, parado em silêncio na sombra noturna das árvores, olhou para o acampamento lá embaixo e avistou um povo estranho.

Ora, eles pertenciam à família e aos seguidores de Bëor, o Velho, como ele mais tarde foi chamado, um líder entre os homens. Passadas muitas vidas vagando para sair do leste, ele os conduzira afinal através das Montanhas Azuis, os primeiros da raça dos homens a entrar em Beleriand. E cantavam porque estavam felizes, e acreditavam ter escapado de todos os perigos, tendo chegado finalmente a uma terra sem medo Por muito tempo, Felagund os observou, e o amor por eles brotou em seu coração; mas ele continuou escondido nas árvores até que todos estivessem dormindo. Seguiu então para o meio dos adormecidos e se sentou ao lado da fogueira que se apagava, por ninguém vigiada.

Apanhou uma harpa tosca que Bëor deixara de lado e começou a tocar música tal como nunca chegara aos ouvidos dos homens; pois eles ainda não tinham mestres na arte, a não ser os elfosescuros das terras ermas.

Ora, os homens acordaram e escutaram Felagund, que tocava harpa e cantava, e cada qual julgou estar tendo um sonho agradável, até perceber que seus companheiros também estavam acordados a seu lado. A beleza da música e o encanto dos versos eram tais, que ninguém falou nem se mexeu enquanto Felagund tocava. Havia sabedoria nas palavras do Rei élfico, e os corações que o ouviam tornavam-se mais sábios Pois os fatos sobre os quais cantava, a criação de Arda, a bem-aventurança de Aman para além das sombras do Mar, chegavam aos olhos dos homens como visões nítidas, e o idioma élfico era interpretado em cada mente de acordo com sua capacidade.

Foi assim que os homens chamaram o Rei Felagund, que foi o primeiro dos eldar que conheceram, de Nóm, ou seja, Sabedoria, na linguagem daquele povo; e, por causa dele, chamaram seu povo de nómin, os Sábios. Na verdade, a princípio, eles acreditaram que Felagund fosse um dos Valar, de quem tinham ouvido rumores de que moravam longe no oeste. E essa seria (há quem diga) a causa de sua viagem. Felagund, porém, permaneceu com eles e lhes ensinou o verdadeiro conhecimento. Eles o amaram e o aceitaram como senhor, sendo para sempre leais à Casa de Finarfin.

Ora, os eldar superavam todos os outros povos na habilidade com idiomas; e Felagund descobriu também que conseguia ler na mente dos homens aqueles pensamentos que eles desejavam revelar na fala, de modo que suas palavras eram interpretadas com facilidade. Dizse também que esses homens lidavam havia muito com os elfos-escuros a leste das montanhas e com eles aprenderam grande parte de sua fala. E, como todas as línguas dos quendi tinham uma única origem, a língua de Bëor e seu povo lembrava o idioma élfico em muitas palavras e construções. Não demorou, portanto, para Felagund conseguir conversar com Bëor; e, enquanto ali permaneceu, os dois muito falaram um com o outro. No entanto, quando questionado a respeito do surgimento dos homens e suas vagens, Bëor dizia muito pouco. E na realidade pouco sabia, pois os ancestrais de seu povo contavam poucas histórias do passado, e um silêncio se abatera sobre a memória deles

- Atrás de nós, ficam as trevas – dizia Bëor – e nós lhes demos as costas. Não desejamos voltar para lá, nem mesmo em pensamento. Nossos corações estão voltados para o oeste, e acreditamos que encontraremos a Luz.

Entretanto, dizia-se depois entre os eldar que, quando os homens despertaram em Hildórien, ao nascer do Sol, os espiões de Morgoth estavam alertas e logo lhe levaram a notícia. E essa questão lhe pareceu tão importante, que, em segredo e oculto pelas sombras, ele próprio saiu de Angband e penetrou na Terra-média, deixando o comando da guerra nas mãos de Sauron. De seus contatos com os homens, os eldar de fato nada sabiam na época, e descobriram pouca coisa mais tarde. Mas percebiam com clareza que (como a sombra do Fratricídio e da Condenação de Mandos se abatia sobre os noldor) uma escuridão encobria os corações dos homens, mesmo no povo de amigos-dos-elfos que conheceram primeiro. Corromper ou destruir tudo o que surgisse de novo e belo sempre fora o principal desejo de Morgoth; e, sem dúvida, também era esse seu objetivo nessa viagem: usando o medo e as mentiras, tomar os homens inimigos dos eldar, e instigá-los a deixar o leste para entrar em Beleriand. Esse plano era, porém, de lenta maturação e nunca foi plenamente realizado; pois os homens (ao que se diz) eram de início muito poucos, e Morgoth, temendo a união e o poder crescente dos eldar, retornou para Angband, deixando atrás de si, na época, nada mais do que alguns servos, e esses dos menos astutos e poderosos.

Ora, Felagund soube por Bëor que havia muitos outros homens de pensamento semelhante que também estavam viajando para o oeste.

- Outros da minha própria gente cruzaram as Montanhas e vêm perambulando não muito longe daqui; e os haladin, um povo do qual estamos isolados pela fala, ainda estão nos vales nas encostas orientais, esperando notícias antes de decidir avançar. Existem ainda outros homens, cujo idioma é mais parecido com o nosso, com quem lidamos às vezes. Estavam à nossa frente na marcha para o oeste, mas nós os ultrapassamos, pois são um povo numeroso, que mesmo assim se mantém unido e se movimenta com vagar, sendo todos eles governados por um líder que chamam de Marach.

Ora, os elfos-verdes de Ossiriand ficaram perturbados com a chegada dos homens, e, quando souberam que um senhor dos eldar, do outro lado do Mar, estava entre eles, enviaram mensageiros a Felagund.

- Senhor – diziam -, se tens poder sobre esses recém-chegados, faze com que voltem por onde vieram, ou que continuem seu caminho. Pois, nesta terra não desejamos que desconhecidos destruam a paz em que vivemos. E esse povo derruba árvores e caça animais. Portanto, não somos seus amigos. E, se não quiserem partir, nós os atormentaremos de todas as formas possíveis.

Seguindo, então, o conselho de Felagund, Bëor reuniu todas as famílias e parentes nômades de seu povo para que se mudassem para o outro lado do Gelion e fixassem residência nas terras de Amrod e Amras, junto às margens orientais do Celon, ao sul de Nan Elmoth, perto das fronteiras de Doriath. E o nome dessa terra daí em diante foi Estolad, o Acampamento. Com tudo, quando, passado um ano, Felagund quis voltar para sua própria terra, Bëor lhe implorou permissão para acompanhá-la. E permaneceu a serviço do Rei de Nargothrond enquanto durou sua vida Foi assim que ele recebeu seu nome, Bëor, pois antes seu nome era Balan. Bëor significava "vassalo" no idioma de seu povo. O comando do povo ele entregou a Baran, seu primogênito; e nunca mais voltou a Estolad.

Logo após a partida de Felagund, os outros homens de quem Bëor falara também chegaram a Beleriand. Os primeiros foram os haladin; mas, deparando com a antipatia dos elfos-verdes, eles se voltaram para o norte e foram morar em Thargelion, na região de Caranthir, filho de Fëanor. Ali, por algum tempo, tiveram paz; e a gente de Caranthir prestava pouca atenção a eles. No ano seguinte, Marach conduziu seu povo através das montanhas. Era uma gente alta, belicosa, que marchava em companhias organizadas. E os

elfos de Ossiriand se esconderam e não armaram emboscadas para eles. Marach, porém, tendo sabido que o povo de Bëor habitava uma terra verde e fértil, desceu pela Estrada dos Anões e se instalou na região a sul e leste das moradas de Baran, filho de Bëor; e houve grande amizade entre esses povos.

O próprio Felagund voltava com freqüência para visitar os homens. E muitos outros elfos das terras acidentais, tanto noldor quanto sindar, viajavam até Estolad, na ânsia de ver os edain, cuja vinda tinha sido prevista havia muito. Ora, atani, o Segundo Povo, era o nome dado aos homens em Valinor na tradição que falava da sua chegada. Já na fala de Beleriand, esse nome passou a ser edain, e ali era usado apenas em referência às três famílias de amigos-dos-elfos.

Fingolfin, como Rei de todos os noldor, enviou-lhes mensagens de boas-vindas; e então muitos rapazes dispostos dos edain partiram para prestar serviços aos reis e senhores dos eldar. Entre eles estava Malach, filho de Marach, que morara em Hithlum catorze anos. Ele aprendera a língua élfica e recebera o nome de Aradan.

Os edain não permaneceram muito tempo em Estolad, pois muitos ainda desejavam ir para o oeste; só não sabiam o caminho. À sua frente, estavam as bordas de Doriath, e ao sul esta-va o Sirion e seus pântanos intransponíveis. Por isso, os reis das três Casas dos noldor, vendo esperança de força nos filhos dos homens, mandaram avisar que quaisquer edain que assim desejassem, poderiam se mudar e vir residir em meio a seu povo. Começou assim a migração dos edain. De início, aos poucos, mas mais tarde em famílias e clãs, eles levantaram acampamento e deixaram Estolad, até que, após cerca de cinqüenta anos, muitos milhares haviam passado para as terras dos Reis. A maioria deles seguiu pela longa estrada para o norte, até os caminhos se tornarem bem conhecidos. O povo de Bëor veio a Dorthonion e habitou terras governadas pela Casa de Finarfin. O povo de Aradan (pois Marach, seu pai, permaneceu em Estolad até sua morte) em sua grande maioria prosseguiu para o ocidente; e alguns chegaram a Hithlum, mas Magor, filho de Aradan, e boa parte do povo desceram o Sirion e entraram em Beleriand, morando algum tempo nos vales das encostas meridionais das Ered Wethrin.

Diz-se que em todas essas questões, ninguém, a não ser Finrod Felagund, procurou o conselho do Rei Thingol, que não ficou satisfeito, tanto por esse motivo, quanto por ter sido perturbado por sonhos relacionados à chegada dos homens muito antes de se ouvirem as primeiras notícias deles. Por conseguinte, ele ordenou que os homens não se apropriassem de nenhuma terra para habitar, à exceção do norte, e que os príncipes a quem serviam se responsabilizassem pelo que eles fizessem.

- Em Doriath. Nenhum homem entrará enquanto durar meu reinado, nem mesmo os da Casa de Bëor, que serve a Finrod, o Amado – disse Thingol. Naquela ocasião, nada lhe disse Melian, mas depois ela falou com Galadriel

- Agora o mundo corre veloz na direção de grandes notícias E um dos homens, exatamente da Casa de Bëor, de fato virá; e o Cinturão de Melian não o impedirá, pois um destino maior do que meu poder o estará enviando. E os versos que brotarão dessa vinda persistirão quando toda a Terra-média estiver mudada.

Entretanto, muitos homens permaneceram em Estolad; e ainda morava lá muitos anos depois um povo de origens diversas, até que na destruição de Beleriand eles foram derrotados ou fugiram de volta para o leste. Pois, além dos velhos que consideravam encerrados seus dias de nômades, não eram poucos os que desejavam seguir por conta própria e temiam os eldar, bem como a luz nos seus olhos. Surgiram então discórdias entre os edain, discórdias nas quais a sombra de Morgoth poderia ser detectada, pois é certo que ele sabia da vinda dos homens para Beleriand e de sua crescente amizade com os elfos. Os líderes da insatisfação eram Bereg, da Casa de Bëor, e Amlach, um dos netos

de Marach.

- Enfrentamos longos caminhos – diziam eles, abertamente – desejando escapar aos perigos da Terra-média e dos seres sinistros que ali habitam; pois ouvimos dizer que havia Luz no oeste Mas agora descobrimos que a Luz fica do outro lado do Mar. Não podemos ir para lá, onde moram em bem-aventurança os Deuses, com exceção de um, pois o Senhor da Escuridão está aqui diante de nós; assim como os eldar, sábios porém cruéis, que lhe fazem guerra sem cessar.

No norte, vive ele, dizem os eldar. E lá estão a dor e a morte das quais fugimos. Não iremos nessa direção.

Foram então convocados um conselho e uma assembléia dos homens, que se reuniram em grande quantidade. E os amigos-dos-elfos responderam a Bereg.

- Sem dúvida, é do Rei das Trevas que vêm todos os males dos quais fugimos; mas ele pretende dominar toda a Terra-média, e para onde poderemos nos voltar sem que ele nos persiga? A menos que seja derrotado aqui, ou pelo menos mantido sob cerco. A única coisa que o restringe é a coragem dos eldar; e talvez tenha sido com esse objetivo, o de auxiliá-los na necessidade, que fomos trazidos para esta terra.

- Que os eldar cuidem disso! - respondeu Bereg. - Nossas vidas já são breves o suficiente.

Levantou-se então alguém que a todos pareceu ser Amlach, filho de Imlach, proferindo palavras cruas que abalaram o coração de todos os que o ouviram.

- Tudo isso são histórias dos elfos, contos para enganar recém-chegados incautos. O Mar não tem fim. Não há Luz nenhuma no oeste. Vocês vieram atrás de um fogo-fátuo dos elfos até o fim do mundo! Quem de vocês viu o menor dos Deuses? Quem contemplou o Senhor do Escuro no norte? São os eldar que procuram dominar a Terra-média. Em sua ganância por riquezas, eles cavaram a terra em busca de seus segredos e despertaram a ira dos seres que moram abaixo dela, como sempre fizeram e sempre farão. Que os orcs fiquem com o reino que é deles, e nós com o nosso. Existe espaço no mundo, desde que os eldar nos deixem em paz! Aqueles que estavam escutando ficaram então por algum tempo assustados, e uma sombra de medo se abateu sobre seus corações. E resolveram partir das terras dos eldar. Mais tarde, no entanto, Amlach voltou a estar entre eles e negou ter estado presente no debate ou ter pronunciado as palavras que eles relatavam. Surgiram, então, a dúvida e a perplexidade entre os homens.

- Vocês agora acreditarão pelo menos nisso – disseram os amigos-dos-elfos – que de fato existe um Senhor do Escuro e que seus espiões e emissários estão entre nós; pois ele nos teme e teme a força que podemos dar a seus inimigos.

- Ele nos odeia, isso sim – responderam ainda alguns – e seu ódio vai crescer quanto mais aqui permanecermos, intrometendo-nos em sua disputa com os Reis dos eldar, sem nenhuma vantagem para nós.

Assim, muitos dos que ainda se encontravam em Estolad se prepararam para ir embora; e Bereg conduziu mil indivíduos do povo de Bëor na direção sul, e eles desapareceram dos relatos daqueles tempos.

- Agora tenho uma disputa só minha – disse Amlach, arrependido – com esse Mestre das Mentiras, e essa briga durará até o fim de meus dias. - Dirigiu-se então para o norte e foi prestar serviços a Maedhros. Já aqueles do seu povo que tinham opinião semelhante à de Bereg escolheram um novo líder, refizeram o caminho através das montanhas, voltando a Eriador, e foram esquecidos.

Nessa época, os haladin permaneceram em Thargelion, contentes. Morgoth, porém, ao ver que por meio de mentiras e trapaças não conseguia afastar totalmente elfos e homens, encheu-se de ira e procurou causar aos homens os maiores males possíveis.

Enviou, portanto, um ataque de orcs. Passando pelo leste, eles burlaram o cerco e chegaram sorrateiros através das Ered Lindon pelas passagens da Estrach dos Anões, abatendo-se sobre os haiadin nos bosques meridionais da terra de Caranthir.

Ora, os haladin não viviam sob o comando de senhores, nem em grandes aglomerados; mas cada propriedade era isolada e decidia suas próprias questões. Eram um povo lento para se unir.

Havia, porém, entre eles um homem chamado Haldad, que era autoritário e destemido. Ele reuniu todos os homens corajosos que conseguiu encontrar e recuou para o território entre o Ascar e o Geúon. Ali, no canto mais remoto, construiu uma paliçada de um rio ao outro. Para trás dela foram levadas todas as mulheres e crianças que conseguiram salvar. Ali foram sitiados, até seus alimentos terminarem.

Haldad tinha dois gêmeos: Haleth, a filha, e Haldar, o filho. E os dois foram valentes na defesa, pois Haleth era mulher de grande coração e força. No final, porém, Haldad foi morto numa investida contra os orcs; e Haldar, que se apressou a salvar o corpo do pai da carnificina, foi abatido a seu lado. Haleth, então, manteve seu povo unido, embora eles estivessem sem esperanças; e alguns se jogaram nos rios e morreram afagados. Entretanto, sete dias depois, quando os orcs faziam sua última investida e já haviam atravessado a paliçada, ouviu-se de repente o som de clarins, e Caranthir com seu exército desceu do norte e empurrou os orcs para dentro dos rios.

Caranthir então encarou os homens com simpatia e prestou grandes homenagens a Haleth.

Ofereceu-lhe compensações pela morte do pai e do irmão. E vendo, tarde demais, a bravura que havia nos edain, fez-lhe uma oferta.

- Se você quiser morar mais ao norte, terá lá a amizade e a proteção dos eldar, e territórios livres somente seus. Haleth, porém, era orgulhosa e não propensa a. Ser orientada ou governada; e a maioria dos haladin era de disposição semelhante. Agradeceu, portanto, a Caranthir mas respondeu: - Tenho agora a firme intenção, senhor, de abandonar a sombra das montanhas e ir para o oeste, para onde outros da nossa gente já foram.

Assim, quando reuniram todos os que encontraram vivos daqueles que haviam fugido enlouquecidos para os bosques com o ataque dos orcs e recolheram o que restava dos pertences em suas casas incendiadas, os haladin tornaram Haleth como chefe. E ela os conduziu afinal a Estolad, onde permaneceram algum tempo.

Continuaram, porém, um povo à parte, e ficaram para sempre conhecidos entre elfos e homens como o povo de Haleth. Haleth foi sua chefe enquanto viveu, mas não se casou, e depois dela a chefia passou para Haldan, filho de Haldar, seu irmão. No entanto, logo Haleth desejou se transferir mais para o ocidente. E, embora a maior parte de seu povo fosse contrária a essa decisão, ela os conduziu ainda uma vez. Seguiram, assim, sem ajuda ou orientação dos eldar; e, atravessando o Celon e o Aros, entraram na região perigosa entre as Montanhas do Terror e o Cinturão de Melian. Naquela época, esse território não era ainda tão nefasto quanto se tornou mais tarde, mas não era uma estrada pela qual homens mortais pudessem seguir sem auxílio. E Haleth só conseguiu completar o percurso com muita dificuldade e perda, forçando seu povo a avançar apenas pela força da vontade dela. Afinal atravessaram o Vau de Brithiach, e muitos se arrependeram amargamente da jornada; mas agora não havia mais retomo. Assim, em novas terras, eles voltaram a levar a vida de antes, na medida do possível. Moravam em propriedades livres nos bosques de Talath Dimen do outro lado do Teiglin; enquanto alguns se desgarraram, embrenhando-se bastante no reino de Nargothrond. Eram, entretanto, muitos os que amavam a Senhora Haleth, que desejavam ir aonde ela fosse e permanecer sob seu

comando. E esses ela levou para a Floresta de Brethil, entre o Teiglin e o Sirion. Para lá, nos dias funestos que se seguiram, acorreram muitos de seu povo disperso.

Ora, Brethil era considerada pelo Rei Thingol parte de seus domínios, muito embora estivesse fora do Cinturão de Melian, e Thingol teria negado essa área a Haleth. Felagund, porém, que gozava da amizade de Thingol, tendo sabido de tudo o que acontecera ao povo de Haleth, obteve para ela esse beneficio: de morar livremente em Brethil, com a condição única de seu povo guardar as Travessias do Teiglin contra todos os inimigos dos eldar e não permitir que nenhum arc entrasse nos bosques. A essa condição, Haleth deu uma resposta.

- Onde estão Haldad, meu pai, e Haldar, meu irmão? Se o Rei de Doriath teme uma amizade entre Haleth e aqueles que devoraram sua família, o modo de pensar dos eldar é incompreensível para os homens.

E morou Haleth em Brethil até sua morte. E seu povo ergueu sobre ela um túmulo com a forma de uma colina verdejante na parte mais alta da floresta, Tûr Haretha, a Colina da Senhora, Haudh-en-Arwen no idioma sindarin.

Foi assim que aconteceu de os edain habitarem as terras dos eldar, alguns aqui, outros acolá, uns nômades, outros fixos, em clãs ou pequenos grupos. E a maior parte deles logo aprendeu o idioma dos elfos-cinzentos, tanto como língua comum quanto porque muitos desejavam conhecer as tradições dos elfos.

Depois de algum tempo, contudo, vendo que não era conveniente a mistura desordenada da vida em comum de elfos e homens, e percebendo que os homens precisavam de senhores de sua própria gente, os Reis élficos designaram regiões separadas nas quais os homens poderiam levar a vida e indicaram chefes para governar essas terras livremente. Os homens eram aliados dos eldar na guerra, mas marchavam sob o comando de seus próprios líderes Entretanto, muitos dos edain se compraziam com a amizade dos elfos e permaneciam entre eles tanto tempo quanto lhes fosse permitido. E os rapazes costumavam prestar serviço por um período nos exércitos dos reis.

Ora, Hador Lórindol, filho de Hathol, filho de Magor, filho de Malach Arachn, entrou para a Casa de Fingolfin na juventude e era amado pelo Rei. Fingolfin, por isso, concedeu-lhe o domínio sobre Dor-lómin; e naquele território Hador reuniu a maioria das pessoas do seu clã e se tomou o mais poderoso dos chefes dos edain. Em sua casa, somente se falava o idioma élfico; mas sua própria língua não fora esquecida, e dela derivou o idioma geral de Númenor.

Em Dorthonion, porém, o comando do povo de Bëor e da região de Ladros foi dado a Boromir, filho de Boron, que era neto de Bëor, o Velho.

Os filhos de Hador foram Galdor e Gundor; e os filhos de Galdor foram Húrin e Huor. O filho de Húrin foi Túrin, a Perdição de Glaurung; e o filho de Huor foi Tuor, pai de Eärendil, o Abençoado. O filho de Boromir foi Bregor, cujos filhos foram Bregolas e Barahir; e os filhos de Bregolas foram Baragund e Belegund. A filha de Baragund foi Morwen, mãe de Túrin; e a filha de Belegund foi Rían, mãe de Tuor. Já o filho de Barahir foi Beren Maneta, que conquistou o amor de Lúthien, filha de Thingol, e voltou dos Mortos. Deles nasceu Elwing, mulher de Eärendil, e todos os Reis de Númenor mais tarde.

Todos esses foram enredados na teia da Condenação dos noldor; e realizaram grandes feitos que os eldar ainda relembram entre as histórias dos Reis de outrora. E naquela época a força dos homens se somava ao poder dos noldor, e eram grandes suas esperanças. E Morgoth estava severamente cercado, pois o povo de Hador, resistente para agüentar o frio e longos períodos de nomadismo, não temia fazer longas incursões eventuais ao norte e lá montar guarda para vigiar os movimentos do Inimigo. Os homens

das Três Casas cresceram e se multiplicaram, mas a maior delas foi à Casa de Hador Cabeça-dourada, par dos Senhores élficos. Seu povo tinha grande força e estatura, era alerta no raciocínio, corajoso e leal, rápido na irritação e no riso, poderoso entre os Filhos de Ilúvatar na juventude da Humanidade. Louros eram eles em sua maioria, e de olhos azuis; mas Túrin, cuja mãe era Morwen, da Casa de Bëor, não era assim. Os homens daquela casa tinham cabelos escuros ou castanhos, e olhos cinzentos. E de todos eram os mais parecidos com os noldor e os mais amados por eles; pois eram sérios, habilidosos, céleres na compreensão e de longa memória; e ainda levados com mais facilidade à compaixão do que ao riso. Semelhante a eles era o povo da floresta de Haleth, mas esses tinham menor estatura e menor curiosidade pelas tradições. Usavam poucas palavras e não apreciavam grandes ajuntamentos humanos. Muitos dentre eles apreciavam a solidão e perambulavam livremente pelos bosques, enquanto o espanto com as terras dos eldar ainda lhes era recente.

No entanto, nos reinos do oeste, sua passagem foi curta e seus dias, infelizes.

Os anos de vida dos edain foram prolongados, de acordo com o cálculo dos homens, depois de sua chegada a Beleriand; mas, no final, Bëor, o Velho, faleceu quando já tinha vivido noventa e três anos, quarenta e quatro dos quais a serviço do Rei Felagund. E, quando jazia morto, sem nenhum ferimento ou mágoa, mas abatido pela idade, os eldar viram pela primeira vez o rápido ocaso da vida dos homens e a morte por cansaço que eles mesmos não conheciam. E lamentaram muito a perda de seus amigos. Bëor, entretanto, entregara a vida de bom grado e fize-ra a passagem em paz. E os eldar muito se admiraram com o estranho destino dos homens, pois em toda a sua tradição de conhecimento não havia nenhuma menção a ele, e seu fim lhes era desconhecido.

Mesmo assim, os edain de outrora aprenderam rapidamente com os eldar toda arte e todo conhecimento que puderam absorver, e seus filhos desenvolveram sabedoria e perícia, até suplantar de longe todos os outros seres humanos que ainda permaneciam a leste das montanhas e não haviam visto os eldar, nem contemplado os rostos que conheceram a Luz de Valinor.

CAPÍTULO XVIII
Da ruína de Beleriand e da queda de Fingolfin

Ora, Fingolfin, Rei do Norte e Rei Supremo dos noldor, ao ver que seu povo se tornara numeroso e forte, e que os homens a eles aliados eram muitos e destemidos, pensou mais uma vez num ataque a Angband; pois sabia que aviam em perigo enquanto o círculo do Cerco não se fechasse e Morgoth estivesse livre para trabalhar em suas minas profundas, maquinando maldades que ninguém poderia prever antes que ele as revelasse. Essa posição era sábia na medida de seu conhecimento; pois os noldor ainda não compreendiam a plenitude do poder de Morgoth, nem entendiam que sua guerra contra ele, desassistida, era no final sem esperanças, quer se apressassem, quer postergassem. Contudo, como a terra era bela e seus reinos, vastos, os noldor em sua maioria estavam satisfeitos com as coisas como estavam, confiantes de que isso duraria muito e sem nenhuma pressa em iniciar um ataque no qual muitos sem dúvida pereceriam, fosse na vitória, fosse na derrota. Estavam, portanto, pouco dispostos a dar ouvidos a Fingolfin; e os filhos de Fëanor naquela época menos que todos os outros. Entre os líderes dos noldor;

somente Angrod e Aegnor pensavam como o Rei; pois moravam em regiões de onde se podiam descortinar as Thangorodrim; e a ameaça de Morgoth estava presente em seu pensamento. Assim, os planos de Fingolfin deram em nada, e a terra ainda teve paz por algum tempo.

Porém, quando a sexta geração de homens depois de Bëor e Marach ainda não havia atingido a maioridade, passados quatrocentos e cinzenta e cinco anos da chegada de Fingolfin, aconteceu o mal que ele tanto tempo temera, e ainda mais horrendo e súbito do que seus piores pavores.

Pois Morgoth havia muito tempo vinha preparando sua força em segredo, enquanto a maldade no seu coração crescia cada vez mais e mais amargo se tornava seu ódio aos noldor. E ele desejava não só exterminar seus inimigos, mas também destruir e profanar as terras das quais eles se haviam apossado e embelezado. Diz-se também que seu ódio suplantou seu raciocínio, pois, se tivesse suportado esperar, até que seus intentos estivessem satisfeitos, os noldor teriam perecido totalmente. Por seu lado, no entanto, ele subestimou a bravura dos elfos, e ainda não levava em consideração os homens.

Chegou um período no inverno em que a noite era escura e sem Lua; e a vasta planície de Ardgalen se estendia na penumbra sob as estrelas frias, das fortalezas nas colinas dos noldor ao sopé das Thangorodrim. As fogueiras dos vigias queimavam baixas, e os sentinelas eram poucos. Na planície, poucos estavam acordados nos acampamentos dos cavaleiros de Hithlum.

Então, de repente, Morgoth fez jorrar enormes rios de chamas, que desciam das Thangorodrim mais velozes do que balrogs e se derramaram por toda a planície. E as Montanhas de Ferro vomitaram labaredas de muitos matizes venenosos; e suas emanações pestilentas impregnaram o ar; e eram fatais. Assim pereceu Ard-galen, e o fogo devorou sua relva. Tomou-se uma região queimada e devastada, cheia de uma poeira asfixiante, estéril e sem vida. Daí em diante, seu nome foi mudado, e ela passou a se chamar Anfauglith, a Poeira Sufocante. Grande quantidade de ossos calcinados tinha ali seu túmulo a céu aberto; pois muitos dos noldor pereceram no incêndio, tendo sido apanhados pelas labaredas velozes, sem poder fugir para as colinas. As elevações de Dorthonion e das Ered Wethrin impediram o avanço das torrentes de fogo, mas os bosques das suas encostas que davam para Angband todos se incendiaram, e a fumaça gerou confusão entre os defensores. Assim teve início a quarta das grandes batalhas, Dagor Bragollach, a Batalha das Chamas Repentinas.

Na vanguarda desse incêndio vinha Glaurung, o Dourado, pai de todos os dragões, no apogeu de sua força. Atrás dele vinham balrogs, e atrás destes vinham os exércitos sinistros dos orcs, em multidões tais como os noldor nunca haviam visto ou imaginado. E eles atacaram as fortalezas dos noldor, romperam o Cerco a Angband e, onde quer que os encontrassem, matavam os noldor e seus aliados, elfos-cinzentos e homens. Muitos dos mais corajosos inimigos de Morgoth foram destruídos nos primeiros dias dessa guerra, desnorteados, dispersos e incapazes de reunir suas forças. A guerra nunca mais cessou de todo em Beleriand; mas considera-se que a Batalha das Chamas Repentinas terminou quando as investidas de Morgoth se reduziram, com a chegada da primavera.

Assim terminou o Cerco a Angband; e os inimigos de Morgoth foram dispersados e isolados uns dos outros. A maior parte dos elfos-cinzentos fugiu para o sul, abandonando a guerra ao norte; muitos foram acolhidos em Doriath, e o reino e poderio de Thingol muito aumentaram naquela época, pois o poder de Melian, a rainha, estava entretecido nas suas fronteiras, e o mal ainda não podia penetrar naquele reino oculto. Outros foram refugiar-se nas fortalezas à beiramar e em Nargothrond; e alguns fugiram dali para se esconder em Ossiriand; ou, tendo cruzado as montanhas, perambulavam sem

abrigo nos ermos. E rumores da guerra e da queda do sítio chegaram aos ouvidos dos homens no leste da Terra-média.

Os filhos de Finarfin foram os mais atingidos pelo impacto do ataque; e Angrod e Aegnor foram mortos. A seu lado, caiu Bregolas, senhor da Casa de Bëor, bem como grande parte dos guerreiros daquela gente. No entanto, Barahir, irmão de Bregolas, estava na luta mais para o oeste, perto do Passo do Sirion. Ali, o Rei Finrod Felagund, vindo apressado do sul, ficou isolado de sua gente e cercado com poucos acompanhantes no Pântano de Serech. E teria sido morto ou capturado, se Barahir não chegasse com seus homens mais valentes e o resgatasse, protegendo-o com um círculo de lanças para abrir caminho em meio à batalha, com enormes perdas. Assim escapou Felagund e retornou às profundezas de sua fortaleza em Nargothrond; mas fez um juramento de amizade e auxílio permanente em qualquer necessidade a Barahir e toda a sua gente; e, como prova do juramento, deu a Barahir seu anel. Barahir era agora por direito o senhor da Casa de Bëor, e voltou a Dorthonion; mas a maior parte de seu povo fugira de casa para se refugiar na segurança de Hithlum.

Tão espantoso foi o ataque de Morgoth, que Fingolfin e Fingon não puderam vir em auxílio dos filhos de Finarfin; e os exércitos de Hithlum foram rechaçados com enormes perdas, sendo empurrados de volta para as fortalezas das Ered Wethrin; e mesmo essas eles mal conseguiram defender dos orcs. Diante das muralhas de Eithel Sirion caiu Hador, o Cabeça-dourada, já aos sessenta e seis anos de idade, defendendo a retaguarda de seu senhor Fingolfin; e com ele caiu seu filho caçula, Gundor, perfurado por muitas flechas. E os dois foram pranteados pelos elfos.

Então, Galdor, o Alto, assumiu a posição de autoridade do pai. E, graças à força e à altura das Montanhas Sombrias, que resistiram à correnteza de fogo, e à bravura dos elfos e dos homens do norte, que nem orc nem balrog tinham conseguido derrotar, Hithlum permaneceu incólume, uma ameaça no flanco do ataque de Morgoth; mas Fingolfin foi separado de seus semelhantes por um oceano de inimigos.

Pois a guerra havia sido desfavorável aos filhos de Fëanor, e praticamente toda a fronteira oriental fora tomada no ataque A Passagem de Aglon fora forçada, embora com enorme custo para os exércitos de Morgoth. E Celegorm e Curufin, derrotados, fugiram para o sul e para o oeste, pelas fronteiras de Doriath e, chegando afinal a Nargothrond, procuraram abrigo com Finrod Felagund. Aconteceu assim que sua gente reforçou o poderio de Nargothrond; mas teria sido melhor, como se viu depois, que tivessem permanecido no leste com seus parentes.

Maedhros realizou feitos de bravura extraordinária; e os orcs fugiram diante de seu rosto. Pois, desde sua tortura nas Thangorodrim, seu espírito ardia como um fogo branco em seu íntimo, e ele era como alguém que volta dos mortos. Assim, a grande fortaleza sobre a Colina de Himring não foi conquistada; e muitos dos mais corajosos que restaram, tanto do povo de Dorthonion quanto das fronteiras orientais, vieram reunir-se ali a Maedhros. E por um tempo ele fechou mais uma vez a Passagem de Aglon, para que os orcs não entrassem em Beleriand por aquele caminho. Os orcs, porém, derrotaram os cavaleiros do povo de Fëanor em Lothlann, pois Glaurung fora para lá, passando pela Falha de Maglor, e destruíra toda a terra entre os braços do Gelion. E os orcs tornaram a fortaleza instalada na encosta ocidental do Monte Rerir, devastaram toda a Thargelion, a terra de Caranthir; e profanaram o Lago Helevom. Dali cruzaram o Gelion, com fogo e terror, e se embrenharam em Beleriand Oriental. Maglor juntou-se a Maedhros em Himring. Já Caranthir fugiu e uniu os que restavam de sua gente ao povo disperso dos caçadores, Amrod e Amras. Juntos, eles recuaram e passaram por Ramdal, no sul. Sobre o Amon Ereb, mantiveram vigilância e alguma força de combate, com o auxílio dos elfos-

verdes; e os orcs não entraram em Ossiriand, nem chegaram a Taur-im-Duinath e aos ermos do sul.

Ora, chegaram notícias a Hithlum de que Dorthonion estava perdida, os filhos de Finarfin, derrotados, e os filhos de Fëanor, expulsos de suas terras. Fingolfin então contemplou (como lhe parecia) a total destruição dos noldor, e a derrota irremediável de todas as suas casas. E, cheio de cólera e desespero, montou em Rochallor, seu cavalo magnífico, e partiu sozinho, sem que ninguém pudesse contê-lo. Passou por Dor-nu-Fauglith como um vento em meio à poeira; e todos os que viram sua investida fugiram assustados, acreditando que o próprio Oromë chegara. Pois ele fora dominado por uma loucura furiosa, tal que seus olhos brilhavam como os olhos dos Valar. Assim, chegou sozinho aos portões de Angband, fez soar sua trompa e golpeou mais uma vez as portas de bronze, desafiando Morgoth a se apresentar para um combate homem a homem. E Morgoth veio. Essa foi a última vez naquelas guerras em que ele atravessou as portas de seu reduto; e o que se diz é que não aceitou o desafio de bom grado.

Pois, embora seu poder fosse maior que tudo o que existe no mundo, ele era o único dos Vaiar que conhecia o medo. Agora, porém, não podia fugir ao desafio diante de seus capitães. Pois as rochas reverberavam com a música aguda da trompa de Fingolfin, sua voz chegava clara e nítida às profundezas de Angband, e Fingolfin chamava Morgoth de covarde e de senhor de escravos. Por isso, Morgoth veio, subindo lentamente de seu trono subterrâneo, e o ruído de seus passos era como trovões no seio da terra. E se apresentou trajando uma armadura negra.

Parou diante do Rei como uma torre, com sua coroa de ferro. E seu enorme escudo, negro sem brasão, lançava uma sombra como uma nuvem de tempestade. Fingolfin, entretanto, cintilava dentro da sombra como uma estrela; pois sua malha era recoberta de prata, e seu escudo azul era engastado com cristais. E ele sacou sua espada Ringil, que refulgia como o gelo.

Morgoth então ergueu bem alto Grond, o Martelo do Mundo Subterrâneo, e o fez baixar como um raio. Fingolfin, porém, deu um salto para o lado, e Grond abriu um tremendo buraco na terra, de onde jorraram fumaça e fogo. Muitas vezes Morgoth tentou esmagá-la, e a cada vez Fingolfin escapava com um salto, como o relâmpago que sai de uma nuvem escura. E fez sete ferimentos em Morgoth; e sete vezes Morgoth deu um grito de agonia, com o que os exércitos de Angband se prostraram no chão, aflitos, e os gritos ecoaram pelas terras do norte.

Mas, por fim, o Rei se cansou, e Morgoth o empurrou para baixo com o escudo. Três vezes, Fingolfin foi esmagado até se ajoelhar, e três vezes ele se levantou portando seu escudo quebrado e seu elmo amassado. Entretanto, a terra estava toda esburacada e rasgada ao seu redor, e ele tropeçou e caiu para trás aos pés de Morgoth. E Morgoth pôs o pé esquerdo sobre o pescoço de Fingolfin; e o peso era o de uma colina desmoronando. Contudo, num golpe final e desesperado, Fingolfin lhe cortou o pé com Ringil, e o sangue jorrou negro e fumegante, enchendo os buracos feitos por Grond. Assim morreu Fingolfin, Rei Supremo dos noldor, o mais altivo e destemido dos Reis élficos de outrora. Os orcs não se vangloriaram desse duelo junto aos portões. Nem os elfos cantam esse feito, pois é por demais profunda sua dor.

Entretanto, a história ainda é lembrada, já que Thorondor, Rei das Águias, levou as notícias a Gondolin e às plagas remotas de Hithlum. E Morgoth apanhou o corpo do Rei élfico e o partiu para lançá-la aos lobos. Thorondor, porém, veio apressado de seu ninho em meio aos picos de Crissaegrim, lançou-se sobre Morgoth e lhe feriu o rosto. O farfalhar das asas de Thorondor era como o ruído dos ventos de Manwë. Ele pegou o corpo com suas garras poderosas e, alçando vôo de repente fora do alcance dos dardos

dos orcs, levou o Rei embora. E o depositou no topo de uma montanha que, do norte, dava para o vale oculto de Gondolin. Turgon veio e construiu um monumento de pedras sobre o pai. Nenhum orc jamais ousou passar por cima do monte de Fingolfin ou se aproximar de seu túmulo, enquanto não se realizasse a sina de Gondolin e a traição não surgisse entre sua gente. Morgoth mancou para sempre, a partir daquele dia, e a dor de seus ferimentos não podia ser mitigada. E, no rosto, trazia a cicatriz deixada por Thorondor.

Enorme foi a lamentação em Hithlum quando se tomou conhecida a queda de Fingolfin; e Fingon, pesaroso, assumiu a chefia da Casa de Fingolfin e o reino dos noldor; mas seu jovem filho Ereinion (que mais tarde foi chamado de Gil-galad) ele enviou para os Portos.

Agora o poder de Morgoth dominava as terras do norte; mas Barahir não se dispunha a fugir de Dorthonion e disputava cada metro de território com seus inimigos. Morgoth, então, perseguiu sua gente até a morte, até restarem poucos deles. E toda a floresta das encostas setentrionais daquela região foi aos poucos se transformando numa região de tamanho pavor e feitiços sinistros, que nem mesmo os orcs nela penetravam, a menos que a necessidade os forçasse, e ela se chamou Deldúwath, e Taur-nu-Fuin, a Floresta Sob a Sombra da Noite. As árvores que ali cresceram depois do incêndio eram negras e sinistras, com as raízes enroscadas, tateando no escuro como garras de animais. E aqueles que se desgarravam no meio delas ficavam perdidos e cegos, e eram estrangulados ou perseguidos até a loucura por espectros aterrorizantes. Afinal, de tal desespero era a situação de Barahir, que sua mulher Emeldir, a de Coração Viril (cuja disposição era mais lutar ao lado do marido e do filho do que fugir), reuniu todas as mulheres e crianças que restavam e deu armas àquelas que quisessem portá-las. Conduziu-as, então, para dentro das montanhas que estavam às suas costas; e por trilhas perigosas, até finalmente chegarem com grandes perdas e desditas a Brethil. Algumas foram recebidas entre os haladin; mas outras prosseguiram pelas montanhas até Dor-lómin e o povo de Galdor, filho de Hador.

Entre essas estavam Rían, filha de Belegund, e Morwen, que era chamada de Eledhwen, ou seja, Brilho Élfico, filha de Baragund. Nenhuma, porém, jamais voltou a ver os homens que haviam deixado. Pois eles foram exterminados um a um, até que no final restavam a Barahir apenas doze homens: Beren, seu filho; Baragund e Belegund, seus sobrinhos, filhos de Bregolas; e nove servos fiéis de sua casa, cujos nomes foram por muito tempo lembrados nas canções dos noldor: Radhruin e Dairuin, eram eles, Dagnir e Ragnor, Gildor e Gorlim, o Infeliz, Arthad e Urthel, e Hathaldir, o Jovem. Tornaram-se eles proscritos, sem esperanças, um bando de desesperados que não podia escapar e não queria se render, pois suas moradas estavam destruídas, e suas mulheres e filhos, se não tivessem sido capturados ou exterminados, tinham fugido. De Hithlum não chegavam nem notícias nem ajuda, e Barahir e seus homens eram caçados como animais selvagens. Recolheram-se então para o planalto árido acima da floresta, e perambularam em meio aos laguinhos e charnecas rochosas da região, o mais longe possível dos espiões e dos encantamentos de Morgoth. Sua cama eram as urzes, e seu teta, o céu enevoado.

Por quase dois anos depois da Dagor Bragollach, os noldor ainda defendiam a passagem ocidental perto das nascentes do Sirion, pois o poder de Ulmo estava naquela água, e Minas Tirith resistia aos orcs. Com o tempo, entretanto, depois da queda de Fingolfin, Sauron, o mais terrível e mais poderoso dos servos de Morgoth, que no idioma sindarin era chamado de Gorthaur, levantou-se contra Orodreth, o guardião da torre sobre Tol Sirion. Sauron agora se tornara um feiticeiro de poder tremendo, mestre das sombras e dos espectros, torpe na inteligência, cruel na força, deformando tudo o que tocava,

confundindo o que governava, senhor de lobisomens. Seu domínio era um tormento. Tomou Minas Tirith de assalto, pois uma negra nuvem de terror se abateu sobre os que a defendiam; e Orodreth foi expulso e fugiu para Nargothrond. Sauron transformou-a então num posto de vigia para Morgoth, uma fortaleza do mal e uma ameaça. E a bela ilha de Tol Sirion foi amaldiçoada, passando a se chamar Tol-in- Gaurhoth, a Ilha dos Lobisomens. Nenhuma criatura viva podia passar pelo vale sem que Sauron a avistasse da torre onde ficava. E Morgoth agora controlava a passagem ocidental, enchendo com seu terror os campos e os bosques de Beleriand. Para lá de Hithlum, ele perseguia implacável seus inimigos, procurava seus esconderijos e tornava suas fortalezas uma a uma. Os orcs, cada vez mais audaciosos, perambulavam à vontade por toda parte, descendo pelo Sirion no oeste e pelo Celon no leste, e cercaram Doriath. E atormentavam as terras de modo a fazer fugirem deles bichos e aves, enquanto o silêncio e a desolação se espalhavam com constância a partir do Norte. Muitos dos noldor e dos sindar, eles levaram em cativeiro até Angband, e os tornaram escravos, forçando-os a usar sua perícia e seus conhecimentos a serviço de Morgoth. E Morgoth mandava seus espiões para o mundo, e eles se apresentavam sob formas falsas, e a trapaça estava em sua fala. Prometiam recompensas mentirosas e, com palavras astuciosas, procuravam despertar o medo e a inveja entre os povos, acusando seus reis e chefes de ganância e de traição uns para com os outros. E, em virtude da maldição do Fratricídio de Alqualondë, as pessoas com freqüência acreditavam nessas mentiras. De fato, à medida que o tempo escurecia, elas revelavam ter um fundo de verdade, pois os corações e mentes dos elfos de Beleriand se anuviavam em desespero e medo. No entanto, os noldor sempre temeram mais a traição por parte daqueles de sua própria linhagem que tivessem sido escravos em Angband. Pois Morgoth usava alguns deles para seus objetivos nefastos e, fingindo dar-lhes a liberdade, os mandava para outras regiões, mas sua vontade estava acorrentada à dele, e eles se afastavam só para voltar novamente para seu lado. Portanto. Se algum dos cativos escapasse de verdade e retornasse a seu povo, não teria boa acolhida e vagaria só, proscrito e desesperado.

Para os homens, Morgoth simulava compaixão, se alguém se dispusesse a dar ouvidos a suas mensagens, dizendo que suas aflições derivavam somente de sua servidão aos noldor rebeldes; mas que, nas mãos do legítimo Senhor da Terra-média, eles receberiam honrarias e uma justa recompensa pela bravura, se abandonassem à rebelião. Contudo, poucos homens das Três Casas dos edain se dispuseram a lhe dar ouvidos, nem mesmo quando levados aos tormentos de Angband. Por conseguinte, Morgoth os perseguia com ódio; e mandava seus mensageiros atravessarem as montanhas.

Diz-se que foi nessa época que os homens morenos chegaram pela primeira vez a Beleriand.

Alguns já estavam em segredo sob o domínio de Morgoth e vieram atender a um chamado seu.

Nem todos, porém, pois os rumores sobre Beleriand, suas terras e águas, suas guerras e sua abundância, se espalhavam por toda à parte, e os pés inquietos dos homens estavam sempre dirigidos para o oeste naquele tempo. Esses homens eram baixos e atarracados, de braços longos e fortes. Sua pele era morena ou amarelada, e seu cabelo era escuro, como seus olhos.

Suas casas eram numerosas, e alguns deles gostavam mais dos anões das montanhas do que dos elfos. Maedhros, porém, consciente da fraqueza dos noldor e dos edain, ao passo que as profundezas de Angband pareciam ter reservas inesgotáveis e sempre renovadas, fez aliança com esses homens recém-chegados e deu sua amizade a seus maiores chefes, Bór e Ulfang. E Morgoth ficou bem satisfeito, pois era isso o que planejara. Os filhos de Bór eram Borlad, Borlach e Borthand; e eles acompanharam

Maedhros e Maglor com lealdade, iludindo a esperança de Morgoth. Os filhos de Ulfang, o Negro, eram Ulfast, Ulwarth e Uldor, o Maldito.

Esses acompanharam Caranthir, jurando-lhe fidelidade, e se revelaram pérfidos.

Não havia grande amor entre os edain e os orientais; e eles raramente se encontravam. Pois os recém-chegados residiram muito tempo em Beleriand Oriental, mas o povo de Hador estava preso em Hithlum, e a Casa de Bëor estava praticamente destruída. O povo de Haleth de início não foi atingido pela guerra ao norte, pois vivia mais ao sul, na Floresta de Brethil. Agora, porém, já havia combates entre eles e os orcs invasores, pois eram homens de disposição valente e não abandonariam sem luta os bosques que amavam. E, em meio ao relato de derrotas dessa época, os feitos dos haladin são relembrados com honras. É que, depois da conquista de Minas Tirith, os orcs chegaram pela passagem ocidental e talvez tivessem causado devastação até as Fozes do Sirion; mas Halmir, senhor dos haladin, mandou rapidamente um aviso a Thingol, pois era amigo dos elfos que vigiavam as fronteiras de Doriath. Então, Beleg Arcoforte, chefe da guarda de fronteiras de Thingol, levou enorme exército de sindar, armados com machados, para Brethil. E, saindo das profundezas da floresta, Halmir e Beleg atacaram uma legião de orcs desprevenida e a destruiu. Daí em diante, a maré negra que vinha do norte foi contida naquela região, e os orcs não ousaram cruzar o Teiglin por muitos anos. O povo de Haleth continuou a viver em paz, embora alerta, na Floresta de Brethil; e, por trás de sua guarda, o Reino de Nargothrond teve descanso e pôde reunir suas forças.

Nessa época, Húrin e Huor, os filhos de Galdor, de Dor-lómin, estavam morando com os haladin, de quem eram aparentados. Nos tempos anteriores a Dragor Bragollach, essas duas Casas de edain foram unidas numa grande festa, na qual Galdor e Glóredhel, filhos de Hador Cabeça-dourada, se casaram com Hareth e Haldir, filhos de Halmir, senhor dos haladin. Foi assim que os filhos de Galdor foram abrigados em Brethil por Haldir, seu tio, de acordo com os costumes dos homens naquela época. E os dois entraram naquela batalha contra os orcs, e até mesmo Huor, que não pôde ser impedido, apesar de ter apenas treze anos de idade. Estando, porém, com uma companhia que fora isolada dos outros, eles foram perseguidos até o Vau de Brithiach e ali teriam sido capturados ou mortos se não fosse o poder de Ulmo, que ainda era forte no Sirion. Uma névoa subiu do rio e os escondeu dos inimigos; e eles escaparam atravessando o Brithiach para entrar em Dimbar. Ali vagaram por entre as colinas aos pés das muralhas íngremes de Crissaegrim, até ficarem desnorteados pelas ciladas daquela terra sem saber para onde seguir ou como voltar. Ali Thorondor os avistou e mandou duas de suas águias em seu auxílio. E as águias os carregaram para além das Montanhas Circundares. Até o vale secreto de Tumladen e a cidade oculta de Gondolin. Que nenhum homem havia visto até então.

Ali Turgon, o Rei, os recebeu bem, quando soube de sua origem, pois mensagens e sonhos lhe haviam chegado do mar pelo Sirion acima, de Ulmo, Senhor das Águas, advertindo-o sobre aflições futuras e o aconselhando a tratar bem os filhos da Casa de Hador, de quem lhe viria socorro em hora de necessidade. Húrin e Huor foram hóspedes na Casa do Rei por quase um ano, e o que se diz é que nesse período Húrin aprendeu muito da tradição dos elfos e compreendeu também algo a respeito das decisões e propósitos do Rei Pois Turgon sentia grande afeição pelos filhos de Galdor e conversava muito com eles. Na realidade, desejava mantê-los em Gondolin por amor, não apenas para fazer valer sua lei de que nenhum desconhecido, elfo ou homem, que descobrisse o caminho até o reino secreto e pusesse os olhos na cidade, dali pudesse sair. Enquanto o Rei não abrisse o cerco e o povo oculto se apresentasse.

Contudo, Húrin e Huor desejavam retornar a seu próprio povo e participar das guerras e aflições que agora os atormentavam.

- Senhor – disse então Húrin a Turgon – não somos senão mortais e diferentes dos eldar. Eles podem suportar a passagem de muitos anos enquanto aguardam o combate com seus inimigos em algum futuro distante; para nós, porém, o tempo é curto; e nossa esperança e força logo definham. Além do mais, não descobrimos o caminho até Gondolin e de fato não sabemos ao certo onde fica essa cidade; pois fomos trazidos em meio ao pavor e ao espanto pelos altos caminhos do ar e, por felicidade, nossos olhos foram vendados Turgon então concedeu-lhes o pedido.

- Do mesmo modo que chegaram, vocês têm permissão para partir, se Thorondor estiver disposto. Fico triste com essa partida. Mesmo assim, dentro de pouco tempo, como os eldar esperam, podemos voltar a nos encontrar.

Maeglin, o filho da irmã do Rei, que tinha poder em Gondolin, não se entristeceu nem um pouco com sua ida, embora se ressentisse do privilégio a eles concedido pelo Rei, pois não sentia nenhum afeto por quem fosse da raça dos homens.

- A mercê do Rei é maior do que vocês reconhecem; e a lei se tomou menos rigorosa do que no passado; se não, vocês não teriam escolha, a não ser permanecer aqui até o fim da vida – disse ele a Húrin.

- É de fato enorme a mercê do Rei – respondeu-lhe Húrin.

- Mas, se nossa palavra não for suficiente, faremos juramentos solenes. - E os irmãos juraram nunca revelar os pensamentos de Turgon e manter em segredo tudo o que haviam visto no reino. Despediram-se, então, e as águias chegaram para levá-los embora à noite, deixando-os em Dor-lómin antes do amanhecer.Seu povo muito se alegrou ao vê-los, pois mensageiros de Brethil haviam trazido notícias de que estavam desaparecidos; mas eles se recusaram a declarar até mesmo a seu pai onde haviam estado, só relatando que haviam sido resgatados em terras ermas pelas águias, que os haviam trazido para casa.

- Vocês viveram um ano na selva? - perguntou então Galdor. - Ou as águias os abrigaram em seus ninhos? Mas vocês encontraram alimentos e belos trajes; e voltam como jovens príncipes, não como pessoas perdidas na mata.

- Contentem-se com o fato de termos voltado – respondeu Húrin -, pois só sob o voto de silêncio recebemos essa permissão.

Então, Galdor não os questionou mais; mas ele e muitos outros suspeitavam da verdade. E, com o tempo, a estranha sorte de Húrin e Huor chegou aos ouvidos dos servos de Morgoth.

Ora, quando soube do rompimento do Cerco a Angband, Turgon não permitiu que ninguém de seu povo saísse para guerrear; pois considerava Gondolin forte e achou que ainda não era chegada a hora de revelar sua existência. Entretanto, ele também acreditava que o final do Cerco era o início da derrocada dos noldor, a menos que chegasse alguma ajuda. Enviou então grupos de gondolindrim em segredo às Fozes do Sirion e à Ilha de Balar. Ali, eles construíram barcos e navegaram na direção do extremo oeste, em missão a eles confiada por Turgon, à procura de Valinor, para pedir perdão e auxílio aos Valar. E eles imploraram às aves marinhas que os guiassem Os mares, porém, eram vastos e revoltos; e sombra e encantamento se abateram sobre eles. E Valinor permaneceu oculta. Por isso, nenhum dos mensageiros de Turgon chegou ao oeste, muitos se perderam e poucos retornaram; mas a sina de Gondolin estava cada vez mais próxima.

Chegaram a Morgoth rumores desses fatos, que o inquietaram em meio a suas vitórias, e ele desejava muito ter notícias de Felagund e Turgon. Pois os dois haviam desaparecido sem que se soubesse onde, e. Entretanto, não estavam mortos. E Morgoth temia o que ainda poderiam fazer contra ele. De Nargothrond conhecia de fato o nome, mas nem sua localização nem sua força. E de Gondolin nada sabia; e pensar em Turgon

era o que o preocupava mais. Enviou portanto um número cada vez maior de espiões a Beleriand: mas chamou de volta a Angband os principais exércitos de orcs, pois percebeu que não poderia iniciar uma batalha vitoriosa e definitiva enquanto não reunisse novas forças, já que não avaliara corretamente o valor dos noldor nem o poder armado dos homens que lutavam a seu lado. Por importante que tivesse sido sua vitória na Bragollach e nos anos seguintes, e por grave que tivesse sido o dano imposto aos inimigos, suas próprias perdas não haviam sido menores. E, embora ele agora controlasse Dorthonion e o Passo do Sirion, os eldar, recuperando-se do susto inicial, começavam agora a reconquistar o que haviam perdido. Assim, Beleriand no sul voltou a ter uma paz aparente por alguns breves anos; mas as forjas de Angband trabalhavam a pleno vapor.

Passados sete anos da quarta batalha, Morgoth retomou sua investida e mandou uma força imensa contra Hithlum O ataque às passagens das Mmontanhas Sombrias foi duro: e, no cerco a Eithel Sirion, Galdor, o Alto, Senhor de Dor-lómin, foi morto por uma flecha Essa fortaleza ele controlava em nome de Fingon, o Rei Supremo; e naquele mesmo lugar seu pai, Hador Lórin-dol, morrera pouco antes. Húrin, seu filho, acabava de atingir a maioridade, mas era grande na força tanto da mente quanto do corpo. E expulsou das Ered Wethrin os orcs, com grande mortandade, perseguindo-os até muito longe pelas areias de An-fauglith.

O Rei Fingon, porém, teve dificuldade para conter o exército de Angband, que desceu do norte.

E a batalha foi travada nas próprias planícies de Hithlum. Ali, Fingon estava em menor número; mas os barcos de Círdan subiram trazendo grande contingente pelo Estuário de Drengist e, na hora da necessidade, os elfos-das-Falas se lançaram sobre o exército de Morgoth, pelo oeste. Com isso, os orcs se dispersaram e fugiram, dando a vitória aos elfos; e os arqueiros montados os perseguiram até mesmo em meio às Montanhas de Ferro.

Daí em diante, Húrin, filho de Galdor, governou a Casa de Hador em Dor-lómin e serviu a Fingon. Húrin era de estatura menor que seus pais, ou que seu filho; mas seu corpo era incansável e resistente, ágil e veloz, semelhante ao da família de sua mãe, Hareth, dos haladin.

Sua mulher foi Morwen Eledhwen, filha de Baragund da Casa de Bëor, a que fugiu de Dorthonion com Rían, filha de Belegund, e Emeldir, mãe de Beren.

Também naquela época, os proscritos de Dorthonion foram exterminados, como será relatado daqui em diante; e Beren, filho de Barahir, tendo escapado sozinho, chegou com grande dificuldade a Doriath.

CAPÍTULO XIX
De Beren e Lúthien

Entre os relatos de dor e destruição que nos chegaram das trevas daquele tempo, existem ainda assim alguns nos quais, em meio ao pranto, há alegria e, sob a sombra da morte, luz duradoura.

E dessas histórias a que ainda parece mais bela aos ouvidos dos elfos é a de Beren e Lúthien.

De suas vidas foi criada a Balada de Leithian (Libertação do Cativeiro), que é a

segunda mais longa de todas as canções a respeito do mundo de outrora. Aqui, porém, a história é contada com menos palavras e sem música

Já se disse que Barahir não quis abandonar Dorthonion, e que ali Morgoth o perseguiu até a morte, até lhe restarem, no final, apenas doze companheiros. Ora, a floresta de Dorthonion na direção sul subia, transformando-se numa região de charneca montanhosa; e na direção leste desses planaltos havia um lago, Tam Aeluin, circundado por urzes selvagens. E toda aquela terra era desprovida de caminhos e ainda não desbravada, pois, mesmo nos tempos da Longa Paz, ninguém ali habitara. Contudo, as águas do Tarn Aeluin eram reverenciadas por serem claras e azuis de dia; e à noite serem um espelho para as estrelas. Dizia-se que a própria Melian consagrara outrora aquela água. Para ali, Barahir e seus proscritos fugiram e ali fizeram seu covil, sem que Morgoth conseguisse descobri-la. No entanto, rumores das atividades de Barahir e seus companheiros se espalharam por toda parte, e Morgoth deu ordens a Sauron para encontrá-los e destruí-los.

Ora, entre os companheiros de Barahir estava Gorlim, filho de Angrim. Chamava-se Eilinel sua mulher, e o amor deles era enorme, até que o mal se abatesse sobre eles. Gorlim, porém, voltando das guerras nas fronteiras, encontrou sua casa saqueada e abandonada, e a mulher, desaparecida. Se morta, se capturada, ele não sabia. Fugiu ele então ao encontro de Barahir e, dos companheiros, era o mais feroz e desesperado. Contudo, a dúvida lhe corroia o coração. A idéia de que talvez Eilinel não estivesse morta. Às vezes, saía sozinho e em segredo para visitar sua casa, que ainda estava de pé em meio aos campos e bosques que antes possuía. E esse costume foi descoberto pelos servos de Morgoth.

Um dia, no outono, ele chegou na hora do crepúsculo e, ao se aproximar, pensou ter visto uma luz à janela. Aproximando-se com toda a cautela, espiou lá dentro. Ali viu Eilinel, com o rosto aflito de tristeza e fome, e Gorlim pareceu ouvir sua voz lamentando ter sido abandonada.

Porém, no exato momento em que ele deu um grito, a luz foi apagada pelo vento. Lobos uivaram, e ele de repente sentiu nos ombros as pesadas mãos dos caçadores de Sauron. Assim foi a cilada a Gorlim. Levando-o para seu acampamento, eles o torturaram em busca de informações sobre o esconderijo de Barahir e seus hábitos. Gorlim, entretanto, se recusou a falar. Prometeram-lhe então que seria libertado e entregue de volta a Eilinel se cedesse. E, já alquebrado pela dor e ansioso pela mulher, ele sucumbiu. Foi então imediatamente levado à horrenda presença de Sauron.

- Soube agora que queres negociar comigo. Qual é teu preço? E Gorlim respondeu que seria voltar a encontrar Eilinel e, com ela, ser libertado. Pois acreditava que ela também havia sido capturada.

- É um preço baixo para uma traição tamanha. Mas que seja assim. Fala! Nesse momento, Gorlim teria recuado, mas, intimidado pelos olhos de Sauron, acabou contando tudo o que ele queria saber. Então, Sauron deu uma risada, zombou de Gorlim e revelou que o que havia visto era uma aparição criada por feitiços para atraí-lo, pois Eilinel estava morta.

- Não obstante, concedo-te teu pedido – disse Sauron – e tu irás para onde Eilinel está, sem teres de me prestar serviço. - E então o matou com crueldade.

Dessa forma, foi revelado o esconderijo de Barahir, e Morgoth lançou sua rede sobre ele. E os orcs, chegando nas horas tranqüilas antes do alvorecer, surpreenderam os homens de Dorthonion, assassinando todos eles, menos um. Pois Beren, filho de Barahir, havia sido mandado pelo pai numa perigosa missão para espionar o Inimigo, e estava muito longe quando o covil foi tomado. Entretanto, enquanto dormia cercado pelas trevas

na floresta, sonhou com aves carniceiras pousadas em grande quantidade em árvores nuas junto a um alagado, e de seus bicos pingava sangue. E então, no sonho, Beren percebeu uma forma que vinha em sua direção por cima d'água. Era um fantasma de Gorlim, que falou com ele, revelando sua traição e sua morte, e lhe pediu que se apressasse para ir avisar o pai.

Acordou então Beren e saiu veloz pela noite, chegando de volta ao covil dos proscritos na manhã do segundo dia. No entanto, à medida que se aproximava, as aves de carniça levantaram vôo e pousaram nos amieiros às margens do Tam Aeluin, grasnando, zombeteiras.

Ali Beren enterrou os ossos do pai e ergueu um túmulo de pedras sobre ele, fazendo um juramento de vingança. Em primeiro lugar, portanto, perseguiu os orcs que haviam matado seu pai e seus parentes. E encontrou seu acampamento à noite, junto ao Poço do Rivil, acima do Pântano de Serech. Graças a sua perícia em andar pelas florestas, conseguiu se aproximar da fogueira sem ser visto. Ali, o capitão se vangloriava de seus feitos e exibia a mão de Barahir, que decepara, para levar a Sauron como sinal de que sua missão fora cumprida. E o anel de Felagund estava nessa mão. Então, Beren saltou de onde estava atrás de uma rocha e matou o capitão. Tomou-lhe a mão com o anel e escapou, sendo defendido pelo destino, pois os orcs ficaram desnorteados, e suas flechas não tinham direção.

Por mais quatro anos, Beren ainda vagou por Dorthonion, um proscrito solitário. Tomou-se, porém, amigo dos pássaros e dos outros animais, e eles o ajudavam, sem traí-lo. Dessa época em diante, não mais comeu carne nem matou nenhuma criatura viva que não estivesse a serviço de Morgoth. Beren não temia a morte, apenas o cativeiro; e, por ser audaz e desesperado, escapou tanto à morte quanto aos grilhões. E os feitos de ousadia solitária que ele realizava eram comentados por toda a Beleriand, chegando seu relato até mesmo a Doriath. Afinal, Morgoth pôs sua cabeça a um prêmio em nada inferior ao oferecido pela cabeça de Fingon, Rei Supremo dos noldor; mas os orcs fugiam ao ouvir falar na sua aproximação, em vez de persegui-lo. Por isso, foi enviado um exército contra ele, sob o comando de Sauron; e Sauron trouxe lobisomens, feras cruéis possuídas por espíritos apavorantes que ele havia aprisionado nesses corpos.

Toda essa terra estava agora impregnada do mal; e tudo que era limpo dali se afastava. E Beren foi tão perseguido, que afinal foi forçado a fugir de Dorthonion. No tempo do inverno e da neve, ele abandonou a terra e o túmulo de seu pai e, escalando as regiões mais altas de Gorgoroth, as Montanhas do Terror, descortinou ao longe a terra de Doriath. Ali entrou em seu coração o desejo de penetrar no Reino Oculto, onde nenhum mortal até então havia pisado.

Terrível foi essa viagem para o sul. Íngremes eram os precipícios das Ered Gorgoroth, e a seus pés havia sombras ali dispostas antes do surgimento da Lua. Mais além, ficavam os ermos de Dungortheb, onde os feitiços de Sauron e o poder de Melian se enfrentavam, e o horror e a loucura andavam a solta. Ali moravam aranhas da cruel raça de Ungoliant, tecendo suas teias invisíveis, nas quais todos os seres vivos eram apanhados, e monstros por ali vagavam, nascidos nas longas trevas anteriores ao Sol, caçando, silenciosos, com seus muitos olhos.

Nenhum alimento para elfos ou homens havia naquela terra assombrada, apenas a morte. Essa viagem não é considerada o menor dentre os grandes feitos de Beren; mas ele não falava a ninguém a respeito dela, para que o horror não voltasse a sua mente. E ninguém sabe como ele encontrou um caminho e assim chegou, por trilhas nas quais nenhum homem ou elfo jamais ousara pisar, às fronteiras de Doriath. E atravessou os labirintos que Melian havia criado em torno do reino de Thingol, exatamente como ela

própria previra; pois um grande destino lhe estava reservado.

Conta a Balada de Leithian que Beren chegou trôpego a Doriath, grisalho e encurvado, como por muitos anos de sofrimento, tal havia sido seu tormento na viagem. Entretanto, perambulando no verão pelos bosques de Neldoreth, ele deparou com Lúthien, filha de Thingol e Melian, a certa hora da noite antes do nascer da Lua, quando ela dançava na relva perene nas clareiras junto ao Esgalduin. Nesse instante, toda a lembrança de sua dor abandonou Beren, e ele foi dominado pelo encantamento, pois Lúthien era a mais bela de todos os Filhos de Ilúvatar. Azuis eram seus trajes como o firmamento sem nuvens, mas seus olhos eram cinzentos como a noite estrelada; seu manto era bordado com flores douradas, mas seus cabelos eram escuros como as sombras do crepúsculo. Como a luz sobre as folhas das árvores, como a voz de águas cristalinas, como as estrelas acima das névoas do mundo, tal era sua glória e sua beleza. E em seu rosto havia um brilho esplendoroso.

No entanto, ela desapareceu de sua vista. E Beren ficou mudo, como alguém dominado por algum encantamento. E muito tempo perambulou nos bosques à sua procura, arisco e selvagem como um animal. Em seu coração, ele a chamava de Tinúviel, que significa Rouxinol, filha do crepúsculo, no idioma dos elfos-cinzentos, pois não conhecia outro nome para ela. E a via de longe como folhas ao vento no outono; e, no inverno, como uma estrela no alto de uma colina; mas uma corrente prendia as pernas dele.

Chegou uma época, perto do amanhecer, na véspera do início da primavera, em que Lúthien estava dançando numa colina verde. De repente, ela começou a cantar. Era um canto agudo, penetrante, como o canto da cotovia, que se ergue dos portões da noite e solta a voz entre as estrelas agonizantes, vendo o Sol por trás das muralhas do mundo. E a canção de Lúthien soltou as algemas do inverno; e as águas congeladas falaram; e flores brotavam da terra fria em que seus pés haviam passado.

Então, o encantamento do silêncio foi desfeito, e Beren a chamou, gritando Tinúviel. E os bosques repetiram o nome. Ela então parou, admirada, e não mais fugiu. E Beren veio até onde ela estava. Contudo, no instante em que o contemplou, o destino a dominou e ela o amou.

Mesmo assim, escapuliu de seus braços e desapareceu de sua frente, assim que raiou o dia, Beren ficou, então, caído no chão como num desmaio, como alguém abatido ao mesmo tempo pela felicidade e pela dor. E caiu num sono semelhante a uma queda num precipício de sombras; e, ao acordar, estava frio como uma pedra; e seu coração, árido e abandonado. E com a cabeça perdida, ele tateava, como alguém que, acometida de súbita cegueira, procurasse com as mãos agarrar a luz que desaparecera. Desse modo, ele começou o pagamento de angústia pelo destino que lhe fora atribuído. E em seu destino, Lúthien fora enredada. E, sendo imortal, compartilhou sua mortalidade; e, sendo livre, aceitou sua corrente. E sua angústia foi maior do que a conhecida por qualquer outro dos eldalië.

Já perdidas as esperanças de Beren, Lúthien voltou a ele enquanto estava sentado na escuridão; e, naquela época remota no Reino Oculto, pôs a mão sobre a dele. Daquele momento em diante, ela com freqüência vinha até ele, e os dois passeavam em segredo pelos bosques, da primavera ao verão. E nenhum outro Filho de Ilúvatar conheceu tamanha alegria, embora o período fosse curto.

No entanto, Daeron, o Menestrel, também amava Lúthien. Ele descobriu seus encontros com Beren e os denunciou a Thingol. Enfureceu-se então o Rei, pois ele amava Lúthien acima de tudo, considerando-a superior a todos os príncipes dos elfos; ao passo que homens mortais ele nem admitia a seu serviço. Por isso, falou com Lúthien, magoado

e espantado; mas ela não quis revelar nada, até ele jurar que não mataria Beren nem o prenderia. Thingol mandou, porém, seus servos capturá-lo e trazê-lo a Menegroth como um malfeitor. E Lúthien, adiantando-se a eles, conduziu ela mesma Beren ao trono de Thingol, como se ele fosse um hóspede de honra.

Thingol então contemplou Beren, cheio de raiva e desdém; mas Melian permaneceu em silêncio.

- Quem é você – disse o Rei – que chega aqui como um ladrão e, sem ser convidado, ousa se aproximar do meu trono?

Beren, porém, apavorado, pois o esplendor de Menegroth e a majestade de Thingol eram imensos, nada respondeu. Falou, então, Lúthien.

- Ele é Beren, filho de Barahir, senhor dos homens, poderoso inimigo de Morgoth, e a história de seus feitos já é cantada em versos mesmo entre os elfos.

- Deixe Beren falar! - disse Thingol. - O que o traz aqui, infeliz mortal, e por que motivo deixou sua terra para entrar nesta, que é proibida aos de sua laia? Você pode me dar uma razão pela qual meu poder não deva cair sobre você em pesada punição por sua insolência e loucura? Beren, então, erguendo os olhos, contemplou os de Lúthien e de relance viu também o rosto de Melian; e lhe pareceu que palavras eram postas em sua boca. O medo o abandonou, e o orgulho do mais antigo clã dos homens lhe voltou.

- Meu destino, ó Rei, me trouxe aqui através de perigos tais como poucos da raça élfica enfrentariam. E aqui descobri o que de fato não procurava, mas, ao encontrar, quis possuir para sempre. Pois está acima de todo ouro e toda prata, e supera todas as pedras preciosas. Nem rocha, nem aço, nem as fogueiras de Morgoth, nem todos os poderes dos reinos élficos conseguirão me afastar do tesouro que desejo. Pois Lúthien, sua filha, é a mais bela de todas as Criações do Mundo.

O salão mergulhou em silêncio, pois os que ali estavam ficaram estarrecidos e receosos, pensando que Beren seria morto. Thingol, porém, falou com vagar.

- A morte você conquistou com essas palavras; e a morte você encontraria de repente se eu não tivesse feito um juramento apressado; do qual me arrependo, mortal plebeu, que no reino de Morgoth aprendeu a entrar sorrateiro, como seus espiões e escravos.

- A morte o senhor pode me dar justa ou injustamente; mas não aceitarei os nomes de plebeu, espião ou escravo. Pelo anel de Felagund, que ele entregou a meu pai no campo de batalha no norte, meu clã não merece ser assim chamado por nenhum elfo, rei ou não.

Foram palavras altivas, e todos os olhos se voltaram para o anel. Pois Beren agora o segurava no alto, e ali refulgiam as gemas verdes que os noldor haviam criado em Valinor. É que esse anel era como serpentes gêmeas, cujos olhos eram esmeraldas, e suas cabeças se encontravam sob uma coroa de flores douradas, que uma serpente sustentava e a outra devorava. Esse era o emblema de Finarfin e de sua Casa. Inclinou-se então Melian para perto de Thingol e, aos sussurros, insistiu para que ele deixasse passar sua ira.

- Pois não é através de suas mãos que Beren será morto – disse Melian – e o destino dele o leva longe e em liberdade no final, embora entrelaçado com o seu. Acautele-se! Thingol, porém, contemplou Lúthien em silêncio, pensando em seu íntimo: "Homens infelizes, filhos de pequenos senhores e de reis passageiros, será que algum desses porá as mãos em você e sobreviverá?" Rompeu, então, o silêncio.

- Estou vendo o anel, filho de Barahir, e percebo que você tem orgulho e se considera poderoso. Entretanto, os feitos do pai, mesmo que o serviço tivesse sido prestado a mim, não bastam para conquistar a filha de Thingol e Melian. Veja bem! Eu também desejo um tesouro que não me é concedido. Pois a rocha, o aço e as fogueiras de

Morgoth guardam a pedra preciosa que eu gostaria de possuir contra todos os poderes dos reinos élficos. Contudo, eu o ouvi dizer que desafios como esses não o intimidam. Siga, então, seu caminho! Traga-me na mão uma Silmaril da coroa de Morgoth. E então, se ela desejar, Lúthien poderá segurar sua mão. Só então você terá minha jóia. E, embora o destino de Arda esteja dentro das Silmarils, mesmo assim você vai me considerar generoso.

Assim Thingol lavrou o destino de Doriath e foi envolvido na maldição de Mandos. E os que ouviram essas palavras perceberam que Thingol cumpriria seu juramento e, mesmo assim, mandaria Beren para a morte; pois sabiam que nem todo o poder dos noldor, antes que o Cerco fosse rompido, havia sido suficiente para ver, mesmo de longe, as reluzentes Silmarils de Fëanor. Elas estavam engastadas na Coroa de Ferro e eram valorizadas em Angband mais do que qualquer tesouro; e havia balrogs ao seu redor, espadas sem conta, grades fortes, muralhas inexpugnáveis e a sinistra majestade de Morgoth. Beren, porém, riu.

- Por preço baixo os reis élficos vendem suas filhas: por pedras preciosas e objetos criados por artífices. No entanto, se é essa sua vontade, Thingol, realizarei essa tarefa. E, quando nos encontrarmos novamente, minha mão estará segurando uma Silmaril da Coroa de Ferro; pois esta não é a última vez que vê Beren, filho de Barahir.

Olhou, então, nos olhos de Melian, que nada falou. Despediu-se de Lúthien Tinúviel e, fazendo uma reverência diante de Thingol e Melian, dispensou os guardas à sua volta e partiu de Menegroth sozinho.

Então, Melian afinal falou.

- Ó Rei – disse ela a Thingol -, foi astuta essa sua idéia. Contudo, se meus olhos não perderam sua capacidade de ver, será igualmente ruim para você Beren realizar a tarefa ou não realizar.

Pois, com isso, você condenou sua filha ou a si mesmo. E agora Doriath foi atraída para o destino de um reino mais poderoso.

- Não vendo a elfos nem a homens quem eu amo e valorizo mais do que qualquer tesouro – respondeu Thingol. - E, se houvesse esperança ou temor de que Beren chegasse a voltar vivo a Menegroth, ele não voltaria a ver a luz do céu, muito embora eu tenha feito um Juramento Lúthien calou-se, porém, e daquela hora em diante não voltou a cantar em Doriath Um silêncio taciturno caju sobre os bosques, e as sombras aumentaram no reino de Thingol.

Conta a Balada de Leithian que Beren atravessou Doriath sem ser impedido e chegou afinal à região dos Alagados do Crepúsculo e dos Pântanos do Sirion. E, deixando a terra de Thingol, escalou as colinas acima das Quedas do Sirion, onde o rio mergulhava no subsolo com enorme ruído. Dali, olhou para o ocidente e, através da névoa e das chuvas que caíam sobre essas colinas, viu Talath Dirnen, a Planície Protegida, que se estendia entre o Sirion e o Narog E mais ao longe vislumbrou os planaltos de Taur-en-Faroth. Que se erguiam acima de Nargothrond. E, por estar em situação de penúria, sem esperança ou planos, para lá dirigiu seus passos.

Toda aquela planície era mantida sob vigilância pelos elfos de Nargothrond; e cada colina em suas fronteiras era coroada com torres ocultas. Além disso, em todos os seus bosques e campos, arqueiros rondavam em segredo, com equipamento excelente. Suas flechas eram certeiras e letais; e nada se insinuava ali contra a sua vontade. Por isso, antes que Beren avançasse muito na estrada, eles já o haviam percebido, e sua morte estava próxima Contudo, reconhecendo o perigo, ele sempre segurava no alto o anel de Felagund. E, embora não visse nenhuma criatura viva, em virtude da atitude furtiva dos caçadores, sentia que estava sendo vigiado.

- Sou Beren, filho de Barahir, amigo de Felagund – gritava ele, com freqüência. - Levem-me ao Rei!

Por conseguinte, os caçadores não o mataram, mas, reunidos, armaram uma emboscada e ordenaram que parasse. Contudo, ao ver o anel, eles fizeram reverência diante de Beren; embora ele estivesse em estado lastimável, desgrenhado e cansado de caminhar. Levaram-no então na direção norte e oeste, viajando a noite para não revelarem suas trilhas. Pois, naquela época, não havia vau ou ponte para a travessia da correnteza do Narog diante dos portões de Nargothrond; mas, mais ao norte, onde o Ginglith se juntava ao Narog, o volume de água, era menor e, atravessando ali para novamente voltar para o sul, os elfos conduziram Beren à luz do luar até os porões escuros de seus salões ocultos.

Assim chegou Beren diante do Rei Finrod Felagund. E Felagund o conheceu, sem precisar de anel algum para se lembrar da gente de Bëor e de Barahir. Reuniram-se a portas fechadas, e Beren falou da morte de Barahir e de tudo o que lhe ocorrera em Doriath; e chorou ao relembrar Lúthien e sua alegria juntos. Felagund, porém, ouviu seu relato com espanto e inquietação. Sabia que o Juramento que havia feito voltava agora para significar sua morte, como muito tempo antes ele previra a Galadriel. Falou então a Beren, com o coração pesaroso.

- Está claro que Thingol deseja sua morte; mas parece que essa sina ultrapassa seus objetivos, e que o Juramento de Fëanor está novamente atuando. Pois as Silmarils são amaldiçoadas com um voto de ódio; e aquele que simplesmente as nomeia com cobiça, desperta do sono uma força imensa. E os filhos de Fëanor deixariam em ruínas todos os reinos élficos mas não aceitariam que alguém que não eles mesmos conquistasse ou possuísse uma Silmaril, pois o Juramento a isso os obriga. E agora Celegorm e Curufin estão morando em meus palácios. E, embora eu, Filho de Finarfin, seja o Rei, eles acumularam grande poder no reino e lideram muitos de seu próprio povo. Demonstraram amizade por mim em todas as necessidades, mas receio que não demonstrem nem amor nem misericórdia por você, se sua busca for revelada.

Contudo, meu próprio Juramento vale. E assim todos fomos apanhados no laço.

Então falou o Rei Felagund diante de seu povo, recordando os feitos de Barahir e seu voto.

Declarou que lhe cabia auxiliar o filho de Barahir em sua necessidade e procurou a ajuda de seus comandantes. Celegorm então se levantou em meio à multidão e sacou a espada, em protesto

- Seja amigo, seja inimigo; seja demônio de Morgoth, elfo, filho dos homens ou de qualquer outro ser vivo em Arda, nem a lei, nem o amor, nem um pacto infernal, nem o poder dos Valar, nem nenhum poder de feitiçaria, vai defendê-la do ódio dos filhos de Fëanor em seu encalço, se ele tomar ou encontrar uma Silmaril e a guardar. Pois as Silmarils somente nós podemos reivindicar até o final dos tempos.

Muitas outras palavras, disse ele, tão vigorosas quanto, outrora em Tirion, haviam sido as palavras de seu pai que primeiro insuflaram os noldor à rebelião. E, depois de Celegorm, Curufin falou, em tom mais brando mas com vigor semelhante, invocando na mente dos elfos uma visão de guerra e a destruição de Nargothrond. Tão grande foi o medo que ele instilou em seus corações, que nunca mais, até a época de Túrin, nenhum elfo daquele reino se dispôs a entrar em combate aberto; mas, de modo sorrateiro e em emboscadas, com feitiços e dardos envenenados, perseguiam todos os desconhecidos, esquecendo-se dos laços de parentesco.

Caíram assim do nível de liberdade e bravura dos elfos de tempos idos, e sua terra se anuviou.

E agora murmuravam que o filho de Finarfin não era como um Vala para

comandá-los, e desviavam dele o olhar. No entanto, a maldição de Mandos abateu-se sobre os irmãos, e pensamentos sinistros surgiram em seus corações, no sentido de mandar Felagund sozinho para a morte e usurpar, se possível, o trono de Nargothrond; pois eles eram da linhagem do primogênito dos príncipes dos noldor.

E Felagund, vendo-se abandonado, tirou da cabeça a coroa de prata de Nargothrond e a lançou aos pés.

- Seus votos de lealdade a mim, vocês podem quebrar, mas eu devo cumprir meu Juramento.

Porém, se existir um elfo sobre quem a sombra de nossa maldição ainda não tenha caído, eu deveria encontrar pelo menos alguns que me acompanhem e não sair daqui como um mendigo que é expulso dos portões. - Houve então dez que ficaram a seu lado; e seu líder, que se chamava Edrahil, abaixou-se, ergueu a coroa e pediu que ela fosse entregue a um regente até o retorno de Felagund.

- Pois o senhor é meu rei, e rei deles, não importa o que aconteça.

Felagund então deu a coroa de Nargothrond a Orodreth, seu irmão, para governar em seu lugar.

E Celegorm e Curufin nada disseram, mas sorriram e se foram dos salões Num entardecer de outono, Felagund e Beren partiram de Nargothrond com seus dez companheiros; e seguiram pela margem do Narog até sua origem, nas Quedas de Ivrin. Aos pés das Montanhas Sombrias, depararam com uma companhia de orcs e mataram todos eles em seu acampamento à noite, tomando-lhes trajes e armas. Pelas artes de Felagund, seus próprios rostos e formas foram transformados para terem a aparência dos orcs. E, assim disfarçados, avançaram muito pela estrada na direção norte e se arriscaram a entrar na passagem ocidental, entre as Ered Wethrin e os planaltos da Taur-nu-Fuin. Sauron em sua torre percebeu, porém, sua presença, e a dúvida o dominou. É que eles seguiam apressados e não paravam para relatar seus feitos, como era exigido de todos os servos de Morgoth que passassem por ali. Por esse motivo, ordenou uma emboscada contra eles para que os trouxessem à sua presença.

Assim sucedeu o combate entre Sauron e Felagund, que é famoso. Pois Felagund lutou com Sauron em canções de poder, e o poder do Rei era imenso; mas Sauron saiu vencedor, como está relatado na Balada de Leithian.

Ele entoou uma canção de magia,
De violação, abertura, falsidade,
De revelação, descoberta, traição.
Felagund então, de repente,
Respondeu com uma canção de firmeza,
De resistência, de luta contra o poder,
De segredos guardados, de força de torres,
De fiel confiança, liberdade, fuga;
De mudanças e transformações,
De ciladas evitadas, armadilhas quebradas,
De prisões que se abrem, correntes que se rompem.
De um lado para o outro, balançava a canção.
Cambaleando e afundando, à medida que o canto Crescia,
Felagund lutava,
E toda a magia e o poder dos elfos
Ele trazia a suas palavras.
Baixinho, na penumbra, ouviram-se as aves

Cantando ao longe em Nargothrond,
O suspiro do Oceano mais além,
Além do mundo ocidental, na areia,
Na areia de pérolas na Terra Élfica.
Então as trevas se fecharam; cresceu a escuridão
Em Valinor, o sangue rubro escorreu
Ao lado do Oceano, onde os Noldor mataram
Os Cavaleiros das Ondas e lhes roubaram
Os barcos alvos de velas brancas
Dos portos iluminados. O vento assobia.
O lobo uiva Os coruos fogem.
O gelo resmunga nas bocas do Mar.
Os presos choram. Tristes, em Angband.
Ronca o trovão; arde o fogo.

E Finrod caiu diante do trono

Sauron, então, lhes arrancou os disfarces; e eles ficaram diante dele, nus e cheios de medo.

Contudo, embora sua espécie estivesse revelada, Sauron não conseguiu descobrir seus nomes ou seus objetivos

Jogou-os portanto num profundo calabouço, escuro e silencioso, sob a ameaça de matá-los com crueldade, se não lhe revelassem a verdade. De vez em quando, eles viam dois olhos acesos na escuridão, e um lobisomem devorava um dos companheiros; mas nenhum traiu seu senhor.

No momento em que Sauron jogou Beren no calabouço, um peso apavorante abateu-se sobre o coração de Lúthien. E, procurando a opinião de Melian, soube que Beren estava nas masmorras de Tol-in-Gaurhoth sem esperanças de ser salvo. Lúthien, então, ao perceber que nenhum auxílio poderia vir de mais ninguém na Terra, decidiu fugir de Doriath e ir ela mesma até ele; mas procurou a ajuda de Daeron, e ele denunciou seu objetivo ao Rei. Encheu-se então Thingol de medo e espanto; e, como não quisesse privar Lúthien da luz do firmamento, para que ela não fraquejasse e definhasse, mas mesmo assim desejasse retê-la, mandou construir uma casa da qual ela não pudesse fugir. Não muito longe dos portões de Menegroth, ficava a mais alta de todas as árvores na Floresta de Neldoreth; e era uma floresta de faias e ocupava a metade norte do reino. Essa faia enorme chamava-se Hírilorn e tinha três troncos, de circunferência igual, de casca lisa e extremamente altos. Deles não saía nenhum galho até grande altura do chão. Lá no alto, entre os ramos de Hírilorn, foi construída uma casa de madeira, onde Lúthien foi obrigada a permanecer. E as escadas foram retiradas e guandadas, para serem usadas apenas quando os servos de Thingol, lhe trouxessem algo que lhe fosse necessário.

A Balada de Leithian conta como Lúthien escapou da casa em Hírilorn. Ela acionou suas artes de encantamento e fez com que seus cabelos crescessem até um comprimento enorme. Com eles, teceu um manto escuro que envolvia sua beleza como uma sombra; e esse manto também estava carregado com o encanto do sono. Dos fios que sobraram, ela fez uma corda que deixou suspensa da janela. Quando a ponta começou a balançar diante dos guardas que vigiavam ao pé da árvore, eles caíram em sono profundo. Lúthien então desceu de sua prisão e, envolta no manto de sombras, escapou de todos os olhares, desaparecendo de Doriath.

Sucedeu que Celegorm e Curufin foram caçar na Planície Protegida. E faziam isso porque Sauron, cheio de suspeitas, mandara muitos lobos para as terras dos elfos. Por

isso, levaram seus cães e saíram cavalgando. Achavam que, antes de retornar, poderiam também ouvir alguma notícia do Rei Felagund. Ora, o líder dos cães de caça que acompanhavam Celegorm era Huan. Ele não havia nascido na Terra-média, mas vinha do Reino Abençoado. Oromë o dera a Celegorm muito tempo antes, em Valinor; e lá ele seguia a trompa de seu dono, antes que o mal chegasse. Huan acompanhou Celegorm no exílio e lhe era fiel. Assim, ele também ficou sujeito à condenação de desgraças imposta aos noldor; e sua sina era encontrar a morte, mas só quando estivesse diante do lobo mais forte que já tivesse pisado no mundo.

Foi Huan quem encontrou Lúthien voando como uma sombra surpreendida pela luz do dia sob as árvores, quando Celegorm e Curufin descansavam um pouco, perto dos limites ocidentais de Doriath. Pois nada escapava à visão e ao faro de Huan, nem encantamento nenhum conseguia detê-lo; e ele não dormia, nem de dia nem à noite. Huan levou-a a Celegorm; e Lúthien, ao saber que ele era um príncipe dos noldor e inimigo de Morgoth, alegrou-se. Ela então se declarou, pondo de lado seu manto. Tão grande era sua súbita beleza, revelada à luz do Sol, que Celegorm se apaixonou; mas disse que ela era bela e prometeu que encontraria ajuda na necessidade, se voltasse com ele para Nargothrond. De nenhuma forma, ele revelou já ter conhecimento de Beren e de sua demanda, da qual ela lhe falou, nem que essa questão o tocasse de perto.

Interromperam a caçada, voltaram para Nargothrond; e Lúthien foi traída, pois eles a puseram em cativeiro, tiraram-lhe o manto e não lhe deram permissão para passar dos portões ou dirigir a palavra a ninguém a não ser aos irmãos, Celegorm e Curufin. Pois agora, na crença de que Beren e Felagund eram prisioneiros sem esperança de resgate, os dois tinham a intenção de deixar o Rei perecer, manter Lúthien oculta e forçar Thingol a conceder a mão dela a Celegorm. Assim, eles aumentariam seu poder e se tornariam os mais poderosos dos príncipes dos noldor. E não pretendiam retomar as Silmarils por astúcia ou guerra nem permitir que outros o fizessem, enquanto não tivessem nas mãos todo o poder dos reinos élficos. Orodreth não tinha forças para lhes oferecer resistência, já que eles influenciavam os corações do povo de Nargothrond. E Celegorm enviou mensageiros a Thingol para apresentar seu pedido de casamento.

No entanto, Huan, o cão, era fiel em seu coração, e o amor por Lúthien o atingira no momento de seu encontro; e ele se condoía por seu cativeiro. Por isso, vinha com freqüência a seus aposentos; e à noite deitava-se diante de sua porta, pois sentia que o mal havia chegado a Nargothrond. Lúthien costumava falar com Huan em sua solidão, contando-lhe histórias de Beren, que era o amigo de todos os pássaros e bichos que não serviam a Morgoth; e Huan entendia tudo o que era dito. É que Huan compreendia a fala de todos os que tinham voz; mas só lhe era permitido falar com palavras três vezes antes de morrer.

Ora, Huan maquinou um plano para ajudar Lúthien; e, chegando a certa hora da noite, ele lhe trouxe seu manto e, pela primeira vez, falou, dando-lhe conselhos. Conduziu-a então por; trilhas secretas que saíam de Nargothrond, e os dois fugiram juntos. E Huan conteve seu orgulho e permitiu que ela montasse-se nele como num corcel, exatamente como os orcs faziam às vezes com lobos enormes. Desse modo, eles alcançaram grande velocidade, pois Huan era rápido e incansável.

Nas masmorras de Sauron estavam Beren e Felagund, e todos os seus companheiros agora estavam mortos. Sauron, porém, pretendia guardar Felagund para o final, já que percebia que ele era um noldo de grande poder e sabedoria, e achava que com ele estava o segredo da missão. Contudo, quando o lobo veio pegar Beren, Felagund fez atuar todo o seu poder e arrebentou os ferros que o prendiam; lutou com o lobisomem e o matou com as mãos e os dentes. No entanto, ele mesmo recebeu ferimentos mortais.

Falou, então, a Beren.

- Vou agora para meu longo descanso nos palácios eternos do outro lado do mar e das Montanhas de Aman. Vai demorar muito até eu voltar a ser visto entre os noldor; e pode ser que não nos encontremos de novo na vida ou na morte, pois os destinos de nossos povos são separados. Adeus! - E morreu ali na escuridão, em Tol-in-Gaurhoth, cuja torre imensa ele mesmo havia construído Assim, o Rei Finrod Felagund, o mais belo e mais amado da Casa de Finwë, cumpriu seu Juramento; mas Beren chorava a seu lado em desespero.

Nessa hora, chegou Lúthien e, parada sobre a ponte que levava para a ilha de Sauron, entoou uma canção que nenhuma muralha de pedra poderia encobrir. Beren ouviu, e acreditou estar sonhando, pois as estrelas brilhavam no céu e nas árvores os rouxinóis cantavam. E em resposta ele cantou um hino de desafio que havia composto em louvor às Sete Estrelas, a Foice dos Valar, que Varda pendurou nos céus acima do norte, como um símbolo da queda de Morgoth. Então, todas as forças o deixaram e ele caju na escuridão.

Lúthien, porém, ouviu sua voz em resposta e entoou uma canção de poder ainda maior. Os lobos uivaram, e a ilha tremeu. Sauron estava parado na torre alta, envolto em pensamentos sinistros. Mas sorriu ao ouvir sua voz, pois sabia que era a filha de Melian. A fama da beleza de Lúthien e o fascínio de sua música havia muito eram conhecidos fora de Doriath; e ele pensou em capturá-la para entregá-la ao poder de Morgoth, pois sua recompensa seria enorme.

Mandou, portanto, um lobo até a ponte. Mas Huan o abateu em silêncio. Mesmo assim, Sauron enviou outros, um a um e um a um Huan os apanhava pela garganta e os matava. Então Sauron mandou Draugluin, uma fera terrível, experiente no mal, senhor e pai dos lobisomens de Angband. Seu poder era tremendo; e o combate entre Huan e Draugluin foi longo e feroz.

Contudo, afinal, Draugluin escapou e, fugindo de volta para interior da torre, morreu aos pés de Sauron.

- Huan está lá! - disse a seu mestre enquanto morria.

Ora, Sauron bem conhecia, como todos naquela terra, o destino que estava determinado para o cão de Valinor, e lhe ocorreu que ele mesmo seria o instrumento desse destino. Assumiu, portanto, a forma de um lobisomem e se fez o mais poderoso que já havia pisado no mundo. E se apresentou para conquistar a passagem da ponte.

Foi tal o horror de sua chegada, que Huan saltou de lado. Sauron, então, atacou Lúthien; e ela desmaiou diante da ameaça do espírito cruel em seus olhos e do vapor imundo de seu hálito.

Mas, enquanto ele vinha, ela, ao cair, lançou uma dobra de seu manto escuro diante dos olhos do agressor. E ele tropeçou, pois uma sonolência passageira o acometeu. Então Huan atirou-se.

Ocorreu assim a luta entre Huan e o Lobo-Sauron. Os uivos e os latidos ecoaram nas colinas, e os vigias nas muralhas das Ered Wethrin do outro lado do vale ouviram tudo de longe e se admiraram.

Contudo, nem feitiço nem encanto, nem garra nem veneno, nem arte demoníaca nem força animal, nada conseguiu derrubar: Huan de Valinor. E ele pegou o adversário pela garganta e o dominou. Sauron, então, mudou de forma, de lobo para serpente, e de monstro para sua forma costumeira, mas não conseguiu se livrar de Huan sem abandonar totalmente seu corpo. Antes que seu espírito imundo deixasse sua casa sinistra, Lúthien veio até ele e disse que ele perderia sua vestimenta de carne, e seu espectro seria mandado trêmulo de volta a Morgoth.

- Lá para todo o sempre – disse-lhe Lúthien – teu eu nu suportará o tormento do escárnio de Morgoth e será perfurado pelos seus olhos, a menos que me cedas o comando de tua torre; Sauron então se rendeu, e Lúthien assumiu o comando da ilha e de tudo o que ali se encontrava.

E Huan o libertou. De imediato, Sauron assumiu a forma de um vampiro, imenso como uma nuvem escura que encobre a lua, fugiu, gotejando sangue da garganta sobre as árvores, e foi para a Taur-nu-Fuin, onde permaneceu, enchendo a região de horror.

Lúthien postou-se então na ponte e declarou seu poder. E foi quebrado o encantamento que prendia uma pedra à outra, os portões foram derrubados, as paredes se abriram e as masmorras foram expostas. Muitos escravos e prisioneiros surgiram, espantados e desnorteados, protegendo os olhos do pálido luar, pois haviam permanecido muito tempo nas trevas de Sauron. Beren, porém, não apareceu. Lúthien e Huan, portanto, procuraram por ele na ilha; e Lúthien o encontrou chorando junto a Felagund. Tão profunda era sua dor, que ele estava imóvel e não ouviu os passos de Lúthien. Nesse instante, com a impressão de que ele já estava morto, ela o abraçou e caiu num esquecimento sombrio. Beren, porém, voltando das profundezas do desespero para a luz, a levantou; e os dois mais uma vez se fitaram. E o Sol que nascia por trás das colinas escuras brilhou sobre eles.

Enterraram o corpo de Felagund no topo da colina de sua própria ilha, e ela voltou a ser pura. E o túmulo verdejante de Finrod, filho de Finarfin, o mais belo de todos os príncipes dos elfos, permaneceu inviolado, até a terra mudar e se partir, soçobrando sob mares de destruição.

Finrod, porém, caminha com Finarfin, seu pai, à sombra das árvores em Eldamar.

Ora, Beren e Lúthien Tinúviel estavam livres novamente e juntos caminharam pelos bosques, renovando por algum tempo sua alegria. E, embora chegasse o inverno, ele não os prejudicou, pois as flores continuavam onde quer que Lúthien fosse, e as aves cantavam ao pé das colinas nevadas. Huan, porém, sendo fiel, voltou a Celegorm, seu dono. Contudo, o amor entre os dois era menor do que antes.

Houve tumulto em Nargothrond. Pois para lá agora retornavam muitos elfos que haviam sido prisioneiros na ilha de Sauron. Ergueu-se então um clamor que nenhuma palavra de Celegorm conseguia calar. Todos lamentavam amargamente a queda de Felagund, seu rei, dizendo que uma donzela havia ousado o que os filhos de Fëanor não tinham tido coragem de fazer. No entanto, muitos perceberam que fora mais a traição que o medo que havia guiado Celegorm e Curufin. Com isso, os corações do povo de Nargothrond foram libertados de seu domínio e se voltaram mais uma vez para a Casa de Finarfin. E prestaram obediência a Orodreth. Este, no entanto, não permitiu que assassinassem os irmãos, como desejavam alguns, pois o derramamento de sangue de parentes fecharia ainda mais o cerco da maldição de Mandos em tomo de todos eles. Mesmo assim, nem pão, nem descanso, dispôs-se ele a conceder a Celegorm e Curufin nos limites de seu reino; e jurou que pouco amor deveria haver entre Nargothrond e os filhos de Fëanor daí em diante.

- Que seja assim! - disse Celegorm, e havia uma luz de desafio em seus olhos, mas Curufin sorriu. Montaram então a cavalo e partiram como labaredas, para encontrar, se conseguissem, seus parentes no leste. Ninguém, entretanto, quis ir com eles, nem mesmo aqueles que eram de sua própria linhagem. Pois todos percebiam que a maldição pesava sobre os irmãos, e que o mal os acompanhava. Nessa ocasião, Celebrimbor, filho de Curufin, repudiou os atos do pai e permaneceu em Nargothrond. Huan, porém, ainda acompanhou o cavalo de Celegorm, seu dono.

Para o norte seguiram, já que em sua pressa pretendiam passar através de Dimbar e

ao longo dos limites setentrionais de Doriath, em busca do caminho mais rápido até Himring, onde morava Maedhros, seu irmão. E ainda assim poderiam esperar atravessar a região rapidamente, já que ela ficava próxima das fronteiras de Doriath, evitando passar por Nan Dungortheb e pela ameaça distante das Montanhas do Terror.

Ora, diz-se que Beren e Lúthien em sua caminhada entraram na Floresta de Brethil e afinal se aproximaram das fronteiras de Doriath Beren, então, pensou no seu voto. E, já que Lúthien estava novamente na segurança de sua própria terra, Beren resolveu a contragosto partir novamente. Ela, entretanto, não se dispunha a voltar a se separar dele.

- Beren – disse ela -, você precisa escolher entre dois caminhos: abandonar a busca e o juramento, e procurar uma vida de nômade sobre a face da terra; ou cumprir a palavra dada e desafiar o poder das trevas em seu trono. Seja no caminho que for, irei com você, e nosso destino será semelhante.

Quando estavam falando desses assuntos, caminhando sem prestar atenção a mais nada, Celegorm e Curufin se aproximaram a cavalo, vindo apressados pela floresta. Os irmãos os viram e reconheceram de longe. Celegorm então virou seu cavalo e o esporeou para cima de Beren, com o intento de atropelá-lo; já Curufin, desviando-se, inclinou-se e levantou Lúthien até sua sela, pois era forte e hábil cavaleiro. Beren, porém, saltou de onde estava diante de Celegorm, caindo direto sobre o cavalo de Curufin, que havia passado por ele correndo. E o Salto de Beren é famoso entre homens e elfos. Ele pegou Curufin pela garganta, por trás, e o puxou, de modo que os dois caíram ao chão juntos. O cavalo empinou e tombou, mas Lúthien foi atirada para o lado, caindo deitada na relva.

Beren estrangulava Curufin, mas a morte estava próxima dele, pois Celegorm o atacou com uma lança. Nessa hora, Huan abandonou o serviço a Celegorm e investiu contra ele, de modo que seu cavalo saiu de lado e se recusava a chegar perto de Beren por pavor do enorme cão.

Celegorm amaldiçoou tanto o cão quanto o cavalo, mas Huan não se comoveu. Então, Lúthien, erguendo-se, impediu o assassinato de Curufin; mas Beren lhe confiscou os arreios e armas, ficando também com sua faca Angrist. Essa faca fora feita por Telchar de Nogrod, e estava pendurada sem bainha à sua cintura. Ela cortava o ferro como se fosse madeira verde. Beren levantou Curufin do chão e o atirou longe, dizendo-lhe que voltasse andando para seus nobres parentes, que poderiam ensiná-lo a dedicar sua valentia a tarefas mais dignas.

- Seu cavalo fica comigo, para ser montado por Lúthien, e ele deve se considerar feliz por se ver livre de um dono desses.

Curufin amaldiçoou, então, Beren sob as nuvens e os céus.

- Vá embora daqui para uma morte rápida e cruel – disse Celegorm apanhou-o em seu cavalo, e os irmãos fingiram ir embora. Beren virou-lhes as costas e não deu atenção a suas palavras.

Curufin, porém, cheio de vergonha e maldade, pegou o arco de Celegorm e atirou enquanto seguiam em frente; e a flecha tinha Lúthien como alvo. Huan, de um salto, apanhou-a com a boca. Curufin, porém, atirou novamente, e Beren pulou diante de Lúthien, recebendo a flechada no peito.

Diz-se que Huan perseguiu os filhos de Fëanor, que fugiram temerosos. E, ao voltar, ele trouxe para Lúthien uma erva da floresta. Com essa folha, ela estancou o ferimento de Beren, e com sua magia e seu amor o curou. Assim, afinal, os dois voltaram para Doriath. Ali, Beren, dilacerado pelo dilema entre seu juramento e seu amor, e consciente de que Lúthien agora estava a salvo, despertou um dia antes do amanhecer e a entregou aos cuidados de Huan. Em seguida, muito angustiado, partiu enquanto ela ainda dormia na relva.

Seguiu novamente para o norte a toda a velocidade até o Passo do Sirion; e, chegando às fronteiras da Taur-nu-Fuin, contemplou as terras ermas de Anfauglith e viu ao longe os picos das Thangorodrim. Ali dispensou o cavalo de Curufin e pediu que ele esquecesse o pavor e a servidão e corresse em liberdade pela campina verde nas terras de Sirion. Então, estando agora só e no portal do perigo final, compôs a Canção da Despedida, em louvor a Lúthien e às luzes do firmamento, pois acreditava que deveria se despedir tanto do amor quanto da luz. E dessa canção faziam parte as seguintes palavras:

Adeus, doce terra e céu do norte,
eternamente abençoados, pois aqui esteve
e aqui com passos ágeis correu
à luz da Lua, à luz do Sol
Lúthien Tinúviel
mais bela do que pode dizer a língua dos mortais.
Mesmo que o mundo caia em ruínas
que se dissolva e seja lançado de volta
desfeito no caos primordial,
ainda assim foi boa sua criação...
o anoitecer, o amanhecer, a terra, o mar...
para que Lúthien por um tempo existisse.

E ele cantou em voz alta, sem se importar com os ouvidos que o pudessem escutar, pois estava desesperado e não procurava escapar.

Lúthien, porém, ouviu a canção e cantou em resposta enquanto chegava pelos bosques, inesperada. Pois Huan, consentindo mais uma vez em ser sua montaria, a trouxera veloz atrás dos passos de Beren. Muito havia o cão ponderado em seu íntimo sobre que decisão tomar para atenuar o perigo desses dois seres que amava. Desviou-se portanto para a ilha de Sauron, enquanto corria novamente para o norte, e dali tirou os apavorantes adereços de lobo de Draugluin e a pele de morcego de Thuringwethil. Ela era mensageira de Sauron e costumava voar sob a forma de vampiro até Angband; e suas enormes asas providas de dedos eram guarnecidas na extremidade de cada articulação com uma garra de ferro. Trajando esses terríveis disfarces, Huan e Lúthien atravessaram a Taur-nu-Fuin, e tudo fugia diante deles.

Beren, ao ver sua aproximação, ficou aflito; e intrigado, pois ouvira a voz de Tinúviel, e agora acreditava que fosse um espectro para o atrair. Contudo, os dois pararam, puseram de lado os disfarces, e Lúthien correu na sua direção. Assim, Beren e Lúthien mais uma vez se encontraram entre o deserto e o bosque. Por um tempo, ele permaneceu em silêncio e se sentia feliz; mas depois novamente lutou para dissuadir Lúthien da viagem.

- Três vezes amaldiçoado seja meu juramento a Thingol! - disse ele – e eu preferiria que ele me tivesse matado em Menegroth a ter de levá-la para as trevas de Morgoth.

Então, pela segunda vez, Huan falou com palavras, dando conselhos a Beren.

- Da sombra da morte, você não poderá mais salvá-la, pois Lúthien, por seu amor, agora está sujeita a ela. Você pode se desviar de seu destino e levá-la para o exílio, procurando a paz em vão enquanto durar sua vida. Porém, se não renunciar a seu destino, então ou Lúthien, abandonada, morrerá sozinha, ou deverá enfrentar com você a sina que o espera, desditosa, embora não definida. Maiores conselhos não posso dar, nem poderei acompanhá-los mais na estrada. Meu coração prevê, entretanto, que o que encontrarem no

Portão eu mesmo verei.

Tudo o mais me é desconhecido. E, no entanto, pode ser que nossos três caminhos levem de volta a Doriath e que nos encontremos antes do fim.

Percebeu, então Beren que Lúthien não podia ser apartada do fardo que cabia a eles dois; e parou de tentar dissuadi-la. Por recomendação de Huan e pela magia de Lúthien, passou a usar a forma de Draugluin, e ela, a pele alada de Thunngwethil. Beren tornou-se sob todos os aspectos semelhante a um lobisomem, só que em seus olhos brilhava um espírito cruel, de fato, mas limpo. E havia horror em seu olhar quando ele viu em seu flanco uma criatura igual a um morcego, que se agarrava a ele com as asas recolhidas. E então, uivando para a lua, desceu a colina aos saltos, enquanto o morcego dava voltas e esvoaçava acima dele.

Passaram por todos os perigos, até chegar, empoeirados do percurso longo e cansativo, à várzea lúgubre que se estendia diante do Portão de Angband. Negros precipícios abriam-se ao lado da estrada, de onde saíam formas como as de serpentes a se contorcer. De ambos os lados, erguiam-se rochedos como muralhas fortificadas, e sobre eles aves carniceiras soltavam gritos com vozes cruéis. À sua frente, estava o Portão inexpugnável, um arco largo e escuro aos pés da montanha. Acima do portão, um paredão de trezentos metros de altura Ali foram dominados pelo desânimo, pois junto ao portão estava um guarda de quem nunca se tivera notícia. Chegaram aos ouvidos de Morgoth rumores de intenções dele desconhecidas que se espalhavam entre os príncipes dos elfos; e pelas trilhas da floresta ouviam-se os latidos de Huan, o grande cão de guerra. Que os Valar haviam criado tanto tempo atrás. Recordou-se então Morgoth da sina de Huan e escolheu um dos filhotes da raça de Draugluin. Alimentou-o com a própria mão, sempre com carne viva e passou seu poder a ele. O lobo cresceu rapidamente até não conseguir se enfiar em nenhuma cova, mas permanecia deitado, enorme e faminto, aos pés de Morgoth. Ali, as fogueiras e as agonias do inferno nele se impregnaram, e ele foi tomado por um espírito devorador. Atormentado, terrível e forte. Carcharoth, o Goela Vermelha, ele é chamado no relato daqueles tempos; e Anfauglir, Mandíbulas Sedentas. E Morgoth ordenou que ficasse insone diante dos portões de Angband, para a eventualidade de Huan aparecer.

Ora, Carcharoth divisou-os de longe e se encheu de dúvidas. Pois, havia muito tempo, notícias chegaram a Angband de que Draugluin estava morto. Logo, quando eles se aproximaram, foilhes negada entrada. Carcharoth mandou que parassem e se aproximou, ameaçador, farejando algo de estranho no ar em torno deles. De repente, porém, algum poder, vindo de outrora, herança de alguma raça divina, se apossou de Lúthien. E, afastando seu disfarce imundo, ela se apresentou, pequena diante da força de Carcharoth, mas radiante e terrível. Erguendo a mão, ela lhe ordenou que dormisse.

- Ó espírito criado pelo mal, cai agora em total esquecimento e ignora por algum tempo o apavorante fardo da vida – E Carcharoth tombou, como se atingido por um raio. Beren e Lúthien entraram, então, pelo Portão, e desceram pelas escadarias labirínticas. E juntos realizaram o maior feito jamais ousado por elfos ou homens. É que chegaram ao trono de Morgoth no salão mais profundo de todos, sustentado pelo horror, iluminado pelo fogo e repleto de armas de morte e tortura. Ali, Beren, na forma de lobo, esgueirou-se para baixo do trono; mas Lúthien foi despida do disfarce pela vontade de Morgoth, que voltou seu olhar para ela. Ela não se intimidou com os olhos de Morgoth. Disse seu nome e se ofereceu para cantar diante dele, como se fosse um menestrel. Morgoth, então, contemplando sua beleza, concebeu em pensamento um desejo maligno e um plano mais sinistro do que qualquer outro que lá passara par seu coração desde sua fuga de Valinor. Com isso, foi traído por sua própria maldade, pois ficou a observá-la, deixando-a livre por

um instante e se deleitando com sua idéia. De repente, então, ela escapou de sua visão e, das sombras, começou uma canção de beleza tão insuperável e de tamanho poder de encantamento, que ele foi forçado a escutar. E uma cegueira se abateu sobre ele, enquanto seus olhos passavam de um lado para o outro, à procura de Lúthien.

Toda a cone foi lançada no mesmo sono, e todas as fogueiras ficaram mais fracas e se apagaram; mas as Silmarils que estavam na coroa na cabeça de Morgoth refulgiram de repente com o brilho de uma chama branca. E o fardo daquela coroa e das pedras preciosas fez pender sua cabeça, como se o mundo estivesse nela engastado, sobrecarregada com o peso da preocupação, do medo e do desejo, que nem mesmo a vontade de Morgoth poderia sustentar.

Lúthien, então, apanhando seu manto alado, saltou para o ar, e sua voz caía em gotas como a chuva em lagoas profundas e escuras. Ela passou o manto pelos olhos de Morgoth e o fez ter um sonho, escuro como o Vazio de Fora, onde no passado ele vagara sozinho. De súbito, ele caiu como uma colina deslizando em avalanche e desmoronou como o trovão de cima do trono, jazendo de bruços no piso do inferno. A coroa de ferro rolou de sua cabeça, ruidosa. Tudo o mais estava imóvel.

Como um bicho morto, Beren estava deitado no chão; mas Lúthien o acordou com um toque da mão, e ele se desfez do disfarce de lobo. Depois, sacou a faca Angrist e, das garras de ferro que a prendiam, arrancou uma Silmaril

Quando a guardou na mão fechada, o brilho atravessou sua carne viva, e sua mão parecia ser uma lamparina acesa; mas a pedra aceitava seu toque sem o ferir. Ocorreu então a Beren superar seu juramento e levar de Angband todas as três Jóias de Fëanor, mas não era essa a sina das Silmarils. A faca Angrist estalou, e um estilhaço da lâmina voou e atingiu o rosto de Morgoth. Ele deu um gemido e se mexeu, e toda a hoste de Angband se agitou no sono.

O pavor dominou então Beren e Lúthien; e os dois fugiram, desatentos e sem disfarce, desejando apenas voltar a ver a luz. Não foram nem detidos nem perseguidos, mas o Portão estava fechado para impedi-los de sair. Pois Carcharoth havia despertado e agora estava em pé, furioso, na soleira de Angband. Antes que se dessem conta dele, ele os viu e os atacou enquanto corriam.

Lúthien estava exausta e não teve tempo nem forças para enfrentar o lobo. Já Beren avançou adiante dela e, na mào direita, segurava no alto a Silmaril. Carcharoth parou e, por um instante, sentiu medo.

- Vá embora daqui, voando! - gritou Beren – pois este é um fogo que consumirá você e todos os seres nefastos. - E empurrou a Silmaril para perto dos olhos do lobo.
Carcharoth, porém, contemplou aquela jóia sagrada e não se intimidou; e o espírito devorador que tinha dentro de si despertou com súbito ânimo. E, abrindo a boca, ele de repente prendeu a mão entre as mandíbulas, decepando-a na altura do pulso. De imediato todas as suas entranhas se encheram de um fogo de agonia, e a Silmaril rasgava sua carne amaldiçoada. Aos uivos, Carcharoth fugiu deles, e os paredões do vale do Portão reverberavam o clamor de seu tormento. Ele se tornou tão terrível em sua loucura, que todas as criaturas de Morgoth que habitavam aquele vale, ou estavam em qualquer das estradas que para ali levavam, fugiram para longe. Pois ele matava qualquer ser vivo que estivesse no caminho e irrompeu violento do norte, trazendo destruição para o mundo. De todos os terrores que um dia chegaram a Beleriand antes da queda de Angband, a loucura de Carcharoth foi o mais apavorante; pois o poder da Silmaril estava oculto dentro dele.

Ora, Beren jazia desmaiado do lado de dentro do perigoso Portão, e a morte dele se aproximava, pois havia veneno nas presas do lobo. Lúthien chupou o veneno com os lábios e fez atuar seu poder debilitado para estancar o ferimento horrendo. No entanto,

por trás dela, nas profundezas de Angband, crescia o ruído de uma cólera enorme. As hostes de Morgoth tinham despertado.

Assim, a demanda da Silmaril podia terminar em destruição e desespero; mas naquele instante, acima do paredão do vale, surgiram três aves poderosas, que voavam na direção norte com asas mais velozes que o vento. Entre todas as aves e bichos, havia sido comentada a peregrinação e necessidade de Beren; e o próprio Huan pedira a todos os seres que ficassem alertas, a fim de prestar-lhe ajuda. Nas alturas, acima do reino de Morgoth, voavam Thorondor e seus vassalos e, vendo então a loucura do Lobo e a queda de Beren, desceram velozes, no momento em que as forças de Angband se livravam das teias do sono.

As aves então levantaram Lúthien e Beren da terra e os levaram para o alto, para o meio das nuvens. Abaixo deles, de repente, estourou o trovão, faíscas saltaram para o alto, e as montanhas sacudiram. As Thangorodrim soltaram fogo e fumaça, e raios flamejantes foram atirados ao longe, para cair sobre as terras, trazendo destruição; e os noldor em Hithlum tremeram. Thorondor, porém. Seguiu uma rota muito acima da Terra, em busca das altas trilhas dos céus, onde o Sol brilha o dia inteiro sem ser encoberto, e a Lua caminha entre as estrelas sem nuvens. Passaram, assim, rapidamente sobre Dor-nu-Fauglith e sobre a Taur-nu-Fuin, chegando a sobrevoar o vale oculto de Tumladen. Lá não havia nem nuvem nem névoa; e, olhando para baixo, Lúthien viu ao longe, como uma luz branca que saía de uma pedra verde, o brilho de Gondolin, a Bela, onde morava Turgon. Lúthien chorava, porém, pois tinha a impressão de que Beren sem dúvida morreria. Ele não dizia palavra, nem abria os olhos; e daí em diante nada saberia de seu vôo. Finalmente, as águias os deixaram junto às fronteiras de Doriath; e os dois acabaram vindo para aquele mesmo vale de onde Beren fugira em desespero, deixando Lúthien adormecida.

Ali as águias a deixaram ao lado de Beren e voltaram para os picos de Crissaegrim e seus altos ninhos. Huan, porém, veio até onde ela estava; e, juntos, eles cuidaram de Beren, exatamente como antes, quando Lúthien o curara do ferimento que Curufin lhe infligira. O ferimento atual, entretanto, era terrível e. Envenenado. Por muito tempo, Beren permaneceu deitado; e seu espírito perambulava pelos limites trevosos da morte, experimentando uma agonia que o perseguia de sonho em sonho. De repente, então, quando a esperança de Lúthien estava quase finda, ele voltou a acordar e ergueu os olhos, vendo as folhas diante do céu. E ouviu sob a folhagem, cantando com voz lenta e suave ao seu lado, Lúthien Tinúviel. E era primavera novamente; Daí para a frente, Beren passou a ser chamado de Ercha-mion, que significa o Maneta; e o sofrimento ficou marcado em seu rosto. Afinal, porém, ele foi trazido de volta para a vida pelo amor de Lúthien. Levantou-se, e juntos os dois caminharam nos bosques mais uma vez. E não se apressaram a sair daquele lugar; pois ele lhes parecia lindo. Na verdade, Lúthien estava disposta a vagar na mata sem voltar, deixando no esquecimento a casa, as pessoas e toda a glória dos reinos élficos; e por um tempo. Beren se contentou. Não conseguiu, porém, ignorar por muito tempo seu juramento de voltar a Menegroth, nem queria esconder Lúthien de Thingol para sempre. Pois ele se guiava pela lei dos homens, que considerava arriscado não dar importância à vontade do pai, a não ser em necessidade extrema. E também lhe parecia incorreto que alguém tão belo e majestoso quanto Lúthien morasse eternamente nos bosques, como os rudes caçadores entre os homens, sem lar, honrarias ou os belos objetos que são a alegria das rainhas dos eldalië. Portanto, pouco depois, ele a persuadiu, e seus passos abandonaram as terras sem abrigo. E Beren entrou em Doriath, levando Lúthien para casa. Era essa a determinação de seu destino.

Sobre Doriath, maus tempos se haviam abatido. A dor e o silêncio acometeram

todo o povo quando Lúthien se foi. Muito procuraram por ela, em vão. Diz-se também que, naquela época, Daeron, o menestrel de Thingol, partiu de Doriath e nunca mais foi visto. Era ele quem fazia a música para a dança e o canto de Lúthien, antes que Beren chegasse a Doriath. E Daeron a amava e punha em sua música todo seu pensamento sobre ela. Tornou-se o maior de todos os menestréis dos elfos a leste do Mar, suplantando até mesmo Maglor, filho de Fëanor. Contudo, no desespero da busca por Lúthien, ele vagou por trilhas estranhas e, atravessando as montanhas, entrou para o leste da Terra-média, onde por muitas Eras se lamentou junto a águas escuras por Lúthien, filha de Thingol, a mais bela de todas as criaturas.

Naquela época, Thingol recorreu a Melian, mas ela agora lhe negava seus conselhos, afirmando que a sina criada por ele deveria ser cumprida até o final e que ele deveria dar tempo ao tempo.

Thingol, entretanto, soube que Lúthien muito se afastara de Doriath, pois mensagens chegaram em segredo, provenientes de Celegorm, como já foi dito, dando conta da morte de Felagund e de Beren, mas afirmando que Lúthien estava em Nargothrond e que Celegorm gostaria de desposá-la. Irou-se então Thingol, e enviou espiões, pensando em fazer guerra a Nargothrond; e, com isso, soube que Lúthien mais uma vez fugira, e que Celegorm e Curufin haviam sido expulsos de Nargothrond.

Ficou então em dúvida, pois não tinha força suficiente para atacar os sete filhos de Fëanor, mas enviou mensageiros a Himring para convocar seu auxílio na busca a Lúthien, já que Celegorm não a enviara de volta para a casa do pai nem a mantivera em segurança.

Contudo, no norte de seu reino, os mensageiros depararam com um perigo súbito e inesperado: a investida de Carcharoth, o Lobo de Angband. Em sua loucura voraz, ele viera do norte e, passando afinal pela Taur-nu-Fuin no lado oriental, descera a partir das nascentes do Esgalduin como um fogo destruidor. Nada era obstáculo para ele, e o poder de Melian sobre as fronteiras da Terra não o deteve, pois o que o impelia era o destino, bem como o poder da Silmaril que carregava para seu próprio tormento. Irrompeu, assim, pelos bosques inviolados de Doriath, e todos fugiram apavorados. Dos mensageiros somente escapou Mahlung, comandante-em-chefe do Rei, e ele levou a Thingol a notícia terrível.

Exatamente nessa hora sombria, Beren e Lúthien voltavam do oeste, apressados, e a notícia de sua vinda chegava adiante deles como o som de uma música trazido pelo vento para o interior de casas escuras habitadas por homens melancólicos. Finalmente alcançaram os portões de Menegroth, e uma enorme hoste os seguia. Então, Beren conduziu Lúthien até o trono de Thingol, seu pai, que olhou assombrado para Beren, já que o considerava morto. Mesmo assim, não gostava dele, em decorrência dos males que causara a Doriath Beren, entretanto, ajoelhouse diante do rei.

- Volto, de acordo com a palavra dada. Vim reivindicar meu direito.

- E sua demanda? E seu juramento? - retrucou Thingol.

- Estão cumpridos. Agora mesmo tenho uma Silmaril na mão.

- Mostre-a – disse Thingol

E Beren estendeu a mão esquerda, abrindo lentamente os dedos, mas ela estava vazia. Em seguida, ergueu o braço direito, e a partir daquela hora passou a se chamar Camlost, o Mãovazia.

Abrandou-se então a disposição de Thingol; e Beren sentou diante do trono à esquerda, com Lúthien à direita; e os dois contaram toda a história da Demanda, enquanto todos ouviam, admirados. Pareceu a Thingol que esse homem era diferente de todos os outros homens mortais e que estava entre os maiores de Arda; e que o amor de Lúthien era algo novo e desconhecido.

Percebeu também que seu destino não poderia ser detido por nenhum poder deste mundo. Por conseguinte, acabou cedendo, e Beren tomou a mão de Lúthien diante do trono de seu pai.

Agora, porém, uma sombra se abatia sobre o júbilo de Doriath com o retomo de Lúthien, a Bela. Pois, conhecendo o motivo da loucura de Carcharoth, as pessoas ficaram ainda mais apavoradas, por perceberem que esse perigo estava carregado de um poder tremendo, derivado da jóia sagrada e que dificilmente poderia ser dominado. E Beren, ao saber da violência de Carcharoth, compreendeu que a Demanda ainda não tinha terminado.

Portanto, como a cada dia Carcharoth mais se aproximava de Menegroth, eles prepararam a Caça ao Lobo, a mais perigosa de todas as perseguições a feras de que falam as histórias. Dessa caçada participaram Huan, o Cão de Valinor, Mablung Mão-pesada, Beleg Arcoforte, Beren Erchamion e Thingol, Rei de Doriath. Partiram a cavalo pela manhã e atravessaram o Rio Esgalduin. Lúthien, entretanto, ficou para trás, junto aos portões de Menegroth. Uma sombra sinistra caiu sobre ela, e sua impressão era que o Sol adoecera e se tornara negro.

Os caçadores voltaram-se para o leste e para o norte e, acompanhando o curso do rio, deram afinal com Carcharoth, o Lobo, num vale sombrio, lá para as bandas do norte, onde o Esgalduin caía em torrente em cataratas íngremes. Ao pé das cataratas, Carcharoth bebia para aliviar a sede que o consumia e uivou. E com isso eles perceberam sua presença. Ele, no entanto, ao observar sua aproximação, não investiu para atacá-los de repente. Talvez a astúcia demoníaca de seu coração tivesse despertado, já que ele por um instante mitigara sua dor com a doce água do Esgalduin. Enquanto vinham em sua direção, ele se esgueirou para um lado para o meio de um denso matagal e ali se escondeu. Eles, porém, montaram guarda em todo o lugar e esperaram, enquanto as sombras se alongavam na floresta.

Beren estava parado junto a Thingol, e de súbito eles perceberam que Huan havia deixado a posição a seu lado. Então, da moita vieram latidos fortíssimos; pois Huan, tendo ficado impaciente e desejoso de dar uma olhada nesse lobo, entrara sozinho na moita para tirá-lo de lá.

Carcharoth, porém, evitou-o irrompendo por entre os espinhos, saltou de repente sobre Thingol. Beren, veloz, postou-se diante dele com uma lança, mas Carcharoth desviou e o derrubou, mordendo-lhe o peito. Nesse momento, Huan saltou da moita sobre as costas do Lobo, e os dois caíram juntos em luta feroz. Nenhuma briga de lobo e cão foi como aquela, pois nos latidos de Huan ouvia-se a voz trompas de Oromë e a ira dos Valar, ao passo que nos uivos de Carcharoth estavam o ódio de Morgoth e uma crueldade pior do que dentes de aço. E as rochas se fenderam com esse clamor, caindo do alto e sufocando as cataratas de Esgalduin.

Ali os dois lutaram até a morte; mas Thingol não prestou nenhuma atenção, pois se ajoelhou junto a Beren ao ver que ele estava gravemente ferido.

Naquela hora, Huan matou Carcharoth; mas ali, nos densos bosques de Doriath, sua própria sina, proferida havia tempo, se realizou. Recebeu um ferimento mortal, e o veneno de Morgoth nele penetrou. Então, aproximou-se e, caindo lado de Beren, falou pela terceira vez com palavras. Disse-lhe adeus antes de morrer. Beren nada falou, mas pôs a mão na cabeça do cão, e assim se despediram.

Mablung e Beleg vieram apressados ajudar o Rei, mas quando viram o que acontecera, largaram suas lanças e choraram. Mablung, então, apanhou uma faca e abriu o ventre do Lobo.

E por dentro ele estava praticamente consumido como que por um fogo, mas a mão

de Beren que segurava a pedra ainda estava íntegra. Porém, quando Mablung ia tocá-la, a mão desapareceu, e a Silmaril permaneceu ali, descoberta, e sua luz iluminou as sombras da floresta em toda a volta. Então, prontamente e receoso, Mablung segurou a Silmaril e a pôs na mão viva de Beren. E Beren se ergueu pelo contato com a Silmaril, segurou-a no alto e pediu a Thingol que a recebesse.

- Agora completei a Demanda, e minha sina foi cumprida plenamente. - E nada mais falou.

Carregaram Beren Camlost, filho de Barahir, num esquife de galhos com Huan, o cão caçador de lobos, a seu lado. E a noite caiu antes que retornassem a Menegroth. Aos pés de Hírilom, a enorme faia, Lúthien os encontrou, andando com vagar, e alguns seguravam archotes ao lado do esquife. Ali ela abraçou Beren e o beijou, pedindo que esperasse por ela do outro lado do Mar Ocidental; e ele olhou nos olhos dela antes que o espírito o deixasse. Mas a luz das estrelas estava apagada, e as trevas se abateram até mesmo sobre Lúthien Tinúviel. Assim terminou a Demanda da Silmaril; mas a Balada de Leithian (Libertação do Cativeiro) não termina aí.

Pois o espírito de Beren, a pedido de Lúthien, demorou-se nos palácios de Mandos, sem querer deixar o mundo, enquanto Lúthien não viesse para a última despedida nas praias sombrias do Mar de Fora, de onde os homens que morrem partem para nunca mais voltar. Mas o espírito de Lúthien afundou na escuridão e finalmente fugiu, deixando seu corpo como uma flor que é cortada de repente e jaz por um tempo sem murchar na relva.

Então, um inverno, como se fosse a velhice dos homens mortais, abateu-se sobre Thingol.

Lúthien, no entanto, foi aos palácios de Mandos. Onde estão os locais designados para os eldalië, para além das mansões do oeste, nos confins do mundo. Lá, os que esperam, ficam à sombra de seus pensamentos. Contudo, a beleza de Lúthien era maior que a deles; e sua dor, mais profunda. E ela se ajoelhou diante de Mandos e cantou para ele.

Á canção de Lúthien diante de Mandos foi a mais bela canção jamais criada em palavras, e a mais triste que o mundo um dia ouvirá. Inalterada, imperecível, ela ainda é cantada em Valinor, longe dos ouvidos do mundo, e, ao ouvi-la, os Valar se entristecem. Pois Lúthien reuniu dois temas de palavras, a tristeza dos eldar e o pesar dos homens, das Duas Famílias criadas por Ilúvatar para habitar em Arda, o Reino da Terra, em meio às estrelas incontáveis. E, enquanto estava ajoelhada diante dele, suas lágrimas caíram sobre os pés de Mandos como chuva sobre as pedras. E Mandos se comoveu, ele, que nunca se comovera, desse modo até então, nem depois.

Convocou, portanto, Beren; e, exatamente como Lúthien dissera na hora da sua morte, os dois se encontraram novamente do outro lado do Mar Ocidental. Mandos, porém, não tinha o poder de reter os espíritos dos homens mortos nos confins do mundo, depois de seu tempo de espera.

Nem tinha condições de mudar o destino dos Filhos de Ilúvatar. Dirigiu-se, assim, a Manwë, Senhor dos Valar, que governava o mundo sob a orientação de Ilúvatar. E Manwë procurou uma decisão em seus pensamentos mais íntimos, nos quais a vontade de Ilúvatar se revelasse.

Foram essas as opções que ofereceu a Lúthien. Por seu trabalho e seu penar, ela poderia sair de Mandos e ir para Valimar, para ali permanecer até o final dos tempos entre os Valar, esquecendo todas as tristezas que conhecera em vida. Para lá, Beren não poderia ir. Pois aos Valar não era permitido deter a Morte, que é o presente de Ilúvatar aos homens. Já a outra escolha era a seguinte: ela poderia voltar para a Terra-média, levando Beren junto, para voltar a lá viver, mas sem certeza da vida ou da alegria. Nesse caso, ela

se tornaria mortal, e seria sujeita a uma segunda morte, exatamente como ele. E, antes que se passasse muito tempo, ela deixaria o mundo para sempre; e sua beleza se tornaria apenas uma lembrança em versos.

Esse destino ela escolheu, abandonando o Reino Abençoado, e deixando de lado todos os direitos ao parentesco com os que ali moravam. Que, assim, qualquer que fosse a desgraça que os aguardasse, as sinas de Beren e Lúthien pudessem estar unidas; e que seus caminhos seguissem juntos até os confins do mundo. Por isso é que somente ela de todos os eldalië morreu de fato, e deixou o mundo há muito. Porém, com a escolha que fez, as Duas Famílias se uniram; e ela é antepassada de muitos nos quais os eldar ainda vêem, embora todo o mundo esteja tão mudado, o semblante de Lúthien, a amada, que eles perderam.

CAPÍTULO XX
Da quinta batalha: Nirnaeth Arnoediad

Conta-se que Beren e Lúthien retomaram para a região ao norte da Terra-média e ali viveram algum tempo como homem e mulher vivos; e voltaram a assumir sua forma mortal em Doriath.

Os que os viam sentiam ao mesmo tempo alegria e medo E Lúthien foi a Menegroth e curou o inverno de Thingol com um toque de sua mão. Melian, porém, fitou seus olhos, leu a sina que ali estava escrita e virou as costas. Pois sabia que uma separação maior que o fim do mundo existia agora entre elas; e nenhuma dor por perda foi mais pesada que a dor de Melian, a Maia, naquele momento. Beren e Lúthien, então, partiram sozinhos, sem temer sede ou fome; atravessaram o Rio Gelion, entrando em Ossiriand, e lá moraram em Tol Galen, a Ilha Verde, no meio do Adurant, até que cessaram todas as notícias deles. Os eldar mais tarde passaram a chamar aquela região de Dor Fim-i-Guinar, a Terra dos Mortos que Vivem. E ali nasceu Dior Aranel, o Belo, que depois ficou conhecido como Dior Eluchíl, que significa Herdeiro de Thingol. Nenhum mortal nunca mais falou com Beren, filho de Barahir; e ninguém viu Beren ou Lúthien deixar este mundo; ou mesmo assinalou o local onde seus corpos afinal descansaram.

Naquela época, Maedhros, filho de Fëanor, sentiu novo ânimo ao perceber que Morgoth não era invencível. Pois os feitos de Beren e Lúthien eram louvados em muitas canções por toda a Beleriand. Contudo, Morgoth destruiria a todos, um a um, se eles não conseguissem se unir mais uma vez, formar uma nova aliança e um conselho comum. E deu início aos entendimentos para beneficiar a sorte dos eldar, que são chamados de União de Maedhros.

Entretanto, o Juramento de Fëanor e os atos funestos dele decorrentes prejudicaram o intento de Maedhros, e ele recebeu menos auxílio do que deveria. Orodreth recusou-se a sair guerreando a pedido de qualquer filho de Fëanor, por causa dos atos de Celegorm e Curufin; e os elfos de Nargothrond ainda confiavam na possibilidade de defender sua fortaleza oculta por meio do segredo e dos procedimentos furtivos. Dali partiu apenas uma pequena companhia.

Seguindo Gwindor, filho de Guilin, príncipe muito corajoso. E, contra a vontade de Orodreth, juntou-se ele à guerra no norte, pois pranteava a morte de Gelmir, seu irmão, na Dragor Bragollach. Portavam o emblema da Casa de Fingolfin e marchavam sob o

comando de Fingon. E nunca voltaram, à exceção de um.

De Doriath veio pouca ajuda. Pois Maedhros e seus irmãos, obrigados pelo Juramento feito, já haviam mandado mensageiros a Thingol com palavras arrogantes, destinadas a relembrá-la do direito dos filhos de Fëanor, intimando-o a entregar a Silmaril ou a tornar-se seu inimigo.

Melian aconselhou-o a ceder, mas as palavras dos filhos de Fëanor eram cheias de orgulho e ameaças; e Thingol se enfureceu, pensando na angústia de Lúthien e no sangue de Beren com os quais a pedra havia sido conquistada, a despeito da maldade de Celegorm e Curufin. Além do mais, cada dia que contemplava a Silmaril, mais a desejava para sempre; pois era esse o poder da gema. Portanto, mandou de volta os mensageiros com palavras de escárnio. Maedhros não respondeu, pois agora começava a maquinar a aliança e união dos elfos; mas Celegorm e Curufin juraram abertamente matar Thingol e destruir seu povo, se saíssem vitoriosos da guerra e a pedra não fosse entregue espontaneamente. Thingol, então, fortificou os marcos de seu reino e não entrou em guerra; nem mais ninguém de Doriath, a não ser Mablung e Beleg, que não queriam deixar de participar de feitos tão importantes. Aos dois deu permissão de sair, desde que não servissem aos filhos de Fëanor. Por isso, eles se uniram ao exército de Fingon.

Maedhros teve, entretanto, o auxílio dos naugrim, tanto em forças armadas quanto em seu enorme arsenal. E as forjas de Nogrod e Belegost estiveram ocupadíssimas naquela época.

Maedhros convocou novamente todos os irmãos e todos os que se dispuseram a acompanhálos.

Também os homens de Bór e ele Ulfang foram reunidos e treinados para a guerra, e eles chamaram um número ainda maior de parentes do leste. Além disso, no oeste, Fingon, sempre amigo de Maedhros, trocou opiniões com o comando de Himring; e em Hithlum os noldor e os homens da Casa de Hador se preparavam para a guerra. Na floresta de Brethil, Halmir, senhor do povo de Haleth, reuniu seus homens, e eles afiaram seus machados. Halmir, porém, morreu antes do início da guerra; e Haldir, seu filho, comandou seu povo. Também a Gondolin chegaram as notícias, a Turgon, o rei oculto.

Maedhros, entretanto, experimentou suas forças cedo demais, antes que seus planos estivessem completos. E, embora os orcs tivessem sido expulsos de todas as regiões ao norte de Beleriand, e até mesmo Dorthonion fosse libertada por algum tempo, Morgoth foi avisado do levante dos eldar e dos amigos-dos-elfos, e pôde fazer planos contra eles. Muitos espiões e traidores mandou para o meio dos homens, como agora era mais capaz de fazer, pois os homens desleais de sua aliança secreta ainda estavam muito enfronhados nos segredos dos filhos de Fëanor.

Afinal, Maedhros, tendo reunido todas as forças que pôde de elfos, homens e anões, resolver atacar Angband pelo leste e pelo oeste. Era seu intento atravessar Anfauglith com estandartes expostos e total exibição de forças. Porém, quando houvesse atraído em resposta os exércitos de Morgoth, como esperava, Fingon deveria avançar a partir dos desfiladeiros de Hithlum. E assim pensavam prender o poder de Morgoth como entre o malho e a bigorna, e quebrá-lo em pedaços. E o sinal para isso acontecer seria uma enorme fogueira acesa em Dorthonion.

No dia marcado, na manhã do solstício de verão, os clarins dos eldar saudaram o Sol nascente.

No leste levantou-se o estandarte dos filhos de Fëanor e, no oeste, o de Fingon, Rei Supremo dos noldor. Fingon olhou então das muralhas de Eithel Sirion, e sua hoste estava disposta nos vales e bosques a leste das Ered Wethrin, bem escondida dos olhos do Inimigo; mas ele sabia que ela era imensa. Pois ali estavam reunidos todos os noldor de

Hithlum, junto com os elfosdas- Falas e a companhia de Gwindor, de Nargothrond. Também tinha um enorme contingente de homens: à direita estavam o exército de Dor-lómin e toda a bravura de Húrin e Huor, seu irmão; a eles juntara-se Haldir de Brethil, com muitos homens dos bosques.

Fingon olhou então para as Thangorodrim, e havia uma nuvem escura a seu redor, com fumaça negra subindo. E ele soube que a cólera de Morgoth havia sido despertada e seu desafio fora aceito. Uma sombra de dúvida abateu-se sobre o coração de Fingon. E ele olhou para o leste, procurando se possível avistar com a visào élfica a poeira de Anfauglith levantada à passagem das hostes de Maedhros. Não sabia ele que Maedhros fora impedido na partida pela astúcia de Uldor, o Maldito, que o enganara com advertências falsas de um ataque proveniente de Angband.

Agora, porém, ouviu-se um grito que subia com o vento vindo do sul, de um vale a outro; e elfos e homens ergueram suas vazes em assombro e alegria. Pois, sem ser convocado e de modo inesperado, Turgon irrompeu do reduto de Gondolin e surgiu com um exército de dez mil guerreiros, com malhas brilhantes, longas espadas e lanças como uma floresta. Então, quando Fingon ouviu ao longe a famosa trompa de Turgon, seu irmão, a sombra passou, seu coração animou-se e ele gritou alto:

- Vtúlie'n aurë! Aiya Eldalië ar Atanatári, utúlie'n aurë! O dia chegou! Vejam, povo dos eldar e pais dos homens, o dia chegou!

E todos os que ouviram aquela voz possante ecoando pelos morros responderam, aos gritos:

- Auta i lómë! A noite está passando!

Ora, Morgoth, que sabia muito do que era feito e projetado pelos inimigos, escolheu sua hora e, confiando em que seus servos traiçoeiros conteriam Maedhros e impediriam a união de seus oponentes, mandou uma força aparentemente grande (e, no entanto, apenas uma parte de tudo o que tinha pronto) na direção de Hithlum. E todos estavam trajados em cor parda e não exibiam nenhum brilho de aço, de modo que já haviam avançado muito nas areias de Anfauglith antes que sua aproximação fosse percebida

Então, exaltaram-se os corações dos noldor, e seus capitães quiseram atacar seus inimigos na planície. Húrin, porém, foi contrário e recomendou que se acautelassem da astúcia de Morgoth, cuja força era sempre maior do que aparentava e cujo objetivo era diferente do revelado. E, embora o sinal da aproximação de Maedhros não chegasse, e as hostes se impacientassem, Húrin ainda insistia em que esperassem e deixassem os orcs se espalharem em ataques às colinas.

Contudo, o capitão de Morgoth no oeste havia recebido ordens de rapidamente atrair Fingon para fora das colinas, pelos meios que lhe fossem possíveis. Marchou, portanto, em frente até sua vanguarda posicionar-se diante da corrente do Sirion, desde as muralhas da fortaleza de Eithel Sirion até a confluência do Rivil, no Pântano de Serech; e até os destacamentos avançados de Fingon poderem enxergar os olhos dos inimigos. Mesmo assim, não havia resposta ao desafio, e os orcs vacilaram em suas provocações enquanto olhavam para as muralhas silenciosas e a ameaça oculta das colinas. Então, o capitão de Morgoth enviou cavaleiros com ofertas de negociação, e eles chegaram até as fortificações exteriores de Barad Eithel. Traziam com eles Gelmir, filho de Guilin, aquele senhor de Nargothrond que haviam capturado na Bragollach, e eles o haviam cegado. Então, os arautos de Angband gritaram, para apresentá-lo:

- Temos muitos outros iguais em casa; mas vocês devem se apressar se quiserem encontrá-los; pois, quando voltarmos, trataremos todos eles desta forma – E deceparam os pés e as mãos de Gelmir, acabando por decapitá-lo, à vista dos elfos; e o deixaram ali.

Por azar, naquele local, nas fortificações, estava Gwindor de Nargothrond, irmão de Gelmir.

Ora, sua cólera inflamou-se em loucura, e ele investiu a cavalo, acompanhado por muitos cavaleiros. Eles perseguiram os arautos e os mataram, adentrando muito no corpo principal do exército. E, ao perceber isso, exaltou-se toda a hoste dos noldor, e Fingon pôs seu elmo branco e fez soar suas trompas, levando todos os guerreiros de Hithlum a saltar das colinas em súbita investida. O clarão das espadas desembainhadas dos noldor era como um incêndio num caniçal.

E tão rápido e cruel foi seu ataque, que os planos de Morgoth quase falharam. O exército mandado por ele para o oeste foi dizimado antes de receber reforços, e os estandartes de Fingon cobriram toda Anfauglith e foram hasteados diante das muralhas de Angband. Sempre na vanguarda dessa batalha, estavam Gwindor e os elfos de Nargothrond; e mesmo nesse instante não foi possível contê-los. Irromperam pelo Portão e assassinaram os guardas nas próprias escadarias de Angband; e Morgoth tremeu em seu trono nas profundezas, ao ouvir as batidas em suas portas. Os elfos estavam, no entanto, encurralados; e todos foram mortos com a única exceção de Gwindor, que foi capturado vivo, pois Fingon não pôde vir auxiliá-los. Por muitas portas secretas nas Thangorodrim, Morgoth permitira a investida de sua força principal, que mantinha de reserva. E Fingon foi rechaçado das muralhas com perdas enormes.

Então, na planície de Anfauglith, no quarto dia da guerra, teve início Nimaeth Arnoediad, as Lágrimas Incontáveis, pois nenhum poema ou história pode conter toda a sua dor. A hoste de Fingon recuou pelas areias; e Haldir, Senhor dos haladin, foi morto na retaguarda. Com ele, caiu a maioria dos homens de Brethil, que nunca mais voltaram para seus bosques. No quinto dia, porém, ao anoitecer, e quando ainda estavam muito longe das Ered Wethrin, os orcs cercaram o exército de Hithlum, e lutaram até o amanhecer, cada vez mais pressionados. Pela manhã, veio a esperança, quando as trompas de Turgon foram ouvidas enquanto ele se aproximava com a hoste principal de Gondolin; pois estava posicionada mais ao sul, protegendo o Passo do Sirion, e Turgon impediu que a maioria dos seus se lançasse num ataque precipitado. Agora, ele corria para ajudar o irmão; e os gondolindrim eram fortes e estavam protegidos por malhas. Suas fileiras refulgiam como um rio de aço ao Sol.

Ora, a falange da guarda do Rei abriu caminho entre as fileiras dos orcs, e Turgon, a machadadas, conseguiu aproximar-se de seu irmão. Diz-se que o encontro de Turgon com Húrin, que estava junto a Fingon, foi alegre, mesmo no meio da batalha. Renovaram-se então as esperanças nos corações dos elfos, e, naquele instante, na terceira hora da manhã, ouviramse finalmente os clarins de Maedhros, vindo do leste; e os estandartes dos filhos de Fëanor atacaram o inimigo pela retaguarda. Disseram alguns que, mesmo assim, os elfos poderiam ter saído vitoriosos, se toda a sua tropa tivesse sido fiel. Pois os orcs hesitaram, suas investidas foram contidas, e alguns já estavam dando meia-volta para fugir. Entretanto, quando a vanguarda de Maedhros se abateu sobre os orcs, Morgoth soltou sua última força, e Angband ficou vazia. Vieram lobos com cavaleiros que os montavam, vieram balrogs, dragões e Glaurung, pai dos dragões. A força e o terror do Grande Lagarto eram agora enormes; e elfos e homens se intimidaram diante dele. E Glaurung avançou entre as hostes de Maedhros e Fingon, separando-as.

Contudo, nem com lobo, nem com balrog, nem com dragão, teria Morgoth atingido seu objetivo, se não fosse pela traição dos homens. Nessa hora, revelaram-se as tramóias de Ulfang.

Muitos dos orientais se voltaram e fugiram, com o coração cheio de mentiras e pavor. Os filhos de Ulfang, porém, de repente passaram para o lado de Morgoth e

investiram contra a retaguarda dos filhos de Fëanor. E, na confusão que provocaram, chegaram perto do estandarte de Maedhros. Entretanto, não colheram a recompensa que Morgoth lhes prometera, pois Maglor matou Uldor, o Maldito, líder da traição; e os filhos de Bór, antes de serem mortos, mataram Ulfast e Ulwarth. Surgiu, porém, um novo contingente de homens que Uldor convocara e mantivera escondidos nas colinas orientais. Com isso, a hoste de Maedhros agora era atacada de três lados. Ela se dividiu, foi dispersada e fugiu de um lado para o outro. Mesmo assim, o destino salvou os filhos de Fëanor. E, embora todos estivessem feridos, nenhum fora morto, pois se reuniram e, trazendo para junto de si um remanescente do exército dos noldor e dos naugrim, eles abriram à força um caminho para sair da batalha e fugiram para longe, na direção do Monte Dolmed, no leste.

Últimos de todas as forças orientais a se manterem firmes foram os anões de Belegost, e assim conquistaram renome. Pois os naugrim suportavam o fogo com maior resistência do que elfos ou homens. Além disso, era seu costume usar em combate máscaras enormes, horríveis de contemplar. E essas lhes foram de grande valia contra os dragões. E, se não fossem eles, Glaurung e sua prole teriam queimado tudo o que restava dos noldor. Os naugrim, porém, fizeram uma roda em torno de Glaurung quando ele os atacou. E mesmo sua poderosa armadura não era totalmente invulnerável diante dos golpes dos terríveis machados dos anões.

E quando, em sua ira, Glaurung se voltou e derrubou Azaghâl, Senhor de Belegost, e se arrastou sobre ele, num último golpe Azaghâl enfiou-lhe no ventre uma faca, ferindo-o de tal modo que ele fugiu do campo de batalha; e as feras de Angband, amedrontadas, fugiram atrás dele. Os anões então levantaram o corpo de Azaghâl e o levaram embora. A passos lentos, foram andando atrás, a entoar um canto fúnebre com suas vozes graves, como se fosse uma procissão solene em sua própria terra. E não davam mais nenhuma atenção aos inimigos. E ninguém ousou detê-los.

Nesse momento, porém, no lado ocidental da batalha, Fingon e Turgon estavam sendo atacados por uma avalanche de inimigos três vezes maior do que todas as tropas que lhes restavam.

Viera Gothmog, Senhor dos balrogs, comandante supremo de Angband. E ele forçou uma cunha negra entre os exércitos élficos, cercando o Rei Fingon e empurrando Turgon e Húrin para o lado, na direção do Pântano de Serech. Voltou-se então para Fingon. Foi um encontro sinistro. No final, Fingon estava só, com sua guarda toda morta ao redor. E lutava com Gothmog até que outro balrog veio por trás e lançou um círculo de fogo à sua volta. Gothmog então o atingiu com o machado negro, e uma chama branca saltou do elmo de Fingon quando se partiu. Assim caiu o Rei Supremo dos noldor. Esmagaram-no na terra com suas clavas; e seu estandarte, azul e prateado, pisotearam na lama de seu sangue.

A batalha estava perdida, mas, mesmo assim, Húrin, Huor e o que restava da Casa de Hador mantinham-se firmes com Turgon, de Gondolin; e as hostes de Morgoth ainda não haviam conseguido conquistar o Passo do Sirion. Falou então Húrin a Turgon:

- Vá agora, Senhor, enquanto é tempo! Pois no Senhor reside a última esperança dos elfos. E enquanto Gondolin resistir, Morgoth ainda sentirá medo no coração.

- Agora, por pouco tempo, Gondolin poderá manter-se oculta; e, ao ser descoberta, deverá cair - respondeu Turgon.

- Porém, se resistir só um pouco mais – disse Huor -, então de sua casa surgirá a esperança para elfos e homens. Isso eu lhe digo, Senhor, com os olhos da morte: mesmo que nos separemos aqui para sempre e que eu não volte a ver suas muralhas brancas, de mim e do Senhor uma nova estrela nascerá. Adeus!

E Maeglin, filho da irmã de Turgon, que estava por perto, ouviu essas palavras e não as esqueceu; mas nada disse.

Turgon aceitou, então, os conselhos de Húrin e Huor. E, convocando todos os que restavam do exército de Gondolin, bem como aqueles do povo de Fingon que puderam ser reunidos, recuou na direção do Passo do Sirion. E seus capitães, Ecthelion e Glorfindel, protegeram os flancos à direita e à esquerda, para que nenhum inimigo passasse por eles. Já os homens de Dor-lómin defenderam a retaguarda, como Húrin e Huor desejavam; pois em seu íntimo não queriam deixar as Terras do norte e, se não conseguissem reconquistar seus lares, ali permaneceriam até o final. Desse modo foi reparada a traição de Uldor; e de todos os feitos da guerra que os pais dos homens realizaram em benefício dos eldar, a resistência final dos homens de Dor-lómin é o mais famoso.

Foi assim que Turgon forçou um caminho na direção sul até que, sob a proteção da guarda de Húrin e Huor, desceu pelo Sirion e escapou. Sumiu no meio das montanhas, sem ser visto pelos olhos de Morgoth. Os irmãos, porém, reuniram em torno de si os remanescentes dos homens da

Casa de Hador e foram cedendo palmo a palmo, até chegar a uma posição por trás do Pântano de Serech, tendo à sua frente o córrego de Rivil. Ali fi-caram e não recuaram mais.

Então, todas as hostes de Angband os atacaram como enxames, cobriram o córrego com seus mortos e cercaram o que restava de Hithlum como uma maré que se avoluma em tomo de uma rocha. Ali, quando o Sol se pôs no sexto dia; e a sombra das Ered Wethrin escureceu, Huor caiu, atingido no olho por uma flecha envenenada, e todos os corajosos homens de Hador foram exterminados a seu redor, aos montes. E os orcs os decapitaram e empilharam suas cabeças como um monte de ouro à luz do pôr-do-sol.

Em último lugar, Húrin resistia sozinho. Largou, então, seu escudo para brandir o machado com as duas mãos. Contam as canções que o machado fumegava no sangue negro da guarda de trolls de Gothmog, até se consumir; e a cada vez que abatia um inimigo, Húrin gntava: “Aurë entuluva! O dia voltará!” Setenta vezes repetiu ele esse grito; mas acabaram por capturá-la vivo, por ordem de Morgoth, pois os orcs o agarraram com suas mãos, que não se soltavam mesmo quando ele as decepava dos braços. E a cada instante o inimigo se renovava, até que afinal ele caiu soterrado por eles. Gothmog então o amarrou e o arrastou até Angband sob zombarias.

Assim terminou a Nimaeth Amoediad, quando o Sol se punha do outro lado do mar. Caiu a noite sobre Hithlum, e do oeste veio uma grande tempestade de vento.

Grande foi o triunfo de Morgoth, e seu objetivo se realizou de um modo que o agradou. Pois homens haviam tirado a vida de homens e traído os eldar; e o medo e o ódio haviam sido despertados entre aqueles que deveriam ter estado unidos contra Morgoth. Daquela época em diante, os corações dos elfos se distanciaram dos homens, com a única exceção daqueles pertencentes às Três Casas dos edain.

O reino de Fingon não mais existia; e os filhos de Fëanor vagavam como folhas ao vento. Seus exércitos estavam dispersos; e sua aliança, rompida. E eles se acostumaram a uma vida selvagem nos bosques, aos pés das Ered Lindon, misturando-se aos elfos-verdes de Ossiriand, destituídos de seu poder e glória de outrora. Uns poucos dos haladin ainda habitavam Brethil, sob a proteção dos bosques, e Handir, filho de Haldir, era seu senhor. Já a Hithlum nunca mais voltou um sequer do exército de Fingon, nem homem nenhum da Casa de Hador; nem sequer notícias da batalha ou do destino de seus senhores. Morgoth, porém, mandou para lá os orientais que lhe prestaram serviço, negando-lhes as ricas terras de Beleriand, por eles cobiçadas. Morgoth encerrou-os em Hithlum, com a proibição de sair dali. Essa foi a recompensa que lhes deu pela traição a Maedhros: o

direito de pilhar e atormentar os velhos, as mulheres e as crianças do povo de Hador. Os que restaram dos eldar de Hithlum foram levados para as minas do norte, para lá trabalhar como escravos, à exceção de alguns que o enganaram e fugiram para o meio das matas e das montanhas.

Os orcs e os lobos perambulavam à vontade por todo o norte e cada vez mais se aproximavam do sul, entrando em Beleriand, chegando mesmo a Nan-tathren, a Terra dos Salgueiros, e aos limites de Ossiriand; e ninguém se sentia seguro nos campos ou nas matas. Doriath na realidade persistia, e os palácios de Nargothrond continuavam ocultos; mas Morgoth pouca atenção lhes dedicava, fosse por pouco saber a respeito deles, fosse por ainda não ter chegado sua hora nos desígnios profundos da sua maldade. Agora, muitos fugiam para os Portos e se refugiavam atrás das muralhas de Círdan; e os marinheiros percorriam a costa para cima e para baixo, acossando o inimigo em desembarques rápidos. No ano seguinte, porém, antes de chegar o inverno, Morgoth mandou um enorme contingente atravessar Hithlum e Nevrast. Eles desceram pelo Rio Brithon e pelo Nenning, arrasaram toda a região das Falas e sitiaram as muralhas de Brithombar e Eglarest. Traziam consigo ferreiros, mineiros e criadores de fogo, que montaram grandes engenhos. E, apesar da bravura da resistência, as muralhas acabaram destruídas. Os Portos foram então arrasados; e a torre de Barad Nimras, derrubada. E a maioria do povo de Cirdan foi exterminada ou escravizada Alguns porém, entraram em embarcações e escaparam pelo mar. Entre eles, estava Ereinion Gil-galad, o filho de Fingon, que o pai mandara para os Portos depois da Dagor Bragollach. Esses sobreviventes navegaram com Círdan na direção sul até a Ilha de Balar, e construíram um abrigo para todos os que ali chegassem, pois também mantinham um reduto nas Fozes do Sirion, e muitos barcos leves e velozes estavam escondidos nas angras e nas águas onde os juncais eram densos como uma floresta.

E, quando Turgon soube disso, mais uma vez mandou mensageiros às Fozes do Sirion e solicitou o auxílio de Círdan, o Armador. A pedido de Turgon, Círdan construiu sete barcos velozes, que saíram velejando para o oeste. Mas nenhuma notícia deles jamais voltou a Balar, a não ser de um, o último. Os marinheiros daquele barco muito lutaram no mar e, voltando finalmente. Em desespero, afundaram numa grande tempestade à vista do litoral da Terramédia.

Um deles foi, porém, salvo por Ulmo da fúria de Ossë, e as ondas o levantaram lançando-o na praia em Nevrast. Seu nome era Voronwë, e ele era um dos que Turgon enviara de Gondolin como mensageiros.

Agora, o pensamento de Morgoth estava sempre voltado para Turgon. Pois Turgon lhe escapara, e, de todos os seus inimigos, esse era o que ele mais desejava capturar ou destruir. E, esse pensamento o perturbava e estragava o sabor da vitória, já que Turgon, da poderosa Casa de Fingolfin, era agora de direito o Rei de todos os noldor. E Morgoth temia e odiava a Casa de Fingolfin, pela amizade que eles mantinham com Ulmo, seu inimigo, e pelos ferimentos que Fingolfin lhe infligira com sua espada. E Morgoth temia Turgon mais do que todos os parentes; pois outrora, em Valinor, seu olho deparara com Turgon e, sempre que Turgon se aproximava, uma sombra se abatia sobre o espírito de Morgoth, um presságio de que, em algum momento ainda oculto, seria de Turgon que a ruína lhe viria.

Portanto, Húrin foi levado à presença de Morgoth, pois Morgoth sabia que Húrin tinha a amizade do Rei de Gondolin. Húrin, entretanto, o desafiou e zombou dele. Morgoth amaldiçoou Húrin, Morwen e sua prole, lançando sobre eles uma sina de escuridão e tristeza.

Tirou, então, Húrin da prisão e o instalou numa cadeira de pedra num local alto das

Thangorodrim.

Ali ele ficou preso pelos poderes de Morgoth, que, em pé, ao seu lado, o maldiçoou mais uma vez.

- Agora fica sentado aí; e contempla as terras em que o mal e o desespero se abaterão sobre aqueles que amas. Ousaste zombar de mim e questionar o poder de Melkor, Senhor dos destinos de Arda. Por isso, com meus olhos, verás; e com meus ouvidos, escutarás. E não sairás nunca deste lugar enquanto a maldição não atingir seu amargo final.

E assim mesmo aconteceu. No entanto, não se diz que Húrin em algum momento tenha pedido a Morgoth misericórdia ou a morte, para si mesmo ou para qualquer um dos seus.

Por ordem de Morgoth, os orcs reuniram com enorme esforço todos os corpos dos caídos na grande batalha, bem como seus arreios e suas armas, e os empilharam num monte enorme no meio de Anfauglith. E era como um morro que se podia ver de longe. Haudh-en-Ndengin, os elfos o chamaram, a Colina dos Mortos; e Haudh-en-Nirnaeth, a Colina das Lágrimas. Mas a relva surgiu ali e cresceu alta e verde na colina, somente ali em todo o deserto criado por Morgoth. E nenhuma criatura de Morgoth dali em diante voltou a pisar na terra debaixo da qual as espadas dos eldar e dos edain se esfarelavam com a ferrugem.

CAPÍTULO XXI
De Túrin Turambar

Rían, filha de Belegund, foi mulher de Huor, filho de Galdor. Casou-se com ele dois meses antes que ele partisse com Húrin, seu irmão, para a Nimaeth Amoediad. Quando não lhe chegaram notícias de seu senhor, ela fugiu para a mata; mas recebeu auxílio dos elfos-cinzentos de Mithrim e, quando seu filho Tuor nasceu, eles o criaram. Rían, então, partiu de Hithlum e, chegando a Haudh-en-Ndengin, deitou-se na colina e morreu.

Morwen, filha de Baragund, era a mulher de Húrin, Senhor de Dor-lómin; e seu filho era Túrin, nascido no ano em que Beren Erchamion deparou com Lúthien na Floresta de Neldoreth. Uma filha eles tinham também, chamada Lalaith, que significa Riso, e ela era amada por Túrin, seu irmão. Quando estava com três anos, porém, surgiu uma peste em Hith1um, trazida por um vento nefasto de Angband, e ela morreu.

Ora, depois da Nimaeth Amoediad, Morwen ainda residia em Dor-lómin, pois Túrin tinha apenas oito anos e ela estava novamente grávida. Eram tempos terríveis; pois os orientais que haviam chegado a Hithlum menosprezavam o povo de Hador e o oprimiam, confiscavam suas terras e bens e escravizavam seus filhos. No entanto, tão grandes eram a beleza e a majestade da Senhora de Dor-lómin, que os orientais sentiam medo e não ousavam pôr as mãos nela ou em sua propriedade. E entre eles murmuravam, dizendo que ela era perigosa, uma bruxa perita em magia e que tinha uma aliança com os elfos. Ela, porém, estava agora pobre e desassistida, a não ser pela ajuda secreta que lhe prestava uma parenta de Húrin chamada Aerin, que Brodda, um oriental, tornara como mulher. E Morwen tinha pavor de que Túrin fosse separado dela e escravizado. Ocorreu-lhe então mandar o menino embora em segredo e implorar ao Rei Thingol que o

abrigasse, pois Beren, filho de Barahir, era parente de seu pai, e ele havia sido amigo de Húrin antes que o mal sucedesse. Assim, no outono do Ano da Lamentação. Morwen mandou Túrin atravessar as montanhas com dois criados idosos, com a recomendação de que descobrissem, se possível, a entrada para o reino de Doriath. Desse modo, traçou-se o destino de Túrin, que é relatado plenamente na balada intitulada Narn i Hîn Húrin, A História dos Filhos de Húrin, a mais longa das baladas que falam dessa época. Aqui relataremos de modo resumido essa história, pois ela se entrelaça com o destino das Silmarils e dos elfos. E é chamada de História da Dor, pois é cheia de mágoa, e nela são revelados inúmeros atos funestos de Morgoth Bauglir.

Bem no início do ano, Morwen deu à luz sua filha, a filha de Húrin, e lhe deu o nome de Nienor, que significa Luto. Contudo, Túrin e seus acompanhantes, depois de passar por perigos tremendos, chegaram afinal às fronteiras de Doriath, e ali foram encontrados por Beleg Arcoforte, chefe da guarda de fronteiras do Rei Thingol, que os conduziu a Menegroth. Thingol então acolheu Túrin e o aceitou como filho adotivo, em honra a Húrin, o Inabalável; pois a disposição de Thingol estava mudada no que dizia respeito às Casas dos amigos-dos-elfos. A partir de então, mensageiros foram enviados ao norte a Hithlum, para pedir a Morwen que deixasse Dor-lómin e voltasse com eles para Doriath. Ela, porém, se recusava a abandonar a casa em que vivera com Húrin. E, quando os elfos partiram, ela mandou por eles o elmo-dedragão de Dor-lómin, a maior herança da Casa de Hador.

Túrin cresceu belo e forte em Doriath, mas era notável sua tristeza. Por nove anos, morou ele nos palácios de Thingol e, durante esse período, sua dor se amenizou. Pois mensageiros iam ocasionalmente a Hithlum e, ao retornar, traziam melhores notícias de Morwen e Nienor.

Houve, porém, uma ocasião em que os mensageiros não voltaram do norte, e Thingol se recusou a mandar outros. Túrin, então, foi dominado pelo medo por sua mãe e sua irmã; e com ferocidade no coração compareceu diante do Rei e lhe pediu malha e espada. Pôs na cabeça o elmo-de-dragão de Dor-lómin e partiu para o combate nas fronteiras de Doriath, tomando-se companheiro de armas de Beleg Cúthalion. E, após três anos, Túrin retomou a Menegroth; mas veio do meio do mato e estava maltratado, com trajes e equipamentos gastos. Ora, havia em Doriath alguém que pertencia ao povo dos nandor, que gozava da alta estima do Rei: seu nome era Saeros. Havia muito ele se ressentia das honras que Túrin recebia como filho adotivo de Thingol e, sentado diante de Túrin à mesa, o provocou.

- Se os homens de Hithlum são tão rudes e cruéis, como serão as mulheres daquela terra? Será que elas correm como corças, tendo apenas os cabelos como traje? Túrin, então, com enorme fúria, apanhou uma taça e a atirou em Saeros, ferindo-o gravemente.

No dia seguinte, Saeros armou uma emboscada para Túrin quando este partia de Menegroth para voltar para as fronteiras. Túrin, porém, o dominou e o pôs a correr nu, como uma fera caçada pelo bosque afora. Então, Saeros, fugindo apavorado, caiu na ravina de um córrego, e seu corpo se partiu numa grande rocha na água. Outros que vinham viram o que acontecera, e Mablung estava entre eles. Mablung pediu a Túrin que voltasse com ele a Menegroth e se submetesse ao julgamento do Rei, solicitando seu perdão. Túrin, no entanto, considerando-se agora um proscrito e temendo o cativeiro, recusou-se a seguir a recomendação de Mablung e fugiu dali veloz. Ao atravessar o Cinturão de Melian, entrou nos bosques a oeste do Sirion. Ali juntou-se a um dos bandos de homens desesperados e sem-teto que existiam naquela época desastrosa, escondidos nas matas. E suas mãos se voltavam contra todos os que cruzavam seu caminho, elfos, homens e orcs.

Mas quando tudo o que havia acontecido foi relatado e examinado cuidadosamente diante de Thingol, o Rei perdoou Túrin, considerando-o vítima de injustiça. Nessa época, Beleg Arcoforte retornou das fronteiras setentrionais e veio a Menegroth à sua procura. E Thingol falou com Beleg.

- Estou sofrendo, Cúthalion, pois aceitei o filho de Húrin como meu filho; e meu filho ele continuará sendo, a menos que o próprio Húrin volte das sombras para reivindicar o que é seu.

Não quero que se diga que Túrin foi expulso daqui injustamente para as regiões ermas; e eu o acolheria de volta com prazer, pois muito o amei.

- Procurarei Túrin – respondeu Beleg – até encontrá-lo; e o trarei de volta a Menegroth se conseguir, pois eu também o amo.

Partiu então Beleg de Menegroth, e atravessou Beleriand de um lado a outro em vão em busca de notícias de Túrin, em meio a muitos perigos.

Túrin, entretanto, viveu muito tempo com os proscritos e se tornara seu líder. Dizia que seu nome era Neithan, o Injustiçado. Muito prudentes, eles moravam nas florestas ao sul do Teiglin. Quando um ano se passara desde a fuga de Túrin de Doriath, porém, Beleg deparou com seu esconderijo à noite. Ocorreu que naquela hora Túrin não estava no acampamento. Os proscritos capturaram Beleg e o amarraram, tratando-o com crueldade por temer que ele fosse espião do Rei de Doriath. Quando Túrin voltou, porém, e viu o que fora feito, sentiu remorso por todos os seus atos perversos e ilícitos. Ele soltou Beleg, e os dois renovaram a amizade.

Túrin jurou daí em diante nunca mais atacar e saquear ninguém, a não ser os servos de Angband.

Beleg, então, falou a Túrin do perdão de Thingol e tentou convencê-lo a voltar com ele para Doriath, alegando haver enorme necessidade de sua força e bravura nas fronteiras setentrionais do reino.

- Recentemente, os orcs descobriram uma passagem pela Taur-nu-Fuin – disse ele. - Abriram uma estrada pelo Passo de Anach.

- Não me lembro dele – disse Túrin. - Nunca nos afastamos tanto assim das fronteiras – disse Beleg. - Mas você já viu de longe os picos de Crissaegrim, e a leste as muralhas escuras de Gorgoroth. O Anach fica no meio, acima das nascentes superiores do Mindeb, um caminho árduo e perigoso. Mas muitos chegam agora por ele, e Dimbar, que costumava ser um local de paz, está caindo sob o domínio do Mão Negra; e os homens de Brethil estão perturbados.

Somos necessários ali.

No orgulho de seu coração, porém, Túrin recusou o perdão do Rei; e as palavras de Beleg não tiveram valia para mudar sua disposição. E, por seu lado, ele insistiu com Beleg para que ficasse com ele nas terras a oeste do Sirion, mas isso Beleg não quis.

- Você é inflexível, Túrin, e teimoso. Agora é a minha vez. Se você quiser de fato ter Arcoforte ao seu lado, procure-me em Dimbar. Pois é para lá que volto.

No dia seguinte, partiu Beleg, e Túrin o acompanhou até a distância de uma flechada do acampamento. Mas nada disse.

- É adeus, então, filho de Húrin? - disse Beleg. Nesse momento, Túrin lançou o olhar para o oeste e viu muito ao longe a grande altura do Amon Rûdh. Respondeu, então, sem saber o que lhe reservava o futuro.

- Você disse para eu procurá-la em Dimbar. Mas eu digo, procure por mim no Amon Rûdh! Se não for assim, esta é nossa última despedida. - Separaram-se assim, com amizade, mas com tristeza.

Ora, Beleg voltou a Mil Cavernas e, chegando diante de Thingol e Melian, contou-

lhes tudo o que havia acontecido, com exceção dos maus-tratos que sofrera dos companheiros de Túrin.

- O que mais Túrin quer que eu faça? - disse Thingol, com um suspiro.

- Dê-me permissão, senhor – disse Beleg – e eu o protegerei e orientarei como puder. Então, homem nenhum dirá que as palavras dos elfos são levianas. Nem eu desejaria que um bem tão grande se perdesse em nada nas florestas.

Thingol concedeu então a Beleg permissão para agir como quisesse.

- Beleg Cúthalion! Por muitos feitos, você merece minha gratidão. Mas encontrar meu filho adotivo não foi o menor deles. Nesta nossa despedida, peça qualquer presente que eu não o negarei.

- Peço-lhe então uma espada de valor – disse Beleg. - Pois os orcs agora chegam em grande quantidade e muito unidos para um arco apenas, e a lâmina de minha espada não é páreo para suas armaduras.

- Dentre todas as que possuo, faça sua escolha, com exceção de Aranrúth, que é só minha.

Beleg escolheu então Anglachel. E essa era uma espada de grande valor, pois tinha esse nome por ter sido feita de ferro que caiu dos céus como uma estrela ardente. Ela cortava qualquer ferro extraído da terra. Uma única espada na Terra-média era semelhante a ela. Essa outra espada não entra nesta história, embora fosse feita do mesmo minério e pelo mesmo ferreiro. E esse ferreiro era Eöl, o elfo-escuro, que desposou Aredhel, irmã de Turgon. Ele deu Anglachel a Thingol como pagamento, a contragosto, pela licença de residir em Nan Elmoth; mas sua companheira, Anguirel, ele guardou, até lhe ser roubada por Maeglin,seu filho Contudo, no instante em que Thingol virou o punho de Anglachel na direção de Beleg, Melian olhou para a lâmina.

- Há maldade nessa espada. O coração sinistro do ferreiro ainda vive nela. Ela não amará a mão a que servir; nem ficará muito tempo com você – disse Melian.

- Mesmo assim, eu a brandirei enquanto puder – respondeu Beleg.

- Outro presente vou lhe dar, Cúthalion – disse Melian -, que lhe será útil nas terras ermas e que ajudará também a quem você quiser ajudar. - E ela lhe deu certa quantidade de lembas, o pão de viagem dos elfos, enrolado em folhas de prata, e os fios que o amarravam estavam lacrados nos nós com o selo da Rainha, uma fina placa de cera branca no formato de uma única: flor de Telperion. Pois, segundo os costumes dos eldalië, a guarda e a doação de lembas cabiam exclusivamente à Rainha. Em nada Melian revelou maior predileção por Túrin do que nesse presente; pois os eldar nunca antes haviam permitido aos homens o uso desse pão de viagem; e raramente voltaram a fazê-la.

Partiu então Beleg de Menegroth com esses presentes e voltou para as fronteiras setentrionais, onde tinha suas acomodações e muitos amigos. Então, em Dimbar, os orcs foram rechaçados, e Anglachel alegrava-se em ser desembainhada. Porém, quando o inverno chegou, e a guerra se acalmou, de repente os companheiros deram pela falta de Beleg, e ele nunca mais voltou para eles.

Ora, quando Beleg deixou os proscritos e voltou para Doriath, Túrin os conduziu mais para o oeste, saindo do vale do Sirion; pois estavam se cansando da vida sem repouso, sempre alertas e com medo de serem perseguidos. Por isso, procuraram um esconderijo mais seguro. E aconteceu por acaso que um dia ao anoitecer deram com três anões, que fugiram ao vê-los. Mas um que se atrasou foi capturado e dominado; e um homem do grupo pegou seu arco e atirou uma flecha na direção dos outros que iam desaparecendo na penumbra. Ora, o anão capturado se chamava Mîm ele implorou pela vida diante de Túrin; e, como resgate, ofereceu-se para levá-los a seus palácios ocultos, que ninguém poderia encontrar sem sua ajuda. Túrin então sentiu pena de Mîm e o

poupou.

- Onde é sua casa? - perguntou.

- Bem alto, acima das terras, fica a casa de Mîm, no alto da grande colina. Amon Rûdh é como se chama a colina agora, desde que os elfos trocaram todos os nomes.

Túrin ficou então calado, contemplando o anão por muito tempo.

- Você nos levará a esse lugar – disse ele, afinal.

No dia seguinte partiram para lá, acompanhando Mîm até o Amon Rûdh. Ora, esse morro ficava nos limites das charnecas que se estendiam entre os vales do Sirion e do Narog, e elevava seu pico muito acima da região pedregosa; mas seu cume íngreme e cinzento era nu, a não ser pelo seregon vermelho que cobria a pedra como um manto. E à medida que os homens do bando de Túrin se aproximavam, o Sol poente atravessou as nuvens e iluminou o topo. E o seregon estava todo em flor.

- Há sangue no alto do morro – disse, então, um deles.

No entanto, Mîm os levou por trilhas secretas que subiam pelas encostas íngremes do Amon Rûdh; e à entrada da caverna fez uma reverência a Túrin.

- Entre em Bar-en-Danwedh, a Casa do Resgate – disse ele. - Pois assim ela será chamada.

E então chegou outro anão trazendo luz para cumprimentá-la. Os dois falaram e passaram rapidamente para a escuridão da caverna. Túrin, porém, os seguiu e chegou afinal a um aposento bem distante da entrada, iluminado por lamparinas fracas, penduradas em correntes.

Ali, ele encontrou Mîm ajoelhado junto a um leito de pedra ao lado da parede, e ele arrancava a própria barba e gritava, chamando um nome incessantemente; e no leito jazia um terceiro.

Túrin entrou, porém, e parou ao lado de Mîm, oferecendo-lhe ajuda. Mîm então ergueu os olhos até Túrin.

- Você não pode ajudar em nada. Pois esse é Khîm, meu filho. E ele está morto, atingido por uma flecha. Morreu ao pôr-do-sol. Ibun, meu filho, me disse.

Nessa hora, encheu-se de compaixão o coração de Túrin.

- Que lástima! Eu chamaria de volta essa flecha, se pudesse.

Agora, Bar-en-Danwedh com efeito será chamada esta casa. E se algum dia possuir alguma riqueza, eu lhe pagarei uma compensação em ouro por seu filho, como símbolo de tristeza, mesmo que isso não alegre mais seu coração.

Levantou-se então Mîm, e contemplou Túrin por muito tempo

- Eu o ouço – disse Mîm. - Você fala como um senhor dos anões de outrora. E com isso me espanto. Agora meu coração se acalmou, embora não esteja alegre. E nesta casa você pode ficar, se quiser; pois eu pagarei meu resgate.

Assim começou a estada de Túrin na casa oculta de Mîm no topo do Amon Rûdh; e ele caminhava na relva diante da entrada da caverna e olhava para o leste, para o oeste e para o norte. Na direção norte, ele divisava a Floresta de Brethil, escalando com seu verde o centro de Amon Obel, e para lá seus olhos eram sempre atraídos, sem que ele soubesse por quê; pois seu coração preferia voltar-se para o noroeste, onde a muitas e muitas léguas dali, nos confins do céu, tinha a impressão de vislumbrar as Montanhas Sombrias, muralhas de sua terra natal. Ao anoitecer, porém, Túrin olhava para o oeste, para o poente, quando o Sol descia vermelho nas névoas que pairavam sobre costas distantes, e o Vale do Narog se estendia em sombras profundas entre o Amon Rûdh e o mar.

No período que se seguiu, Túrin muito conversou com Mîm e, sentado a sós com ele, ouvia suas tradições e a história da sua vida. Pois Mîm descendia de anões que haviam sido banidos no passado distante das grandes cidades de anões do leste; e, muito

antes da volta de Morgoth, eles haviam penetrado em Beleriand, indo para o oeste. Mas foram diminuindo de estatura e perdendo a habilidade de ferreiros. Com isso, acostumaram-se a vidas clandestinas, andando com ombros encurvados e passos furtivos. Antes que os anões de Nogrod e Belegost viessem para o oeste pelas montanhas, os elfos de Beleriand não sabiam quem eles eram. Caçavam-nos e os matavam. Depois, passaram a deixá-los em paz, e eles eram chamados de Noegyth Nibin, anões-pequenos, no idioma sindarin. Eles não amavam ninguém a não ser a si mesmos; e, se temiam e odiavam os orcs, não odiavam menos os eldar, e os exilados mais do que todos. Pois os noldor, diziam eles, haviam roubado suas terras e seus lares. Muito antes de o Rei Finrod Felagund atravessar o Mar, as grutas de Nargothrond foram descobertas por eles, e eles haviam iniciado suas escavações. E sob o cume do Amon Rûdh, o Monte Calvo, as mãos vagarosas dos anões-pequenos haviam perfurado e aprofundado as cavernas durante os longos anos que ali permaneceram, sem serem perturbados pelos elfos-cinzentos dos bosques. Agora, porém, eles haviam diminuído e estavam extintos na Terra-média, à exceção de Mîm e seus dois filhos. E Mîm era velho mesmo para os cálculos dos anões, velho e esquecido. E em seus salões, as forjas estavam ociosas, e os machados enferrujavam; enquanto seu nome era lembrado apenas em relatos antigos de Doriath e Nargothrond.

No entanto, quando se aproximou o meio do inverno, a neve veio do norte mais pesada do que a conheciam nos vales dos rios, e o Amon Rûdh foi coberto por uma espessa camada. Dizia-se que os invernos estavam piorando em Beleriand à medida que crescia o poder de Angband.

Nessa época. Apenas os mais valentes ousavam sair de casa. Alguns adoeciam, e todos sentiam a fisgada da fome. Contudo, no crepúsculo cinzento de um dia de inverno, de repente surgiu entre eles um homem, ao que parecia, de grande volume e estatura, com manto e capuz brancos. Ele se aproximou do fogo sem dizer uma palavra. E, quando os homens, assustados, de um salto se puseram de pé, ele riu e deixou cair para trás o capuz. E por baixo do manto branco trazia um embrulho enorme. À luz do fogo, Túrin contemplou mais uma vez o rosto de Beleg Cúthalion.

Assim Beleg voltou mais uma vez a Túrin e seu encontro foi alegre. Consigo Beleg trouxe de Dimbar o elmo-de-dragão de Dor-lómin, imaginando que o elmo poderia elevar o pensamento de Túrin novamente, alçando-o dessa vida em terras ermas como líder de um bando sem importância. Mesmo assim, Túrin não se dispôs a voltar para Doriath. E Beleg, cedendo ao amor e ignorando a prudência, permaneceu ali com ele e não partiu. E nessa ocasião muito trabalhou em benefício do bando de Túrin. Cuidou dos que estavam feridos ou doentes e lhes deu o lembas de Melian. E eles se curaram rapidamente, pois, embora os elfos-cinzentos fossem menos hábeis e tivessem menos conhecimento que os exilados de Valinor, nas questões da vida na Terra-média eles possuíam uma sabedoria fora do alcance dos homens. E, como era forte e resistente, de grande visão mental e física, Beleg passou a ser muito respeitado entre os proscritos. No entanto, o ódio de Mîm pelo elfo que havia entrado em Bar-en-Danwedh crescia cada vez mais; e ele ficava sentado com Ibun, seu filho, nos cantos mais sombreados da casa, sem falar com ninguém Túrin, porém, agora prestava pouca atenção ao anão. E, quando o inverno passou e a primavera chegou, eles tinham trabalho mais sério a fazer.

Ora, quem conhece o pensamento de Morgoth? Quem pode medir o alcance das idéias daquele que, tendo sido Melkor, poderoso entre os Ainur da Grande Canção, estava agora sentado, um senhor sinistro, num trono sinistro no norte, avaliando em sua maldade todas as notícias que lhe chegavam e percebendo mais nos atos e objetivos de seus inimigos do que mesmo os mais sábios deles temeriam, à única exceção de Melian, a

Rainha? Com freqüência o pensamento de Morgoth se estendia na direção dela, e era repelido.

Agora, mais uma vez, o poderio de Angband se movimentava. E, à semelhança dos longos dedos de uma mão que tateia, os exploradores de seus exércitos sondavam os caminhos para penetrar em Beleriand. Vieram através do Anach, e Dimbar foi conquistada, assim como toda a fronteira norte de Doriath. Desceram pela antiga estrada que conduzia pelo longo desfiladeiro do Sirion, passava pela ilha em que se erguera Minas Tirith de Finrod e assim atravessava o território entre o Malduin e o Sirion, avançando pelas bordas de Brethil até as Travessias do Teiglin. Dali, a estrada seguia até a Planície Protegida; mas os orcs não seguiram longe por ela, por enquanto, pois havia então nas terras ermas um terror oculto; e no topo do morro vermelho havia olhos alertas, dos quais eles não tinham sido avisados. É que Túrin pusera novamente na cabeça o Elmo de Hador. E por toda a Beleriand, nos bosques, nos córregos e nas passagens das montanhas, corria o rumor de que o Elmo e o Arco que haviam caído em Dimbar agora voltavam a se erguer depois de perdidas todas às esperanças. Então, muitos que não tinham líder, que não possuíam mais nada de seu mas que não se amedrontavam, ganharam novo ânimo e vieram procurar os Dois Capitães. Dor-Cúarthol, Terra do Arco e do Elmo, foi naquela época chamada toda a região entre o Teiglin e a fronteira ocidental de Doriath. E Túrin passou a se chamar Gorthol, Elmo do Terror, e seu coração voltou a se animar. Em Menegroth, nos palácios das profundezas de Nargothrond e até mesmo no reino oculto de Gondolin, ouviu-se falar dos feitos dos Dois Capitães. E em Angband também eles foram conhecidos. Riu, então, Morgoth, pois agora, pelo elmo-do-dragão, o filho de Húrin voltava a se lhe revelar. E em pouco tempo o Amon Rûdh estava cercado de espiões.

Perto do final do ano, o anão Mîm e Ibun, seu filho, saíram de Bar-en-Danwedh a fim de colher raízes na floresta para seu estaque de inverno. E foram capturados pelos orcs. Então, por uma segunda vez, Mim prometeu levar seus captares pelas trilhas secretas até sua casa no Amon Rûdh. Mesmo assim, procurou postergar o cumprimento da promessa e exigiu que Gorthol não fosse morto. Riu, então, o capitão dos orcs.

- Sem dúvida – disse ele a Mîm – Túrin, filho de Húrin, não será morto.

Assim, foi traída Bar-en-Danwedh, pois os orcs se abateram sobre o local à noite, sem que fossem percebidos, guiados por Mîm. Ali, muitos do bando de Túrin foram mortos enquanto dormiam. Mas alguns, fugindo por uma escada interna, saíram no alto do morro e ali lutaram até cair, e seu sangue escorreu sobre o seregon que cobria a pedra como um manto. Entretanto, uma rede foi lançada sobre Túrin enquanto ele lutava. Nela ele ficou preso, foi dominado e levado embora.

Finalmente, quando tudo estava em silêncio, Mîm saiu esgueirando-se das sombras de sua casa.

E, quando o Sol nascia acima das névoas do Sirion, ele parou junto aos mortos no topo do morro. Percebeu, porém, que nem todos os que jaziam ali estavam mortos; pois um deles respondeu a seu olhar; e ele encarou nos olhos Beleg, o elfo. Então, com ódio por muito tempo reprimido, Mîm se aproximou de Beleg e apanhou a espada Anglachel, que estava sob um corpo que havia caído a seu lado. Beleg, entretanto, levantou-se cambaleando, retomou a espada e deu um golpe na direção do anão. Mîm, apavorado, fugiu correndo do alto da colina.

- A vingança da Casa de Hador ainda o encontrará! - gritou-lhe Beleg.

Ora, Beleg estava gravemente ferido, mas era poderoso entre os elfos da Terra-média e era, além de tudo, um mestre da cura. Por isso, não morreu; e suas forças voltaram lentamente.Em vão procurou entre os mortos por Túrin para enterrá-lo. Mas não

o encontrou e soube, assim, que o filho de Húrin ainda vivia e fora levado para Angband.

Com poucas esperanças, Beleg partiu do Amon Rûdh para o norte, na direção das Travessias do Teiglin, seguindo o rastro dos orcs. Cruzou o Brithiach e atravessou Dimbar para chegar ao Passo de Anach. Beleg agora não estava muito distante deles, pois seguia sem dormir, enquanto os orcs se demoravam na estrada, caçando pelas terras, sem temer nenhuma perseguição enquanto se dirigiam para o norte. Nem mesmo nos bosques apavorantes da Taur-nu-Fuin desviou-se ele da trilha, pois a habilidade de Beleg era superior à de qualquer outro ser que tenha vivido na Terra-média. Contudo, quando atravessava à noite aquela terra nefasta, deparou com alguém que dormia aos pés de uma grande árvore morta. E Beleg, detendo os passos ao lado do adormecido, viu que se tratava de um elfo. Falou, então, com ele, deu-lhe lembas e lhe perguntou que destino o trouxera àquele local terrível. E ele disse chamar-se Gwindor, filho de Guilin.

Mortificado, Beleg o contemplou. Pois Gwindor agora não passava de uma sombra, encurvada e temerosa, de sua antiga forma e disposição, quando na Nimaeth Arnoediad esse senhor de Nargothrond cavalgara com coragem impensada até as próprias portas de Angband para ali ser preso. Pois poucos dos noldor que Morgoth capturava eram mortos, em virtude de sua competência no trabalho nas forjas e na mineração de metais e pedras preciosas. E Gwindor não fora morto, mas posto para trabalhar nas nonas do norte. Por túneis secretos, conhecidos apenas por eles mesmos, os elfos mineradores às vezes conseguiam escapar. E assim veio a ocorrer de Beleg o encontrar, exausto e desnorteado, nos emaranhados da Taur-nu-Fuin.

E Gwindor lhe disse que, enquanto estava escondido em meio às árvores, vira um grande batalhão de orcs passar para o norte, acompanhado por lobos. E entre eles havia um homem, de mãos acorrentadas, que era obrigado a avançar a golpes de açoite.

- Ele era muito alto – disse Gwindor -, alto como os homens das colinas nevoentas de Hithlum.

Beleg então lhe falou de sua própria missão na Taur-nu-Fuin. E Gwindor procurou dissuadi-la desse intento, afirmando que ele não iria senão se juntar a Túrin nas aflições que o aguardavam.

Beleg, entretanto, recusou-se a abandonar Túrin e, embora ele próprio não a tivesse, conseguiu despertar esperança no coração de Gwindor. Juntos avançaram os dois, seguindo os orcs até que saíram da floresta nas altas encostas que desciam até as dunas estéreis de Anfauglith. Ali, à vista dos picos das Thangorodrim, os orcs haviam armado seu acampamento num vale árido, quando a luz do dia enfraquecia e, postando lobos-sentinelas em toda a volta, caíram na Farra.

Uma tempestade enorme chegava do oeste, e os raios coruscavam nas Montanhas Sombrias ao longe, quando Beleg e Gwindor foram se aproximando, sorrateiros, do vale.

Quando todos no acampamento dormiam, Beleg apanhou seu arco e. Na escuridão, matou os lobos-sentinelas, um a um, em silêncio. Depois, enfrentando enorme perigo, entraram e encontraram Túrin acorrentado pelos pés e pelas mãos e amarrado a uma árvore seca. E, em toda à volta dele, facas que haviam sido atiradas em sua direção estavam fincadas no tronco. E Túrin estava sem sentidos, num sono de enorme exaustão. No entanto, Beleg e Gwindor cortaram tudo o que o prendia e o levaram carregado para fora do pequeno vale. Não conseguiram, porém, levá-lo a distância maior do que um bosque de espinheiros pouco acima.

Nesse lugar, o depuseram no chão. E então a tempestade aproximou-se. Beleg sacou sua espada Anglachel e com ela cortou as correntes que prendiam Túrin. Nesse dia, porém, o destino foi mais forte porque a lâmina escorregou quando Beleg cortava os elos e picou o pé de Túrin.

Acordou ele então num súbito estado de alerta, cheio de cólera e medo. E, ao ver que alguém estava debruçado sobre ele com uma espada desembainhada, saltou com um grito enorme, imaginando que os orcs voltassem a atormentá-lo. E, lutando com o outro na escuridão, tomoulhe Anglachel e matou Beleg Cúthalion, pensando que fosse um inimigo.

No momento em que ficou de pé, entretanto, descobrindo-se livre e disposto a vender caro sua vida aos inimigos imaginados, estourou um forte raio acima deles. E à sua luz, Túrin viu o rosto de Beleg. Ficou então petrificado e mudo, contemplando aquela morte medonha, consciente do que havia feito. E tão terrível era seu semblante, iluminado pelos raios que dardejavam ao redor, que Gwindor se agachou no chão, sem ousar erguer os olhos Nesse momento, porém, os orcs no vale foram acordados, e todo o acampamento ficou tumultuado. Pois eles temiam os trovões que vinham do oeste, acreditando que eram enviados contra eles pelos poderosos Inimigos do outro lado do Mar. Veio então um vento, fortes Chuvas caíram, e torrentes jorraram das alturas da Taur-nu-Fuin. E embora Gwindor chamasse Túrin aos gritos, avisando-o de seu perigo extremo, Túrin não respondia, mas permanecia imóvel e sem chorar na tempestade ao lado do corpo de Beleg Cúthalion Quando amanheceu, a tempestade já passara para o leste; para o lado de Lothlann, e o Sol do outono nasceu quente e luminoso. Entretanto, certos de que Túrin tinha fugido para muito longe daquele local e de que todos os rastros de sua fuga haviam sido apagados pela chuva, os orcs partiram apressados sem maiores buscas. E de longe Gwindor os viu indo embora em marcha, pelas areias fumegantes de Anfauglith. Foi assim que eles retomaram a Morgoth de mãos vazias, deixando para trás o filho de Húrin, sentado enlouquecido e inconsciente nas encostas da Taur-nu-Fuin, suportando um peso maior do que as correntes dos orcs Gwindor, então ergueu Túrin para ajudá-lo a enterrar Beleg, e Túrin se levantou como um sonâmbulo. Juntos, estenderam Beleg numa cova rasa e colocaram a seu lado Belthronding, seu grande arco, que era feito de teixo escuro. Já a terrível espada Anglachel, Gwindor apanhou, dizendo que seria melhor que ela se vingasse nos servos de Morgoth do que ficar inútil enterrada. Ele também apanhou o lembas de Melian para fortalecê-lo naquelas terras ermas.

Foi esse o fim de Beleg Arcoforte, amigo fidelíssimo, o mais hábil de todos os que se abrigavam nos bosques de Beleriand nos Dias Antigos, morto pelas mãos de quem ele mais amava. E essa dor ficou gravada no rosto de Túrin para nunca mais se apagar. Contudo, a coragem e a força estavam restauradas no elfo de Nargothrond; e, saindo da Taur-nu-Fuin, ele levou Túrin para muito longe. Nem uma vez enquanto seguiam juntos por trilhas longas e penosas Túrin falou; e ele andava como alguém sem desejo ou objetivo, enquanto o ano ia terminando, e o inverno encobria as terras setentrionais. Gwindor, porém, permanecia sempre a seu lado para protegê-lo e orientá-lo. E assim atravessaram o Sirion, indo para o oeste e chegaram afinal a Eithel Ivrin, as fontes de onde o Narog surgia aos pés das Montanhas Sombrias. Ali Gwindor falou com Túrin.

- Acorde, Túrin, filho de Húrin Thalion! Na Lagoa de Ivrin se encontra o riso eterno. Ela se alimenta de fontes cristalinas, inexauríveis, e protegidas de profanação por Ulmo, Senhor das Águas, que criou sua beleza nos tempos de outrora.

Túrin ajoelhou-se então e bebeu daquela água E de repente ele se prostrou, e suas lágrimas afinal se derramaram E ele foi curado de sua loucura.

Ali ele compôs uma canção para Beleg, e a intitulou Laer Cú Beleg, Canção do Grande Arco.

Cantou-a em voz alta, sem se preocupar com o perigo. E Gwindor colocou-lhe nas mãos a espada Anglachel. E Túrin soube que ela era pesada, forte e dotada de um poder enorme; mas sua lâmina era negra, baça e sem fio.

- Esta é uma lâmina estranha – disse, então, Gwindor – e diferente de qualquer outra que eu tenha visto na Terra-média. Ela chora a morte de Beleg exatamente como você. Console-se, porém, pois retorno a Nargothrond. Da Casa de Finarfin, e você virá comigo para se curar e se renovar.

- Quem é você? - perguntou Túrin.

- Um elfo nômade, um escravo fugido, que Beleg encontrou e auxiliou – disse Gwindor. - Outrora, porém, fui Gwindor, filho de Guilin, um dos senhores de Nargothrond, até ir para a Nirnaeth Arnoediad e ser escravizado em Angband

- Então você viu Húrin, filho de Galdor, o guerreiro de Dor-lómin? - perguntou Túrin.

- Não o vi. Mas corre em Angband o rumor de que ele ainda desafia Morgoth; e que Morgoth lançou uma maldição sobre ele e sua família.

- Nisso eu acredito – disse Túrin.

E então os dois se levantaram e, partindo de Eithel Ivrin, viajaram para o sul ao longo das margens do Narog, até serem apanhados por sentinelas avançadas dos elfos e levados como prisioneiros à fortaleza oculta. Assim chegou Túrin a Nargothrond.

De início, sua própria gente não reconheceu Gwindor, que partira jovem e forte e agora voltava com a aparência de um idoso homem mortal, em virtude de seus tormentos e fadigas.

Entretanto, Finduilas, filha de Orodreth, o Rei, conheceu-o e lhe deu as boas-vindas, pois ela o amava antes do Nimaeth; e o amor de Gwindor por sua beleza era tão imenso, que ele a chamava de Faelivrin, que significa o cintilar do Sol nas lagoas de Ivrin.

Em consideração a Gwindor, Túrin foi admitido com ele em Nargothrond e ali permaneceu com honras. No entanto, quando Gwindor quis revelar seu nome, Túrin o impediu.

- Sou Agárwaen, filho de Úmarth (que significa sou o Sujo de Sangue, filho do Infeliz), um caçador dos bosques – disse ele. E os elfos de Nargothrond não lhe fizeram mais perguntas.

No período que se seguiu, Túrin conquistou alta posição junto a Orodreth, e praticamente todos os corações se voltavam para ele em Nargothrond. Pois era jovem e só agora atingia a plena maturidade. E sem dúvida era filho de Morwen Eledhwen, só de se olhar: tinha os cabelos escuros e a pele clara, com olhos cinzentos, e seu rosto era mais belo do que qualquer outro rosto dos homens mortais nos Dias Antigos. Sua fala e sua postura eram as do antigo reino de Doriath; e, mesmo entre os elfos, ele poderia ser confundido com algum oriundo das grandes linhagens dos noldor. Por isso, muitos o chamavam de Adanedhel, o homem-elfo. A espada Anglachel foi novamente forjada para ele por habilidosos ferreiros de Nargothrond e, embora sempre negra, seus gumes reluziam com um fogo claro; e ele a chamou de Gurthang, Ferro da Morte. Tão admiráveis eram suas façanhas e seu talento nos combates nos limites da Planície Protegida, que ele mesmo veio a ser conhecido como Mormegil, o Espada Negra.

- O Mormegil não pode ser morto – disseram então os elfos -, a não ser por um infortúnio ou por uma flecha envenenada atirada de longe. - Deram-lhe, portanto, malha feita por anões, para protegê-lo; e, num estado de espírito sinistro, ele também encontrou nos arsenais uma máscara de anão toda dourada. Ele vestia essa máscara antes da batalha, e seus inimigos fugiam diante de seu rosto.

O coração de Finduilas afastou-se então de Gwindor e, contra a sua vontade, seu amor foi dedicado a Túrin, que, entretanto, não percebeu o que havia acontecido. E, por ter esse dilema no coração, Finduilas entristeceu. Ela empalideceu e silenciou. Gwindor, porém, meditava ensimesmado e, numa ocasião, falou com Finduilas.

- Filha da Casa de Finarfin, que mágoa nenhuma fique entre nós. Pois, embora Morgoth tenha destruído minha vida, é você que eu amo ainda. Vá aonde o amor a levar, mas tenha cuidado!

Não é conveniente que os Filhos Mais Velhos de Ilúvatar se casem com os Mais Novos. Nem é uma decisão sábia, pois eles têm vida curta e logo se vão, deixando-nos na viuvez enquanto durar o mundo. O destino também não tolerará essa união, a menos que uma vez ou duas apenas, por algum destino terrível que não percebemos Contudo, esse homem não é Beren.

Com efeito, uma sina paira sobre ele, como olhos videntes podem ver com facilidade, mas é uma sina triste. Não entre nela! E se entrar, seu amor irá traí-la, levando ao amargar e à morte.

Pois ouça o que lhe digo! Apesar de ele ser de fato Agarwaen, filho de Úmarth, seu nome verdadeiro é Túrin, filho de Húrin, que Morgoth mantém preso em Angband e cuja família amaldiçoou. Não duvide do poder de Morgoth Bauglir! Esse poder não está revelado em mim? Finduilas refletiu, então, por muito tempo.

- Túrin, filho de Húrin, não me ama; nem me amará – acabou dizendo apenas.

Ora, quando Túrin soube por Finduilas o que acontecera, ficou furioso.

- Tenho-lhe amor – disse ele a Gwindor – por meu resgate e proteção. Mas agora você me prejudicou, amigo, ao denunciar meu nome verdadeiro e atrair para mim minha sina, da qual eu preferia me esconder.

- A sina está em você mesmo – respondeu-lhe Gwindor -, não em seu nome.

Quando chegou ao conhecimento de Orodreth que o Mormegil era de fato o filho de Húrin Thalion, ele lhe concedeu grandes honrarias; e Túrin se tornou poderoso entre o povo de Nargothrond. Contudo, não lhe agradava nem um pouco a maneira desse povo de guerrear, com emboscadas, ações furtivas e flechadas secretas; e ele ansiava por bravas façanhas e combate em campo aberto. E suas opiniões cada vez mais tinham peso junto ao Rei. Nessa época, os elfos de Nargothrond abandonaram seu sigilo, entraram abertamente em combate e produziram grande arsenal de armas. E, a conselho de Túrin, os noldor construíram uma enorme ponte sobre o Narog a partir das Portas de Felagund, para a travessia mais rápida de suas forças armadas. Então, os servos de Angband foram expulsos de todo o território entre o Narog e o Sirion, a leste, e a oeste até o Nenning e os ermos das Falas. E, apesar de Gwindor sempre se pronunciar contra Túrin no conselho do Rei, considerando prejudicial essa decisão, ele caiu em desgraça e ninguém lhe dava ouvidos, pois sua força era pequena e ele já não era mais desenvolto com armas. Dessa forma, Nargothrond foi revelada à ira e ao ódio de Morgoth.

Entretanto, a pedido de Túrin, seu verdadeiro nome não era mencionado e, embora a fama de seus feitos chegasse a entrar em Doriath e a alcançar os ouvidos de Thingol, os rumores falavam apenas do Espada Negra de Nargothrond.

Naquela época de trégua e esperança, quando, graças às proezas do Mormegil, o poder de Morgoth foi contido a oeste do Sirion, Morwen afinal fugiu de Dor-lómin, com Nienor, sua filha, e se arriscou a fazer a longa viagem até os palácios de Thingol, lá uma nova dor a aguardava, pois ela descobriu que Túrin se fora; e a Doriath não chegava nenhuma notícia desde que o elmo-de-dragão desaparecera das terras a oeste do Sirion. Morwen permaneceu, porém, em Doriath com Nienor, como hóspedes de Thingol e Melian; e as duas eram tratadas com honrarias.

Ora, quando se haviam passado quatrocentos e noventa e cinco anos do surgimento da Lua, na primavera daquele ano, aconteceu de chegarem a Nargothrond dois elfos chamados Gelmir e Arminas. Eram do povo de Angrod, mas desde a Dagor Bragollach moravam no sul com Círdan, o Armador. De suas longas viagens, traziam notícias de uma

grande aglomeração de orcs e criaturas perversas aos pés das Ered Wethrin e no Passo do Sirion; e falaram também que Ulmo viera a Círdan avisando que enorme perigo se aproximava de Nargothrond.

- Ouça as palavras do Senhor das Águas! - disseram eles ao Rei. - Assim falou ele a Círdan, o Armador: - O Mal do Norte conspurcou as nascentes do Sirion, e meu poder recua diante dos dedos das águas que descem. Porém, algo ainda pior está por acontecer. Digam, portanto, ao Senhor de Nargothrond que feche as portas da fortaleza e não saia. Que lance as pedras de seu orgulho ao rio ruidoso, para que o mal rastejante não encontre o portão.

Orodreth ficou perturbado com as palavras sinistras dos mensageiros, mas Túrin de modo algum quis dar ouvidos a esses conselhos; menos ainda quis ele permitir a demolição da enorme ponte. É que se tornara orgulhoso e inflexível e queria que tudo fosse determinado segundo sua vontade.

Pouco depois Handir, Senhor de Brethil, foi assassinado quando os orcs invadiram seu território e Handir os enfrentou; mas os homens de Brethil foram vencidos e expulsos de volta para os bosques. E no outono desse ano, aguardando a hora conveniente, Morgoth lançou contra o povo do Narog o enorme exército que vinha preparando havia muito. E Glaurung, o urulóki, atravessou Anfauglith, partindo dali para os vales ao norte do Sirion e lá causando grande desgraça. Sob as sombras das Ered Wethrin, ele conspurcou Eithel Ivrin e dali entrou no reino de Nargothrond, deixando calcinada Talath Dimen, a Planície Protegida, entre o Narog e o Teiglin.

Então os guerreiros de Nargothrond avançaram, e alta e terrível era a aparência de Túrin naquele dia. E o ânimo do exército estava exaltado, já que ele cavalgava à direita de Orodreth.

No entanto, as hostes de Morgoth eram muito maiores do que os relatos de qualquer batedor. E ninguém mais, além de Túrin, protegido por sua máscara de anão, conseguiu oferecer resistência à aproximação de Glaurung. E os elfos foram rechaçados e forçados pelos orcs a entrar no campo de Tumhalad, entre o Ginglith e o Narog, e ali foram encurralados. Naquele dia, todo o orgulho e todas as hostes de Nargothrond foram exterminados. Orodreth foi morto na frente da batalha; e Gwindor, filho de Guilin, recebeu ferimentos mortais. Túrin veio, porém, ajudá-lo, e todos fugiram ao vê-lo. Ele tirou Gwindor do tumulto, escapou para um bosque e ali o estendeu na relva.

Então Gwindor disse a Túrin: - Que o esforço se pague com esforço igual! Mas o meu estava malfadado, e o teu é vão; pois os danos a meu corpo estão além do alcance da cura, e preciso deixar a Terra-média. E, embora tenhas meu amor, filho de Húrin, ainda assim lamento o dia em que te salvei dos orcs. Se não fossem tuas proezas e teu orgulho, eu ainda teria o amor e a vida; e Nargothrond ainda resistiria um pouco mais. Agora, se me amas, deixa-me! Corre até Nargothrond e salva Finduilas. E por último eu te digo: só ela te separa da tua sina. Se não a salvares, tua sina não deixará de te encontrar. Adeus! Apressou-se então Túrin a voltar a Nargothrond, reunindo os guerreiros dispersos que encontrava pelo caminho. E as folhas caíam das árvores num vento forte enquanto eles seguiam, pois o outono se transformava num inverno assustador. Contudo, o exército dos orcs e Glaurung, o Dragão, estavam lá antes dele e chegaram de repente, antes que aqueles que haviam sido deixados como sentinelas se dessem conta do que acontecera no campo de Tumhalad. Nesse dia, a ponte sobre o Narog revelou-se um mal. Pois era enorme e construída com esmero, não podendo ser destruída com rapidez. Assim, o inimigo atravessou facilmente o rio profundo, e Glaurung com suas chamas investiu contra as Portas de Felagund, derrubou-as e passou por elas.

E, quando Túrin se aproximou, o medonho saque a Nargothrond já estava

praticamente terminado. Os orcs haviam assassinado ou rechaçado todos os que ainda portavam armas, e estavam naquele instante vasculhando os enormes salões e aposentos, a pilhar e destruir. No entanto, aquelas mulheres e moças que não haviam sido mortas nem queimadas, eles haviam recolhido aos terraços diante das portas, como escravas a serem levadas à servidão de Morgoth.

Com essa ruína e aflição, Túrin deparou. E ninguém conseguia resistir a ele, nem se dispunha a isso, pois ele derrubou todos os que se postaram à sua frente, passou pela ponte e abriu caminho com violência até as cativas.

E agora estava só, pois os poucos que o acompanhavam haviam fugido. Naquele momento, porém, Glaurung saiu das portas escancaradas e se postou por trás, entre Túrin e a ponte. E de repente falou através do espírito maléfico que nele existia.

- Salve, filho de Húrin. Bons olhos o vejam!

Túrin deu então um salto e investiu contra ele, e a lâmina de Gurthang refulgia como que em chamas. Glaurung, porém, reteve seu fogo, abriu muito seus olhos de serpente e fitou Túrin.

Sem medo, Túrin encarou esses olhos enquanto erguia a espada; e de imediato caiu no encantamento paralisante dos olhos sem pálpebras do dragão, ficando imobilizado. Então, por um bom tempo, quedou-se ali parado como que esculpido em pedra; e os dois estavam sós, mudos, diante das portas de Nargothrond. Glaurung, porém, voltou a falar em provocação a Túrin.

- Funestos foram todos os teus atos, filho de Húrin. Filho adotivo ingrato, proscrito, assassino de teu amigo, ladrão do amor, usurpador de Nargothrond, comandante imprudente e trânsfuga de tua família. Como escravas, tua mãe e tua irmã moram em Dor-lómin, em meio a aflições e necessidades. Estás trajado como um príncipe, mas elas andam esfarrapadas. E por ti anseiam, mas tu não te importas com isso. Feliz ficará teu pai de saber que tem um filho desses; como sem dúvida saberá. - E Túrin, por estar encantado por Glaurung, deu ouvidos a essas palavras e se viu como que num espelho deformado pela maldade; e odiou o que viu.

E, enquanto ainda estava dominado pelos olhos do dragão, com a mente atormentada, sem poder se mexer, os orcs conduziram para longe as cativas arrebanhadas, e elas passaram perto de Túrin e atravessaram a ponte. Entre elas estava Finduilas, que chamou Túrin aos gritos enquanto passava; mas só quando seus gritos e os lamentos das cativas já se perdiam na estrada para o norte foi que Glaurung liberou Túrin, e Túrin não conseguiu proteger seus ouvidos da voz que o perseguia.

Depois, de repente, Glaurung afastou o olhar e esperou. E Túrin foi se mexendo lentamente, como alguém que acorda de um sonho horrendo. Voltando a si, então, ele atacou o dragão com um grito. Glaurung, entretanto, riu.

- Se queres ser morto, eu o matarei com prazer. Mas pouca ajuda isso trará a Morwen e Nienor.

Não deste nenhuma atenção aos chamados da mulher-elfo. Queres também negar os laços de teu sangue?

Túrin, porém, voltando a apanhar a espada, tentou perfurar os olhos do dragão. Glaurung encolheu-se e rapidamente assumiu sua plena altura diante dele.

- Não! Pelo menos és destemido, mais do que todos os que já conhecemos. E mentem os que dizem que nós, por nosso lado, não honramos a bravura de nossos inimigos. Vê agora! Eu te ofereço a liberdade. Vai procurar tua família, se puderes. Some daqui! E, se restar elfo ou homem para contar a história destes tempos, sem dúvida será com desdém que te mencionarão, se desprezares esta dádiva.

Túrin, então, ainda aturdido pelos olhos do dragão, como se estivesse lidando com

um inimigo que conhecesse a compaixão, acreditou nas palavras de Glaurung e, dando meia-volta, passou correndo pela ponte; mas, enquanto corria, Glaurung falou às suas costas, com voz cruel.

- Apressa-te, filho de Húrin, até Dor-lómin! Senão talvez os orcs cheguem mais uma vez antes de ti. E se demorares por Finduilas, nunca mais verás Morwen e jamais chegarás a ver Nienor, tua irmã. E elas te amaldiçoarão.

Túrin, porém, prosseguiu pela estrada para o norte, e Glaurung riu novamente, pois havia cumprido a missão de seu Senhor. Voltou-se então para seu próprio prazer, lançou suas chamas e queimou tudo ao redor. Mas todos os orcs que estavam ocupados na pilhagem ele mandou seguir viagem e os expulsou dali, negando-lhes o saque até mesmo do objeto de mínimo valor.

Destruiu em seguida a ponte e a lançou às espumas do Narog. E, sentindo-se assim seguro, reuniu todo o tesouro e as riquezas de Felagund e os amontoou. Deitou-se então sobre eles no salão mais secreto e descansou um pouco.

E Túrin partiu apressado pelos caminhos que levavam ao norte, pelas terras agora devastadas entre o Narog e o Teiglin. E o Inverno Mortal veio descendo para se encontrar com ele. Pois, naquele ano, a neve caiu antes de acabado o outono, e a primavera chegou atrasada e fria.

Sempre, à medida que prosseguia, Túrin tinha a impressão de ouvir os gritos de Finduilas, chamando seu nome em matas e colinas, e sua aflição era imensa. No entanto, com o coração exaltado pelas mentiras de Glaurung e tendo no pensamento a imagem dos orcs queimando a casa de Húrin e atormentando Morwen e Nienor, ele se manteve no caminho, sem dele nunca se desviar.

Afinal, exausto pela pressa e pelo longo trajeto (havia caminhado mais de duzentos quilômetros sem descansar), chegou com os primeiros gelos do inverno às Lagoas de Ivrin, onde antes havia sido curado. Agora, porém, elas eram um charco congelado, e ali ele não mais poderia beber.

Assim, com grande esforço, chegou ele aos passos de Dor-lómin, através de terríveis nevascas do norte, e voltou a encontrar a terra de sua infância. Desolada e nua estava ela; e Morwen desaparecera. Sua casa estava vazia, destruída e fria E por perto não morava nenhum ser vivo.

Por isso, Túrin partiu e chegou à casa de Brodda, o Oriental, ele que tornara como esposa Aerin, parenta de Húrin. Ali soube por meio de uma velha criada que Morwen viajara havia muito tempo, pois fugira com Nienor para longe de Dor-lómin, sem que ninguém, a não ser Aerin, conhecesse seu destino.

Foi Túrin então até a mesa de Brodda e, segurando-o, sacou da espada e exigiu que lhe dissessem para onde Morwen tinha ido. Aerin declarou-lhe que ela fora para Doriath em busca do filho.

- Pois as terras naquela época estavam livres do mal graças ao Espada Negra do sul, que agora caiu, ao que dizem.

Nesse momento, os olhos de Túrin se abriram, e os últimos fios da teia de encantamento de Glaurung se dissiparam. E, pela agonia, por raiva das mentiras que o haviam iludido e por ódio aos opressores de Morwen, uma fúria sinistra o dominou, e ele matou Brodda em sua própria casa, bem como outros orientais que eram seus convidados. Depois, fugiu pelo inverno adentro, um acossado; mas recebeu ajuda de alguns que haviam restado da Casa de Hador e tinham experiência de viver em terras ermas. Com eles, escapou em meio a nevascas e chegou a um refúgio de proscritos nas montanhas ao sul de Dor-lómin. Dali, Túrin saiu mais uma vez da terra de sua infância e retomou ao vale do Sirion. Estava amargurado, pois a Dor-lómin trouxera apenas uma aflição ainda

maior aos que haviam restado de seu povo; e eles se alegraram com sua partida. Só um consolo ele teve: saber que, pelas proezas do Espada Negra, os caminhos até Doriath haviam sido abertos para Morwen. E disse ele em pensamento: “Então, aqueles feitos não resultaram em malefício a todos. E onde mais eu poderia ter me dedicado melhor à minha família, mesmo chegando mais cedo? Pois, se for rompido o Cinturão de Melian, acaba a última esperança. Não, é de fato melhor como as coisas estão. Pois eu lanço uma sombra aonde quer que vá. Que Melian as proteja! E eu as deixarei em paz, sem minha presença sombria por algum tempo.”

Ora, ao descer pelas Ered Wethrin, Túrin procurou em vão por Finduilas, vagando pelos bosques aos pés das montanhas, arisco e desconfiado como um bicho. Armou emboscadas em todas as estradas que iam para o norte até o Passo do Sirion. Mas chegou tarde demais; pois todos os rastros eram antigos ou tinham sido levados pelas águas do inverno. Não obstante, foi assim que, passando para o sul pelo Teiglin, Túrin deparou com alguns homens de Brethil, cercados por orcs, e os salvou, pois os orcs fugiram de Gurthang. Disse chamar-se Homem Selvagem dos Bosques, e eles imploraram que viesse morar com eles; mas Túrin respondeu que ainda tinha uma missão por cumprir, a de procurar Finduilas, filha de Orodreth de Nargothrond. Então, Dorlas, o líder desses homens dos bosques, deu-lhe a triste notícia da morte de Finduilas. Pois os homens de Brethil tinham armado uma tocaia nas Travessias do Teiglin para o exército de orcs que conduzia as cativas de Nargothrond, na esperança de resgatá-las. Os orcs porém de imediato mataram cruelmente as prisioneiras; e Finduilas eles pregaram numa árvore com uma lança. E assim ela morreu, dizendo no final: - Contem ao Mormegil que Finduilas está aqui. - Por isso, eles a enterraram num pequeno monte ali por perto e o chamaram de Haudh-en-Elleth, Túmulo da Donzela-elfo.

Túrin pediu que o levassem até lá, e naquele local caiu num sofrimento sombrio, que era quase uma morte. Então, por sua espada negra, cuja fama havia chegado até as brenhas de Brethil, e por sua busca pela filha do Rei, Dorlas soube que aquele homem selvagem era de fato o Mormegil de Nargothrond, que os rumores diziam ser o filho de Húrin de Dor-lómin. Por isso, os homens dos bosques o ergueram e o carregaram de volta a seus lares. Ora, essas moradas ficavam numa paliçada num ponto alto da floresta, a Ephel Brandir sobre o Amon Obel; pois o povo de Haleth agora estava reduzido pela guerra, e Brandir, filho de Handir, que os governava, era um homem de espírito ameno; também manco de infância, e ele confiava mais em atividades secretas que em feitos de guerra para salvá-los do poder do norte. Temeu, portanto, as notícias que Dorlas trouxe e, quando contemplou o rosto de Túrin que jazia na maca, uma nuvem de maus presságios pairou sobre seu coração. Mesmo assim, comovido por sua desgraça, Brandir acolheu Túrin em sua própria casa e dele cuidou, pois tinha grande capacidade de cura. E, com o início da primavera, Túrin livrou-se da melancolia e se recuperou. Levantou-se e pensou em permanecer oculto em Brethil, deixando para trás sua sombra, abandonando o passado. Assumiu, assim, um novo nome, Turambar, que em altoélfico significava Senhor do Destino. Pediu também aos homens dos bosques que se esquecessem de que ele era um desconhecido em seu meio ou de que um dia tivera qualquer outro nome. Mesmo assim, não abandonou inteiramente as façanhas bélicas, pois não conseguia tolerar que os orcs passassem pelas Travessias do Teiglin ou se aproximassem de Haudh-en-Elleth, e tornou aquele ponto um local de pavor para eles, de modo que eles o evitavam. Entretanto, deixou de lado sua espada negra e preferia usar o arco e a lança.

Ora, notícias recentes chegaram a Doriath a respeito de Nargothrond, pois alguns haviam escapado da derrota e da pilhagem e, tendo sobrevivido ao Inverno Mortal em terras ermas, afinal vieram a Thingol em busca de refúgio. E os guardas das fronteiras os

levaram ao Rei. E alguns diziam que todo o inimigo recuara para o norte; outros, que Glaurung ainda residia nos salões de Felagund; alguns, que o Mormegil fora morto; outros, que ele estava sob o efeito de um encantamento lançado pelo dragão e continuava lá, como que transformado em pedra.

Contudo, todos declararam que era do conhecimento de muitos em Nargothrond, antes do final, que o Mormegil era nada mais, nada menos do que Túrin, filho de Húrin de Dor-lómin.

Com isso Morwen ficou desnorteada e, recusando os conselhos de Melian, partiu sozinha pelo mundo afora para procurar o filho ou ter dele alguma notícia verdadeira. Thingol, então, mandou Mablung atrás dela, com muitos guardas de fronteira vigorosos, para encontrá-la e protegê-la, bem como descobrir o que fosse possível; mas a Nienor foi pedido que ficasse.

Contudo, o destemor de seu sangue também estava nela. E, numa hora infeliz, na esperança de que Morwen retornasse, ao ver que a filha estava disposta a enfrentar o perigo com ela, Nienor se disfarçou como alguém do povo de Thingol e seguiu com aquela comitiva malfadada.

Deram com Morwen às margens do Sirion, e Mablung implorou que ela voltasse a Menegroth; mas ela estava estranha e não se deixou persuadir. Foi então revelada também a vinda de Nienor, que, apesar da ordem de Morwen, não quis voltar. E Mablung, a contragosto, as levou às balsas ocultas nos Alagados do Crepúsculo, para atravessarem o Sirion Depois de três dias de viagem, chegaram ao Amon Ethir, A Colina dos Espiões, que no passado distante Felagund mandara que erguessem com enorme esforço a uma légua dos portões de Nargothrond. Ali, Mablung instalou uma guarda de cavaleiros em tomo de Morwen e sua filha, com a proibição de dali saírem. Ele, porém, não vendo da colina nenhum sinal de inimigo, desceu com seus batedores até o Narog, do modo mais sorrateiro possível Glaurung, entretanto, estava ciente de tudo o que faziam. Avançou no calor da fúria e se deitou no rio. Subiu, então, um enorme vapor de odor repugnante, no qual Mablung e seus companheiros ficaram cegos e perdidos. E Glaurung atravessou o Narog para o leste.

Ao ver o avanço do dragão, os guardas sobre o Amon Ethir procuraram levar Morwen e Nienor dali, fugindo com elas a toda a velocidade de volta para o leste; mas o vento lançou sobre eles um denso nevoeiro, e seus cavalos, enlouquecidos pela fedentina do dragão, ficaram incontroláveis e dispararam, de tal modo que alguns foram jogados contra árvores e morreram enquanto outros foram levados para longe. Assim, as damas se perderam, e de Morwen na realidade nunca mais chegaram notícias seguras a Doriath. Nienor, porém, tendo sido jogada de sua montaria, mas sem se ferir, fez o caminho de volta até o Amon Ethir, para ali aguardar Mablung. Chegou, desse modo, a um local acima das emanações fedorentas, onde brilhava o Sol. E, olhando para o oeste, fitou direto os olhos de Glaurung, cuja cabeça estava pousada no alto da colina.

Sua vontade lutou com a dele algum tempo, mas ele acionou seu poder e, ao descobrir quem ela era, forçou-a a olhar nos seus olhos. Lançou então sobre ela um feitiço de trevas totais e esquecimento, para que ela não se lembrasse de nada que algum dia lhe houvesse acontecido, nem seu nome, nem o nome de nada. Durante muitos dias, ela não pôde ouvir, ver nem se mexer por vontade própria. Depois, Glaurung a deixou sozinha sobre o Amon Ethir, e voltou para Nargothrond.

Ora, Mablung, que com enorme ousadia investigara os salões de Felagund quando Glaurung dali saíra, fugiu deles quando da aproximação do dragão, e voltou para o Amon Ethir. O Sol se pôs, e caiu a noite enquanto ele escalava a colina; e lá ele não encontrou ninguém a não ser Nienor, parada, sozinha, sob as estrelas, como uma estátua de pedra.

Nenhuma palavra ela disse ou ouviu; mas se dispunha a segui-lo se ele segurasse sua mão. Portanto, muito pesaroso, ele a levou dali, embora isso lhe parecesse inútil, já que o provável seria os dois perecerem nos ermos.

Foram, porém, encontrados por três dos companheiros de Mablung, e lentamente seguiram viagem para o norte e para o leste na direção das cercas da terra de Doriath, do outro lado do Sirion, e da ponte protegida perto da confluência do Esgalduin; Aos poucos, as forças de Nienor lhe voltaram, à medida que eles se aproximavam de Doriath. Mesmo assim, ela não falava nem escutava, e caminhava às cegas enquanto era conduzida. No entanto, assim que chegaram perto das cercas, afinal ela fechou os olhos espantados e quis dormir. E eles a estenderam no chão e também descansaram, desatentos, pois estavam totalmente esgotados.

Ali, foram atacados por um bando de orcs, como os que então costumavam vagar tão perto das cercas de Doriath quanto ousavam. Nienor, porém, naquele instante recuperou a visão e a audição; e, despertando com os gritos dos orcs, deu um salto, apavorada, e fugiu antes que eles chegassem até ela.

Os orcs então a perseguiram, com os elfos atrás. E os elfos os alcançaram e os mataram antes que eles pudessem lhe fazer mal; mas Nienor lhes escapou. É que ela fugia enlouquecida de medo, mais veloz do que uma corça e arrancando toda a roupa enquanto corria até ficar nua. E desapareceu da visão dos elfos, correndo na direção norte. E, embora muito procurassem, não encontraram nem Nienor nem vestígios dela. Finalmente, Mablung retomou em desespero a Menegroth, com essas notícias. Thingol e Melian ficaram tristes; mas Mablung voltou a partir e por muito tempo procurou em vão notícias de Morwen e Nienor.

Nienor, porém, correu pelos bosques adentro até ficar exausta. Caiu, adormeceu e acordou; e era uma manhã ensolarada. Alegrou-se com a luz como se fosse algo de novo; e todas as outras coisas que via pareciam estranhas e inusitadas, pois ela não sabia que nomes lhes dar. De nada se lembrava a não ser de uma escuridão que estava às suas costas e de uma sombra de medo.

Por isso, seguia arisca, como um bicho sendo caçado, e ficou faminta, pois não tinha alimento e não sabia como consegui-lo. Chegando, afinal, às Travessias do Teiglin, ela passou para o outro lado, em busca do abrigo das enormes árvores de Brethil, pois sentia medo e lhe parecia que aquela escuridão da qual fugira estava novamente a alcançá-la.

No entanto, era uma tremenda tempestade de trovões que vinha subindo do sul. E, aterrorizada, ela se jogou sobre o monte de Haudh-en-Elleth, tampando os ouvidos por causa dos trovões; mas a chuva a açoitou e a deixou encharcada. E ela ficou ali como um animal moribundo. Ali Turambar a encontrou quando foi às Travessias do Teiglin, tendo ouvido rumores de que orcs andavam por perto. E, vendo ao clarão de um raio o que parecia ser o corpo de uma jovem morta, deitado sobre o túmulo de Finduilas, ele ficou profundamente impressionado. Mal os homens dos bosques a ergueram, Turambar a envolveu em seu manto, e eles a levaram a um abrigo próximo, onde a aqueceram e lhe deram alimento. E, assim que viu Turambar, ela se consolou, pois teve a impressão de ter afinal encontrado algo que havia procurado em sua escuridão; e dele não queria se separar. Contudo, quando ele lhe fez perguntas sobre seu nome, sua família e seu infortúnio, ela ficou perturbada como uma criança que percebe que se exige algo dela mas não consegue entender o que possa ser e chorou.

- Não se preocupe – disse-lhe então Turambar. - A história pode esperar. Mas eu lhe darei um nome e a chamarei de Níniel, a Donzela-das-lágrimas. - E naquele momento ela abanou a cabeça mas repetiu: Níniel. Essa foi a primeira palavra que falou depois do

esquecimento, e ficou sendo seu nome entre os homens do bosque daí em diante.

No dia seguinte, eles a levaram na direção da Ephel Brandir; mas, quando chegaram a Dimrost, a Escada Chuvosa, onde a corrente revolta do Celebros caía na direção do Teiglin, um forte estremecimento a dominou; e por isso daí em diante esse lugar foi chamado de Nen Girith, as Águas Trêmulas. Antes de chegar à morada dos homens dos bosques, sobre o Amon Obel, ela adoeceu com uma febre; e muito tempo passou deitada assim, recebendo os cuidados das mulheres de Brethil, que a ensinaram a falar como se ensina um bebê. Porém, antes de chegar o outono, pelos dons de Brandir ela foi curada de sua enfermidade, e pôde falar. Mas não se lembrava de nada do tempo anterior ao dia em que fora encontrada por Turambar no túmulo de Haudh-en-Elleth. E Brandir a amava; mas todo o coração de Níniel era dedicado a Turambar.

Nessa época, os homens dos bosques não eram perturbados pelos orcs, Turambar não ia guerrear, e a paz reinava em Brethil. Turambar sentiu seu coração voltar-se para Níniel e a pediu em casamento. Por algum tempo, entretanto, ela adiou a decisão apesar de seu amor por ele. Pois Brandir tinha maus presságios sem saber bem do quê, e procurou impedir o casamento, mais pelo bem dela do que pelo seu próprio ou por alguma rivalidade com Turambar. E revelou a Níniel que Turambar era Túrin, filho de Húrin. E, embora ela não conhecesse esse nome, uma sombra a incomodou.

Mas quando se passaram três anos do saque a Nargothrond, Turambar pediu novamente a mão de Níniel e jurou que agora se casaria com ela ou voltaria a guerrear nos ermos. E Níniel o aceitou com alegria. O casamento foi no solstício de verão, e os homens dos bosques de Brethil fizeram uma grande festa. Antes do final daquele ano, porém, Glaurung mandou orcs do seu domínio atacarem Brethil. E Turambar ficou sentado em casa, sem realizar façanhas, pois havia prometido a Níniel que só iria guerrear se suas casas fossem atacadas. No entanto, os homens dos bosques foram derrotados, e Dorlas o censurou por não auxiliar o povo que havia adotado como sua própria gente. Então, Turambar se levantou e brandiu novamente sua espada negra.

Reuniu grande contingente de homens de Brethil, e eles derrotaram totalmente os orcs.

Glaurung, porém, teve notícias de que o Espada Negra estava em Brethil, e refletiu sobre o que ouvira, planejando novas perversidades.

Na primavera do ano seguinte, Níniel concebeu e ficou triste e abatida. Ao mesmo tempo, chegaram a Ephel Brandir os primeiros rumores de que Glaurung saíra de Nargothrond.

Turambar então enviou batedores a grande distância, pois agora ele dava ordens a seu bel prazer, e poucos obedeciam a Brandir. À medida que o verão se aproximava, Glaurung chegou às fronteiras de Brethil e descansou perto da margem ocidental do Teiglin. Houve então grande medo entre o povo dos bosques, pois agora estava claro que o Grande Lagarto os atacaria e devastaria sua terra, em vez de apenas passar por lá, de volta a Angband, como esperavam.

Procuraram portanto a opinião de Turambar; e seu conselho foi que lutar contra Glaurung com todas as suas forças seria inútil, pois somente com astúcia e muita sorte poderiam derrotá-la.

Ele se ofereceu para ir procurar o dragão nas fronteiras do território e pediu ao resto do povo que permanecesse na Ephel Brandir, mas que se preparasse para a fuga. Pois, se Glaurung saísse vitorioso, viria primeiro às casas dos homens dos bosques para destruí-las; e eles não poderiam ter esperanças de lhe oferecer resistência. Porém, se conseguissem se espalhar bastante, muitos poderiam escapar, já que Glaurung não se instalaria em Brethil, mas logo voltaria para Nargothrond.

Turambar então solicitou companheiros dispostos a auxiliá-lo nesse perigo. E Dorlas se apresentou, mas ninguém mais. Por isso, Dorlas repreendeu o povo e falou com desdém de Brandir, que não podia cumprir o papel de herdeiro da Casa de Haleth. E Brandir foi humilhado diante de seu povo e ficou amargurado. Mas Hunthor, parente de Brandir, pediu permissão para ir em seu lugar. Despediu-se então Turambar de Níniel. Ela estava dominada pelo medo e por maus presságios, e sua separação foi dolorosa. Mas Turambar partiu com seus dois companheiros, indo até Nen Girith.

Níniel, então, não conseguindo suportar seu medo e sem se dispor a esperar na Ephel notícias do destino de Turambar, partiu atrás dele, e uma grande multidão a acompanhou. Diante disso, Brandir encheu-se ainda mais de pavor e procurou dissuadir dessa imprudência Níniel e as pessoas que se dispunham a acompanhá-la, mas ninguém lhe deu ouvidos. Ele portanto renegou sua posição de senhor, renegou todo o amor pelo povo que o desprezara e, sem lhe restar nada a não ser o amor por Níniel, armou-se com uma espada e seguiu atrás dela. Por ser manco, porém, ficou muito para trás.

Ora, Turambar chegou a Nen Girith ao anoitecer e ali soube que Glaurung repousava junto às altas margens do Teiglin; e era provável que se movimentasse com o cair da noite. Considerou essas notícias boas; pois o dragão estava em Cabed-en-Aras, onde o rio corria numa ravina profunda e estreita que uma corça em fuga poderia transpor com um salto; e Turambar pensou em não procurar mais, mas em tentar passar pela ravina. Por isso, se propôs a se esgueirar na penumbra, descer até o fundo da ravina à noite e atravessar a forte correnteza; subir depois pelo penhasco do outro lado e chegar ao dragão sem que ele percebesse.

Essa decisão ele tomou, mas faltou coragem a Dorlas quando eles chegaram às corredeiras do Teiglin no escuro, e Dorlas não ousou tentar a travessia arriscada, mas recuou e se escondeu nos bosques, sob o peso da vergonha. Turambar e Hunthor, entretanto, fizeram a travessia em segurança, pois o ronco violento da água abafava qualquer outro ruído, e Glaurung dormia.

Contudo, antes do meio da noite o dragão despertou e, com grande barulho e jatos de fogo, jogou sua parte dianteira para o outro lado do abismo e começou a arrastar o resto do corpo atrás dela. Turambar e Hunthor foram quase derrubados pelo calor e pelo mau cheiro, enquanto procuravam às pressas um meio de subir e atacar Glaurung. E Hunthor foi morto por uma enorme pedra deslocada no alto pela passagem do dragão que o atingiu na cabeça, jogando-o no rio. Esse foi o fim daquele que da Casa de Haleth não foi o menos valente.

Turambar então reuniu toda a sua vontade e coragem e escalou o penhasco sozinho, chegando abaixo do dragão. Sacou Gurthang e, com toda a força de seu braço e de seu ódio, enfiou a espada no ventre macio do Lagarto, até o punho. Quando sentiu, porém, a fisgada mortal, Glaurung deu um berro e, em convulsões apavorantes, ergueu o corpanzil e se jogou de um lado a outro do abismo, e depois ficou ali escoiceando e se contorcendo em agonia. E ao seu redor ele tudo incendiou e destruiu com seus golpes, até que afinal seu fogo se extinguiu e ele ficou imóvel.

Ora, Gurthang havia sido arrancada da mão de Turambar durante a agonia de Glaurung, enfiada como estava no ventre do dragão. Por isso, Turambar atravessou a correnteza mais uma vez, desejando recuperar a espada e contemplar seu inimigo. E o encontrou deitado de lado ao comprido, com o punho de Gurthang saindo-lhe da barriga. Turambar então agarrou o punho, pôs o pé no ventre do dragão e gritou, zombando do dragão e de suas palavras em Nargothrond.

- Salve, Lagarto de Morgoth! Bons olhos te vejam! Morre agora e que a escuridão te leve! Assim se vinga Túrin, filho de Húrin.

Ele então arrancou a espada dali, mas um jato de sangue negro a acompanhou, caindo na mão de Túrin, e seu veneno a queimou. Nesse instante, Glaurung abriu os olhos e encarou Túrin com tanta maldade, que o derrubou como se fosse um golpe. E por esse impacto e a agonia do veneno, Túrin caiu num desmaio sinistro, parecendo morto, e sua espada estava sob ele.

Os gritos de Glaurung ecoaram nos bosques e chegaram às pessoas que esperavam em Nen Girith. E, quando aqueles que estavam de vigia os ouviram e divisaram ao longe o incêndio e a destruição que o dragão causava, consideraram que o dragão saíra vencedor e estava destruindo os que o atacavam. E Níniel sentou e estremeceu ao lado da queda d'água; e, com a voz de Glaurung, a escuridão a dominou novamente, de modo que ela não conseguia se mexer de onde estava por sua própria vontade.

Foi assim que Brandir a encontrou, pois finalmente ele chegara a Nen Girith, mancando exausto. E, quando soube que o dragão atravessara o rio e derrotara seus inimigos, sentiu o coração se voltar para Níniel, cheio de dó. Contudo, ele também pensou: "Turambar morreu, mas Níniel está viva. Agora talvez ela venha comigo; e eu a levarei para longe. E assim escaparemos juntos do dragão." Portanto, depois de algum tempo, ele se postou junto a Níniel.

- Venha! É hora de partir. Se você quiser, eu lhe mostro o caminho – disse ele, tomando-lhe a mão. E ela se levantou em silêncio e o acompanhou. E na escuridão ninguém os viu partir.

Porém, enquanto seguiam pela trilha até as Travessias, a Lua nasceu e lançou uma luz cinzenta sobre a Terra.

- É este o caminho? - perguntou Níniel.

E Brandir respondeu que não conhecia nenhum outro caminho, a não ser o de fugir como fosse possível de Glaurung e escapar para as terras ermas.

- O Espada Negra era meu amado e meu marido. Só sigo para procurá-lo. O que mais você poderia estar pensando? - E seguiu correndo à sua frente. Chegou assim a se aproximar das Travessias do Teiglin e contemplou Haudh-en-Elleth à luz branca do luar; e um pavor enorme a dominou. Então, com um grito, ela deu meia-volta, largando seu manto, e fugiu para o sul ao longo do rio. E suas vestes alvas brilharam ao luar Assim, Brandir a viu da encosta do morro e se voltou para cruzar seu caminho, mas ainda estava atrás dela quando Níniel chegou à devastação de Glaurung junto ao precipício de Cabeden- Aras. Ali ela viu o dragão deitado, mas não lhe deu atenção, pois um homem jazia ao seu lado. E ela correu até Turambar e chamou seu nome em vão. Então, ao descobrir que sua mão estava queimada, ela a lavou com lágrimas e a amarrou com uma faixa de suas vestes. Beijou-o e implorou, chorando, que despertasse. Com isso, Glaurung moveu-se pela última vez antes de morrer e falou com seu último alento.

- Salve, Nienor, filha de Húrin. Voltamos a nos encontrar antes do fim. Dou-te a alegria de afinal encontrares teu irmão. E agora saberás quem ele é: o que apunhala no escuro, traiçoeiro com os inimigos, desleal com os amigos, uma maldição para sua linhagem, Túrin, filho de Húrin! Mas o pior dos seus feitos tu sentirás em ti mesma.

Morreu Glaurung então, e Níniel ficou livre do véu de sua maldade e se lembrou de todos os dias de sua vida.

- Adeus, ó duas vezes amado! - exclamou, olhando para Túrin. - A Túrin Turambar turun ambartanen: Senhor do Destino, pelo destino derrotado! Ai, a felicidade de estar morto! - E Brandir, que tudo ouvira, parado, aflito, à beira da devastação, apressou-se a vir na direção dela. Mas ela fugiu, desvairada de horror e agonia. E, chegando à beira de Cabed-en-Aras, jogou-se e se perdeu nas águas turbulentas.

Então, Brandir veio, olhou para baixo e recuou horrorizado, e, embora não mais

desejasse a vida, não conseguia procurar a morte naquelas águas revoltas. E dali em diante homem nenhum voltou a contemplar Cabed-en-Aras, nem bicho nem pássaro vinha ali; nem árvore ali crescia.

E o lugar foi chamado de Cabed Naeramarth, Salto do Destino Terrível.

Brandir, porém, fez o caminho de volta a Nen Girith para dar notícias ao povo. E encontrou Dorlas na mata e o matou: o primeiro sangue que ele jamais derramara, e o último. E chegou a Nen Girith.

- Você viu Níniel? - gritaram os homens. - Níniel sumiu.

- Níniel foi-se para sempre – respondeu ele. - O Dragão morreu, e Turambar morreu. E essas são boas notícias. - Com essas palavras, as pessoas começaram a murmurar, dizendo que ele estava louco, mas Brandir prosseguiu. - Ouçam-me até o fim! Níniel, a amada, também morreu.

Ela se jogou no Teiglin, por não mais desejar a vida, pois descobriu que não era nada mais nada menos do que Nienor, filha de Húrin de Dor-lómin, antes de ser acometida do esquecimento, e que Turambar era seu irmão, Túrin, filho de Húrin.

E, no exato momento em que ele parou de falar, e as pessoas começaram a chorar, o próprio Túrin surgiu diante deles. Pois, quando o dragão morrera, seu desmaio o deixara e ele caíra num sono profundo de exaustão. No entanto, o frio da noite o incomodara, e o punho de Gurthang lhe fincava o lado, e ele acordou. Viu, então, que alguém cuidara de sua mão e ficou muito intrigado por ter sido deixado, mesmo assim, jogado na terra fria. E chamou, mas não ouviu resposta; e saiu em busca de ajuda porque estava cansado e se sentindo mal.

Quando o viram, porém, as pessoas recuaram com medo, imaginando que se tratasse de seu espírito irrequieto

- Não, alegrem-se, pois o Dragão morreu, e eu estou vivo. Mas por que desprezaram meus conselhos e vieram se expor ao perigo? E onde está Níniel? Pois é ela que quero ver. E sem dúvida vocês não a trouxeram de casa.

Então Brandir lhe disse que sim e que Níniel morrera. Mas a mulher de Dorlas protestou.

- Não, senhor, ele enlouqueceu. Pois chegou aqui dizendo que o senhor estava morto, e isso chamou de boa notícia. Mas o senhor está vivo.

Enfureceu-se então Turambar, na crença de que tudo o que Brandir dizia ou fazia tinha como motivo alguma maldade contra ele e contra Níniel, por se ressentir de seu amor. E se dirigiu a Brandir com maldade, chamando-o de Coxo. Brandir, então, relatou tudo o que ouvira, identificou Níniel como Nienor, filha de Húrin, e lançou contra Turambar as últimas palavras de Glaurung, que ele era uma maldição para sua gente e para todos os que o abrigassem.

Perdeu então Turambar o controle, pois nessas palavras ouvia os passos de sua sina a alcançála.

Acusou Brandir de levar Níniel à morte e divulgar com prazer às mentiras de Glaurung, se é que de fato ele mesmo não as inventara. Então amaldiçoou Brandir e o matou. E fugiu das pessoas, embrenhando-se na mata. Depois de algum tempo, porém, a loucura o deixou; e ele foi até Haudh-en-Elleth, para ali sentar e ponderar sobre todos os seus atos. E implorou a Finduilas que lhe desse discernimento, pois ele não sabia se agora seria mais prejudicial ir a Doriath em busca de sua família, ou abandoná-las parasempre e procurar a morte na batalha.

E, enquanto estava ali sentado, Mablung com uma comitiva de elfos-cinzentos passou pelas Travessias do Teiglin e reconheceu Túrin. Cumprimentou-o e realmente se alegrou de encontrá-lo com vida. Pois ouvira notícias da investida de Glaurung, que seu

caminho levava a Brethil e também soubera que o Espada Negra de Nargothrond agora morava ali. Vinha, portanto, para avisar Túrin do perigo e oferecer ajuda, se necessário.

- Chegaram tarde demais – disse-lhe Túrin. - O Dragão está morto.

Eles então se admiraram e lhe fizeram grande louvor; mas ele não deu a menor atenção a isso.

- Só lhes faço um pedido. Dêem-me notícias de minha família; pois em Dor-lómin eu soube que elas viajaram para o Reino Oculto.

Mablung ficou, então, consternado, mas não pôde deixar de contar a Túrin que Morwen se perdera e que Nienor, sob um encantamento de mudez e esquecimento, escapara deles junto às fronteiras de Doriath, fugindo para o norte. Então, finalmente, Túrin soube que sua sina o havia alcançado e que matara Brandir injustamente. E que as palavras de Glaurung nele se cumpriam.

Riu então como um tresloucado.

- Essa é de fato uma piada amarga! - Mas pediu a Mablung que se fosse e voltasse para Doriath, lançando maldições sobre o reino. - E amaldiçôo também sua missão! - gritou. - Só faltava essa. Agora cai a noite.

Fugiu então deles como um vento, e eles ficaram perplexos, a perguntar-se que loucura se abatera sobre ele. E o seguiram. Túrin, entretanto, corria muito mais do que eles. Chegou a Cabed-en-Aras, ouviu o ronco das águas e viu que todas as folhas caíam murchas das árvores, como se o inverno tivesse chegado. Ali desembainhou a espada, que agora era só o que lhe restava de todos os seus bens.

- Salve, Gurthang! - disse ele – Não reconheces senhor nem lealdade a não ser a da mão que te empunha. Diante de sangue nenhum recuas. Portanto, queres aceitar Túrin Turambar? Queres me matar com rapidez?

E da lâmina ressoou uma voz fria em resposta.

- Sim, beberei teu sangue com prazer, para poder esquecer o sangue de Beleg, meu senhor, e o sangue de Brandir assassinado injustamente. Eu te matarei com rapidez.

Túrin firmou então o punho da espada no chão e se jogou sobre a ponta de Gurthang e a lâmina negra tirou sua vida. Mablung e os elfos, porém, vieram, olharam o vulto de Glaurung caído morto e o corpo de Túrin, e choraram. E, quando os homens de Brethil ali chegaram e souberam os motivos da loucura e da morte de Túrin, ficaram horrorizados. E Mablung comentou, melancólico.

- Eu também fui envolvido na sina dos Filhos de Húrin, pois com minhas notícias matei alguém que eu amava.

Eles então ergueram Túrin e descobriram que Gurthang se despedaçara. Mas elfos e homens ali juntaram enorme quantidade de madeira para fazer uma imensa fogueira; e o Dragão foi reduzido a cinzas. Túrin foi enterrado num monte alto onde caíra, e os estilhaços de Gurthang foram postos a seu lado. E, quando estava tudo terminado, os elfos entoaram um lamento pelos Filhos de Húrin, e uma grande pedra cinzenta foi fixada no túmulo, e nela foi gravado em runas de Donath.

TÚRIN TURAMBAR DAGNIR GLAURUNGA e abaixo escreveram também:
NIENOR NÍNIEL

No entanto, ela não estava ali, nem jamais se soube para onde as águas frias do Teiglin a levaram.

CAPÍTULO XXII
Da destruição de Doriath

Assim terminou a história de Túrin Turambar; mas Morgoth não dormiu nem descansou da perversidade; e sua perseguição à Casa de Hador ainda não estava encerrada. Contra eles, sua maldade não se saciava, embora Húrin estivesse sob seu controle e Morwen perambulasse transtornada pelas matas.

Infeliz foi o destino de Húrin; pois tudo o que Morgoth conhecia do funcionamento do mal, Húrin também conhecia, mas havia mentiras misturadas com a verdade, e o pouco que havia de bom estava oculto ou deturpado. De todo jeito, Morgoth procurava principalmente lançar uma sombra maligna sobre o que Thingol e Melian haviam feito, por odiá-los e temê-los. Quando julgou, portanto, chegada a hora, libertou Húrin do cativeiro, dizendo-lhe que fosse para onde quisesse. E fingiu ter sido essa decisão motivada pela compaixão por um inimigo totalmente derrotado. Mentia, porém, pois seu objetivo era que Húrin, antes de morrer, odiasse ainda mais elfos e homens.

Então, por pouco que confiasse nas palavras de Morgoth, sabendo com efeito que ele era desprovido de compaixão, Húrin aceitou a liberdade e partiu pesaroso, amargurado pelas palavras do Senhor do Escuro. E já se passava um ano da morte de Túrin, seu filho. Por vinte e oito anos, estivera preso em Angband, tendo adquirido aparência sinistra. O cabelo e a barba estavam brancos e compridos, mas ele caminhava ereto, com um grande cajado negro, e portava uma espada. Assim, entrou em Hithlum, e notícias chegaram aos lideres dos orientais dando conta de que uma grande cavalgada de capitães e soldados negros de Angband atravessava as areias de Anfauglith, vindo com eles um velho, como alguém merecedor de grandes honrarias. Por isso, não puseram as mãos em Húrin mas o deixaram andar à vontade naquelas terras. E nisso foram, sábios, pois os que restavam de seu próprio povo o evitavam em virtude de ter vindo de Angband como alguém em aliança com Morgoth e digno de seu respeito.

Assim, sua liberdade apenas agravou a amargura no coração de Húrin e ele partiu da terra de Hithlum, embrenhando-se montanhas acima. Do alto, descortinou ao longe, em meio às nuvens, os picos de Crissaegrim e se lembrou de Turgon. Desejou então voltar ao reino oculto de Gondolin. Desceu, portanto, das Ered Wethrin, sem saber que as criaturas ele Morgoth lhe vigiavam os passos e, atravessando o Brithiach, entrou em Dimbar e chegou aos sopés sombrios das Echoriath. Toda a região estava fria e desolada; e ele olhou ao redor com poucas esperanças, parado aos pés de uma grande avalanche de pedras, abaixo de um penhasco íngreme. E não sabia que aquilo era tudo o que restava agora para ver da antiga Rota de Fuga: o Rio Seco estava bloqueado, e o portão em arco, soterrado. Húrin ergueu então os olhos para o céu cinzento, pensando que poderia mais uma vez vislumbrar as águias, como havia feito tantos anos antes, na juventude. Mas viu apenas as sombras sopradas do leste, nuvens girando em tomo dos picos inacessíveis, e ouviu somente o vento assobiando nas pedras.

Já a vigilância das águias enormes estava agora redobrada; e elas bem perceberam Húrin, lá embaixo, desamparado, na luz que se apagava. E imediatamente o próprio Thorondor, como as novidades parecessem importantes, foi avisar Turgon.

- Dorme então Morgoth? - perguntou Turgon. - Você se enganou.

- Não mesmo – disse Thorondor – Se as Águias de Manwë costumassem errar assim, já há muito, senhor, seu esconderijo teria sido inútil.

- Suas palavras são então um mau presságio – disse Turgon – pois elas só podem ter um significado. Até mesmo Húrin Thalion cedeu a vontade de Morgoth. Meu coração

está fechado Quando Thorondor se foi, porém, Turgon refletiu por muito tempo, lembrando-se dos feitos de Húrin de Dor-lómin, e abriu seu coração. Mandou então as águias procurarem Húrin para trazêlo se possível a Gondolin. Contudo, já era tarde, e elas nunca mais o viram, fosse na escuridão, fosse à luz do Sol. Pois Húrin ficara parado em desespero diante dos penhascos mudos das Echoriath; e o Sol poente, trespassando as nuvens, tingira de vermelho seus cabelos brancos.

Então, naquele deserto, ele gritou alto, sem se preocupar com quem o ouvisse, e amaldiçoou a terra implacável. E afinal, em pé sobre um rochedo alto, olhou na direção de Gondolin e gritou com voz retumbante.

- Turgon, Turgon, lembre-se do Pântano de Serech! Ó Turgon, você não quer ouvir em seus palácios ocultos? - Não veio, porém, nenhum som a não ser o do vento no capim seco. - Era assim mesmo que o capim assobiava no Serech no pôr-do-sol – disse ele e, enquanto ia falando, o Sol se escondeu atrás das Montanhas Sombrias, uma escuridão caiu ao seu redor, o vento cessou, e o silêncio dominou aquele ermo.

Havia, entretanto, ouvidos escutando as palavras que Húrin pronunciava; e o relato de tudo logo chegou ao Trono das Trevas, no norte. E Morgoth sorriu, pois agora sabia com clareza em que região Turgon morava, embora, graças às águias, nenhum espião seu conseguisse ainda avistar a terra por trás das Montanhas Circundantes. Esse foi o primeiro malefício resultante da libertação de Húrin.

Quando caiu a escuridão, Húrin desceu cambaleante do rochedo e mergulhou num sono profundo e amargurado. Em seu sono, porém, ouviu a voz de Morwen em lamento e muitas vezes ela pronunciou seu nome. Pareceu-lhe também que sua voz vinha de Brethil. Por conseguinte, quando acordou, com a chegada do dia, ele se levantou e voltou ao Brithiach. E, passando pelos limites de Brethil, chegou em hora noturna às Travessias do Teiglin. As sentinelas da noite o viram, mas se apavoraram, acreditando estar vendo um fantasma de algum túmulo de antigas batalhas que caminhava com as trevas a cercá-lo. E por isso Húrin não foi impedido de prosseguir. Afinal, chegou ao local em que Glaurung fora incinerado e viu a lápide alta fincada junto ao precipício de Cabed Naeramarth Húrin, entretanto não olhou para a pedra, pois sabia o que nela estava escrito, e seus olhos haviam percebido que não estava só. Sentada à sombra da pedra estava uma mulher, com a cabeça pousada nos joelhos. E, quando Húrin parou ali em silêncio. Ela afastou o capuz puído e levantou o rosto. Estava grisalha e velha, mas de repente seus olhos encararam os dele, e Húrin a reconheceu. Pois, embora estivessem desvairados e cheios de medo ainda brilhava neles aquela luz que outrora lhe conquistara o nome de Eledhwen, a mais altiva e bela das mulheres mortais de outrora.

- Você chegou finalmente. Esperei demais.

- Foi um caminho sinistro. Cheguei como pude – respondeu ele.

- Mas já é tarde – disse Morwen. - Eles se foram.

- Eu sei. Mas você, não.

- Por pouco – respondeu então Morwen. - Estou exausta. Vou embora com o Sol. Agora resta pouco tempo. Se você sabe, me diga! Como foi que ela o encontrou? Húrin, entretanto, não respondeu: e os dois ficaram sentados junto à pedra, sem falar mais. E, quando o Sol se pôs, Morwen deu um suspiro, apertou-lhe a mão e ficou imóvel. E Húrin soube que ela havia morrido. Olhou para ela à luz do crepúsculo, e lhe pareceu que as rugas da dor e dos tormentos cruéis se apagavam.

- Ela não se entregou – disse ele. Fechou-lhe os olhos e ficou sentado, quieto, ao seu lado, enquanto a noite caía. As águas ele Cabed Naeramarth se precipitavam com estrondo, mas ele nenhum som ouvia, nada via e nada sentia, pois o coração era de pedra em seu peito. Veio, porém, um vento gelado a lhe jogar uma chuva fustigante no rosto.

Ele despertou, e a raiva cresceu em seu íntimo como fumaça, dominando a razão, de tal modo que seu desejo era procurar vingar seus males e os sofrimentos de sua família, acusando em sua aflição todos os que tivessem lidado com eles. Ergueu-se então e construiu um túmulo para Morwen acima de Cabed Naeramarth, no lado oeste da pedra. E nele gravou as palavras: Aqui também jaz Morwen Eledhwen.

Conta-se que um vidente e tocador de harpa de Brethil chamado Glirhuin compôs uma canção, dizendo que a Pedra dos Infelizes não deveria ser profanada por Morgoth, nem jamais ser derrubada. Nem mesmo que o mar inundasse toda a Terra, como mais tarde com efeito ocorreu.

E Tol Morwen permanece só acima das águas, ao largo do novo litoral criado nos dias da fúria dos Valar. Húrin, no entanto, não jaz ali, pois sua sina o impelia a seguir em frente, e a Sombra ainda o acompanhava.

Ora, Húrin atravessou o Teiglin e passou para o sul, descendo pela antiga estrada que levava a Nargothrond. Viu ao longe, a leste, a solitária elevação do Amon Rûdh; e soube o que acontecera ali. Afinal, chegou às margens do Narog e se arriscou a fazer a travessia do no turbulento sobre as pedras da ponte derrubada, como Mablung de Doriath havia tentado, antes dele. Postou-se então diante das Portas de Felagund, agora demolidas, apoiado em seu cajado.

Aqui é preciso que se diga que, depois da partida de Glaurung, Mîm, o anão-pequeno, encontrara o caminho até Nargothrond e se esgueirara pelos salões arruinados adentro. Deles ele se apossara e ficara ali tocando no ouro e nas pedras preciosas, deixando que lhe escorressem pelos dedos, pois ninguém se aproximava para espoliá-la, por pavor do espírito de Glaurung e de sua própria lembrança. Agora, porém, vinha alguém que estava parado à soleira.

E Mîm se apresentou, exigindo saber seu objetivo ali.

- Quem é você – disse, porém, Húrin -, que pretende me impedir de entrar na casa de Finrod Felagund?

- Sou Mîm – respondeu então o anão -, e antes que os altivos chegassem do outro lado do Mar, os anões já haviam escavado os salões de Nulukkizdîn. Só voltei para tomar o que é meu, pois sou o último de meu povo.

- Então não gozará mais de sua herança, pois sou Húrin, filho de Galdor, de retorno de Angband; e meu filho era Túrin Turambar, de quem você não se esquece. E foi ele quem matou Glaurung, o Dragão, que devastou estes salões onde você agora está sentado. E não ignoro por quem o elmo-de-dragão de Dor-lómin foi traído Então Mîm, dominação por um medo terrível, implorou a Húrin que levasse o que quisesse, mas lhe poupasse a vida. Húrin, no entanto, não deu atenção a suas súplicas e o matou diante das portas de Nargothrond. Entrou, então, e ficou um pouco naquele lugar horrendo, onde os tesouros de Valinor jaziam espalhados pelo chão em trevas e abandono. Conta-se, porém, que, quando Húrin saiu das ruínas de Nargothrond e parou novamente sob o céu, de todo aquele tesouro imenso trazia consigo apenas um objeto.

Seguiu Húrin agora para o leste e chegou aos Alagados do Crepúsculo, a montante das Quedas do Sirion. Ali foi capturado pelos elfos que vigiavam os marcos ocidentais de Doriath e levado ao Rei Thingol, nas Mil Cavernas. E Thingol foi dominado pelo espanto e pela dor ao contemplá-lo e saber que aquele homem idoso e soturno era Húrin Thalion, o cativo de Morgoth. Mesmo assim, saudou-o condignamente e demonstrou honrá-lo. Húrin não deu resposta ao Rei, mas tirou de sob o manto aquele único objeto que tirara de Nargothrond. E esse era nada menos do que o Nauglamír, o Colar dos Anões, que fora feito para Finrod Felagund muitos anos antes pelos artífices de Nogrod e Belegost, renomadíssimos por suas obras nos Tempos Antigos, e estimado por Finrod, em vida,

mais do que todos os tesouros de Nargothrond. E Húrin o lançou aos pés de Thingol, com palavras amargas e desvairadas.

- Recebe tua paga – gritou – pela bela guarda de meus filhos e de minha mulher! Pois este é o Nauglamír. Cujo nome é conhecido de muitos entre elfos e homens. E eu o trago a ti das trevas de Nargothrond, onde Finrod o deixou para trás quando partiu com Beren, filho de Barahir, para cumprir a missão imposta por Thingol de Doriath.

Olhou então Thingol para a magnífica jóia, soube que era o Nauglamír e bem compreendeu a intenção de Húrin. Entretanto, cheio de compaixão, reprimiu sua cólera e suportou o escárnio de Húrin. E, afinal, Melian falou.

- Húrin Thalion – disse ela -, Morgoth te enfeitiçou. Pois aquele que vê com os olhos de Morgoth, com boa disposição ou a contragosto, tudo vê deturpado. Por muito tempo, Túrin, teu filho, foi protegido nos salões de Menegroth, e recebeu amor e respeito como filho do Rei. E não foi pela vontade do Rei nem pela minha que ele jamais voltou a Doriath. E mais tarde, tua mulher e tua filha foram aqui abrigadas com honras e boa vontade. E nós procuramos por todos os meios dissuadir Morwen de se dirigir a Nargothrond. É com a voz de Morgoth que agora censuras teus amigos.

E, ao ouvir as palavras de Melian, Húrin ficou paralisado; e por muito tempo fitou os olhos da Rainha. E, ali em Menegroth, ainda protegida pelo Cinturão de Melian das trevas do Inimigo, ele leu a verdade de tudo o que havia ocorrido e provou afinal a plenitude da agonia que lhe fora reservada por Morgoth Bauglir. E não mais falou do que era passado; mas, abaixando-se, apanhou o Nauglamír de onde estava no chão diante do trono de Thingol e o entregou ao Rei.

- Recebe agora, senhor, o Colar dos Anões, como um presente de quem nada tem e como lembrança de Húrin de Dor-lómin. Pois agora cumpri minha sina, e o objetivo de Morgoth foi atingido. Mas não sou mais escravo dele.

Deu então meia-volta e saiu de Mil Cavernas. E todos os que o viam recuavam diante de sua expressão. E ninguém procurou impedir sua partida. Nem ninguém soube dizer para onde fora.

Conta-se, porém, que Húrin não quis mais viver dali em diante, por não lhe restar nenhum objetivo ou desejo, e se lançou no mar ocidental. Assim terminou o maior de todos os guerreiros dos homens mortais.

Mas quando Húrin se foi de Menegroth, Thingol ficou muito tempo em silêncio, contemplando a jóia esplêndida que estava em seu colo. Ocorreu-lhe então que o colar deveria ser refeito e que nele deveria ser engastada a Silmaril. Pois, com o passar dos anos, o pensamento de Thingol se voltava incessantemente para a pedra preciosa de Fëanor e a ela se apegava. Não lhe agradava deixá-la sequer protegida pelas portas trancadas de seu tesouro mais recôndito. E ele agora pretendia trazê-la sempre consigo, adormecido ou desperto.

Naquele tempo, os anões ainda entravam em Beleriand em viagem a partir de suas mansões, nas Ered Lindon e, cruzando o Gelion em Sarn Athrad, o Vau das Pedras seguiam pela estrada antiga até Doriath. Pois era enorme seu talento para trabalhar metais e pedras, e havia muita necessidade de sua arte nos salões de Menegroth. No entanto, eles não vinham mais em pequenos grupos como antes, mas em grandes batalhões bem armados para sua proteção no território perigoso entre o Aros e o Gelion, e nessas ocasiões moravam em Menegroth em aposentos e oficinas exclusivamente destinadas a eles. Bem naquela época, grandes artífices de Nogrod haviam chegado recentemente a Doriath. E o Rei, portanto, os convocou e lhes declarou seu desejo de que, se tivessem capacidade para tal, refizessem o Nauglamír e nele engastassem a Silmaril. Então, os anões contemplaram a obra de seus antepassados e fitaram com admiração a reluzente

pedra preciosa de Fëanor. E foram dominados por um imenso desejo de possuir e carregar aquelas pedras para seus lares distantes, nas montanhas.

Disfarçaram, porém, sua intenção e concordaram em realizar a tarefa.

Longo foi seu trabalho, e Thingol descia sozinho até suas forjas profundas, sempre ficando entre eles enquanto trabalhavam. Com o tempo, seu desejo foi realizado; e as maiores obras de elfos e anões foram reunidas numa única jóia; e sua beleza era extraordinária, pois as inúmeras pedras preciosas do Nauglamir refletiam e espelhavam em matizes maravilhosos a luz da Silmaril em seu centro. Então, Thingol, estando só com eles, fez menção de apanhar o colar e prendê-lo ao pescoço. Nesse momento, porém, os anões lhe negaram o colar e exigiram que Thingol o entregasse a eles

- Com que direito o Rei élfico reivindica o Nauglamír, feito por nossos antepassados para Finrod Felagund, que agora está morto? O colar só chegou a ele pelas mãos de Húrin, o homem de Dor-lómin, que como um ladrão o retirou das trevas de Nargothrond Thingol, porém, percebeu seus corações e viu com nitidez que, por desejarem a Silmaril, eles apenas procuravam um pretexto e belo disfarce para seu verdadeiro intento. E, em sua cólera e arrogância, ele não deu atenção ao perigo que corria, mas falou em tom de menosprezo.

- Como ousam vocês, de raça selvagem, exigir alguma coisa de mim, Elu Thingol, Senhor de Beleriand, cuja vida começou junto às águas de Cuiviénen inúmeros anos antes que os patriarcas do povo nanico despertassem? - E, parado, alto e orgulhoso entre eles, Thingol ordenou-lhes com palavras humilhantes que se fossem de Doriath sem pagamento.

Então, a cobiça dos anões se inflamou com as palavras do Rei, transformando-se em ira; e eles se levantaram contra ele, o dominaram e o mataram ali onde estava. Assim, nas profundezas de Menegroth, morreu Elwë Singollo, Rei de Doriath, único de todos os Filhos de Ilúvatar a se unir a uma das Ainur; e que, único dos elfos Abandonados a ter visto a luz das Árvores de Valinor, com seu último olhar fitou a Silmaril.

Os anões então apanharam o Nauglamír e saíram de Menegroth, fugindo para o leste através de Region. As notícias, entretanto, espalharam-se velozes pela floresta, e poucos daquele grupo atravessaram o Aros, pois sofreram uma perseguição mortal enquanto procuravam a estrada para o leste. E o Nauglamír foi recuperado e trazido de volta, em meio a uma tristeza imensa, a Melian, a Rainha. Contudo, dois dos assassinos de Thingol escaparam da perseguição nas fronteiras orientais e voltaram afinal à sua cidade distante, nas Montanhas Azuis. E lá em Nogrod relataram parte do que havia acontecido, dizendo que os anões haviam sido mortos em Doriath por ordem do Rei élfico, que assim pretendia lhes negar pagamento por seus serviços.

Tremendos foram então a revolta e os lamentos dos anões de Nogrod pela morte de seus parentes e de seus famosos artífices. Eles arrancavam as barbas e choravam alto. E muito tempo dedicaram a planejar uma vingança. Diz-se que pediram a ajuda de Belegost, mas que ela lhes foi negada e que os anões de Belegost procuraram dissuadi-los desse intento. Mas o conselho foi vão; e, dentro de não muito tempo, um enorme exército partia de Nogrod, cruzava o Gelion e atravessava Beleriand, vindo para o oeste.

Em Doriath, uma grave transformação ocorrera. Melian ficara muito tempo sentada ao lado do Rei Thingol, e seu pensamento voltara até os anos estrelados e a seu primeiro encontro entre os rouxinóis de Nan Elmoth, em eras passadas E Melian soube que sua separação de Thingol era precursora de uma separação maior, e que a sina de Doriath se aproximava. Pois Melian era da raça divina dos Valar; e era uma Maia de grande poder e sabedoria. Porém, por amor a Elwë Singollo, ela assumira a forma dos Filhos Mais Velhos de Ilúvatar; e por essa união se submetera às correntes e limitações da carne de

Arda. Com essa forma, ela lhe dera Lúthien Tinúviel: e com essa forma adquirira poder sobre a substância de Arda. E, com o Cinturão de Melian, Doriath ficara protegida por longas eras dos males de fora. Agora, porém, Thingol estava morto, e seu espírito havia passado para os palácios de Mandos. E, com sua morte, uma mudança se abateu sobre Melian também. Ocorreu, assim, de seu poder ser retirado nessa época das florestas de Neldoreth e Region; e o Esgalduin, o rio encantado, passou a falar com uma voz diferente, e Doriath ficou aberta a seus inimigos.

Daí em diante, Melian não falou com mais ninguém a não ser com Mablung, ordenando-lhe que cuidasse da Silmaril e que mandasse notícias com a máxima rapidez a Beren e Lúthien, em Ossiriand. Desapareceu então da Terra-média e passou para a terra dos Valar, do outro lado do Mar ocidental, para refletir sobre suas tristezas nos jardins de Lórien, de onde viera, e esta história não mais a menciona.

Foi assim que o exército dos naugrim atravessou o Aros e entrou sem dificuldade nos bosques de Doriath. E ninguém lhes ofereceu resistência, pois eram numerosos e ferozes; e os comandantes dos elfos-cinzentos, acometidas de dúvida e desespero, iam de um lado para o outro, a esmo. Já os anões se mantiveram firmes no caminho, passaram pela grande ponte e entraram em Menegroth. E ali ocorreu um dos mais lamentáveis dos fatos dolorosos dos Dias Antigos. Pois houve combate nas Mil Cavernas, e muitos elfos e anões foram mortos. E isso não foi esquecido. No entanto, os anões saíram vitoriosos; e os palácios de Thingol foram vasculhados e saqueados. Ali caiu Mablung, da Mão-pesada, diante das portas do tesouro em que estava guardado o Nauglamír; e a Silmaril foi levada.

Naquela época, Beren e Lúthien ainda moravam em Tol Galen, a Ilha Verde, no Rio Adurant, o mais meridional dos córregos, que, caindo das Ered Lindon, desciam até se unir ao Gelion. E seu filho Dior Eluchíl tinha como esposa Nimloth, parente de Celeborn, príncipe de Doriath, que era casado com a Senhora Galadriel. Os filhos de Dior e Nimloth eram Eluréd e Elurín; e também lhes nasceu uma filha, que foi chamada de Elwing, que significa Respingo de Estrelas, pois viera ao mundo numa noite de estrelas, cuja luz cintilava na espuma da cascata de Lanthir Lamath, ao lado da casa de seu pai.

Ora, rapidamente chegaram rumores entre os elfos de Ossiriand de que um enorme exército de anões armados para combate havia descido das montanhas e atravessado o Gelion, no Vau de Pedras. Essas notícias chegaram logo a Beren e Lúthien; e nessa mesma hora veio também a eles um mensageiro de Doriath com relatos do que lá acontecera. Então, Beren se levantou e deixou Tol Galen; e, convocando Dior, seu filho, dirigiu-se para o norte, para o Rio Ascar. E com eles, seguiram muitos dos elfos-verdes de Ossiriand.

Foi assim que, quando os anões de Nogrod, de volta de Menegroth com o exército reduzido, chegaram novamente a Sam Athrad, foram atacados por inimigos invisíveis. Pois, quando iam subindo as margens do Gelion, sobrecarregados com a pilhagem de Doriath, de repente todos os bosques se encheram do som de trompas élficas, e flechas caíram velozes sobre eles, de todos os lados. Ali, muitos dos anões foram mortos na primeira investida. Mas alguns que escaparam da emboscada se mantiveram juntos e fugiram para o leste, na direção das montanhas. E, quando iam subindo pelas longas encostas iniciais do Monte Dolmed, surgiram os Pastores das Árvores, que empurraram os anões para os bosques sombrios das Ered Lindon; de onde, ao que se diz, nunca mais saiu nenhum para transpor os altos passos que conduziam a suas casas

Naquela batalha junto ao Sarn Athrad, lutou Beren pela última vez. E ele próprio matou o Senhor de Nogrod e de suas mãos arrancou o Colar dos Anões. Mas o moribundo lançou sua maldição sobre todo o tesouro. Beren fitou, então, maravilhado aquela mesma

jóia de Fëanor que ele desengastara da coroa de ferro de Morgoth. Agora cintilando em meio a ouro e pedras preciosas, graças à perícia dos anões. E dela ele limpou o sangue nas águas do rio. E, quando tudo estava terminado, o tesouro de Doriath afundou no Rio Ascar, que a partir de então recebeu o nome de Rathlóriel, Leito de Ouro. No entanto, Beren levou o Nauglamir e retornou a Tol Galen. A dor de Lúthien não se abrandou quando ela soube da morte do Senhor de Nogrod e de muitos outros além dele. Diz-se, porém, em prosa e verso, que Lúthien, usando aquele colar com aquela pedra imortal, era a imagem de maior beleza e glória que já houve fora do reino de Valinor. E, por algum tempo, a Terra dos Mortos que Vivem se tornou semelhante a uma imagem da terra dos Valar. E nenhum lugar desde então foi tão belo, tão próspero ou tão cheio de luz

Ora, Dior, o herdeiro de Thingol, despediu-se de Beren e Lúthien e, partindo de Lanthir Lamath com Nimloth, sua mulher, veio a Menegroth, para ali morar. E com eles vieram seus dois filhos, Eluréd e Elurín, e Elwing, sua filha. Nessa ocasião, os sindar os receberam com alegria e se ergueram das trevas de seu luto pelo parente e Rei morto e pela partida de Melian, e Dior Eluchíl se dedicou a reerguer a glória do reino de Doriath.

Numa noite de outono, quando já era tarde, alguém veio bater com violência às portas de Menegroth exigindo ser recebido pelo Rei. Era um senhor dos elfos-verdes, vindo às pressas de Ossiriand, e os guardas dos portões o levaram ao lugar em que Dior se encontrava, sozinho, em seus aposentos. E ali, em silêncio. Ele entregou ao Rei um cofre e se despediu. Mas naquele cofre estava o Colar dos Anões, no qual estava engastada a Silmaril. E Dior, ao contemplá-la, soube ser esse um sinal de que Beren Erchamion e Lúthien Tinúviel haviam de fato morrido e partido para onde vai a raça dos homens, para um destino além do mundo.

Dior fitou por muito tempo a Silmaril, que seu pai e sua mãe haviam conseguido retirar do mundo de terror de Morgoth, superando todas as expectativas. E sua dor foi enorme porque a morte se abatera sobre eles tão cedo. Dizem, porém, os sábios que a Silmaril apressou seu fim, pois o brilho da beleza de Lúthien quando a usava era forte demais para terras mortais.

Levantou-se então Dior e prendeu ao pescoço o Nauglamír. E ele agora surgia como o mais belo de todos os filhos do mundo, de três raças: dos edain, dos eldar e dos Maiar do Reino Abençoado.

Difundiu-se então entre os elfos espalhados de Beleriand o rumor de que Dior, herdeiro de Thingol, usava o Nauglamír. E se dizia que uma Silmaril de Fëanor chamejava novamente nos bosques de Doriath. E o Juramento dos filhos de Fëanor foi novamente instigado a despertar.

Pois, enquanto Lúthien usara o Colar dos Anões, nenhum elfo jamais ousara atacá-la; mas, agora, ao ouvir notícias do reflorescimento de Doriath e do orgulho de Dior, os sete voltaram a se reunir, deixando de vaguear, e mandaram mensagem a Dior para reivindicar o que lhes pertencia.

Dior, porém, não deu resposta aos filhos de Fëanor. E Celegorm incitou seus irmãos a preparar uma investida contra Doriath. Chegaram despercebidos no meio do inverno e lutaram com Dior nas Mil Cavernas. Assim sucedeu a segunda chacina de elfos por elfos. Nela caiu Celegorm, pela mão de Dior, bem como Curufin e Caranthir, o Moreno. Mas Dior também foi morto, com Nimloth, sua mulher; e os cruéis servos de Celegorm levaram os dois filhos pequenos e os deixaram na floresta para morrer à míngua. Disso, Maedhros com efeito se arrependeu e procurou muito por eles nos bosques de Doriath. Mas sua busca foi em vão; e do destino de Eluréd e Elurín não há relato algum.

Assim, Doriath foi destruída e nunca mais se reergueu. Contudo os filhos de

Fëanor não obtiveram o que procuravam. Pois um grupo de sobreviventes do povo de Doriath fugiu à sua frente; e com eles seguia Elwing, a filha de Dior. Conseguiram escapar e levando consigo a Silmaril, com o tempo chegaram às Fozes do Rio Sirion, junto ao Mar.

CAPÍTULO XXII
De Tuor e da queda de Gondolin

Já foi relatado que Huor, o irmão de Húrin, morreu na Batalha das Lágrimas lncontáveis. E que, no inverno daquele ano, Rían, sua mulher, teve um filho nos ermos de Mithrim; esse filho recebeu o nome de Tuor e foi criado por Annael, dos elfos-cinzentos, que ainda morava naquelas colinas. Ora, quando Tuor estava com dezesseis anos, os elfos decidiram abandonar as cavernas de Androth, onde moravam, e se encaminhar em segredo para os Portos do Sirion, no sul distante. Foram, entretanto, atacados por orcs e orientais antes de conseguir fugir; e Tuor foi capturado e escravizado por Lorgan, chefe dos orientais de Hithlum. Durante três anos, suportou a escravidão; mas, ao final desse período, fugiu. E, voltando às cavernas de Androth, morou ali sozinho e causou tantas perdas aos orientais que Lorgan pôs sua cabeça a prêmio.

Depois de Tuor ter morado assim, na solidão, como proscrito, por quatro anos, Ulmo, tendo escolhido Tuor para instrumento de seus desígnios, instilou em seu coração o desejo de deixar a terra de seus pais. E, deixando mais uma vez as grutas de Androth, Tuor cruzou Dor-lómin, na direção ocidental, e descobriu Annon-in-Gelydh, o Portão dos Noldor, que o povo de Turgon construíra quando morara em Nevrast muitos anos antes. Desse local, um túnel escuro seguia por baixo das montanhas e dava em Cirith Ninniach, a Fenda do Arco-íris, através da qual uma água turbulenta corria na direção do Mar ocidental. Foi assim que a fuga de Tuor de Hithlum não foi notada nem por homem nem por orc, e nenhum conhecimento dela chegou aos ouvidos de Morgoth.

E Tuor entrou em Nevrast e, ao avistar Belegaer, o Grande Mar, apaixonou-se por ele, e o som do mar e o anseio por ele ficaram para sempre em seu coração e em seus ouvidos; e o dominou uma inquietação. Que acabaria por levá-lo às profundezas do reino de Ulmo. Permaneceu então em Nevrast, sozinho, e o verão daquele ano passou, e a sina de Nargothrond se avizinhou.

Contudo, quando veio o outono, ele viu sete cisnes enormes voando para o sul e soube que eram um sinal de que se demorara demais ali. Acompanhou então seu vôo ao longo do litoral.

Foi assim que chegou aos palácios abandonados de Vinyamar, aos pés do Monte Taras. Entrou e lá encontrou o escudo e a longa cota de malha. Bem como a espada e o elmo que Turgon ali deixara por ordem de Ulmo, muito tempo antes. E ele se guarneceu dessas armas e desceu pelo litoral. Caiu então uma forte tempestade, vinda do oeste, e dela ergueu-se em majestade Ulmo, o Senhor das Águas, que falou com Tuor enquanto este estava junto ao Mar. E Ulmo lhe ordenou que partisse daquele local e saísse em busca do reino oculto de Gondolin. E deu a Tuor um grande manto que o envolveria em sombras para protegê-lo dos olhos dos inimigos De manhã, porém, quando a tempestade passara, Tuor deparou com um elfo em pé ao lado das muralhas ele Vinyamar. Era Voronwë, filho de Aranwë, de Gondolin, que partira na última embarcação enviada por

Turgon para o oeste. No entanto, quando esse barco, retornando afinal dos oceanos profundos, afundou na forte tempestade à vista do litoral da Terra-média, Ulmo o alçou, somente a ele entre todos os marinheiros, e o lançou à terra perto de Vinyamar. E, ao saber da ordem dada a Tuor pelo Senhor das Águas, Voronwë encheu-se de admiração e não se recusou a orientá-lo até as portas ocultas de Gondolin. Partiram portanto daquele lugar e, à medida que o Inverno Mortal daquele ano se abatia sobre eles, vindo do norte, seguiam com cautela, para o leste, acompanhando os sopés das Montanhas Sombrias.

Finalmente, chegaram em sua jornada às Lagoas de Ivrin e viram com tristeza a profanação ali provocada pela passagem de Glaurung, o Dragão. Entretanto, no instante em que contemplavam as lagoas, perceberam alguém que passava apressado rumo ao norte; e era um homem alto, trajado de negro, que portava uma espada negra. Não sabiam, porém, quem ele era, nem tinham notícia de nada que houvesse acontecido no sul. E ele passou pelos dois, sem que dissessem palavra.

E afinal, pelo poder que Ulmo lhes havia conferido, chegaram à porta oculta de Gondolin, desceram pelo túnel, chegaram ao portão interno e foram tomados prisioneiros pela guarda.

Foram então levados a subir pela profunda ravina de Orfalch Echor, bloqueada por sete portões, e apresentados a Ecthelion da Fonte, o guarda do enorme portão ao fim do caminho escarpado. E ali Tuor tirou o manto; e pelas armas que portava de Vinyamar ficou evidente que ele era com efeito o enviado de Ulmo. Então Tuor contemplou o belo vale de Tumladen, engastado como uma pedra preciosa verde no meio das colinas circundantes. E viu ao longe, sobre a elevação rochosa do Amon Gwareth, Gondolin, a esplêndida, a cidade dos sete nomes, cuja fama e glória é a maior em verso de todas as moradas dos elfos nas Terras de Cá. Por ordem de Ecthelion, nas torres do grande portão soaram clarins que ecoaram pelas colinas. E muito distante, porém com nitidez, veio o som de clarins que soavam em resposta, oriundo das alvas muralhas da cidade, coloridas pelo rosado alvorecer sobre a planície.

Foi assim que o filho de Huor atravessou Tumladen e chegou ao portão de Gondolin E, tendo subido pela larga escadaria da cidade, foi afinal levado à Torre do Rei e viu as imagens às Árvores de Valinor. Estava Tuor, então, diante de Turgon, filho de Fingolfin, Rei Supremo dos noldor; e à mão direita do Rei estava em pé Maeglin, filho de sua irmã; enquanto à sua mão esquerda estava sentada Idril Celebrindal, sua filha. E todos os que ouviram a voz de Tuor ficaram maravilhados, duvidando ser verdade que esse fosse um homem da raça mortal, pois suas palavras eram as palavras do Senhor das Águas que lhe ocorriam naquele momento. E ele avisou Turgon que a Maldição de Mandos estava prestes a se cumprir, ocasião na qual todas as obras dos noldor deveriam desaparecer; e recomendou que partisse, abandonando a bela e poderosa cidade que construíra, e que descesse o Sirion até o Mar.

Turgon então refletiu por muito tempo sobre o conselho de Ulmo. Vieram-lhe à mente as palavras que lhe haviam sido ditas em Vinyamar: “Não tenhas, porém, amor em excesso pela obra de tuas mãos e pelas invenções de teu coração Lembra-te de que a verdadeira esperança dos noldor está no oeste e vem do Mar.” Entretanto, Turgon fora dominado pelo orgulho, e Gondolin se tornara bela como uma lembrança da Tirion élfica. E Turgon ainda confiava no segredo de sua localização, bem como em sua força inexpugnável, muito embora um Vala as negasse. Além disso, depois da Nimaeth Amoediad, o povo daquela cidade desejara nunca mais se intrometer nas desgraças de elfos e homens de fora nem voltar ao oeste passando por perigos e pavores. Cercados atrás de colinas encantadas e sem trilhas, eles não permitiam a entrada a ninguém, mesmo que estivesse fugindo de Morgoth, perseguido pelo ódio. E as notícias das terras lá fora

chegavam a eles sem impacto, distantes e eles não lhes davam grande atenção. Os espiões de Angband procuravam por eles em vão; e sua morada era como um rumor e um segredo que ninguém conseguia desvendar. Maeglin sempre se manifestava contra Tuor nos conselhos do Rei, e suas palavras pareciam ter mais peso ainda por acompanhar o desejo de Turgon. E, afinal, Turgon recusou o convite de Ulmo e rejeitou sua opinião. No entanto, na advertência do Vala, ele mais uma vez ouvia as palavras que haviam sido ditas diante dos noldor que tinham partido, no litoral de Araman, muito tempo antes E o medo da traição despertou no coração de Turgon. Portanto, nessa mesma época. A própria entrada da porta secreta nas Montanhas Circundantes foi bloqueada; e dali em diante ninguém jamais saiu de Gondolin em missão alguma, fosse de guerra, fosse de paz, enquanto a cidade resistiu.

Thorondor, Senhor das Águias, trouxe notícias da queda de Nargothrond, mais tarde, do assassinato de Thingol e de Dior, seu herdeiro, e cia destruição de Doriath. Turgon, porém, fechava os ouvidos a relatos das desgraças no mundo lá fora, e jurou jamais marchar ao lado de qualquer filho de Fëanor. E proibiu seu povo de cruzar o círculo de proteção das colinas.

E Tuor permaneceu em Gondolin, pois sua bem-aventurança, sua beleza e a sabedoria de seu povo o fascinavam. E ele se tomou poderoso no físico e na mente, e adquiriu profundos conhecimentos das tradições dos elfos Exilados. Então, o coração de Idril voltou-se para ele; e o dele para ela. E o ódio secreto de Maeglin cresceu cada vez mais, pois acima de tudo ele desejava possuí-la, a única herdeira do Rei de Gondolin. Contudo, em tão alta estima Tuor era tido pelo Rei, que, quando havia completado ali sete anos de moradia, Turgon não lhe recusou a mão de sua filha. Pois, embora não desse ouvidos à recomendação de Ulmo, percebia que o destino dos noldor estava entrelaçado com aquele que fora enviado por Ulmo. E não se esquecia das palavras que Huor lhe dissera antes que o exército de Gondolin abandonasse a Batalha das Lágrimas Incontáveis.

Realizou-se então uma festa esplêndida e muito alegre, pois Tuor conquistara o coração de todos, à exceção de Maeglin e seus seguidores secretos. Assim, veio a ocorrer a segunda união entre elfos e homens.

Na primavera do ano seguinte nasceu em Gondolin Eärendil Meio-elfo, filho de Tuor e Idril Celebrindal; e isso se deu quinhentos e três anos depois da chegada dos noldor a Terra-média.

De extraordinária beleza era Eärendil, pois uma luz refulgia em seu rosto como a luz dos céus; e ele herdara a beleza e a sabedoria dos elfos, bem como a força e a resistência dos homens de outrora; e em seus ouvidos e coração falava sempre o Mar, exatamente como acontecia com Tuor, seu pai.

Naquela época, os dias de Gondolin ainda eram cheios de alegria e paz; e ninguém sabia que a região em que se localizava o Reino Oculto havia sido finalmente revelada a Morgoth pelos gritos de Húrin, quando, parado nos ermos do lado de fora das Montanhas Circundantes e sem descobrir nenhuma estrada, chamara desesperado por Turgon. Dali em diante, o pensamento de Morgoth voltou-se, sem trégua, para a terra montanhosa entre o Anach e o curso superior do Sirion, por onde seus servos nunca passavam. No entanto, nenhum espião ou criatura saída de Angband conseguira ainda chegar até ali em decorrência da vigilância das águias, e Morgoth via frustrar-se a realização de seus desígnios. Idril Celebrindal, porém, era sábia e previdente seu coração a perturbava com suspeitas, e pressentimentos iam encobrindo seu espírito como uma nuvem. Por esse motivo, nessa época, mandou preparar um caminho secreto, que deveria partir da cidade e, passando por baixo da planície, sair bem distante do outro lado das muralhas, ao norte

do Amon Gwareth. E conseguiu que a obra fosse do conhecimento de poucos, sem que nenhum rumor dela chegasse aos ouvidos de Maeglin.

Ora, numa época em que Eärendil ainda era pequeno, Maeglin perdeu-se. Pois, como já foi dito, mais do que qualquer outra atividade, ele adorava minerar e escavar em busca de metais.

E era mestre e líder dos elfos que trabalhavam nas montanhas longe da cidadã, à procura de metais para forjar objetos tanto de paz quanto de guerra. Era porém freqüente que Maeglin, com poucos de seus seguidores, ultrapassasse o esconderijo das colinas; e o Rei não sabia que sua ordem estava sendo desrespeitada. Quis o destino que ocorresse de Maeglin ser capturado por orcs e levado a Angband. Maeglin não era nenhum fracote, nem era covarde, mas os tormentos com que foi ameaçado intimidaram seu espírito, e ele comprou sua vida e sua liberdade revelando a Morgoth a localização exata de Gondolin e os caminhos pelos quais a cidade poderia ser encontrada e atacada. Com efeito, foi imenso o júbilo de Morgoth, e ele prometeu a Maeglin o domínio sobre Gondolin na qualidade de seu vassalo, e a posse de Idril Celebrindal, quando a cidade fosse tomada. E de fato o desejo por Idril e o ódio a Tuor levaram Maeglin com maior facilidade à traição, a mais infame em todas as histórias dos Dias Antigos, Morgoth, porém, mandou-o de volta a Gondolin, para que ninguém suspeitasse da perfídia e para que Maeglin ajudasse a invasão de dentro, quando chegasse a hora. E Maeglin permaneceu nos salões do Rei com um sorriso nos lábios e a maldade no coração, enquanto as trevas iam ficando cada vez mais densas em torno de Idril Finalmente, no ano em que Eärendil completou sete anos, Morgoth considerou-se pronto e soltou sobre Gondolin seus balrogs, seus orcs e seus lobos. E com eles vieram dragões da linhagem de Glaurung, que agora eram muitos e terríveis. O exército de Morgoth veio pelas colinas do norte, onde a altura era maior e a guarda menos vigilante; e chegou à noite na ocasião de uma festa, quando todos os habitantes de Gondolin estavam sobre as muralhas para esperar o Sol nascente e entoar suas canções quando ele raiasse. Pois o dia seguinte era o da grande festa que chamavam de Portal do Verão. No entanto, a luz vermelha escalou as colinas no norte, não no leste. E não houve como deter o avanço do inimigo até que eles chegaram às próprias muralhas de Gondolin, e a cidade foi sitiada sem esperanças. Dos atos de bravura desesperada ali realizados pelos comandantes das Casas nobres e seus guerreiros, não sendo os de Tuor os menos importantes, muito está relatado em A Queda de Gondolin: do combate de Ecthelion da Fonte com Gothmog, Senhor dos balrogs, na própria praça do Rei, no qual cada um matou o outro; da defesa da torre de Turgon por integrantes da própria família, até a torre ser derrubada; e tremendas foram sua queda e a queda de Turgon, em suas ruínas.

Tuor procurou salvar Idril do saque da cidade, mas Maeglin se havia apoderado dela e de Eärendil; e Tuor lutou com Maeglin nas muralhas e o lançou a distância. E seu corpo, ao cair, bateu três vezes nas encostas rochosas do Amon Gwareth antes de mergulhar nas chamas lá embaixo. Então Tuor e Idril conduziram os remanescentes do povo de Gondolin que puderam arrebanhar na confusão do incêndio pelo caminho secreto que Idril havia construído. E dessa passagem os capitães de Angband nada sabiam, nem cogitavam que algum fugitivo seguisse por um caminho para o norte, na direção das regiões mais altas das montanhas e mais próximas de Angband. A fumaça do incêndio e o vapor das belas fontes de Gondolin, secando com as labaredas dos dragões do norte, pairavam sobre o vale de Tumladen em nevoeiros tristonhos. E esse foi um auxílio para a fuga de Tuor e seus companheiros, pois ainda havia um percurso longo e descoberto a fazer da boca do túnel ao sopé das montanhas. Mesmo assim, lá chegaram e, embora sem nenhuma esperança, subiram em meio a tormentos e aflição, pois os pontos altos eram

gelados e terríveis, e entre eles, havia muitos que estavam feridos, além de mulheres e crianças.

Havia uma passagem medonha, chamada Cirith Thoronath, Fenda das Águias, na qual, à sombra dos picos mais altos, uma trilha estreita seguia sinuosa. À direita, havia uma muralha íngreme, e à esquerda, um precipício apavorante caía no vazio. Ao longo desse caminho estreito. A marcha deles avançava em fila quando foi emboscada por orcs, pois Morgoth havia espalhado vigias em todos os lados nas colinas circundantes. E com eles havia um balrog. Foi então horrendo seu sofrimento, e dificilmente teriam sido salvos pela bravura do louro Glorfindel, líder da Casa da Flor Dourada de Gondolin, se Thorondor não tivesse chegado a tempo em seu auxílio.

Muitos são os versos que cantaram o duelo de Glorfindel com o balrog no cume de um rochedo naquelas alturas. E os dois caíram para a morte no abismo. No entanto, as águias chegaram, arremessando-se sobre os orcs, que fugiram dali, aos berros. E todos foram mortos ou jogados nas profundezas, de modo que só muito tempo depois chegaram aos ouvidos de Morgoth rumores sobre a fuga de Gondolin. Thorondor, então, tirou o corpo de Glorfindel do abismo. E eles o enterraram num túmulo de pedras ao lado da passagem. E ali surgiu uma relva verde, e flores amarelas se abriram em meio à aridez da pedra, até o mundo se transformar Assim, conduzidos por Tuor, filho de Huor, os sobreviventes de Gondolin transpuseram as montanhas e desceram para o Vale do Sirion. E em fuga para o sul, em marcha fatigante e perigosa, chegaram finalmente a Nan-tathren, a Terra dos Salgueiros, pois o poder de Ulmo ainda fluía no grande rio e os envolvia. Ali, descansaram por algum tempo e se curaram dos ferimentos e da exaustão; mas não conseguiam se curar da dor. Fizeram, então, uma festa em memória de Gondolin e dos elfos que lá pereceram, das donzelas, das esposas e dos guerreiros do Rei. E por Glorfindel, o Amado, muitos foram os versos que cantaram à sombra dos salgueiros de Nan-tathren. Ali, Tuor compôs para Eärendil, seu filho, uma canção que falava da vinda de Ulmo, o Senhor das Águas, às praias de Nevrast, num passado remoto. E o anseio pelo Mar despertou em seu coração, e também no de seu filho. Por isso, Idril e Tuor partiram de Nan-tathren e seguiram para o sul, rio abaixo até o Mar. E permaneceram ali junto às Fozes do Sirion; e uniram seu povo àquele que acompanhava Elwing, filha de Dior, que havia fugido para ali pouco tempo antes. E, quando chegaram a Balar notícias da queda de Gondolin e da morte de Turgon, Ereinion Gil-galad, filho de Fingon, foi designado Rei Supremo dos noldor na Terra-média.

Morgoth, porém, acreditou que sua vitória estivesse completa, fazendo pouco caso dos filhos de Fëanor e de seu Juramento, que nunca o haviam atingido e sempre acabavam resultando em maior proveito seu. E, em seu pensamento sinistro, ele riu, sem lamentar a Silmaril que havia perdido, pois com ela, a seu ver, os últimos vestígios do povo dos eldar deveriam desaparecer da Terra-média e não mais perturbá-lo. Se sabia das moradas junto às águas do Sirion, não deu sinal, esperando sua hora e contando com os resultados do Juramento e da mentira. Contudo, às margens do Sirion e do Mar foi crescendo um povo élfico, o que sobrara de Doriath e Gondolin. E, de Balar; os marinheiros de Círdan vieram unir-se a eles, e eles se acostumaram às ondas e à construção de barcos, sempre morando perto das costas de Arvernien, sob a proteção da mão de Ulmo.

Diz-se também que naquela época Ulmo saiu das águas profundas para ir a Valinor; e lá falou aos Valar da necessidade dos elfos. E lhes implorou que perdoassem os elfos e os salvassem do poder avassalador de Morgoth, que recuperassem as Silmarils, somente nas quais refulgia agora a luz dos Dias de Bem-aventurança, quando as Duas Árvores ainda brilhavam em Valinor.

Manwë, porém, não moveu um dedo; e das opiniões de seu coração que história falará? Os sábios disseram que ainda não era chegada a hora e que somente alguém que falasse em pessoa pela causa tanto dos elfos quanto dos homens, implorando perdão por suas maldades e compaixão por suas desgraças, poderia mudar as decisões dos Poderes; e o Juramento de Fëanor talvez nem mesmo Manwë pudesse anular, enquanto não fosse cumprido, e os filhos de Fëanor desistissem das Silmarils sobre as quais haviam reivindicado cruelmente seu direito.

Pois a luz que iluminava as Silmarils os próprios Valar haviam criado.

Naquele tempo, Tuor sentiu a velhice começar a atacá-lo, e um anseio cada vez maior pelas profundezas do Mar se fortalecia em seu coração. Por isso, construiu um grande barco e lhe deu o nome de Eärrámë, que significa Asa-do-mar. E, com Idril Celebrindal, zarpou na direção do pôr-do-sol e do oeste, e nunca mais apareceu em prosa ou em verso. Em dias mais recentes, porém, contou-se que apenas Tuor, de todos os homens mortais, foi incluído entre os da raça élfica, e se reuniu aos noldor, que amava. E seu destino é separado do destino dos homens.

CAPÍTULO XXIV
Da viagem de Eärendil e da Guerra da Ira

O luminoso Eärendil era então senhor do povo que habitava perto das Fozes do Sirion; e tomou como esposa Elwing, a Bela, que lhe deu dois filhos, Elrond e Elros, chamados de meio-elfos.

Eärendil, entretanto, não conseguia manter-se tranqüilo, e suas viagens pelo litoral das Terras de Cá não aplacavam seu desassossego. Cresciam em seu coração dois propósitos, fundidos em um no anseio pelo Mar aberto: queria sair navegando, em busca de Tuor e Idril, que não voltavam; e pretendia encontrar talvez a última praia e levar aos Valar no oeste, antes de morrer, a mensagem de elfos e homens que comovesse seus corações a ter misericórdia pelos sofrimentos da Terra-média.

Ora, Eärendil fizera forte amizade com Círdan, o Armador, que morava na Ilha de Balar com aqueles de seu povo que haviam escapado do saque aos Portos de Brithombar e Eglarest. Com o auxílio de Círdan, Eärendil construiu Vingilot, a Flor-de-espuma, o mais belo de todos os barcos descritos em versos. Dourados eram seus remos e alvas suas madeiras, cortadas nos bosques de bétulas de Nimbrethil, e suas velas eram como a Lua prateada. Na Balada de Eärendil são relatadas muitas de suas aventuras no oceano e em terras desconhecidas, em muitos mares e muitas ilhas; mas Elwing não estava com ele e permanecia, pesarosa, junto às Fozes do Sirion.

Eärendil não encontrou Tuor nem Idril, nem chegou jamais nessa viagem às costas de Valinor, derrotado por sombras e encantamentos. Levado por ventos contrários. Até que, com saudades de Elwing, dirigiu o barco de volta para o litoral de Beleriand. E seu coração lhe pedia que se apressasse, pois um súbito temor se abatera sobre ele, originado em seus sonhos que os ventos com os quais antes lutara agora talvez não o levassem de volta com a rapidez desejada Ora, quando lhe chegou a notícia de que Elwing ainda vivia e morava de posse da Silmaril junto às Fozes do Sirion, Maedhros, arrependido do que acontecera em Doriath, se conteve.

Com o tempo, entretanto, a consciência do Juramento não cumprido voltou a

atormentá-lo e a seus irmãos. E, voltando de seus passeios em trilhas de caça, reuniam-se e enviaram aos Portos mensagens de amizade, mas de séria exigência. Então, Elwing e o povo do Sirion não se dispuseram a entregar a pedra preciosa que Beren conquistara e Lúthien usara e pela qual Dior, o Belo, fora morto. Menos ainda enquanto Eärendil, seu senhor, estava em viagem, pois tinham a impressão de que na Silmaril residiam a cura e as bênçãos que cobriam suas casas e embarcações. E assim veio a ocorrer à última e mais cruel das chacinas de elfos por elfos, e esse foi o terceiro dos grandes males decorrentes do Juramento maldito Pois os filhos de Fëanor que ainda estavam vivos atacaram de repente os exilados de Gondolin e os remanescentes de Doriath e os destruíram. Nessa batalha, alguns de seu próprio povo ficaram de lado; e uns poucos se rebelaram e foram mortos, lutando do lado contrário, ajudando Elwing contra seus próprios senhores (tais eram a dor e a confusão nos corações dos elfos naquele tempo). Porém, Maedhros e Maglor saíram vencedores, embora daí em diante só restassem eles dos filhos de Fëanor, já que Amrod e Amras haviam sido mortos. Com muito atraso chegaram apressados os barcos de Círdan e Gil-galad, o Rei Supremo, em auxílio dos elfos do Sirion, e Elwing se fora, bem como seus filhos. Então, aqueles poucos que não haviam perecido no ataque se juntaram a Gil-galad e foram com ele para Balar. E contaram que Elros e Elrond tinham sido feitos prisioneiros, mas que Elwing, com a Silmaril ao peito, se jogara ao mar.

Portanto, Maedhros e Maglor não conseguiram a pedra preciosa; mas ela não se perdera. Pois Ulmo erguera Elwing das ondas e lhe dera a aparência de uma grande ave branca. E em seu peito brilhava, como uma estrela, a Silmaril, enquanto ela voava sobre as águas em busca de Eärendil, seu amado. A certa hora da noite, Eärendil, no leme de seu barco, percebeu que ela vinha em sua direção, como uma nuvem branca de velocidade extraordinária à luz da Lua, como uma estrela acima do Mar, fazendo uma trajetória estranha, uma chama pálida nas asas de uma tempestade. Contam os versos que ela caiu do ar sobre as madeiras de Vingilot, desmaiada, quase morta, pelo ímpeto de sua velocidade, e Eärendil a abraçou junto ao peito.

Pela manhã, porém, com olhos maravilhados, ele viu a esposa em sua própria forma, a seu lado, com o cabelo jogado sobre o rosto, adormecida.

Imensa foi à tristeza de Eärendil e Elwing com a destruição dos Portos do Sirion e com o cativeiro de seus filhos. E eles temiam que as crianças fossem mortas, mas isso não ocorreu.

Pois Maglor apiedou-se de Elros e Elrond, tratou-os com carinho, e o amor depois surgiu entre eles, como seria difícil imaginar. Mas o coração de Maglor estava abatido e extenuado com o peso do terrível Juramento.

Já Eärendil não via restar mais esperança alguma no território da Terra-média, e mais uma vez se voltou em desespero e não retornou para casa, mas mudou o curso para procurar Valinor novamente, com Elwing a seu lado. Passava a maior parte do tempo na proa de Vingilot, e a Silmaril estava atada à sua testa. E, quanto mais penetravam no oeste, mais sua luz aumentava.

Dizem os sábios que foi graças ao poder dessa pedra sagrada que, com o tempo, eles chegaram às águas que nenhuma embarcação, a não ser as dos teleri, havia conhecido. E chegaram às Ilhas Encantadas, e escaparam de seu encantamento; entraram pelos Mares Sombrios e superaram suas sombras; e avistaram Tol Eressëa, a Ilha Solitária, mas ali não se detiveram. E afinal lançaram âncora na Baía de Eldamar. Os teleri viram a chegada daquela embarcação, vinda do leste, e ficaram pasmos, contemplando de longe a luz da Silmaril, que era fortíssima.

Então Eärendil, como primeiro entre os homens vivos, desembarcou nas praias imortais. E ali falou com Elwing e com aqueles que o acompanhavam, três marinheiros

que haviam navegado por todos os mares com ele Falathar, Erellont e Aerandir eram seus nomes.

- Aqui ninguém, a não ser eu vai pôr os pés – disse-lhes, então -, para que não caia sobre vocês a ira dos Valar. Mas esse risco eu vou correr sozinho, pelo bem das Duas Famílias.

- Nesse caso – respondeu, porém, Elwing -, nossos caminhos se separam para sempre, mas todos os teus riscos eu assumo para mim também – E mergulhou na espuma branca, correndo na sua direção. Eärendil, no entanto, ficou pesaroso por temer que a cólera dos Senhores do Oeste recaísse sobre qualquer um da Terra-média que ousasse transpor os limites de Aman.

E ali eles se despediram dos companheiros de viagem e se separaram deles para sempre.

- Espere por mim aqui – disse então Eärendil a Elwing -, pois somente uma pessoa pode levar a mensagem que é meu destino portar – E seguiu sozinho terra adentro, entrou na Calacirya e tudo lhe pareceu vazio e silencioso. Pois, exatamente como Morgoth e Ungoliant, eras atrás, agora Eärendil chegava numa época de festividades e praticamente todo o povo élfico estava em Valimar ou reunido nos salões de Manwë sobre Taniquetil e poucos montavam guarda nas muralhas de Tirion.

Alguns porém o avistaram de longe, bem como a forte luz que trazia; e esses correram às pressas até Valimar. Mas Eärendil subiu a colina verde de Túna e a encontrou deserta; entrou nas ruas de Tirion. E elas estavam vazias; e sentiu um peso no coração, pois temia que algum mal tivesse atingido até mesmo o Reino Abençoado. Caminhou nas vias desertas de Tirion, e a poeira sobre seus trajes e seus sapatos era uma poeira de diamantes; e ele brilhava e cintilava enquanto subia a longa escadaria branca. E chamou em voz alta em muitos idiomas, tanto de elfos quanto de homens, mas não havia ninguém para lhe dar resposta. Por isso, afinal, voltouse novamente para o Mar; mas, no exato momento em que tomava a estrada para o litoral, alguém parado no alto do morro o chamou, com voz retumbante.

- Salve, Eärendil, dos marinheiros o mais famoso, o esperado que chega sem ser percebido, o desejado que chega depois da última esperança! Salve, Eärendil, portador da luz anterior ao Sol e à Lua! Esplendor dos Filhos da Terra, estrela nas trevas, jóia no pôr-do-sol, radiante na manhã!

Essa era a voz de Eönwë, arauto de Manwë. E ele vinha de Valimar e convocava Eärendil a se apresentar diante dos Poderes de Arda. E Eärendil entrou em Valinor, foi aos palácios de Valimar e nunca mais pôs os pés nas terras dos homens. Então os Valar se reuniram em conselho e convocaram Ulmo, das profundezas do mar. E Eärendil se apresentou diante deles e cumpriu sua missão em nome das Duas Famílias. Perdão pediu ele para os noldor e compaixão por seu enorme sofrimento; pediu também piedade para homens e elfos, e auxílio em sua necessidade. E sua súplica foi concedida.

Diz-se entre os elfos que, depois que Eärendil se fora, em busca de sua mulher, Elwing, Mandos falou a respeito de seu destino.

- Pisará um homem mortal em terras imortais, e continuará vivo? - disse ele.

- Para isso foi ele trazido ao mundo – disse, porém, Ulmo. - Diga-me então se ele é Eärendil, filho de Tuor da linhagem de Hador, ou se é filho de Idril, filha de Turgon, da Casa élfica de Finwë.

- É indiferente – respondeu Mandos. - Os noldor, que se exilaram pela própria vontade, não poderão voltar para cá.

Entretanto, no final do debate, Manwë tomou sua decisão.

- Nessa questão, o poder de decidir pertence a mim. O risco ao qual ele se expôs

por amor às Duas Famílias não se abaterá sobre Eärendil, nem sobre Elwing, sua esposa, que correu o risco por amor a ele. Contudo, eles não voltarão a caminhar entre elfos ou homens nas Terras de Fora. E esta é minha sentença sobre eles: Eärendil e Elwing, bem como seus filhos, terão permissão cada um de escolher livremente a que família seus destinos serão vinculados, e de acordo com que família serão julgados.

Ora, quando fazia mulato tempo que Eärendil se fora, Elwing sentiu solidão e medo; e, perambulando pela beira-mar, chegou perto de Alqualondë, onde ficavam as frotas dos teleri.

Ali os teleri foram amáveis com ela e escutaram suas histórias de Doriath, Gondolin e dos tormentos de Beleriand, enchendo-se de compaixão e assombro. E ali Eärendil, ao retornar, a encontrou, no Porto dos Cisnes. Antes, porém que se passasse muito tempo, eles foram convocados a Valimar e lá foram informados da decisão do Rei Mais Velho.

- Escolhe tu – disse então Eärendil a Elwing -, pois agora estou cansado do mundo – E Elwing preteriu ser julgada entre os Primogênitos dos Filhos de Ilúvatar, por causa de Luthien; e por amor a ela Eärendil fez a mesma escolha, embora seu coração preferisse a família dos homens e o povo de seu pai. Então, por ordem dos Valar, Eönwë foi até o litoral de Aman, onde os companheiros de Eärendil ainda permaneciam, à espera de notícias; e levou um barco no qual foram postos os três marinheiros. E os Valar os empurraram para o leste com um vento fortíssimo. Tomaram, porém, Vingilot e a consagraram. E Vingilot atravessou Valinor carregada até o limite extremo do mundo; e ali ela passou pela Porta da Noite e foi alçada aos oceanos do firmamento.

Nesse momento, aquela embarcação foi tornada bela e esplêndida e se encheu com uma chama tremeluzente, pura e brilhante. E Eärendil, o marinheiro. Postou-se ao leme, cintilando com pó de pedras élficas e tendo a Silmaril atada à testa. Muito viajou ele naquela embarcação, penetrando mesmo nos vazios desprovidos de estrelas. Mas com maior freqüência era visto pela manhã ou ao entardecer, refulgindo na aurora ou no pôr-do-sol, quando voltava a Valinor de viagens para além dos confins do mundo.

Nessas viagens, Elwing não ia, pois poderia não suportar o frio e os vazios inexplorados, e ela preteria muito mais a terra e os ventos suaves que sopram em mares e colinas. Por isso, para ela foi construída uma torre alva ao norte, junto às margens dos Mares Divisores. E para lá em certas ocasiões todas as aves marinhas afluíam. Diz-se também que Elwing aprendeu as línguas dos pássaros, ela mesma que no passado havia usado sua forma. E eles lhe ensinaram a arte do vôo; e suas asas eram brancas e cinza-prateadas. E às vezes, quando, ao retomar, Eärendil se aproximava novamente de Arda, costumava sair voando ao seu encontro, exatamente como voara no passado longínquo, quando fora salva do mar. Então, os de melhor visão entre os elfos que habitavam a Ilha Solitária a viam como uma ave branca, luminosa, rosada, ao pôr-do-sol, quando levantava vôo, feliz, para cumprimentar Vingilot em sua chegada ao porto.

Ora, quando Vingilot foi posta pela primeira vez a navegar pelos mares do firmamento, ela surgiu de modo inesperado, brilhante, a refulgir. E o povo da Terra-média a contemplou de longe, perguntando-se o que seria. E a consideraram um sinal, e a chamaram de Gil-Estel, Estrela da Grande Esperança. E, quando essa nova estrela foi vista ao entardecer, Maedhros falou com Maglor, seu irmão.

- Sem dúvida, deve ser uma Silmaril aquilo que agora brilha lá no oeste.

- Se for de fato a Silmaril – respondeu Maglor – que vimos ser lançada ao mar e que se ergue novamente pelo poder dos Vaiar, então devemos nos alegrar. Pois sua glória é agora vista por muitos e, mesmo assim, ela está a salvo de todo mal. - Então os elfos olharam para cima e não mais se desesperaram; mas Morgoth estava cheio de dúvidas.

Diz-se, porém, que Morgoth não esperava o ataque que se abateu sobre ele, vindo do oeste; pois tamanho se tornara seu orgulho, que ele achava que ninguém jamais iniciaria uma guerra aberta contra ele. Além disso, acreditava que havia para sempre separado os noldor dos Senhores do Oeste; e que, satisfeitos com seu reino bem-aventurado, os Valar não mais dariam atenção ao domínio de Morgoth sobre o mundo lá fora. Pois, para aquele que é impiedoso, os atos de compaixão são sempre estranhos e estão fora do alcance de sua compreensão. No entanto, as hostes dos Valar se preparavam para o combate; e sob seus estandartes brancos marcharam os vanyar, o povo de Ingwë, e aqueles dos noldor que nunca tinham saído de Valinor, cujo líder era Finarfin, filho de Finwë. Poucos dos teleri estavam dispostos a entrar em guerra, já que se lembravam da chacina do Porto dos Cisnes e do roubo de suas embarcações.

Deram, porém, ouvidos a Elwing, filha de Dior Eluchíl, descendente de seu próprio povo, e mandaram marinheiros em número suficiente para manejar os barcos que levaram pelo mar o exército de Valinor para o leste. Mesmo assim, esses marinheiros ficaram a bordo, e nenhum deles jamais pôs os pés nas Terras de Cá.

Sobre a marcha do exército dos Valar até o norte da Terra-média, pouco foi contado em qualquer relato. Pois, entre eles, não seguia nenhum daqueles elfos que haviam morado e sofrido nas Terras de Cá e que escreveram as histórias daquele tempo ainda hoje conhecidas. E notícias desses fatos eles só tiveram muito tempo depois, por meio de parentes, em Aman.

Afinal, porém, o poderio de Valinor surgiu, vindo do oeste, e o desafio dos clarins de Eönwë encheu os céus. E Beleriand fulgurou com o esplendor de suas armas, pois as hostes dos Valar se apresentavam sob formas jovens, belas e terríveis, e as montanhas ressoavam sob seus pés.

O confronto dos exércitos do oeste e do norte é chamado de Grande Batalha e de Guerra da Ira.

Para ela, reuniu-se todo o poder do Trono de Morgoth, e ele assumiu dimensões tão extraordinárias. Que não houve espaço em Anfauglith para contê-lo; e todo o norte se inflamou com a guerra

De nada lhe adiantou, porém. Os balrogs foram destruídos, a não ser por uns poucos que fugiram e se esconderam em cavernas inacessíveis, enraizadas na terra; e as inúmeras legiões de orcs pereceram como palha num grande incêndio ou foram varridas como folhas murchas diante de um vento causticante. Poucos sobraram para perturbar o mundo por muitos anos. E aqueles poucos que restavam das três Casas de amigos-dos-elfos, Ancestrais dos homens, lutaram do lado dos Vaiar. E nesses dias vingaram Baragund e Barahir, Galdor e Gundor, Huor e Húrin, e muitos outros de seus senhores. Entretanto, um grande contingente de filhos de homens, fosse do povo de Uldor, fosse de outros povos recém-chegados do leste, marchou com o Inimigo. E disso os elfos não se esquecem.

Vendo, então, que seus exércitos estavam derrotados, e seu poder, disperso, Morgoth se acovardou e não ousou entrar ele mesmo em combate. Soltou, porém, sobre os inimigos o último ataque de desespero que havia preparado; e dos fossos de Angband saíram os dragões alados que nunca haviam sido vistos. E tão súbita e desastrosa foi a investida dessa terrível esquadrilha, que o exército dos Valar foi forçado a recuar, pois a chegada dos dragões veio acompanhada de fortes trovões, relâmpagos e uma tempestade de fogo.

Eärendil apareceu, porém, refulgindo em luz branca, e em torno de Vingilot estavam reunidas todas as grandes aves dos céus, com Thorondor como comandante. E houve batalha no ar o dia inteiro e toda uma noite escura de dúvidas. Antes que nascesse

o Sol, Eärendil matou Ancalagon, o Negro, o mais poderoso do exército de dragões, e o lançou das alturas. O dragão caiu sobre as torres das Thangorodrim, que foram destruídas com sua queda. Nasceu então o Sol, e o exército dos Valar saiu vencedor, enquanto quase todos os dragões foram exterminados. E todas as escavações de Morgoth foram destruídas e expostas a céu aberto; e o poder dos Valar penetrou nas profundezas da terra. Ali Morgoth finalmente ficou acuado, e mesmo assim continuou sem coragem. Fugiu para as mais profundas de suas minas e implorou paz e perdão; mas seus pés foram decepados e ele foi jogado de bruços no chão. Foi então amarrado com a corrente Angainor que usara no passado; e sua coroa de ferro foi batida para servir-lhe de coleira; e dobraram sua cabeça sobre os joelhos. E as duas Silmarils que restavam a Morgoth foram retiradas de sua coroa; e brilharam imaculadas a céu aberto. E Eönwë as apanhou e as guardou.

Assim teve fim o poder de Angband no norte, e o reino do mal foi aniquilado. E das prisões profundas uma multidão de escravos, já sem nenhuma esperança, saiu para a luz do dia; e encontrou um mundo que estava mudado. Pois tamanha foi a fúria daqueles adversários, que as regiões setentrionais do mundo ocidental se partiram, e o mar invadiu com estrondo muitos abismos, e houve confusão e enorme barulho. E rios pereceram ou descobriram novos leitos, e os vales foram elevados, e as colinas, arrasadas; e o Sirion deixou de existir.

Então, Eönwë, como arauto do Rei Mais Velho, convocou os elfos de Beleriand para partir da Terra-média. Maedhros e Maglor, porém, não quiseram obedecer; e, apesar de estarem então exaustos e cheios de ódio, prepararam-se para tentar em desespero cumprir seu Juramento.

Pois, se elas lhes fossem recusadas, eles teriam combatido pelas Silmarils até contra o vitorioso exército de Valinor, mesmo que estivessem sozinhos contra o mundo inteiro. E enviaram portanto uma mensagem a Eönwë, exigindo que ele entregasse naquele momento as pedras que outrora Fëanor, seu pai, havia criado e que Morgoth lhes roubara.

Eönwë respondeu. Porém, que o direito à obra de seu pai, que os filhos de Fëanor anteriormente possuíam, estava agora extinto, por causa de seus inúmeros feitos impiedosos, decorrentes da cegueira provocada pelo Juramento; e, acima de tudo, pelo assassinato de Dior e pelo ataque aos Portos. A luz das Silmarils deveria agora ir para o oeste de onde no princípio viera. E a Valinor Maedhros e Maglor deveriam retornar, para lá aguardar o julgamento elos Valar, pois, somente por ordem expressa dos Valar. Eönwë entregaria as pedras que estavam sob sua responsabilidade. Nesse momento, Maglor com efeito desejou ceder, pois seu coração estava pesaroso.

- O Juramento não nos proíbe de dar tempo ao tempo – disse ele, então -, e pode ser que em Valinor tudo seja perdoado e esquecido; e que atinjamos nosso objetivo em paz.

Respondeu, porém, Maedhros que, se retornassem a Aman, e a graça dos Valar não lhes fosse concedida, seu Juramento ainda assim permaneceria, mas seu cumprimento estaria fora do alcance de qualquer esperança.

- Quem pode dizer a terrível sina que se abaterá sobre nós se desobedecermos aos Poderes em sua própria terra – perguntou ele -, ou se nos propusermos um dia voltar a levar a guerra ao seu reino sagrado?

Maglor, entretanto, ainda resistia

- Se Manwë e Varda em pessoa negarem o cumprimento de um juramento para o qual foram invocados como testemunhas, ele não se torna nulo?

- Mas como nossas vozes chegarão a Ilúvatar para além dos Círculos do Mundo? E por Ilúvatar juramos em nossa loucura, e pedimos que as Trevas Eternas caíssem sobre

nós se não cumpríssemos nossa palavra. Quem poderá nos livrar?

- Se ninguém pode nos livrar – disse Maglor -, então de fato as Trevas Eternas serão nosso quinhão, quer cumpramos nosso voto, quer não. Mas causaremos menos mal se quebrarmos o Juramento.

Não obstante, ele acabou cedendo à vontade de Maedhros, e os dois planejaram juntos como poriam as mãos nas Silmarils. E se disfarçaram para entrar à noite no acampamento de Eönwë.

Esgueiraram-se até o lugar onde estavam guardadas as Silmarils, mataram os guardas e se apossaram das pedras. Então, todo o acampamento se revoltou contra eles; e eles se prepararam para morrer, defendendo-se até o último instante. Eönwë, porém, não permitiu que matassem os filhos de Fëanor. E, partindo sem luta, eles fugiram para longe. Cada um levou consigo uma Silmaril, pensando: “Já que uma está fora do nosso alcance, e só restam duas, e de nossos irmãos só restamos nós dois, está claro que o destino quis que repartíssemos a herança de nosso pai.”

Entretanto, a pedra queimava a mão de Maedhros com uma dor insuportável. E ele percebeu que era como Eönwë dissera: que seu direito à pedra se tornara nulo, e que o Juramento não tinha mais significado. E, em angústia e desespero, ele se lançou num abismo aberto no chão, repleto de labaredas, e assim terminou sua vida. E a Silmaril que ele portava foi levada para as profundezas da Terra.

Também se conta de Maglor que ele não pôde suportar a dor com que a Silmaril o atormentava; e que, afinal, a lançou ao Mar. Dali em diante, passou a perambular para sempre pelas praias, cantando em dor e remorso junto às ondas. Pois Maglor era grande entre os cantores de outrora, considerado inferior apenas a Daeron de Doriath; mas nunca mais voltou ao convívio dos elfos.

E assim veio a ocorrer que as Silmarils encontraram seus antigos lares: uma no ar dos céus, outra no fogo do centro da Terra, e a outra nas profundezas das águas.

Naquela época, foram construídos muitos barcos nos litorais do Mar ocidental, e dali muitas frotas de eldar velejaram para o oeste, sem nunca voltar para as terras das lágrimas e da guerra.

E os vanyar retomaram sob seus estandartes brancos e foram levados em triunfo a Valinor; mas sua alegria na vitória foi reduzida, pois retornavam sem as Silmarils da coroa de Morgoth. E sabiam que essas pedras não poderiam ser encontradas ou reunidas novamente, a menos que o mundo fosse destruído e reconstruído.

E, quando entraram no neste, os elfos de Beleriand permaneceram em Tol Eressëa, a Ilha Solitária, que tem vista tanto para o oeste quanto para o leste, de onde poderiam chegar até mesmo a Valinor. Voltaram a ter acesso ao amor de Manwë e ao perdão dos Valar; os teleri lhes perdoaram a antiga mágoa, e a maldição foi deixada de lado.

Contudo, nem todos os eldalië estavam dispostos a abandonar as Terras ele Cá, onde haviam sofrido e vivido muito tempo. E alguns permaneceram muitas eras na Terra-média. Entre eles estavam Círdan, o Armador. E Celeborn de Doriath, com Galadriel, sua esposa, a única remanescente daqueles que conduziram os noldor para o exílio em Belenand. Na Terra-média, permaneceram também Gil-galad, o Rei Supremo, e com ele estava Elrond, o meio-elfo, que escolheu, como lhe foi permitido, ser incluído entre os eldar. Já Elros, seu irmão, preferiu ficar com os homens. E somente por meio desses irmãos passou para os homens o sangue dos Primogênitos e um traço dos espíritos divinos que existam antes de Arda. Pois eles eram os filhos de Elwing, filha de Dior, filho de Luthien, filha de Thingol e Melian; e Eärendil, seu pai.

Era filho de Idril Celebrindal, filha de Turgon de Gondolin.

Os Valar empurraram o próprio Morgoth pela Porta da Noite, para além das

Muralhas do Mundo, para o Eterno Vazio. E uma guarda está instalada para sempre nessas muralhas, e Eärendil vigia as defesas dos céus. No entanto, as mentiras plantadas por Melkor, o poderoso e maldito, Morgoth Bauglir, o Poder do Terror e do Ódio, nos corações de elfos e homens. São uma semente que não morre e não pode ser destruída. E de quando em quando ela volta a brotar; e dará frutos sinistros até o último dos dias.

Aqui termina o SILMARILLION. Se ele passou das alturas e da beleza às ruínas e à escuridão, era esse outrora o destino de Arda Desfigurada; e, se alguma transformação houver, e a Desfiguração for corrigida, Manwë e Varda podem saber; mas isso não revelaram, e não está dito nas sentenças de Mandos.

Akallabêth
A queda de Númenor

Contam os eldar que os homens chegaram ao mundo na época da Sombra de Morgoth e rapidamente caíram sob seu domínio, pois Morgoth mandou seus emissários para o meio deles, e os homens, dando ouvidos a suas palavras astutas e cruéis, adoravam as Trevas e ao mesmo tempo as temiam. Houve, porém, alguns que deram as costas ao mal e deixaram as terras de suas famílias para vagar sempre para o oeste, pois tinham ouvido um rumor de que no oeste existia uma luz que Sombra nenhuma conseguia obscurecer. Os servos de Morgoth os perseguiam com ódio; e suas viagens foram longas e árduas. Mesmo assim, eles chegaram afinal às terras que dão para o Mar, e entraram em Beleriand nos dias da Guerra das Gemas.

Foram chamados de edain no idioma sindarin; tornaram-se amigos e aliados dos eldar e realizaram feitos de grande bravura na guerra contra Morgoth.

Deles nasceu, pelo lado dos pais, o Luminoso Eärendil; e a Balada de Eärendil conta como, no final, quando a vitória de Morgoth era quase total, Eärendil construiu seu barco Vingilot, que os homens chamaram de Rothinzil, e viajou por mares nunca navegados, sempre à procura de Valinor, pois desejava falar diante dos Poderes em nome das Duas Famílias, para que os Valar delas se apiedassem e lhes mandassem ajuda naquela sua extrema necessidade. Por isso, por elfos e homens ele é chamado de Eärendil, o Abençoado, pois conseguiu 1evar a cabo seu intento depois de grandes esforços e muitos perigos. E de Valinor veio o exército dos Senhores do Oeste. Eärendil, porém, jamais voltou às terras que amava.

Na Grande Batalha, quando afinal Morgoth foi derrotado, e as Thangorodrim, destruídas, somente os edain das linhagens dos homens lutaram pelos Valar, enquanto muitos outros combateram ao lado de Morgoth. E, depois da vitória dos Senhores do Oeste, aqueles dos homens perversos que não foram destruídos fugiram de volta para o leste, onde muitos de sua espécie ainda perambulavam nas terras incultas, ariscos e sem lei, rejeitando ao mesmo tempo as convocações dos Valar e de Morgoth. E os homens maus vieram para o meio deles e lançaram sobre eles um manto de medo. E eles os aceitaram como reis.

Então por algum tempo, os Valar abandonaram os homens da Terra-média que haviam desobedecido à convocação e tomado como senhores os amigos de Morgoth. E os homens viviam nas trevas e eram atormentados por muitos seres terríveis que Morgoth inventara nos tempos de seu domínio: demônios, dragões, bestas deformadas e os orcs

imundos, que são arremedos dos Filhos de Ilúvatar. E era infeliz o quinhão dos homens.

Manwë, porém. Expulsou Morgoth e o trancou para além do Mundo, no Vazio que fica fora. E ele não pôde retornar ao Mundo em presença visível, enquanto os Senhores do Oeste ainda estivessem em seus tronos. Contudo, as sementes por ele plantadas ainda germinavam e cresciam, produzindo frutos maléficos, se alguém delas cuidasse. Pois sua vontade permanecia e guiava seus servos, levando-os sempre a frustrar a vontade dos Valar e a destruir os que lhes obedecessem. Isso os Senhores do Oeste sabiam muito bem. Portanto, quando Morgoth foi expulso, eles se reuniram para deliberar sobre as Eras que deveriam se seguir. Os eldar eles convocaram para retomar ao oeste; e aqueles que deram ouvidos ao chamado foram morar na Ilha de Eressëa. E existe nessa ilha um porto que é chamado de Avallónë, pois de todas as cidades é a que está mais próxima de Valinor; e a torre de Avallónë é o primeiro ponto que o marinheiro avista quando finalmente se aproxima das Terras Imortais depois de percorrer as léguas do Mar. Aos Ancestrais dos Homens, das três Casas fiéis, também foi dada uma rica recompensa. Eönwë viveu entre eles e transmitiu conhecimentos. E a eles foram concedidos sabedoria, poder e vida mais longa do que a de quaisquer outros de raça mortal. Foi criada uma terra para ser habitada pelos edain, nem parte da Terra-média nem de Valinor, pois estava separada das duas por um vasto oceano. Entretanto, ficava mais próxima de Valinor. Foi erguida por Ossë das profundezas das Grandes Águas, e foi estabelecida por Aulë e enriquecida por Yavanna; e os eldar para lá levaram flores e fontes de Tol Eressëa. Essa terra os Valar chamaram de Andor, a Terra da Dádiva; e a Estrela de Eärendil brilhou luminosa no oeste como sinal de que tudo estava pronto, e para servir como guia pelo mar; e os homens se admiraram de ver aquela chama prateada nos caminhos do Sol.

Então, os edain partiram a navegar nas águas profundas, seguindo a Estrela. E os Valar deixaram o mar em calma por muitos dias, mandaram Sol e um vento propício, de modo que as águas cintilavam diante dos olhos dos edain como um vidro ondulante, e a espuma voava como neve diante da proa de suas embarcações. Contudo, tão intenso era o brilho de Rothinzil, que mesmo pela manhã os homens conseguiam vê-la refulgindo no oeste; e, na noite sem nuvens, ela brilhava sozinha, pois nenhuma outra estrela conseguia se equiparar a ela. E, tendo fixado o rumo em sua direção, os edain finalmente transpuseram as léguas do mar e avistaram ao longe a terra que estava preparada para eles, Andor, a Terra da Dádiva, a cintilar numa névoa dourada. Aproximaram-se, então, saindo do mar para encontrar uma terra bela e produtiva, e se alegraram. E chamaram essa terra de Elenna, que significa Na Direção da Estrela; mas também Anadûnê, que significa Ponente, Númenorë no idioma alto-eldarin.

Foi esse o princípio daquele povo que na fala dos elfos-cinzentos é chamado de dúnedain: os númenorianos, reis entre os homens. Entretanto, eles não escaparam desse modo do destino da morte que Ilúvatar havia estabelecido para toda a humanidade, e ainda eram mortais, embora atingissem idade avançada e não conhecessem nenhuma enfermidade até o momento em que a sombra caísse sobre eles. Por conseguinte tornaram-se sábios e ilustres; e sob todos os aspectos eram mais semelhantes aos Primogênitos do que qualquer outra linhagem dos homens. E eram altos, mais altos do que os mais altos dos filhos da Terra-média. E a luz de seus olhos era como a das estrelas brilhantes. Contudo, era muito devagar que seu número aumentava na Terra, pois, embora lhes nascessem filhos e filhas, mais belos do que os pais, mesmo assim era pequena sua prole.

Antigamente, o porto e cidade principal de Númenor ficava no meio de seu litoral ocidental e se chamava Andúnië por ser voltado para o pôr-do-sol. No meio do território, havia porém uma montanha alta e escarpada, que se chamava Meneltarma, a Coluna dos

Céus, e nela havia um local elevado que era consagrado a Eru Ilúvatar. Era aberto e sem telhado; e nenhum outro templo ou santuário havia na terra dos númenorianos. Aos pés das montanhas, foram construídos os túmulos dos Reis e bem próximo, sobre uma colina, estava Armenelos, a mais bela das cidades. E ali estavam a torre e a fortaleza construídas por Elros, Filho de Eärendil, que os Valar designaram para ser o primeiro Rei dos dúnedain Ora, Elros e Elrond, seu irmão, descendiam das Três Casas dos edain, mas também em parte dos eldar e dos Valar; pois Idril de Gondolin e Lúthien, filha de Melian, eram suas antepassadas. Com efeito, os Valar não podem retirar a dádiva da morte, que chega aos homens vinda de Ilúvatar; mas, na questão dos meio-elfos, Ilúvatar conferiu-lhes o poder de decidir. E eles resolveram que deveria ser concedido aos filhos de Eärendil o direito de escolher o próprio destino. E Elrond preferiu ficar entre os Primogênitos, e a ele foi concedida a vida dos Primogênitos. Já a Elros, que preferiu ser um Rei dos homens, ainda foi atribuída uma grande quantidade de anos, muitas vezes maior que a dos homens da Terra-média. E toda a sua linhagem, os reis e os senhores da Casa real gozaram de uma vida longa mesmo em comparação com a dos numenorianos. Elros, porém, viveu quinhentos anos e reinou sobre os númenorianos por quatrocentos e dez.

Assim, foi passando o tempo; e, enquanto a Terra-média entrava em decadência e iam desaparecendo a luz e a sabedoria, os dúnedain viviam sob a proteção dos Valar, gozando da amizade dos eldar, e progrediam tanto física quanto mentalmente. Pois, embora esse povo ainda usasse seu próprio idioma, seus reis e senhores conheciam e também falavam a língua élfica, que haviam aprendido nos tempos de sua aliança; e assim mantinham conversas com os eldar, tanto de Eressëa quanto das regiões acidentais da Terra-média. E os eruditos entre eles aprenderam também o alto-eldarin do Reino Abençoado, idioma no qual grande volume de prosa e verso foi preservado desde o início do mundo. E eles criavam cartas, pergaminhos e livros, neles escrevendo muitos textos de sabedoria e fantasia no apogeu de seu reino, do qual tudo agora está esquecido. Por isso, ocorreu que, além de seus próprios nomes, todos os senhores dos númenorianos também tinham nomes em eldarin. E o mesmo acontecia com as cidades e os belos lugares que fundaram em Númenor e nas costas das Terras de Cá.

Pois os dúnedain tornaram-se excelentes artífices, a tal ponto que, se fosse esse seu intento, poderiam facilmente ter suplantado os reis perversos da Terra-média na arte da guerra e na produção de armas; no entanto, eles se haviam tomado homens da paz. Acima de todas as artes, prezavam a construção de barcos e a habilidade na navegação; e se tornaram marinheiros semelhantes aos quais nunca mais existirá nenhum desde que o mundo diminuiu. E as viagens pela vastidão do mar eram o principal feito e aventura desses homens valentes nos dias garbosos de sua juventude.

Entretanto, os Senhores de Valinor proibiram os dúnedain de navegar para o ocidente a tal distância que não pudessem mais avistar o litoral de Númenor. E durante muito tempo, os dúnedain se contentaram, muito embora não compreendessem plenamente a finalidade dessa interdição. A intenção de Manwë era que os númenorianos não se sentissem tentados a procurar o Reino Abençoado, nem desejassem superar os limites impostos à sua bemaventurança, apaixonando-se pela imortalidade dos Valar, dos eldar e das terras em que tudo persiste.

Pois, naquela época, Valinor ainda permanecia no mundo visível, e ali Ilúvatar permitia que os Valar mantivessem sobre a Terra uma morada, um memorial ao que poderia ter acontecido se Morgoth não tivesse lançado sua somba sobre o mundo. Isso os númenorianos sabiam perfeitamente, e, às vezes, quando o ar estava bem claro, e o Sol, no leste, eles olhavam para longe e avistavam no oeste muito distante uma cidade

refulgindo branca, numa praia remota, com um grande porto e uma torre. Pois, naquele tempo, os númenorianos tinham olhos de lince. Contudo, mesmo assim, unicamente aqueles com visão mais aguçada conseguiam ver essa imagem, da Meneltarma, talvez, ou de alguma alta embarcação que se afastava de suas costas ocidentais até o limite que a lei lhes permitia. Pois eles não ousavam desrespeitar a Interdição dos Senhores do Oeste. Já os sábios dentre eles sabiam que essa terra distante não era na realidade o Reino Abençoado de Valinor, mas Avallónë, o porto dos eldar em Eressëa, ponto extremo leste das Terras Imortais. E dali às vezes os Primogênitos ainda costumavam vir navegando até Númenor em seus barcos sem remos, como aves brancas voando do pôr-do-sol.

E traziam a Númenor muitos presentes: pássaros canoros, flores perfumadas e ervas de grande poder de cura. Trouxeram também uma muda de Celeborn, a Árvore Branca que crescia no meio de Eressëa; e ela era por sua vez uma muda de Galathilion, a Árvore de Túna, a cópia de Telperion que Yavanna dera aos eldar no Reino Abençoado. E a árvore cresceu e floriu nos pátios do Rei em Armenelos: Nimloth era seu nome. Ela florescia ao entardecer e enchia as sombras da noite com sua fragrância

Era por isso que, em decorrência da Interdição dos Valar, as viagens dos dúnedain naquele tempo eram sempre na direção leste, e não oeste, desde as trevas do norte ao calor do sul, e para além do sul até a Escuridão Inferior. E os dúnedain chegaram mesmo a entrar nos mares interiores, a velejar pela Terra-média e a avistar do alto de suas proas os Portões da Manhã no leste. E chegavam às vezes às costas das Grandes Terras, e sentiam pena do mundo abandonado da Terra-média. E os Senhores de Númenor pisaram novamente nas praias ocidentais nos Anos Escuros dos homens, e ninguém ousou combatê-los. Pois os homens daquela época que eram dominados pela Sombra estavam agora em sua maioria fracos e temerosos. E, ao chegar em meio a eles, os númenorianos muito lhes ensinaram. O trigo e o vinho trouxeram; e instruíram os homens a plantar sementes e a moer o grão, a cortar madeira e a dar forma à pedra, e a organizar sua vida, da forma que era possível nas terras de morte rápida e felicidade escassa.

Então, os homens da Terra-média sentiram alívio; e aqui e ali, nas costas ocidentais, os bosques despovoados recuaram, e os homens, livrando-se do jugo da prole de Morgoth, desaprenderam seu terror das trevas. E reverenciaram a memória dos altos Reis dos Mares. E, após sua partida, eles os chamaram de deuses, com a esperança de que voltassem. Pois, nessa época, os númenorianos nunca permaneciam muito tempo na Terra-média, nem instalavam por lá residência própria. Para o leste, eles deviam navegar; mas sempre era para o oeste que seus corações se voltavam.

Ora, esse desejo foi crescendo cada vez mais com o passar dos anos. E os númenorianos começaram a ansiar pela cidade imortal que viam de longe; e ficou mais intenso em seu íntimo o desejo pela vida eterna, de escapar à morte e ao final dos prazeres. E quanto mais cresciam seu poder e sua glória, mais aumentava sua inquietação. Pois, embora os Valar houvessem premiado os dúnedain com uma vida mais longa, não podiam tirar deles o cansaço do mundo, que acabava chegando, e eles morriam, até mesmo os reis da linhagem de Eärendil. E o decurso de sua vida era curto aos olhos dos eldar. Foi assim que se abateu sobre eles uma sombra, na qual talvez estivesse presente a vontade de Morgoth, que ainda se manifestava no mundo. E os númenorianos começaram a murmurar, de início em seu íntimo e depois em palavras francas, contra a sina dos homens e, principalmente, contra a Interdição de navegar para o oeste.

E diziam entre si: - Por que os Senhores do Oeste ficam lá, sentados em paz eterna, enquanto nós precisamos morrer e ir não se sabe para onde, deixando nossa casa e tudo o que fizemos? E os eldar não morrem, nem mesmo os que se rebelaram contra os Senhores? E já que dominamos todos os mares, e não existe oceano tão revolto ou tão

vasto que nossos barcos não consigam transpor, por que não deveríamos ir a Avallónë e lá cumprimentar nossos amigos? E alguns diziam – Por que não deveríamos chegar a Aman, e ali provar nem que fosse por um dia, a bem-aventurança dos Poderes? Será que não nos tornamos poderosos entre a gente de Arda?

Os eldar levaram essas palavras aos Valar, e Manwë se entristeceu, ao perceber que uma nuvem começava a se formar na época mais luminosa ele Númenor. E enviou mensageiros aos dúnedain que falaram a sério ao Rei e a todos que quiseram escutar, a respeito do destino e dos costumes do mundo

- O Destino do Mundo – disseram – somente Um pode mudar, Aquele que o criou. E se vocês quisessem empreender essa viagem e, escapando a todas as ciladas e armadilhas, chegassem com efeito a Aman, o Reino Abençoado, de pouco isso lhes valeria. Pois não é a terra de Manwë que torna seu povo imortal mas são os Imortais que ali habitam que consagraram a terra. E lá, vocês apenas murchariam e se cansariam mais cedo, como mariposas numa luz muito forte e constante.

- E Eärendil, meu antepassado, não vive? - perguntou o Rei. - Ou ele não está na terra de Aman?

- Você sabe que ele tem um destino separado – responderam eles, então. - E foi equiparado aos Primogênitos, que não morrem. Contudo, esse é também seu destino: o de nunca poder voltar a terras mortais Ao passo que você e seu povo não pertencem aos Primogênitos, mas são homens mortais, como Ilúvatar os fez Apesar disso. Parece que agora vocês desejam ter os benefícios das duas famílias- navegar até Valinor quando quiserem, e voltar para casa quando tiverem vontade. Isso não pode ser. Vem têm os Valar poder para anular as dádivas de Ilúvatar. Vocês dizem que os eldar não foram castigados e que mesmo os que se rebelaram não morrem.

Contudo, isso para eles não é nem recompensa nem castigo, mas a realização ele seu ser. Eles não podem escapar, e estão amarrados a esse mundo, para não deixá-lo nunca enquanto ele durar, pois a vida deste mundo é a vida deles. E vocês dizem que foram punidos pela rebelião dos homens, da qual pouco participaram e que é por isso que morrem. Mas a morte não foi de início estabelecida como uma punição. É por ela que vocês escapam, deixam o mundo e não estão vinculados a ele, seja na esperança, seja no enfado. Qual de nós portanto deveria invejar o outro?

- Por que não deveríamos invejar os Valar, ou mesmo o mais insignificante dos Imortais? - replicaram então os númenorianos. - Pois de nós são exigidas uma confiança cega e uma esperança sem garantia, já que não sabemos o que nos espera em breve. E, mesmo assim, amamos a Terra e não desejaríamos perdê-la.

- De fato, o pensamento de Ilúvatar com relação a vocês não é do conhecimento dos Valar; e ele não revelou tudo o que está por acontecer – disseram então os Mensageiros. - Consideramos, porém, ser verdade que sua terra não é aqui, nem na Terra de Aman, nem em nenhum lugar dentro dos Círculos do Mundo. E o Destino dos Homens, de que deveriam partir, foi de início uma dádiva de Ilúvatar. Tornou-se um pesar para eles somente porque, tendo caído sob a sombra de Morgoth, pareceu-lhes que estavam cercados por uma enorme escuridão, da qual sentiam medo. E alguns se tornaram voluntariosos e orgulhosos, decididos a não ceder, até a vida lhes ser arrancada. Nós, que suportamos a carga sempre crescente dos anos, não entendemos isso com clareza; porém, se essa mágoa voltou a atormentá-los, como vocês dizem, então tememos que a Sombra surja mais uma vez e volte a crescer em seus corações. Portanto, embora vocês sejam os dúnedain, os mais belos dos homens, que escaparam da Sombra de outrora e lutaram bravamente contra ela, nós lhes dizemos: Cuidado! A vontade de Eru não pode ser contrariada. E os Valar recomendam com veemência que vocês não neguem a confiança

que lhes é invocada, para que ela não volte a se tornar um vínculo ao qual se acharão presos. É melhor esperar que no final pelo menos os menores de seus desejos dêem frutos. O amor por Arda foi posto em seus corações por Ilúvatar, e ele não planta sem propósito. Mesmo assim, muitas gerações de homens ainda não nascidos poderão passar antes que esse propósito seja conhecido. E a vocês ele será revelado, não aos Valar Esses fatos ocorreram nos tempos de Tar-Ciryatan, o Armador, e de Tar-Atanamir, seu filho. E eles eram homens orgulhosos, ávidos por riquezas, que impuseram tributos aos homens da Terra-média, tomando em vez de dar. Foi a Tar-Atanamir que os Mensageiros vieram: e ele era o décimo terceiro Rei, e nos seus dias o Reino de Númenor já persistia por mais de dois milênios, tendo chegado ao apogeu de sua bem-aventurança, se não de seu poder. Atanamir, porém, irritou-se com o conselho dos Mensageiros e lhe deu pouca atenção; e a maior parte de seu povo o acompanhou, pois eles desejavam escapar da morte ainda em seus dias, sem ter de confiar na esperança. E Atanamir viveu até idade avançada, apegado à vida mesmo depois do fim de toda alegria. E foi ele o primeiro dos númenorianos a agir assim, recusando-se a partir até ter perdido a inteligência e a virilidade, além de negar ao filho o trono no apogeu de sua vida. Pois os Senhores de Númenor tinham o costume de casar-se tarde em suas longas vidas e partir, deixando o comando para seus filhos. Quando estes tivessem atingido sua plenitude física e mental

Então, Tar-Ancalimon, filho de Atanamir, tomou-se Rei. E seu pensamento era semelhante. E, em seu reinado. O povo de Númenor tornou-se dividido. De um lado, havia a maioria, e estes eram chamados de Homens do Rei. Tornaram-se arrogantes e se distanciaram dos eldar e dos Valar. E do outro lado, havia a minoria, e esses eram chamadas de elendili, os amigos-dos-elfos. Pois, embora continuassem leais de fato ao Rei e à Casa de Elros, desejavam manter a amizade dos eldar e escutavam os conselhos dos Senhores do Oeste. Não obstante, nem mesmo eles, que se intitulavam os Fiés escapavam totalmente da aflição de seu povo, e eram atormentados pela idéia da morte.

Dessa forma tomou-se reduzida à felicidade de Ponente; mas ainda assim seu poderio e seu esplendor aumentavam. Pois os reis e seu povo ainda não haviam abandonado a sabedoria e, se não amavam mais os Valar, pelo menos ainda os temiam. Não ousavam desrespeitar abertamente a Interdição ou navegar para além dos limites estabelecidos. Ainda para o leste dirigiam suas altas embarcações. Contudo, o medo da morte cada vez mais se adensava sobre eles; e eles procuravam adiá-la por todos os meios a seu alcance. Começaram então a construir casas imensas para os mortos, enquanto seus sábios trabalhavam sem cessar para descobrir, se possível, o segredo de fazer voltar a vida ou, no mínimo, prolongar os dias dos homens. Conseguiram apenas aprender a arte de preservar inalterada a carne morta dos homens; e encheram toda a terra com túmulos silenciosos, nos quais a idéia da morte ficava encerrada na escuridão Já os que estavam vivos se voltavam ainda com maior avidez para o prazer e a folia, desejando cada vez mais bens e riquezas. E, a partir do tempo de Tar-Ancalimon, a oferenda dos primeiros frutos a Eru passou a ser negligenciada, e os homens raramente iam ao Local Sagrado nas alturas da Meneltarma, no meio da terra.

Ocorreu assim que os númenorianos pela primeira vez estabeleceram grandes colônias nas costas ocidentais das terras antigas, pois sua própria terra lhes parecia restrita, e eles não tinham descanso nem alegria dentro de seus limites; e agora desejavam prosperar e dominar a Terra-média, já que o oeste lhes fora negado. Amplos portos e fortes torres eles construíram; e lá muitos fixaram residência; mas agora apareciam mais como senhores, chefes e cobradores de tributos do que como alguém que presta auxílio ou ensina. E as enormes embarcações dos númenorianos eram levadas para o leste pelos ventos e voltavam sempre carregadas. O poder e a majestade de seus reis aumentavam; e

eles bebiam, se banqueteavam e se vestiam em ouro e prata.

Em tudo isso, os amigos-dos-elfos tinham pequena participação. Somente eles agora iam ao norte e à terra de Gil-galad, mantendo amizade com os elfos e lhes prestando auxílio contra Sauron; e seu porto era Pelargir, a montante das Fozes do Anduin, o Grande. Já os Homens do Rei navegavam muito longe, na direção sul; e os domínios e fortalezas criados por eles deixaram muitos rumores nas lendas dos homens.

Nessa Era, como se relata em outra parte, Sauron voltou a se erguer na Terra-média. Ele cresceu e retornou ao mal no qual fora criado por Morgoth, tornando-se poderoso a seu serviço. Já nos tempos de Tar-Minastir, décimo primeiro Rei de Númenor, ele havia fortificado a terra de Mordor e lá construído a Torre de Barad-dûr. E dali em diante sempre lutou pelo domínio da Terra-média, para se tornar rei de todos os reis e semelhante a um deus perante os homens. E Sauron odiava os númenorianos. Em virtude dos feitos de seus pais, de sua antiga aliança com os elfos e de sua lealdade aos Valar. Ele também não se esquecia da ajuda que Tar-Minastir havia prestado a Gil-galad no passado remoto, na época em que o Um Anel fora forjado e houvera guerra entre Sauron e os elfos, em Eriador. Agora, ele descobria que os reis de Númenor haviam aumentado seu poder e esplendor; e os odiava ainda mais. Também temia que invadissem seu território e lhe tirassem o domínio do leste. No entanto, por muito tempo não ousou desafiar os Senhores do Mar e se retirou do litoral   Sauron, porém, sempre fora astuto. E o que se diz é que, entre aqueles que ele apanhou na armadilha dos Nove Anéis, três eram grandes senhores de raça númenoriana. E, quando surgiram os úlairi, que eram os Espectros do Anel, seus servos, e o poder de seu terror e domínio sobre os homens atingira enormes proporções, ele começou a atacar os locais fortificados dos númenorianos à beira-mar.

Naqueles tempos, a Sombra foi ficando mais densa sobre Númenor; e as vielas dos Reis da Casa de Elros foram reduzidas em virtude de sua rebelião, mas eles endureceram seus corações ainda mais contra os Valar. E o décimo nono rei recebeu o certo de seus antepassados, e subiu ao trono com o nome de Adûnakhor, Senhor do Oeste, abandonando os idiomas élficos e proibindo seu uso ao alcance de seus ouvidos. Contudo, no Pergaminho dos Reis, o nome Herunúmen foi inscrito no idioma alto-élfico em obediência ao costume antigo, que os reis temiam despeitar totalmente, com medo de que algum mal acontecesse. Ora, esse título pareceu muito arrogante aos Fiéis, por ser o título dos Valar, e seus corações enfrentaram um terrível dilema entre sua lealdade à Casa de Elros e sua reverência aos Poderes designados. No entanto, o pior ainda estava por vir Pois Ar-Gimilzôr, o vigésimo segundo rei, foi o maior inimigo dos Fiéis. Em seu reinado, não cuidaram da Árvore Branca, e ela começou a definhar. E ele proibiu terminantemente o uso dos idiomas élficos, além de punir aqueles que acolhessem as embarcações de Eressëa que ainda vinham em segredo às costas ocidentais da Terra.

Ora, os elendili habitavam principalmente as regiões ocidentais de Númenor; mas Ar-Gimilzôr ordenou que todos os que ele pôde descobrir que pertenciam a essa facção fossem transferidos do oeste para a região oriental da Terra, onde seriam vigiados. E o principal povoado dos Fiéis nos tempos mais recentes ficava, portanto, perto do porto de Rómenna. Dali muitos velejavam até a Terra-média, em busca dos litorais setentrionais, onde ainda poderiam falar com os eldar no reino de Gil-galad. Isso era do conhecimento dos Reis, mas eles não o impediam desde que os elendili deixassem sua terra e não mais retornassem; pois seu desejo era dar um fim à amizade entre seu povo e os eldar de Eressëa, que chamavam de Espiões dos Valar, na esperança de manter seus atos e decisões ocultos dos Senhores do Oeste. Mas tudo o que faziam era do conhecimento de Manwë, e os Valar se encolerizaram com os Reis de Númenor, não mais lhes dando conselhos e proteção. E as embarcações de Eressëa nunca mais vieram do pôr-do-sol; e os

portos de Andúnië ficaram abandonados.

Depois da Casa real, a de maior nobreza era a dos Senhores de Andúnië, pois eles pertenciam à linhagem de Elros, sendo descendentes de Silmarien, filha de Tar-Elendil, o quarto rei de Númenor. E esses senhores eram leais aos reis e lhes prestavam reverência; e o Senhor de Andúnië sempre estava entre os principais conselheiros do Trono. Contudo, também desde o início, eles nutriam amor especial pelos eldar e veneração pelos Valar. E, à medida que a Sombra se espalhava, eles ajudavam os Fiéis no que fosse possível. Por muito tempo, entretanto, não se declararam abertamente e preferiram procurar corrigir os corações dos Senhores do Cetro com conselhos mais prudentes.

Havia uma senhora Inzilbêth, célebre por sua beleza; e sua mãe era Lindórië, irmã de Eärendu, o Senhor de Andunië nos tempos de Ar-Sakalthôr, pai de Ar-Gimilzôr. Gimilzôr tomou-a como esposa contra a sua vontade, pois ela no fundo do coração pertencia aos Fiéis, tendo recebido ensinamentos de sua mãe. Contudo, os reis e seus filhos se haviam tornado orgulhosos e não podiam ter seus desejos contrariados. Nenhum amor havia entre Ar-Gimilzôr e sua rainha, ou entre seus filhos. Inziladûn, o primogênito, era como a mãe, tanto no plano mental quanto no físico. Já Gimilkhâd, o mais jovem, seguira o pai, se é que não era ainda mais arrogante e voluntarioso. A ele Ar-Gimilzôr teria transmitido o cetro, em vez de entregá-la ao primogênito, se as leis tivessem permitido.

Entretanto, ao subir ao trono, Inziladûn voltou a adotar um título no idioma élfico de outrora, denominando-se Tar-Palantir, pois tinha excelente visão tanto no olhar quanto no pensamento, e mesmo os que o odiavam. Temiam suas palavras como temeriam as de um vidente. Por algum tempo, ele deixou os Fiéis em paz: e voltou a freqüentar nas devidas ocasiões o Local Sagrado de Eru, na Meneltarma. Que Ar-Gimilzôr abandonara. Da Árvore Branca, ele agora cuidava com honrarias. E profetizou que, quando a Árvore perecesse. Também chegaria ao fim a linhagem dos Reis. Seu arrependimento chegou, porém tarde demais para apaziguar a cólera dos Valar provocada pela insolência de seus antepassados, da qual a maior parte de seu povo não se arrependia. E Gimilkhâd era forte e violento. Ele assumiu a liderança daqueles que antes eram chamados de homens do Rei, opondo-se abertamente à vontade do irmão tanto quanto ousava, e ainda mais às ocultas. Foram, assim, os dias de Tar-Palantir anuviados pela mágoa. E ele costumava passar grande parte do tempo no oeste. Lá subia a antiga torre do Rei Minastir sobre a colina de Oromet perto de Andúnië, de onde olhava para o oeste ansioso, esperando enxergar talvez uma vela no mar. Porém, nenhuma embarcação jamais voltou a sair do oeste para Númenor, e Avallónë estava sempre envolta em nuvens.

Ora, Gimilkhâd faleceu dois anos antes de seu ducentésimo aniversário (o que foi considerado uma morte prematura para alguém da linhagem de Elros, mesmo em sua decadência), mas isso não trouxe nenhuma paz ao Rei. Pois Pharazôn, filho de Gimilkhâd, se tornara um homem ainda mais insatisfeito e ávido por riqueza e poder do que seu pai. Muitas vezes viajara como líder nas guerras que os númenorianos iniciavam então na região litorânea da Terra-média, procurando cada vez mais ampliar seu domínio sobre os homens. E, assim, conquistou grande renome como comandante, tanto em terra quanto no mar. Logo, quando voltou a Númenor e teve notícias da morte do pai, o coração do povo voltou-se para ele; pois trazia consigo enormes tesouros e por algum tempo foi liberal em suas doações.

E ocorreu que Tar-Palantir se cansou de tanto desgosto e morreu. Não deixou um filho, apenas uma filha, a quem deu o nome de Míriel, no idioma élfico. E, pelo direito e pelas leis dos númenorianos, o cetro foi passado a ela. Pharazôn, porém, tomou-a como esposa contra a sua vontade, agindo mal por esse motivo e também porque as leis de

Númenor não permitiam o casamento, mesmo na Casa real, de quem fosse parente mais próximo do que primos em segundo grau. E, quando os dois se casaram, ele se apossou do cetro, adotando o título de Ar- Pharazôn (Tar-Calion, no idioma élfico); e o nome de sua rainha ele mudou para Ar-Zimraphel.

Foi Ar-Pharazôn, o Dourado, o mais poderoso e altivo de todos aqueles que empunharam o Cetro dos Reis do Mar desde a fundação de Númenor. E vinte e três Reis e Rainhas haviam governado os númenorianos antes; e agora dormiam em seus túmulos profundos aos pés da montanha de Meneltarma, jazendo em leitos de ouro.

E, sentado em seu trono entalhado, na cidade de Armenelos, no apogeu de seu poder, Ar- Pharazôn ruminava, sinistro, pensando em guerra. Pois ele soubera na Terra-média da força do reino de Sauron, e de seu ódio por Ponente. E agora lhe chegavam os mestres de navios e comandantes que voltavam do leste, a relatar que Sauron vinha demonstrando seu poder desde que Ar-Pharazôn deixara a Terra-média e estava investindo contra as cidades litorâneas. Além disso, ele agora adotara o título de Rei dos Homens e declarara seu objetivo de expulsar os númenorianos de volta para o Mar e mesmo destruir Númenor, se fosse possível.

Grande foi a ira de Ar-Pharazôn diante dessas notícias. E, enquanto se detinha a ponderar em segredo, seu coração se encheu do desejo de poder sem limites e da tirania exclusiva de sua vontade. E, sem pedir conselhos aos Valar ou auxílio da prudência de qualquer outra mente que não fosse a sua, determinou que o título de Rei dos Homens ele próprio reivindicaria e forçaria Sauron a ser seu servo e vassalo. Pois, em seu orgulho, considerava que nenhum rei jamais surgiria com tanto poder a ponto de rivalizar com o herdeiro de Eärendil. Portanto, naquela época, começou a forjar grande arsenal de armas e construiu muitas naus de guerra que equipou com suas armas. E, quando tudo estava pronto, ele próprio navegou com seu exército até o leste.

E os homens viram suas velas chegando do pôr-do-sol. Como que tingidas de escarlate e reluzindo em vermelho e dourado, e o medo se abateu sobre os habitantes do litoral, que fugiram para muito longe. No entanto, a frota afinal chegou ao lugar chamado Umhar, onde se encontrava o enorme porto dos númenorianos, que mão alguma havia construído. Silenciosas e desertas estavam todas as terras da região quando o Rei do Mar marchou sobre a Terra-média. Ao longo de sete dias, ele avançou com estandartes e clarins Chegou a uma colina, escalou-a e nela fincou seu pavilhão e seu trono. Instalou-se então no meio daquela terra e dispôs as tendas do seu exército em toda a sua volta, azuis, douradas e brancas, como um campo de flores altas. Enviou, então, arautos a Sauron, ordenando-lhe que se apresentasse diante dele e lhe jurasse lealdade.

E Sauron veio. Mesmo de sua poderosa torre de Barad-dûr veio ele, sem fazer nenhuma menção de combate. Pois percebia que o poder e a majestade dos Reis do Mar superavam tudo o que deles se dizia, de modo que não poderia confiar que mesmo os melhores de seus servos a eles resistissem. E viu que ainda não chegara a hora de fazer valer sua vontade com os dúnedain. E Sauron era astucioso, bem treinado para conquistar o que quisesse pela sutileza quando a força pudesse não lhe ser útil. Humilhou-se, portanto, diante de Ar-Pharazôn e controlou sua língua ferina. E os homens ficaram admirados, pois tudo o que ele disse parecia justo e prudente.

Ar-Pharazôn, porém, não se deixou enganar. E lhe ocorreu que, para melhor vigiar Sauron e controlar seus votos de lealdade, ele deveria ser levado para Númenor, para lá permanecer como refém de si mesmo e de todos os seus servos na Terra-média. Sauron consentiu nessa idéia como que a contragosto, embora em seu íntimo a acolhesse com alegria, pois ela de fato se harmonizava com seus desejos. E Sauron atravessou o Mar e contemplou a terra de Númenor e a cidade de Armenelos nos dias de sua glória, e ficou

estarrecido. Mas no fundo de seu coração, encheu-se ainda mais de inveja e ódio.

Contudo, tal era sua astúcia em raciocínio e palavras, e tal a força de sua determinação oculta, que, antes que se passassem três anos, ele já se tornara íntimo dos pensamentos secretos do Rei. Pois elogios doces como o mel estavam sempre na ponta de sua língua, e Sauron conhecia muitos fatos ainda não revelados aos homens. E, ao ver o privilégio de que ele gozava junto a seu senhor, todos os conselheiros começaram a adulá-la, à exceção de um, Amandil, senhor de Andúnië. Então, lentamente, operou-se na terra uma transformação, e os corações dos amigosdos- elfos se perturbaram profundamente, e muitos se afastaram cheios de medo. E, embora os que permanecessem ainda se intitulassem fiéis, seus inimigos os chamavam de rebeldes. Pois, agora, tendo acesso aos ouvidos dos homens, Sauron com muitos argumentos negava tudo o que os Valar haviam ensinado. E disse aos homens que pensassem que no mundo, no leste e mesmo no oeste, ainda havia muitos mares e muitas terras a serem conquistadas, que possuíam tesouros sem conta. E, no entanto, se eles acabassem chegando ao final dessas terras e desses mares, para além de tudo ficava o Escuro Ancestral. - E dele o mundo foi feito. Pois somente o Escuro é digno de adoração, e seu Senhor pode ainda criar outros mundos para doar àqueles que lhe prestarem serviços, de modo que seu poder não terá limites.

- Quem é o Senhor do Escuro? - perguntou, então, Ar-Pharazôn.

E a portas fechadas Sauron falou ao Rei, dizendo-lhe mentiras.

- É aquele cujo nome não se pronuncia mais, pois os Valar os enganaram a respeito dele, apresentando em seu lugar o nome de Eru, um espectro criado pela insensatez de seus corações, que procura acorrentar os homens em servidão aos Valar. Pois eles são o oráculo desse Eru, que fala apenas o que eles querem. Mas aquele que é senhor dos Valar ainda vencerá, e os libertará desse fantasma. E seu nome é Melkor, Senhor de Todos, Doador da Liberdade, e ele os tornará mais fortes do que os Valar.

Então, Ar-Pharazôn, o Rei, voltou-se para o culto do Escuro e de Melkor, seu Senhor, a princípio em segredo; mas dentro em pouco abertamente e diante de seu povo. E eles em sua grande maioria o imitaram. Contudo, ainda havia um remanescente dos Fiéis, como foi relatado, em Rómenna e nos territórios próximos; e mais alguns espalhados aqui e ali pela Terra. Entre eles os chefes, a quem recorriam em busca de liderança e coragem em tempos funestos, eram Amandil, conselheiro do Rei, e seu filho Elendil, cujos filhos eram Isildur e Anárion, na época jovens, pelos cálculos de Númenor. Amandil e Elendil eram grandes comandantes de navios, e eram da linhagem de Elros Tar Minyatur, embora não fossem da Casa governante a quem pertenciam a coroa e o trono na cidade de Armenelos. Nos dias de sua juventude, quando andavam juntos, Amandil havia sido caro a Pharazôn e, apesar de pertencer aos amigos-dos-elfos, permanecera no conselho até a vinda de Sauron. Agora era dispensado, pois Sauron o detestava mais do que a qualquer outro em Númenor. No entanto, ele era tão nobre e havia sido tão notável como capitão no mar, que ainda era reverenciado por muitas pessoas, e nem o Rei nem Sauron ousavam por enquanto colocar as mãos nele.

Por conseguinte, Amandil retirou-se para Rómenna, e todos aqueles que ele sabia ainda serem fiéis, foram convocados para ir para lá em segredo Pois ele tendia que o mal agora crescesse rápido e que todos os amigos-dos-elfos corressem perigo E isso logo aconteceu. Pois Meneltarma estava totalmente abandonada naquela época; e, embora nem mesmo Sauron ousasse profanar aquele local sublime, mesmo assim o Rei não permitia que nenhum homem, sob pena de morte, escalasse a montanha, nem mesmo aqueles Fiéis que mantinham Ilúvatar em seus corações. E Sauron recomendou ao Rei que cortasse a Árvore Branca, Nimloth, a Bela, que crescia em seus pátios, pois ela era uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor.

De início, o Rei não quis concordar com isso, pois acreditava que a boa sorte de sua casa estivesse vinculada à Árvore, como Tar-Palantir havia profetizado Assim, em sua loucura, ele, que agora detestava os eldar e os Valar, se agarrava em vão à sombra das antigas alianças de Númenor. Contudo, quando Amandil ouviu rumores das más intenções de Sauron, sentiu o coração pesaroso, sabendo que no final Sauron sem dúvida faria valer sua vontade. Falou então com Elendil e com os filhos de Elendil, relembrando a história das Árvores de Valinor. E Isildur não disse palavra, mas saiu à noite e realizou um feito pelo qual conquistou renome em tempos futuros. Pois entrou sozinho e disfarçado em Armenelos e chegou aos pátios do Rei, acesso que era agora proibido aos Fiéis. Foi ao local da Árvore, que era interditado a todos por ordens de Sauron; e a Árvore era vigiada dia e noite por guardas a seu serviço. Naquela época, Nimloth estava escura, sem nenhuma flor, já que o outono estava avançado e seu inverno se avizinhava. E Isildur passou pelos guardas, tirou da Árvore um fruto que dela estava suspenso e se voltou para ir embora. Os guardas, porém, foram alertados e atacaram Isildur, que lutou para fugir, recebendo muitos ferimentos, e escapou. E, como estivesse disfarçado, não se descobriu quem havia posto as mãos na Árvore. Isildur, entretanto, chegou com grande dificuldade a Rómenna e entregou o fruto nas mãos de Amandil, antes que lhe faltassem as forças. O fruto foi então plantado em segredo e abençoado por Amandil; e na primavera um broto nasceu e cresceu. No entanto, quando sua primeira folha se abriu, Isildur, que por muito tempo estivera acamado e chegara a ver a morte de perto, levantou-se e não foi mais perturbado pelos ferimentos.

Bem a tempo. Pois, depois da invasão, o Rei cedeu a Sauron e derrubou a Árvore Branca, dando então as costas totalmente à aliança de seus antepassados. Já Sauron fez com que fosse construído no topo da colina, no meio da cidade dos númenorianos, Armenelos, a Dourada, um templo enorme. E. Na base, sua forma era a de um circulo. Ali, as paredes tinham quinze metros de espessura, e a largura da base era de cento e cinqüenta metros de um lado a outro, ao passo que as paredes se elevavam a cento e cinqüenta metros do piso e eram coroadas por uma enorme cúpula. E essa cúpula era toda recoberta de prata e se erguia cintilante ao Sol, de tal modo que sua luz podia ser vista a grande distância; mas logo a luz escureceu, e a prata ficou negra. Pois havia um altar de fogo no centro do templo, e na parte mais alta da cúpula havia um lanternim, por onde saía grande quantidade de fumaça. E o primeiro fogo sobre o altar de Sauron foi aceso com a lenha cortada de Nimloth; e ela crepitou e foi consumida. Mas os hornens se admiraram com o fumaceiro que dela emanou, tal que a Terra ficou à sombra de uma nuvem durante sete dias, até que ela lentamente se dissipou para o oeste.

Dali em diante, as labaredas e a fumaça subiam incessantes, pois o poder de Sauron crescia e, naquele templo, com derramamento de sangue, tormentos e crueldade imensa, os homens faziam sacrifícios a Melkor para que ele os libertasse da morte. E o mais freqüente era que escolhessem suas vítimas entre os Fiéis. Porém, eles nunca eram acusados abertamente de não adorar Melkor, o Doador da Liberdade, mas o motivo para persegui-los era seu ódio ao Rei, o fato de serem rebeldes ou de tramar contra sua gente, inventando mentiras e venenos. Essas acusações eram em sua maioria falsas. Contudo, aqueles foram dias amargos, e ódio gera ódio.

E no entanto, apesar de tudo isso, a Morte não se afastou da Terra. Pelo contrário, passou a vir mais cedo. Com maior freqüência e com muitas roupagens terríveis. Pois, enquanto no passado os homens envelheciam lentamente e se deitavam no final para dormir, quando finalmente se cansavam do mundo, agora a loucura e a doença os acometiam. E mesmo assim, eles sentiam medo de morrer e entrar no escuro, o reino do senhor que haviam escolhido; e se amaldiçoavam em sua agonia. E os homens se

armavam naquela época e se matavam uns aos outros por motivos insignificantes; pois se haviam tornado irritadiços, e Sauron, ou aqueles que ele recrutara para si, percorria a Terra, instigando um homem contra o outro, de modo que o povo murmurava contra o Rei e os senhores, ou contra qualquer um que tivesse algo que eles não possuíssem. E os homens dotados de poder se vingavam com crueldade.

Não obstante, por muito tempo pareceu aos númenorianos que eles prosperavam; e, se sua felicidade não era maior, eles ainda assim estavam mais fortes; e seus ricos, cada vez mais ricos. Pois, com o auxílio e os conselhos de Sauron, multiplicavam seus bens, inventavam engenhos e construíam naus cada vez maiores. E agora velejavam com poderio e grande armamento até a Terra-média; e não vinham mais como portadores de presentes, nem mesmo como governantes, mas como ferozes guerreiros. Caçavam os homens da Terra-média, tornavam seus bens e os escravizavam; e muitos eles matavam cruelmente em seus altares. Pois em suas fortalezas construíram, naquela época, templos e grandes túmulos. E os homens os temiam; e a lembrança dos bondosos reis de outrora desapareceu do mundo e foi obscurecida por muitas histórias de terror.

Assim, Ar-Pharazôn, Rei da Terra da Estrela, chegou a ser o tirano mais poderoso que já havia existido no mundo desde o reino de Morgoth, embora de fato Sauron tudo governasse por trás do trono. Passaram, porém, os anos, e o Rei sentiu a aproximação da sombra da morte, à medida que sua idade avançava. Foi dominado então pelo medo e pela cólera. Era agora chegada a hora que Sauron preparara e pela qual vinha esperando havia muito tempo. E Sauron falou com o Rei, dizendo que sua força era agora tamanha, que ele poderia pensar em fazer valer sua vontade em todos os aspectos sem se sujeitar a nenhuma ordem ou interdição.

- Os Valar se apossaram da terra em que não há morte; e eles lhe dizem mentiras a respeito dela, ocultando-a da melhor forma possível, por causa de sua avareza e de seu temor de que os Reis dos Homens lhes tomem o reino imortal e governem o mundo em seu lugar. E embora, sem dúvida, o dom da vida eterna não seja para todos, mas apenas para aqueles que o merecem, por serem homens de poder, orgulho e alta linhagem, é uma negação de toda a justiça que esse dom, que é seu direito, seja recusado ao Rei dos Reis, Ar-Pharazôn, o mais poderoso dos filhos da Terra com quem somente Manwë pode se comparar, e talvez nem mesmo ele. Mas grandes reis não toleram recusas e tomam o que é seu por direito.

Ar-Pharazôn, então, atoleimado e já caminhando sob a sombra da morte, pois seu tempo se aproximava do fim, deu ouvidos a Sauron e começou a ponderar em seu íntimo como empreender uma guerra contra os Valar. Muito tempo dedicou à preparação para esse intento, sem falar abertamente sobre ele, embora não fosse possível ocultá-lo de todos. E Amandil, ao se dar conta dos propósitos do Rei, ficou consternado e tomado por enorme pavor, pois sabia que os homens não poderiam vencer os Valar na guerra; e que a ruína deveria se abater sobre o mundo se essa guerra não fosse impedida. Por isso, chamou seu filho, Elendil.

- Os tempos estão escuros – disse. - E não há esperança para os homens, pois são poucos os Fiéis. Por isso, pretendo tentar a decisão que nosso ancestral Eärendil tomou no passado remoto, de navegar para o oeste, com ou sem interdição, e falar com os Valar até mesmo com o próprio Manwë, se possível, e implorar sua ajuda antes que seja tarde.

- Então, o senhor trairia o Reis – perguntou Elendil – Pois o senhor conhece bem a acusação que nos fazem de que somos traidores e espiões, e até o dia de hoje ela foi falsa.

- Se eu achasse que Manwë precisava de um mensageiro desses – disse Amandil -, eu trairia o Rei. Pois só existe uma lealdade da qual nenhum homem pode se eximir em seu coração por nenhum motivo. Mas é por compaixão pelos homens e pela sua libertação

de Sauron, o Impostor, que eu suplicaria, já que pelo menos alguns se mantiveram fiéis. E quanto à Interdição, sofrerei em mim mesmo a punição, para que todo o meu povo não se sinta culpado.

- Mas o que o senhor, meu pai, pensa que irá acontecer àqueles de sua casa que ficarem para trás quando seu feito se tornar conhecido?

- Ele não pode se tornar conhecido – respondeu Amandil, prepararei minha viagem em segredo, e navegarei para o leste, para onde diariamente partem embarcações de nossos portos. Depois, como o vento e a oportunidade permitam, darei a volta, pelo sul ou pelo norte, para o oeste, em busca do que puder encontrar. Mas a você, meu filho, e à sua gente, aconselho que preparem outras naus e que nelas ponham todas aquelas coisas das quais seu coração não conseguir se afastar. E, quando as naus estiverem prontas, fiquem no porto de Rómenna e façam circular entre os homens a notícia de que pretendem, quando chegar a hora, me acompanhar para o leste. Amandil já não é mais tão caro a nosso parente no trono, a ponto de deixá-lo muito triste, se procurarmos ir embora por uns tempos ou para sempre. Porém, não deixe que se perceba que você pretende levar muitos homens, ou ele ficará perturbado, por causa da guerra que agora trama, para a qual necessitará de todas as forças que possa reunir. Procure os Fiéis que ainda são reconhecidamente leais, e faça com que se juntem a você em segredo, se estiverem dispostos a ir com você, e a partilhar seu intento.

- E qual será esse intento? - perguntou Elendil

- O de não se envolver na guerra e observar – respondeu Amandil. - Até eu retornar, não posso dizer mais nada. Mas é muito provável que vocês fujam da Terra da Estrela, sem nenhum astro a guiá-los. Pois essa terra foi profanada. Então, vocês perderão tudo o que amaram, sentindo o gosto da morte em vida, á procura de uma terra de exílio em outra parte. Mas, se será a leste ou a oeste, somente os Valar podem dizer.

Despediu-se então Amandil de seus parentes, como alguém prestes a morrer.

- Pois bem, pode ser que vocês nunca mais me vejam; e que eu não venha a lhes revelar nenhum sinal semelhante ao revelado por Eärendil nos tempos passados. Estejam, porém, preparados, pois o fim do mundo que conhecemos está próximo.

Conta-se que Amandil zarpou numa pequena embarcação à noite, dirigindo-se primeiro para o leste para depois dar a volta e seguir para o oeste. Levava consigo três servos, que lhe eram caros, e nunca mais neste mundo se ouviu falar deles, fosse por noticias, fosse por algum sinal, nem existe nenhum relato ou nenhuma suposição sobre seu destino. Os homens não poderiam ser salvos uma segunda vez por nenhuma missão semelhante, e para a traição de Númenor a absolvição não era fácil.

Elendil, entretanto, fez tudo o que seu pai recomendara, e suas naus foram ancoradas ao largo da costa oriental da Terra. E os Fiéis embarcaram suas mulheres e filhos, seus bens de herança e enorme quantidade de mercadorias. Eram muitos os objetos de beleza e poder, como os que os númenorianos haviam criado em seus tempos de sabedoria, potes e jóias, bem como pergaminhos de tradições inscritos em negro e vermelho. E eles possuíam Sete Pedras, presentes dos eldar. No barco de Isildur, porém, era guardada a jovem árvore, a muda de Nimloth, a Bela. Assim, Elendil manteve-se a postos, sem se envolver nos feitos funestos daqueles tempos. E sempre procurava um sinal que não vinha. Viajou então em segredo até o litoral ocidental e ficou olhando mar afora, pois a tristeza e a saudade se abatiam sobre ele, e era enorme seu amor pelo pai. Mas nada conseguiu avistar a não ser a frota de Ar-Pharazôn, reunida nos portos do oeste.

Ora, em Eras antigas, na ilha de Númenor, o tempo era sempre propício às necessidades e preferências dos homens: chuva na estação devida e sempre na medida certa; e sol, ora mais quente, ora menos, e ventos do mar. E quando o vento vinha do

oeste, a muitos parecia que vinha impregnado de uma fragrância, efêmera, porém agradável, inspiradora, como a de flores eternamente abertas em prados perenes, que não têm nomes em plagas mortais. Tudo isso agora mudara. Pois o próprio céu havia escurecido; e havia tempestades de chuva e granizo naquela época, assim como ventos violentos. E de quando em quandlo uma grande nau dos númenorianos afundava e não voltava ao porto, embora uma desgraça semelhante não lhes houvesse ocorrido até então desde a ascensão da Estrel.a E do oeste às vezes vinha uma enorme nuvem ao entardecer, com a forma de uma águia, com as pontas das asas abertas para o norte e para o sul; e aos poucos ela assomava, encobrindo totalmente o pôr-do-sol, e a escuridão absoluta caía então sobre Númenor. E algumas das águias traziam raios sob as asas, e trovões reverberavam entre o céu e as nuvens.

Surgiu então o medo entre os homens.

- Vejam as Águias dos Senhores do Oeste! - gritavam eles

- As Águias de Manwë estão investindo contra Númenor! - E caíam prostrados.

Então, uns poucos se arrependeram por algum tempo, mas outros endureceram seus corações e brandiram os punhos para os céus.

- Os Senhores do Oeste tramaram contra nós. Estão atacando primeiro. O próximo movimento será nosso! - Essas palavras o próprio Rei pronunciou, mas elas haviam sido maquinadas por Sauron.

Então os raios aumentaram e mataram homens nas colinas, nos campos e nas ruas da cidade. E uma faísca de fogo atingiu em cheio a cúpula do Templo e a fendeu, e ela ficou envolta em chamas. Mas o Templo em si não sofreu abalo, e Sauron ficou de pé em seu pináculo, desafiando os relâmpagos sem ser atingido. E nessa hora os homens o chamaram de deus e fizeram tudo o que ele queria. Quando, contudo, ocorreu o último prodígio, eles lhe prestaram pouca atenção. Pois a terra tremeu sob seus pés; e um ronco semelhante ao de um trovão subterrâneo misturou-se ao bramido do mar; e a fumaça saiu pelo pico da Meneltarma.

Entretanto, Ar-Pharazôn insistia cada vez mais em seus armamentos.

Naquela ocasião, a frota dos númenorianos escurecia o mar a oeste da Terra e se assemelhava a um arquipélago de mil ilhas. Seus mastros eram como uma floresta sobre as montanhas; suas velas, como uma nuvem melancólica; e seus estandartes eram dourados e negros. E tudo estava à espera da palavra de Ar-Pharazôn; e Sauron se recolheu para o círculo mais retirado do Templo, e os homens lhe traziam vítimas a serem incineradas.

Então, as Águias dos Senhores do Oeste surgiram, saindo do entardecer, dispostas como que para a batalha, avançando numa linha cuo final se reduzia até ficar fora do alcance da vista. E, enquanto se aproximavam, suas asas se abriam cada vez mais e abarcavam o céu. Mas o oeste brilhava vermelho atrás delas; e elas refulgiam embaixo, como se estivessem iluminadas por um fogo de raiva enorme, de modo que toda Númenor parecia colorir-se de uma luz esbraseada E os homens contemplavam o rosto dos companheiros, e lhes parecia que estavam vermelhos de raiva.

Endureceu então Ar-Pharazôn seu coração e embarcou em sua poderosa nau, Alcarondas, o Castelo do Mar. Era provida de muitos remos e de muitos mastros, dourados e negros, e nela foi instalado o trono de Ar-Pharazôn. Ele então vestiu sua armadura e pôs a coroa na cabeça; mandou hastear o estandarte e deu o sinal para içar âncoras. E naquela hora os clarins de Númenor abafaram o ruído dos trovões.

Foi assim que a frota dos númenorianos se mobilizou contra a ameaça do oeste. E havia pouco vento, mas eles dispunham de muitos remos e de muitos escravos fortes para remar debaixo de açoites. O sol se pôs, e sobreveio um enorme silêncio. Caiu a escuridão

sobre a Terra, e o mar estava calmo, enquanto o mundo esperava o que iria acontecer. Lentamente, as esquadras desapareceram da vista dos que olhavam nos portos, suas luzes foram se apagando, e a noite apoderou-se delas. E pela manhã, já não estavam mais lá. Pois surgira um vento leste que as soprou para longe. E elas desrespeitaram a Interdição dos Valar, e entraram em águas proibidas. Para guerrear contra os Imortais, a fim de roubar deles a vida eterna dentro dos Círculos do Mundo.

No entanto, a frota de Ar-Pharazôn foi surgindo das profundezas do oceano e cercou Avallónë e toda a ilha de Eressëa, e os eldar se entristeceram, pois a luz do Sol poente foi tapada pela nuvem dos númenorianos. E, finalmente, Ar-Pharazôn chegou mesmo a Aman, o Reino Abençoado, e às costas de Valinor. E ainda assim o silêncio era total, e o destino estava por um fio.

Pois Ar-Pharazôn hesitou no final e quase retornou. Teve dúvidas em seu coração quando deparou com as praias silenciosas e quando viu Taniquetil brilhando, mais branca do que a neve, mais fria do que a morte, muda, imutável, terrível como a sombra da luz de Ilúvatar. Mas o orgulho era agora seu senhor; e ele afinal deixou sua nau e pisou na praia, reivindicando para si a posse daquela terra se ninguém viesse lutar por ela. E um exército de númenorianos armou um enorme acampamento perto de Túna, de onde todos os eldar haviam fugido.

Então, Manwë sobre a Montanha invocou Ilúvatar; e naquela época os Valar renunciaram a sua autoridade sobre Arda. Ilúvatar, porém, acionou seu poder e mudou a aparência do mundo.

Abriu-se então no mar um imenso precipício entre Númenor e as Terras Imortais; e as águas jorraram para dentro dele. E o estrondo e a espuma das cataratas subiram aos céus; e o mundo foi abalado. E toda a esquadra dos númenorianos foi arrastada para esse abismo, afundando e sendo engolida para sempre. Já Ar-Pharazôn, o Rei, e os guerreiros mortais que haviam posto os pés na terra de Aman foram soterrados por colinas que desmoronaram. Conta-se que ali eles jazem, presos, nas Grutas dos Esquecidos, até a Última Batalha e o Juízo Final.

Mas a terra de Aman e Eressëa dos eldar foram levadas, retiradas para sempre para fora do alcance dos homens. E Andor, a Terra da Dádiva, Númenor dos Reis, Elenna da Estrela de Eärendil, foi totalmente destruída. Pois estava perto do lado oriental da enorme fenda; e seus alicerces foram revirados, fazendo-a tombar e cair na escuridão; e ela não existe mais. E agora não resta sobre a Terra lugar algum em que esteja preservada a lembrança de um tempo sem maldade. Pois Ilúvatar fez recuarem os Grandes Mares a oeste da Terra-média e também as Terras Vazias a leste; e novas terras e novos mares foram criados. E o mundo foi reduzido, já que Valinor e Eressëa foram transferidas para o reino das coisas ocultas.

Essa tragédia ocorreu numa hora inesperada pelos homens, no trigésimo nono dia da passagem da esquadra. De repente, Meneltarma explodiu em chamas; vieram um vento fortíssimo e um tumulto na Terra; os céus tremeram e as colinas deslizaram; e Númenor afundou no oceano com todas as suas crianças, esposas, donzelas e damas altivas, com todos os seus jardins, salões e torres; seus túmulos e tesouros; suas jóias, seus tecidos, seus objetos pintados e esculpidos, seu riso, sua alegria e sua música; seus conhecimentos e sua tradição: tudo desapareceu para sempre. E em último lugar, a onda que se avolumava, verde, fria e com uma crista de espuma, subindo pela terra, levou para seu seio Tar-Miriel, a Rainha, mais bela do que prata, marfim ou pérolas. Era tarde demais quando ela se esforçou por subir pelas trilhas íngremes da Meneltarma até o local sagrado; pois as águas a alcançaram, e seu grito se perdeu no bramido do vento

No entanto, fosse ou não fosse por Amandil de fato ter chegado a Valinor, e

Manwë ter dado ouvidos a suas súplicas, pela graça dos Valar, Elendil e seus filhos, e também seu povo, foram poupados da destruição daquele dia. Pois Elendil havia permanecido em Rómenna, recusando-se a obedecer à convocação do Rei quando este partiu para a guerra. E, evitando os soldados de Sauron que vieram buscá-lo para arrastá-lo até a fogueira do Templo ele embarcou em sua nau e ficou parado ao largo da costa, à espera. Ali foi protegido pela terra do grande escoamento do mar que tudo arrastou para o precipício; e depois ficou abrigado da primeira fúria da tempestade. Contudo, quando a onda devoradora encobriu a terra, e Númenor tombou, nesse momento ele teria sido derrubado e teria considerado uma infelicidade menor perecer, pois nenhuma separação causada pela morte poderia ser mais dolorosa do que a perda e a agonia daquele dia. Foi porém apanhado pelo vento fortíssimo, mais violento do que qualquer vento conhecido pelos homens, que veio ruidoso do oeste e empurrou suas embarcações para longe; e rasgou suas velas, quebrou seus mastros e perseguiu os infelizes como palha sobre as águas.

Eram nove embarcações quatro para Elendil, três para Isildur e duas para Anárion. E elas voavam à frente do vendaval negro, saindo do crepúsculo da destruição para a escuridão do mundo. E os mares se revoltavam debaixo delas numa raiva crescente, e ondas como montanhas que se moviam com enormes capuzes de neve enroscada as sustentaram à altura do torvelinho das nuvens e, depois de muitos dias, as lançaram nas praias da Terra-média. E todas as costas e regiões litorâneas do mundo ocidental sofreram enorme destruição e transformação naquela época. Pois os mares invadiram as terras; praias cederam; ilhas antigas afundaram e novas ilhas foram erguidas; e colinas desmoronaram e rios foram desviados para cursos estranhos.

Elendil e seus filhos depois fundaram reinos na Terra-média; e, embora suas tradições e seus ofícios não passassem de uma sombra do que haviam sido antes que Sauron chegasse a Númenor, mesmo assim pareciam admiráveis aos homens selvagens do mundo. E muito se conta em outros relatos dos feitos dos herdeiros de Elendil na Era que sobreveio, bem como de sua luta com Sauron, que ainda não terminara.

Pois o próprio Sauron foi dominado por um medo enorme diante da fúria dos Valar e da condenação que Eru lançou sobre terras e mares. Era muito maior do que qualquer coisa que ele podia ter desejado, pois só esperava pela morte dos númenorianos e pela derrota de seu rei arrogante. E Sauron, sentado em sua cadeira negra no centro do Templo, havia rido ao ouvir os clarins de Ar-Pharazôn soando para a batalha; e mais uma vez havia rido ao ouvir os trovões da tempestade; e uma terceira vez, no momento em que ria de sua própria idéia, pensando no que iria fazer agora no mundo, já que estava livre dos edain para sempre, foi apanhado no meio de seu júbilo; e sua cadeira e seu templo caíram no abismo. Sauron, entretanto, não era de carne mortal; e, embora estivesse agora destituído dessa forma na qual havia cometido tamanho mal, para nunca mais voltar a parecer simpático aos olhos dos homens, mesmo assim seu espírito se elevou das profundezas e passou como uma sombra e um vento escuro por cima do mar, voltando à Terra-média e a Mordor, que era seu lar. Ali, ele mais uma vez apanhou seu magnífico Anel em Barad-dûr; e ali permaneceu, sinistro e mudo, até inventar para si uma nova aparência, uma imagem de perversidade e ódio tornados visíveis; e poucos conseguiam encarar o Olho de Sauron, o Terrível.

Esses fatos, porém, não entram na história da Submersão de Númenor, da qual agora tudo está relatado. E até mesmo o nome daquela terra pereceu; e dali em diante os homens falavam não de Elenna, nem de Andor, a Dádiva retirada, nem ele Númenórë, nos confins do mundo. Mas os exilados à beira-mar, quando se voltavam para o oeste, seguindo o desejo de seus corações, falavam em Mar-nu-Palmar, tragada pelas ondas,

Akallabêth, a Derrubada; Atalantë. No idioma eldarin.

Entre os Exilados, muitos acreditavam que o pico da Meneltarma, a Coluna dos Céus, não tinha ficado submerso para sempre, mas voltara a se erguer acima das ondas. Uma ilha solitária perdida na imensidão das águas. Pois ele havia sido um local sagrado, e nem mesmo nos tempos de Sauron alguém o profanara. E da linhagem de Eärendil houve alguns que mais tarde saíram a procurá-lo, porque se dizia entre os mestres das tradições que os homens de boa visão de outrora conseguem, da Meneltarma, ter um vislumbre da Terra Imortal. Pois mesmo após a destruição, os corações dos dúnedain estavam ainda voltados para o oeste; e, embora de fato soubessem que o mundo estava mudado, diziam – Avallónë desapareceu da face da Terra e a Terra de Aman foi levada daqui, e no mundo desta escuridão atual, não podem ser encontradas.

Contudo, outrora elas existiram, logo ainda existem, em seu ser verdadeiro e na forma total do mundo, como planejado de inicio.

Pois os dúnedain consideravam que até os homem mortais, se tivessem esse dom poderiam contemplar outras épocas que não fossem as da vida de seus corpos. E sempre ansiavam por escapar das sombras de seu exílio e de algum modo enxergar a luz que não se apaga. É que a tristeza com a idéia da morte os perseguira, atravessando as profundezas do oceano. Era assim que grandes marinheiros entre eles ainda saiam a esquadrinhar os mares desertos, na esperança de encontrar a Ilha da Meneltarma e dali ter uma visão das coisas como haviam sido. Mas não a encontravam. E aqueles que muito navegavam, chegavam a novas terras apenas para descobrir que elas eram parecidas com as terras conhecidas e sujeitas à morte. E aqueles que navegaram mais do que todos, apenas circundaram a Terra e voltaram cansados ao local de onde haviam partido, e diziam: “Todas as rotas agora são curvas”.

Portanto, em tempos posteriores, fosse com as viagens marítimas, fosse com as tradições e os conhecimentos dos astros, os reis dos homens souberam que o mundo com efeito se arredondara e que, mesmo assim, aos elfos ainda era permitido partir e voltar para o Antigo Oeste e para Avallónë, se quisessem. Logo, diziam os mestres das tradições dos homens que uma Rota Plana deveria ainda existir para aqueles a quem era permitido encontrá-la. E ensinavam que, enquanto o novo mundo se afastava, o velho caminho e a rota da lembrança do oeste ainda continuavam, como uma imensa ponte invisível que passasse pelo ar da respiração e do vôo (que estava agora encurvado seguindo a curvatura do mundo), atravessasse Ilmen, que a carne desamparada não conseguiria suportar, até chegar a Tal Eressëa, a Ilha Solitária, e talvez ainda mais longe a Valinor, onde os Valar ainda moram e de onde observam os desdobramentos da história do mundo. E surgiram relatos e rumores, ao longo das costas do mar, sobre marinheiros e homens perdidos nas águas, que, por alguma sina. Graça ou concessão dos Valar, haviam entrado pela Rota Plana e visto a superfície do mundo sumir abaixo deles, e assim chegaram aos cais iluminados de Avallónë, ou mesmo às últimas praias no litoral de Aman; e ali contemplaram, antes de morrer a Montanha Branca, bela e terrível.

DOS ANÉIS DE PODER E DA TERCEIRA ERA

Dos anéis de poder e da Terceira Era

em que estas histórias chegam ao fim

Outrora havia Sauron, o Maia, que os sindar em Beleriand chamavam de Gorthaur. No início de Arda, Melkor seduziu-o para sua vassalagem, e Sauron se tomou o maior e mais confiável dos servos do Inimigo; e também o mais perigoso, pois podia assumir muitas formas; e por muito tempo, se quisesse, ainda pôde aparentar nobreza e beleza, de modo a enganar a todos, à exceção dos extremamente cautelosos.

Quando as Thangorodrim foram destruídas, e Morgoth, derrubado, Sauron voltou a assumir sua bela aparência, prestou votos de obediência a Eönwë, o arauto de Manwë, e repudiou todos os seus atas maléficos. E sustentam alguns que de início não agiu assim com falsidade, mas que estava de fato arrependido, no mínimo por medo, já que ficara transtornado com a queda de Morgoth e a cólera imensa dos Senhores do Oeste. Mas não era da competência de Eönwë perdoar os que fossem seus iguais, e ele ordenou a Sauron que voltasse a Aman para lá receber o julgamento de Manwë. Sauron então se envergonhou; e não se dispôs a retomar humilhado e receber dos Valar uma sentença, talvez, de longa servidão, para provar sua boa-fé. Pois, sob o comando de Morgoth, seu poder era imenso. Portanto, quando Eönwë partiu, ele se escondeu na Terra-média; e voltou a cair no mal, pois os laços que Morgoth lançara sobre ele eram muitos fortes.

Na Grande Batalha e nos tumultos da queda das Thangorodrim, houve na Terra tremendas convulsões, e Beleriand foi destruída e devastada. E a norte e a oeste, muitas terras afundaram sob as águas do Grande Mar. No leste, em Ossiriand, as muralhas das Ered Luin foram derrubadas. E um grande espaço se abriu nelas mais ao sul, e para ali escoou a água do mar, formando um golfo. Nesse golfo, o Rio Lûn desaguava por um novo curso, e por isso ele foi chamado de Golfo do Lûn. Aquela região fora antigamente chamada de Lindon pelos noldor, e esse nome lhe pertenceu para sempre. E muitos dos eldar ainda moravam ali, demorando-se, sem querer abandonar Beleriand, onde haviam lutado e trabalhando por tanto tempo Gil-galad, filho de Fingon, era seu Rei, e com ele estava Elrond, Meio-elfo, filho de Eärendil, o Marinheiro, e irmão de Elros, o primeiro rei ele Númenor Às margens do Golfo do Lûn, os elfos construíram seus portos e os chamaram dee Mithlond. E ali guardavam muitas naus, pois os abrigos eram bons. Dos Portos Cinzentos, de vez em quando os eldar navegavam, fugindo às trevas dos dias na Terra, pois, por mercê dos Valar, os Primogênitos ainda podiam seguir a Rota Plana e voltar, se quisessem, para seus parentes em Eressëa e Valinor, para além dos mares circundantes.

Houve outros dos eldar que atravessaram as Montanhas Ered Luin naquela época e encontraram mais para o interior. Muitos deles eram teleri, sobreviventes de Doriath e de Ossiriand; e eles fundaram reinos em meio aos elfos-silvestres em bosques e montanhas longe do mar, do qual, não obstante, sentiam sempre saudades em seus corações. Somente em Eregion, que os homens chamavam Azevim, os elfos de estirpe noldorin estabeleceram um reino duradouro do outro lado das Ered Luin. Eregion ficava perto dos grandes palácios dos anões que se chamavam Khazad-dûm, mas eram conhecidos pelos elfos como Hadhodrond e, mais tarde, Moria. De Ost-in-Edhil, a cidade dos elfos, a estrada principal seguia até o Portão Oeste de Khazad-dûm, pois uma amizade surgiu entre anões e elfos, como nunca houve em outro lugar, para o aperfeiçoamento desses

dois povos. Em Eregion, os artífices dos Gwaith-i- Mírdain, o Povo dos Joalheiros, superavam em perícia todos os que um dia trabalharam nessa atividade, à exceção do próprio Fëanor; e, com efeito, o de maior habilidade entre eles era Celebrimbor, filho de Curufin, que se desentendeu com o pai e permaneceu em Nargothrond quando Celegorm e Curufin foram expulsos, como está relatado no Quenta Silmarillion.

Em outras regiões da Terra-média, houve paz por muitos anos. As terras eram porém em sua maior parte ermas e desoladas, a não ser pelos locais para onde fora o povo de Beleriand.

Muitos elfos de fato viviam lá, como tinham vivido por anos sem conta, perambulando livres pelas terras amplas, longe do Mar. Mas eles eram avari, para quem os feitos de Beleriand não passavam de um rumor, e Valinor era apenas um nome distante. E, no sul e no extremo leste, os homens se multiplicavam; e em sua maioria se voltavam para o mal, pois Sauron estava em atividade.

Vendo a desolação do mundo, Sauron conclui em seu íntimo que os Valar, tendo destronado Morgoth, tinham mais uma vez se esquecido da Terra-média. E seu orgulho cresceu rapidamente. Ele encarava os eldar com ódio, e temia os homens de Númenor, que de vez em quando voltavam em seus barcos às costas da Terra-média; mas por muito tempo disfarçou seu pensamento e ocultou os desígnios sinistros que elaborava no coração.

Sauron descobriu que os homens eram os mais fáceis de influenciar dentre todos os povos da Terra; mas por muito tempo procurou convencer os elfos a lhe prestarem serviço, pois sabia que os Primogênitos tinham maior poder. E andava livremente em meio a eles, e sua aparência ainda era de alguém belo e sábio. Somente a Lindon não ia, pois Gil-galad e Elrond duvidavam dele e de sua bela aparência; e, embora não soubessem quem ele era na realidade, não admitiam sua entrada naquele território. Em outras partes, entretanto, os elfos o recebiam com prazer, e poucos deles davam ouvidos aos mensageiros de Lindon que lhes recomendavam cautela. Pois Sauron adorou o nome de Annatar Senhor dos Presentes, e a princípio muito proveito eles tiraram da amizade com ele.

- Que lástima a fraqueza dos grandes – disse-lhes então Sauron. - Pois rei poderoso é Gil-galad, e sábio em todas as tradições é o Mestre Elrond. Mas. Mesmo assim, eles não me querem ajudar em meus esforços. Será possível que não desejem ver outras terras se tornarem tão venturosas quanto a deles? Mas por que deveria a Terra-média permanecer para sempre desolada e escura, se os elfos poderiam torná-la tão bela quanto Eressëa! Não, tão bela até mesmo quanto Valinor? E, já que não voltaram para lá como poderiam, percebo que vocês amam a Terra-média, como eu amo. Não será então nossa missão trabalhar juntos para aperfeiçoá-la e para elevar todas as estirpes de elfos que perambulam por aqui, incultas, ao apogeu de conhecimento e poder que têm aqueles que estão do outro lado do Mar? Foi em Eregion que os conselhos de Sauron foram acolhidos com maior prazer, pois naquela terra os noldor sempre desejaram aumentar a perícia e a sutileza de suas obras Além do mais, eles não estavam em paz em seu íntimo, já que se haviam recusado a voltar para o oeste e desejavam tanto permanecer na Terra-média, que amavam, quanto gozar da bem-aventurança dos que haviam partido. Por isso, deram ouvidos a Sauron e com ele muito aprenderam, pois seu conhecimento era imenso. Naquela época, os artífices de Ost-in-Edhil superaram tudo o que haviam criado antes. Refletiram, e fizeram Anéis de Poder. Contudo, Sauron guiava seus esforços e estava a par de tudo o que faziam; pois seu desejo era impor uma obrigação aos elfos e mantê-los sob vigilância.

Ora, os elfos fizeram muitos anéis. Em segredo, porém. Sauron fez Um Anel para

governar todos os outros, e o poder dos outros estava vinculado ao dele, de modo a submeter-se totalmente a ele e a durar somente enquanto ele durasse. E grande parte da força e da vontade de Sauron foi transmitida àquele Um Anel. Pois o poder dos anéis élficos era enorme, e aquele que deveria governá-los deveria ser um objeto de potência extraordinária E Sauron o forjou na Montanha de Fogo na Terra da Sombra. E, enquanto usava o Um Anel, ele conseguia perceber tudo o que era feito pelos anéis subalternos, e ler e controlar até mesmo os pensamentos daqueles que os usavam.

Os elfos, entretanto, não se deixariam apanhar com tanta facilidade. Assim que Sauron pôs o Um Anel no dedo, eles se deram conta dele, reconheceram-no e perceberam que ele queria ser senhor deles e de tudo o que eles criavam. Então, enfurecidos e cheios de medo, recolheram seus anéis. Sauron, porém, descobrindo-se traído e vendo que não conseguira enganar os elfos, enfureceu-se. E investiu contra eles em guerra declarada, exigindo que todos os anéis lhe fossem entregues, já que os joalheiros élficos não poderiam tê-los executado sem seus conhecimentos e conselhos. Mas os elfos fugiram dele; e três dos anéis eles salvaram, levaram embora e esconderam.

Ora, esses eram os Três que haviam sido feitos por último e que possuíam os maiores poderes.

Narya, Nenya e Vilya eram chamados: os Anéis do Fogo, da Água e do Ar, engastados com rubi, diamante e safira. E de todos os anéis élficos eram esses os que Sauron mais desejava possuir, pois quem os guardasse poderia afastar os estragos do tempo e adiar o cansaço do mundo. No entanto, Sauron não conseguiu descobri-los, pois eles haviam sido entregues nas mãos dos Sábios, que os ocultaram e nunca mais os usaram abertamente enquanto Sauron manteve o Anel Governante. Portanto, os três permaneceram imaculados, pois foram forjados somente por Celebrimbor, e a mão de Sauron nunca os tocou. Contudo, eles também estavam sujeitos ao Um.

Daquela época em diante, a guerra nunca mais cessou entre Sauron e os elfos. E Eregion foi devastada; Celebrimbor, assassinado; e as portas de Moria, fechadas. Nesse período, a fortaleza e o refúgio de Imladris, que os homens chamam de Valfenda, foi fundada por Elrond Meioelfo.

E resistiu por muito tempo. Sauron, entretanto, acumulou nas mãos todos os Anéis de Poder que restavam. E os distribuiu a outros povos da Terra-média, esperando assim atrair para sua influência todos os que desejassem um poder secreto maior do que o atribuído à sua espécie. Sete anéis deu ele aos anões; mas aos homens deu nove, pois os homens se revelaram, nesse aspecto como em outros, os mais propensos a se submeter à sua vontade E todos esses anéis que ele controlava ele perverteu, ainda com maior facilidade por ter participado de sua confecção; e eles eram amaldiçoados e acabavam por trair todos os que os usavam. Os anões de fato se provaram resistentes e duros de domar. É que eles não suportam o domínio de outros, e é difícil descobrir o que passa em seus corações; além disso, não podem ser transformados em sombras. Usavam seus anéis somente para a obtenção de riquezas, mas a cólera e uma cobiça avassaladora por ouro foram despertados em seu íntimo, e disso bastantes malefícios resultaram em proveito de Sauron. Diz-se que a origem de cada um dos Sete Tesouros dos Reis Anões de outrora foi um anel de ouro. Mas todos esses tesouros já há muito foram pilhados, e os dragões os devoraram; e dos Sete Anéis alguns foram consumidos pelo fogo, e alguns Sauron recuperou

Revelou-se mais fácil atrair os homens para a armadilha. Os que usaram os nove Anéis tornaram-se poderosos no seu tempo, reis, feiticeiros e guerreiros do passado remoto Conquistaram glória e enorme fortuna, mas elas acabaram sendo sua desgraça. Ao que parecia eles tinham vida eterna, mas a vida se tornou insuportável para eles. Podiam

caminhar, se quisessem, sem serem vistos por nenhum olhar neste mundo sob o sol; e podiam enxergar coisas em mundos invisíveis para os mortais. Mas com enorme freqüência viam apenas os espectros e as ilusões de Sauron. E um a um mais cedo ou mais tarde, de acordo com sua força inata e a bondade ou a maldade de suas vontades no início, eles caiam sob a escravidão do anel que portavam e sob o domínio do Um, que era o de Sauron E se tornavam invisíveis para sempre, menos para ele, que usava o Anel Governante e passavam para o reino das sombras.

Os nazgûl eram eles, os Espectros do Anel os mais terríveis servos do Inimigo. A escuridão ia com eles, e seus gritos eram dados com a voz da morte Ora, a cobiça e o orgulho de Sauron aumentaram até ele não respeitar nenhum limite e decidir tomar-se senhor de todas as coisas na Terra-média, destruir os elfos e provocar, se possível, a queda de Númenor. Ele não tolerava nenhuma liberdade nem rivalidade e se intitulou Senhor da Terra. Uma máscara ainda conseguia usar para poder enganar os olhos dos homens, se quisesse, parecendo-lhes sábio e belo No entanto, governava mais pela força e pelo medo, se esses pudessem resolver. E aqueles que percebiam sua sombra a se espalhar pelo mundo o chamavam de Senhor do Escuro, e de Inimigo. E ele voltou a reunir sob seu comando todos os seres nefastos dos tempos de Morgoth que permaneciam na terra ou debaixo dela; e os orcs eram seus súditos e se multiplicavam como moscas. Assim começaram os Anos Escuros, que os elfos chamaram de Dias da Fuga. Nessa época, muitos dos elfos da Terra-média fugiram para Lindon, e dali cruzaram os mares para nunca mais retornar; e muitos foram destruídos por Sauron e seus servos. Em Lindon, porém, Gil-galad ainda mantinha seu poder, e Sauron ainda não ousava transpor as montanhas das Ered Luin nem atacar os Portos. E Gil-galad recebia auxílio dos númenorianos. Em todas as outras regiões, Sauron reinava, e quem queria ser livre se abrigava nos redutos de bosques e montanhas, e o medo sempre os perseguia. No leste e no sul praticamente todos os homens estavam sob seu domínio, e naquele período eles se fortaleceram e construíram muitas cidades e muralhas de pedra; e eram numerosos e ferozes na guerra com suas armas de ferro. Para eles, Sauron era tanto rei quanto deus; e sentiam um pavor extremo dele, pois sua morada era cercada com fogo.

Contudo, ocorreu afinal uma trégua nos ataques de Sauron às terras ocidentais. Pois, como está relatado no Akallabêth; ele foi desafiado pelo poderio de Númenor. Tão imensos eram o poder e o esplendor dos númenorianos no apogeu de seu reino, que os servos de Sauron não se dispuseram a lhes oferecer resistência; e, esperando realizar pela astúcia o que não havia conseguido pela força, ele deixou a Terra-média por uns tempos e foi para Númenor como refém de Tar-Calion, o Rei. E ali permaneceu até ter corrompido, com suas artimanhas, os corações da maioria daquele povo, tê-los posto em guerra contra os Valar e provocado, assim, sua destruição, como era seu antigo desejo. Essa destruição foi, porém, mais terrível do que Sauron havia previsto, pois ele estava esquecido do poder dos Senhores do Oeste em sua fúria.

Fendeu-se o mundo, e a terra foi engolida enquanto os mares subiram para encobri-la, e o próprio Sauron afundou nas profundezas. Seu espírito, entretanto, ergueu-se e, levado por um vento sinistro, fugiu de volta para a Terra-média, em busca de um lar. Lá descobriu que o poder de Gil-galad se tornara imenso nos anos de sua ausência; e agora cobria vastas regiões do norte e do oeste, tendo ultrapassado as Montanhas Nevoentas e o Grande Rio até chegar aos limites da Grande Floresta Verde, e se aproximava dos locais fortificados onde no passado ele se sentia seguro. Recolheu-se então Sauron a sua fortaleza na Terra Negra e começou a planejar guerra.

Naquela época, aqueles númenorianos que haviam sido salvos da destruição fugiram para o leste como está relatado no Akallabêth. O líder desses era Elendil, o Alto.

E seus filhos, Isildur e Anárion. Parentes do Rei eram eles, descendentes de Elros, mas não se haviam disposto a dar ouvidos a Sauron, recusando-se a entrar em guerra com os Senhores do Oeste. Manejando suas naus com todos os que permaneciam fiéis, abandonaram a terra de Númenor antes que a destruição a atingisse. Eram homens poderosos, e suas naus eram fortes e altas, mas as tempestades as alcançaram, e elas foram transportadas no alto de montanhas de água até mesmo tocando as nuvens; e lançadas sobre a Terra-média como aves atiradas pela tempestade Elendil foi jogado pelas ondas na terra de Lindon, e foi bem acolhido por Gil-galad. Dali, ele subiu peio Rio Lûn e, do outro lado das Ered Luin, fundou seu reino. E seu povo habitava muitos locais em Eriador, junto aos cursos do Lûn e do Baranduin; mas sua cidade pnncipal era Annúminas, às margens do Lago Nenuial. Em Fornost, nas Colinas do Norte, também moravam os númenorianos, assim como em Cardolan e nas Colinas de Rhudaur; e torres eles ergueram nas Emyn Beraid e no Amon Sûl. E restam muitos túmulos e ruínas nesses locais, mas as torres das Emyn Beraid ainda olham na direção do Mar.

Isildur e Anárion foram levados mais para o sul e afinal subiram com suas embarcações pelo Grande Rio Anduin. Que sai de Rhovanion para o mar ocidental, na Baía de Belfalas. Estabe leceram um reino naquelas terras, que passaram a se chamar Gondor, enquanto o Reino Setentrional foi chamado de Amor. No passado remoto, no apogeu de seu poder, os marinheiros de Númenor fundaram um porto e fortificações junto às Fozes do Anduin, a despeito de Sauron na Terra Negra, que ficava próxima, a leste. Em épocas posteriores, até esse porto vinham apenas os Fiéis de Númenor. Portanto, muitos do povo da região litorânea estavam total ou parcialmente familiarizados com os amigos-dos-elfos e com o povo de Elendil. E deram as boas-vindas a seus filhos. A principal cidade desse reino meridional era Osgiliath, que era cortada ao meio pelo Grande Rio. E os númenorianos ali construíram uma ponte enorme, sobre a qual havia torres e casas de pedra de aparência maravilhosa; e altas embarcações vinham do mar até os cais da cidade. Outras praças fortificadas eles também construíram de cada lado: Minas Ithil, a Torre da Lua Nascente, a leste, sobre uma plataforma saliente das Montanhas Sombrias, como uma ameaça a Mordor; e a oeste, Minas Anor, a Torre do Sol Poente, aos pés do Monte Mindolluin, como um escudo contra os homens selvagens das várzeas. Em Minas Ithil, ficava a casa de Isildur; e em Minas Anor, a de Anárion; mas os dois dividiam o reino entre si, e seus tronos estavam um ao lado do outro no Grande Palácio em Osgiliath. Essas eram as principais moradas dos númenorianos em Gondor, mas outras construções fortes e maravilhosas eles realizaram na Terra nos tempos de seu poder, nas Argonath e em Aglarond, assim como no Erech. E no círculo de Angrenost, que os homens chamavam de Isengard, eles construíram o Pináculo de Orthanc, feito de pedra indestrutível.

Muitos tesouros e famosas heranças de grande virtude e prodígio os Exilados trouxeram de Númenor; e desses os mais renomados eram as Sete Pedras e a Árvore Branca. A Árvore Branca nasceu do fruto de Nimloth, a Bela, que ficava nos pátios do Rei em Armenelos, em Númenor, antes que Sauron a queimasse. E Nimloth por sua vez descendia da Árvore de Tirion, que era uma imagem da Mais Velha das Árvores, a Alva Telperion, que Yavanna fizera crescer na terra dos Valar. A Árvore, uma lembrança dos eldar e da luz de Valinor, foi plantada em Minas Ithil, em frente à casa de Isildur, já que fora ele quem salvara o fruto da destruição; mas as Pedras foram repartidas.

Três ficaram com Elendil, e duas com cada um de seus Filhos. As de Elendil foram guardadas em torres nas Emyn Beraid, no Amon Sûl e na cidade de Annúminas. Já as dos Filhos foram para Minas Ithil e Minas Anor, em Orthanc e em Osgiliath. Ora, essas Pedras tinham o poder de permitir que aqueles que olhassem dentro delas percebessem

acontecimentos distantes, fosse no tempo, fosse no espaço. Na maioria das vezes, elas revelavam apenas algo que estivesse próximo a outra Pedra irmã, pois eram atraídas cada uma pela outra. Aqueles, porém, que possuíssem enorme força de pensamento e de vontade poderiam aprender a direcionar seu olhar para onde desejassem. Assim, estavam os númenorianos a par de muitos fatos que seus inimigos desejavam ocultar e pouco escapava a sua vigilância nos dias de seu apogeu.

Diz-se que as torres das Emyn Beraid não foram construídas de fato pelos Exilados de Númenor, mas erguidas por Gil-galad para Elendil, seu amigo; e que a Pedra-vidente das Emyn Beraid estava guardada em Elostirion, a mais alta das torres. Para lá Elendil costumava se recolher, e dali olhava para os mares divisórios, quando se abatia sobre ele a tristeza do exílio.

Acredita-se também que assim ele às vezes via muito ao longe, até mesmo a Torre de Avallónë, em Eressëa, onde ficava, e ainda fica, a Pedra-mestra. Essas pedras foram presente dos eldar a Amandil, pai de Elendil, para servir de consolo aos Fiéis de Númenor nos tempos escuros, quando os elfos não podiam mais vir àquela terra dominada pela sombra de Sauron.

Eram chamadas de Palantíri, As que Vigiam de Longe. No entanto todas as que foram trazidas para a Terra-média no passado se perderam.

Desse modo, os Exilados de Númenor estabeleceram seus reinos em Amor e em Gondor; mas, antes que se passassem muitos anos, tornou-se manifesto que seu inimigo, Sauron, também voltara. Ele chegou em segredo, como se relatou, a seu antigo reino de Mordor, do outro lado das Ephel Dúath, as Montanhas Sombrias e esse território tinha fronteiras com Gondor, a leste.

Ali, sobre o vale de Gorgoroth, foi construída sua fortaleza enorme e poderosa, Barad-dûr, a Torre Escura. E havia uma montanha de fogo naquela terra, que os elfos chamavam de Orodruin. Com efeito, por esse motivo, Sauron havia fixado moradia ali no passado remoto, pois usava o fogo que brotava das entranhas da terra em seus feitiços e em sua forja. E no meio da Terra de Mordor, ele havia criado o Anel Governante. Agora, ruminava no escuro até elaborar uma nova forma para si mesmo. E ela era terrível, pois sua bela aparência havia desaparecido para sempre quando ele fora lançado nas profundezas durante a submersão de Númenor. Ele voltou a usar o grande Anel e os trajes de poder. E a maldade do Olho de Sauron poucos, mesmo dos mais fortes entre elfos e homens, conseguiam suportar.

Ora, Sauron preparava a guerra contra os eldar e os homens de Ponente; e os fogos da Montanha foram mais uma vez atiçados. Motivo pelo qual, ao ver a fumaça de Orodruin ao longe e perceber que Sauron retomara, os númenorianos renomearam aquela montanha como Amon Amarth, o que significa Montanha da Perdição. E Sauron chamou a si enorme contingente de seus servos do leste e do sul; e entre eles não eram poucos os da alta estirpe de Númenor. Pois nos tempos da estada de Sauron naquela terra, os corações de praticamente todo o seu povo se voltaram para as trevas. Por isso, muitos dos que navegaram para o leste naquela época e construíram fortalezas e moradias no litoral já estavam subjugados à sua vontade, e ainda serviam a Sauron com prazer na Terra-média. No entanto, em virtude do poder de Gilgalad, esses renegados, senhores tão poderosos quanto perversos, em sua maioria fixaram residência nas terras meridionais mais distantes. Havia porém dois deles, Herumor e Fuinur, que se alçaram ao poder entre os haradrim, povo numeroso e cruel que habitava o vasto território ao sul de Mordor, para além das Fozes do Anduin.

Portanto, quando Sauron julgou chegada a hora, investiu com força enorme contra o novo reino de Gondor, tomou Minas Ithil e destruiu a Árvore Branca de Isildur que lá

estava plantada Contudo, Isildur escapou, levando consigo uma muda da Árvore, desceu o Rio de barco com a mulher e os filhos, e, velejando, partiu das Fozes do Anduin à procura de Elendil. Enquanto isso, Anárion resistia em Osgiliath contra o Inimigo, e por algum tempo conseguiu rechaçá-lo para as montanhas; mas Sauron voltou a reunir forças, e Anárion percebeu que, a menos que chegasse algum auxílio, seu reino não agüentaria muito mais.

Ora, Elendil e Gil-galad examinaram juntos a questão, pois perceberam que Sauron se fortaleceria demais e derrotaria todos os inimigos, um a um, se eles não se unissem para enfrentá-lo. Criaram portanto aquela liga que é chamada de Última Aliança, e marcharam para o leste, para o interior da Terra-média, reunindo um imenso exército de elfos e homens. E pararam algum tempo em Imladris. Diz-se que as hostes ali reunidas eram mais belas e esplêndidas em armas do que qualquer outra que tenha sido vista desde então na Terra-média; e nenhum contingente mais numeroso foi formado desde que o exército dos Valar atacou as Thangorodrim.

De Imladris, eles atravessaram as Montanhas Nevoentas por muitos desfiladeiros e marcharam ao longo do Rio Anduin, chegando, afinal, a deparar com o exército de Sauron em Dagorlad, a Planície da Batalha, que se estende diante dos portões da Terra Negra. Naquele dia, todos os seres vivos estavam divididos; e alguns de cada espécie, mesmo entre os animais selvagens e as aves eram encontrados dos dois lados, à única exceção dos elfos Somente eles não se dividiram e seguiram a liderança de Gil-galad. Dos anões, poucos lutaram, fosse de um lado, fosse do outro. Mas a linhagem de Durin de Moria combateu Sauron.

O exército de Gil-galad e de Elendil obteve a vitória, pois o poder dos elfos ainda era tremendo naquele tempo, e os númenorianos eram altos e fortes, e terríveis em sua fúria. A Aeglos, a lança de Gil-galad, ninguém conseguia resistir; e a espada de Elendil enchia os orcs e os homens de medo, pois ela refulgia com a luz do Sol e da Lua, e se chamava Narsil Então Gil-galad e Elendil entraram em Mordor e cercaram o reduto de Sauron. Sitiaram a fortaleza por sete anos e sofrearam graves perdas pelo fogo, por lanças e setas do Inimigo, e Sauron fez muitas investidas contra eles. Ali, no vale de Gorgoroth, Anárion, filho de Elendil, foi morto, além de muitos outros.

No final, porém, o cerco era tão rigoroso, que o próprio Sauron se apresentou; e lutou com Gilgalad e Elendil, matando os dois; e a espada de Elendil quebrou quando ele tombou. Mas Sauron também foi derrubado; e, com o toco de Narsil, Isildur arrancou o Anel Governante da mão de Sauron e ficou com ele para si. Então Sauron foi derrotado por algum tempo e abandonou seu corpo. Seu espírito fugiu para longe e se ocultou em local ermo. E por muitos anos ele não voltou a assumir forma visível.

Assim começou a Terceira Era do Mundo, depois dos Dias Antigos e dos Anos Escuros. E naquela época ainda havia esperança e lembrança da alegria; e por muito tempo a Árvore Branca dos eldar floriu nos pátios dos Reis dos homens, pois a muda salva por Isildur ele plantou na cidadela de Anor em memória de seu irmão, antes de partir de Gondor. Os servos de Sauron foram descobertos e desbaratados, mas não totalmente destruídos. E, embora muitos homens abandonassem nesse momento o mal e se tornassem súditos dos herdeiros de Elendil, muitos outros se lembravam de Sauron em seus corações e odiavam os reinos do oeste. A Torre Escura caiu ao chão, arrasada, mas seus alicerces permaneceram, e ela não foi esquecida. Os númenorianos com efeito montaram guarda sobre a terra de Mordor, mas ninguém ousava morar lá, pelo terror da lembrança de Sauron e pela Montanha de Fogo, que ficava ali, ao lado de Barad-dûr. E o vale de Gorgoroth estava coberto de cinzas. Muitos dos elfos e muitos dos númenorianos, e também homens que eram seus aliados, pereceram na Batalha e no Cerco. E Elendil, o

Alto, e Gil-galad, o Rei Supremo, não mais existiam. Nunca mais foi reunido um exército semelhante; nem outra liga semelhante de elfos e homens; pois, depois dos tempos de Elendil, os dois povos se separaram.

O Anel Governante desapareceu do conhecimento até mesmo dos Sábios, nessa época. No entanto, não foi desmanchado. Pois Isildur não quis entregá-la a Elrond e Círdan, que estavam por perto. Eles o aconselharam a lançá-lo no fogo de Orodruin, no qual havia sido forjado, que estava ali à mão, para que o anel perecesse, o poder de Sauron se reduzisse para sempre, e Sauron sobrevivesse apenas como um espectro de maldade nos ermos. Isildur, porém, recusou esse conselho, dizendo: - Vou ficar com ele como compensação pela morte de meu pai e de meu irmão. Não fui eu quem deu no Inimigo o golpe fatal? - E o Anel que segurava lhe parecia ter aparência belíssima; e ele não quis permitir que fosse destruído. Tomou-o, portanto, e voltou primeiro a Minas Anor, onde plantou a Árvore Branca em memória de seu irmão Anárion. Porém, logo partiu e, depois de dar conselhos a Meneldil, filho de seu irmão, e de lhe transmitir o Reino do Sul, levou embora o Anel para ser um bem de herança de sua casa; e marchou de Gondor na direção norte, pelo caminho usado por Elendil. Renunciava ao Reino do Sul porque pretendia assumir o reino de seu pai em Eriador longe da sombra da Terra Negra.

Isildur foi, entretanto, atacado por uma hoste de orcs que esperava numa emboscada nas Montanhas Nevoentas; e os orcs se abateram sobre ele, sem serem percebidos, em seu acampamento entre a Floresta Verde e o Grande Rio, perto de Loeg Ningloron, os Campos de Lis, pois ele estava despreocupado e não montou guarda, achando que seus inimigos tivessem sido destruídos. Ali, praticamente todo o seu povo foi exterminado, e entre eles estavam seus três filhos mais velhos. Eiendur, Aratan e Ciryon; mas sua mulher e seu caçula, Valandil, ele havia deixado em Imladris quando partira para a guerra. O próprio Isildur escapou graças ao Anel, pois, quando o usava, tornava-se invisível a todos os olhos. Os orcs, porém, o perseguiam pelo faro e pelas pegadas, até ele chegar ao Rio e nele mergulhar. Ali o Anel o traiu e vingou a morte de seu criador, pois escorregou de seu dedo quando ele nadava e se perdeu nas águas. Os orcs então o viram nadando na correnteza, atiraram muitas flechas, e esse foi seu fim. Somente três de seu povo chegaram a voltar das montanhas depois de muito vaguear. E um desses era Ohtar, seu escudeiro. A quem ele confiara os pedaços da espada de Elendil.

Assim, com o tempo, Narsil chegou às mãos de Valandil, herdeiro de Isildur, em Imladris; mas sua lâmina estava partida; sua luz, extinta; e ela não voltou a ser forjada. E Mestre Elrond previu que isso só aconteceria quando o Anel Governante voltasse a ser encontrado, e Sauron retomasse. Mas a esperança de elfos e homens era que esses fatos nunca ocorressem.

Valandil foi morar em Annúminas, mas seu povo estava reduzido, e dos númenorianos e dos homens de Eriador muito poucos restavam para povoar a Terra e manter todos os prédios construídos por Elendil. Em Dagorlad, em Mordor e nos Campos de Lis muitos haviam tombado. E ocorreu que, depois do reinado de Eärendur, o sétimo rei que sucedeu a Valandil, os homens de Ponente, os dúnedain do norte, dividiram-se em pequenos reinos e feudos; e seus inimigos os devoraram um a um. Cada vez mais iam diminuindo com o tempo, até que sua glória passou, deixando apenas túmulos verdes na relva. Finalmente, deles nada restou a não ser um povo estranho a perambular em segredo no mato, e outros homens não conheciam seus lares nem o objetivo de suas viagens; e, a não ser em Imladris, na casa de Elrond, sua origem ancestral foi esquecida. Contudo, os fragmentos da espada foram preservados durante muitas vidas dos homens pelos herdeiros de Isildur; e sua linhagem, de pai para filho, permaneceu intacta.

No sul, o reino de Gondor resistiu, e por algum tempo seu esplendor aumentou, até

lembrar a prosperidade e a majestade de Númenor antes da queda. Torres elevadas construiu o povo de Gondor, praças fortificadas e portos para muitas embarcações. E a Coroa Alada dos Reis dos Homens era reverenciada por pessoas de muitas terras e idiomas. Por muitos anos, a Árvore Branca cresceu diante da casa do Rei em Minas Anor, muda daquela árvore que Isildur trouxera das lonjuras do Mar, de Númenor; e a muda antes dela tinha vindo de Avallónë; e, antes dessa, de Valinor, no Dia antes dos dias, quando o mundo era jovem.

Contudo, no final, no desgaste dos anos velozes da Terra-média, Gondor decaiu, e a linhagem de Meneldil, filho de Anárion, perdeu a força. Pois o sangue dos númenorianos se tornou muito misturado com o de outros homens; seu poder e sua sabedoria foram reduzidos, seus anos de vida, encurtados, e a vigilância sobre Mordor, negligenciada. E, no reinado de Telemnar, o vigésimo terceiro da linhagem de Meneldil, trazida por ventos sinistros do leste, veio uma peste que se abateu sobre o Rei e seus filhos, e muitos do povo de Gondor pereceram. Então ficaram abandonados os fortes nas fronteiras com Mordor, e Minas Ithil ficou deserta, sem sua gente. E o mal voltou a entrar na Terra Negra. Em segredo. As cinzas de Gorgoroth foram agitadas como que por um vento frio, pois formas sinistras ali se reuniam. Diz-se que essas eram de fato os úlairi, que Sauron chamava de nazgûl, os Nove Espectros do Anel, que por muito tempo haviam permanecido ocultos, mas agora voltavam para abrir caminho para seu Senhor, pois ele começava a crescer novamente.

E nos tempos de Eärnil, eles fizeram sua primeira investida, saindo à noite de Mordor pelos desfiladeiros nas Montanhas Sombrias, para tomar Minas Ithil para sua morada. E a transformaram num local de tanto pavor que ninguém ousava contemplá-la. Dali em diante, ela passou a ser chamada de Minas Morgul, Torre da Bruxaria. E Minas Morgul estava sempre em guerra com Minas Anor, no oeste. Então Osgiliath, que na decadência do povo fora abandonada muito antes, tornou-se um local de ruínas e uma cidade de fantasmas. Já Minas Anor resistia, e recebeu o novo nome de Minas Tirith. Torre da Guarda, pois ali os Reis fizeram construir na cidadela uma torre branca, muito alta e bela, e seu olho estava voltado para muitas terras. Ainda altiva e forte era essa cidade, e nela a Árvore Branca ainda floresceu por algum tempo diante da Casa dos Reis. Ali os remanescentes dos númenorianos ainda defendiam a passagem do Rio contra os terrores de Minas Morgul e todos os inimigos do oeste, orcs, monstros e homens perversos. Assim, as terras atrás deles, a oeste do Anduin, estavam protegidas da guerra e da destruição.

Minas Tirith ainda resistiu após o reinado de Eärnur, filho de Eärnil e último Rei de Gondor.

Foi ele que cavalgou sozinho até os portões de Minas Morgul para responder ao desafio do senhor de Morgul. E os dois travaram combate homem a homem, mas Eärnur foi traído pelos nazgûl e levado vivo para a cidade dos tormentos, sem que nenhum homem vivo voltas-se jamais a vê-lo. Ora, Eärnur não deixou herdeiros; mas, quando a linhagem dos Reis foi interrompida, os Regentes da Casa de Mardil, o Fiel, governaram a cidade e seu território cada vez menor. E os rohirrim, os Cavaleiros do Norte, vieram habitar a terra verdejante de Rohan, que antes era chamada de Calenardhon e pertencia ao reino de Gondor. E os rohirrim auxiliavam os Senhores da Cidade em suas guerras. Mais ao norte, além das Quedas de Rauros e dos Portões das Argonath, havia ainda outras defesas, poderes mais antigos dos quais os homens pouco sabiam, contra os quais os seres do mal não ousavam investir, até que, chegada a hora, seu senhor do escuro, Sauron, voltasse a se manifestar. E enquanto não chegava essa hora, nunca mais depois da época de Eärnur os nazgûl ousaram cruzar o Rio ou sair de sua cidade em formas visíveis aos

homens.

Todos os dias da Terceira Era, após a queda de Gil-galad, Mestre Elrond morou em Imladris, e ali reuniu muitos elfos e outras pessoas providas de sabedoria e poder, escolhidas entre todas as famílias da Terra-média. E, ao longo de muitas vidas dos homens, ele preservou a memória de tudo o que havia sido belo. E a casa de Elrond era um refugio para os exaustos e os oprimidos, além de um repositório de bons conselhos e sábias tradições. Nessa casa, foram abrigados os herdeiros de Isildur, na infância e na velhice, em virtude de seu parentesco de sangue com o próprio Elrond e parte ele previa, em sua sabedoria, que daquela linhagem surgiria alguém a quem estava reservado um importante papel nos acontecimentos finais daquela Era. E até chegar essa hora, os fragmentos da espada de Elendil foram confiados à guarda de Elrond, quando os dias dos dúnedain ficaram sombrios e eles se tornaram um povo nômade.

Em Eriador, Imladris era a principal morada dos altos-elfos; mas nos Portos Cinzentos de Lindon vivia também um remanescente do povo de Gil-galad, o Rei élfico. Às vezes, eles passeavam pelo interior de Eriador mas na maior parte do tempo permaneciam perto do litoral, construindo embarcações élficas, e cuidando delas, pois nelas aqueles dos Primogênitos que se entediavam do mundo saíam velejando até o extremo oeste. Cirdan, o Armador, era Senhor dos Portos e poderoso entre os Sábios.

Dos Três Anéis que os elfos haviam conservado imaculados, não se falava abertamente entre os Sábios; e mesmo entre os eldar poucos sabiam a quem haviam sido cedidos. Contudo, depois da queda de Sauron, seu poder estava sempre ativo; e onde eles se encontrassem lá também estava a alegria, e as coisas não eram anuviadas pelo desgosto da passagem do tempo. Portanto, antes que terminasse a Terceira Era, os elfos perceberam que o Anel de Safira estava com Elrond, no belo vale de Valfenda, sobre cuja casa as estrelas do firmamento brilhavam mais forte. Enquanto o Anel de Diamante estava na Terra de Lórien, onde morava a Senhora Galadriel. Rainha era ela dos elfos dos bosques esposa de Celeborn de Boriath e, entretanto, ela mesma pertencia aos noldor, lembrava-se <k> Dia antes dos dias em Valmor e era a mais bela e poderosa de todos os elfos que restavam na Terra-média. O Anel Vermelho, porém, permaneceu oculto até o final, e ninguém além de Elrond, Galadriel e Círdan sabia a quem fora confiado.

Foi assim que em dois territórios a bem-aventurança e a beleza dos elfos permaneceram ainda intactas enquanto transcorreu aquela Era: em Imladris e em Lothlórien, a terra oculta entre o Celebrant e o Anduin, onde as árvores tinham flores douradas e nenhum orc ou criatura maléfica ousou jamais entrar. Contudo, ouviam-se muitas vozes entre os elfos que prediziam que, se Sauron por acaso voltasse, ou ele encontraria o Anel Governante, que estava perdido, ou, na melhor das hipóteses, seus inimigos o descobririam e o destruiriam. Em qualquer das duas circunstâncias, porém, os poderes dos Três deveriam então se extinguir, e tudo o que era mantido por eles, desaparecer. Com isso, os elfos deveriam passar para a penumbra, e teria início o Domínio dos Homens.

E com efeito foi isso o que aconteceu desde então: o Um, os Sete e os Nove foram destruídos; e os Três se acabaram. E, com eles, a Terceira Era terminou, e os relatos dos Eldar na Terramédia chegaram ao fim. Aqueles foram os Anos de Desaparecimento; e neles a última floração dos elfos a leste do Mar chegou a seu inverno. Naquela época, os noldor ainda caminhavam nas Terras de Cá, os mais poderosos e mais belos dos filhos do mundo, e seus idiomas ainda eram ouvidos pelos mortais. Muitas criações de beleza e assombro permaneciam na terra naquela época; assim como muitas criações de pavor e maldade: havia orcs, trolls, dragões e animais ferozes, além de estranhas criaturas antigas e sábias nos bosques, cujos nomes estão esquecidos. Os anões ainda trabalhavam nas

colinas e elaboravam com paciência e habilidade obras em metais e pedras que ninguém mais consegue agora imitar. Preparava-se, entretanto, o Domínio dos Homens e tudo estava em transformação, até que afinal o Senhor do Escuro se ergueu novamente na Floresta das Trevas.

Ora, desde tempos remotos o nome daquela floresta era Grande Floresta Verde, e seus amplos salões e corredores eram o abrigo de muitos animais e de pássaros de canto belíssimo. E havia o reino do Rei Thranduil à sombra do carvalho e da faia. Entretanto, depois de muitos anos, quando quase um terço daquela Era do mundo se passara, uma escuridão foi cobrindo lentamente a floresta a partir do sul; e o medo ali caminhava em atalhos sombrios. Animais ferozes vinham ali caçar, e criaturas cruéis e nefastas ali instalavam suas armadilhas.

Mudou então o nome da floresta, e ela passou a se chamar Floresta das Trevas, pois era ali densa a sombra da noite, e poucos ousavam passar por ela, à exceção apenas do norte, onde o povo de Thranduil ainda mantinha o mal a distância. De onde vinha, poucos saberiam dizer, e demorou muito até que os próprios Sábios descobrissem o que era. Eram a sombra de Sauron e o sinal de seu retomo. Pois, vindo dos ermos do leste, ele fixou residência no sul da floresta; e aos poucos foi voltando a crescer e a adquirir forma. Numa colina escura, ele fez sua morada e ali criava seus feitiços. E todo o povo temia o Feiticeiro de Dol Guldur, e no entanto de início eles não sabiam como era enorme o risco que corriam.

Exatamente quando as primeiras sombras foram percebidas na Floresta das Trevas, surgiram no oeste da Terra-média os istari, que os homens chamavam de Magos. Na época ninguém sabia de onde eles eram, à exceção de Círdan dos Portos, e apenas a Elrond e a Galadriel ele revelou que haviam chegado pelo Mar. Daí em diante, porém, dizia-se entre os elfos que eles eram mensageiros enviados pelos Senhores do Oeste para contestar o poder de Sauron, se ele voltasse a se erguer, e para influenciar elfos, homens e todos os seres vivos de boa vontade para com atos corajosos. Apareceram com o aspecto de homens, velhos porém vigorosos, e mudavam pouco com o passar dos anos, só envelhecendo com vagar, embora grandes preocupações pesassem sobre eles. Possuíam enorme sabedoria e muitos poderes mentais e manuais. Muito tempo viajavam por toda parte entre elfos e homens; e conversavam também com bichos e aves. E os povos da Terra-média lhes davam muitos nomes, pois seus nomes verdadeiros eles não revelavam. De maior projeção entre eles eram os que os elfos chamavam de Mithrandir e Curunír, mas a quem os homens no norte davam os nomes de Gandalf e Saruman. Desses, Curunír era o mais velho e o que chegara primeiro; e depois dele vieram Mithrandir e Radagast, bem como outros dos istari que passaram para o leste da Terra-média e não entram nestas histórias. Radagast era amigo de todos os bichos e pássaros; mas Curunír ficava principalmente entre os homens, sua fala era suave e ele era habilidoso em todos os segredos da arte de forjar. Em deliberações Mithrandir era mais íntimo de Elrond e dos elfos.

Perambulava muito pelo norte e pelo oeste, e nunca em terra alguma teve morada permanente.

Já Curunír viajou para o leste; e, quandlo voltou, foi morar em Orthanc, no Círculo de Isengard, que os númenorianos construíram no período de seu poder.

Cada vez mais alerta estava Mithrandir, e foi ele quem mais questionou a escuridão na Floresta das Trevas, pois, embora muitos considerassem que ela era criada pelos Espectros do Anel, ele temia que de fato ela fosse a primeira sombra do retorno de Sauron. Foi então até Dal Guldur, e o Feiticeiro fugiu dele; e por muito tempo houve uma paz vigilante. Mas, por fim, a Sombra voltou, e com o poder aumentado. E nessa época

foi realizado o primeiro Conselho dos Sábios, que é chamado de Conselho Branco, e dele participaram Elrond, Galadriel e Cirdan, além de outros senhores dos eldar, e com eles estavam Mithrandir e Curunír. E Curunír (que era Saruman, o Branco) foi escolhido para presidir o conselho, pois era ele quem mais estudara as antigas táticas de Sauron. Na realidade, Galadriel desejara que Mithrandir liderasse o conselho, e Saruman se ressentiu disso, pois seu orgulho e desejo de supremacia cresceram imensamente.

Mithrandir, porém, recusou o cargo, já que não queria ter nenhum vínculo, nem lealdade, a não ser para com aqueles que o haviam enviado. Também não se dispunha a morar em nenhum lugar, nem a se submeter a convocações. Já Saruman começava agora a estudar a tradição dos Anéis de Poder, como haviam sido feitos e qual era sua história.

Ora, a Sombra crescia cada vez mais, e os corações de Elrond e Mithrandir se anuviavam. Por isso, em certa ocasião, Mithrandir, correndo enorme perigo, voltou a Dal Guldur e às minas do Feiticeiro, descobriu a veracidade de seus temores e escapou.

- Infelizmente, nossa suposição é verdadeira – disse ele, ao voltar a Elrond. - Não se trata de um dos úlairi, como muitos há muito imaginam. É o próprio Sauron que voltou a assumir uma forma e agora cresce rapidamente. E ele está recolhendo de novo todos os Anéis em suas mãos.

E está sempre à procura de notícias do Um, e dos herdeiros de Isildur, se ainda sobrevivem na terra.

- Na hora em que Isildur tomou o Anel e não quis entregá-lo – respondeu Elrond – esse desfecho ficou determinado: que Sauron voltaria.

- Contudo, o Um foi perdido – disse Mithrandir – e, enquanto permanecer oculto, podemos controlar o Inimigo se unirmos nossas forças e não nos demorarmos demais.

Foi então convocado o Conselho Branco; e Mithrandir lhes recomendou que agissem com urgência, mas Curunír se manifestou contra ele e os aconselhou a ainda esperar e a observar.

- Pois não creio – disse ele – que o Um jamais volte a ser encontrado na Terra-média. Nas águas do Anduin ele caiu, e há muito tempo, creio eu, rolou para o Mar. Lá ficará até o final, quando todo este mundo será destruído, e os mares mudarão de lugar.

Portanto, nada foi feito na época. Embora Elrond em seu íntimo tivesse suas dúvidas

- Mesmo assim – disse ele a Mithrandir -, tive o presságio de que o Um ainda será encontrado, que voltará a haver guerra, e que nessa guerra esta Era será encerrada. Na realidade, ela terminará numa segunda escuridão, a menos que sejamos salvos por algum estranho acaso, que meus olhos não conseguem enxergar.

- Muitos são os estranhos acasos do mundo – disse Mithrandir – e, quando os Sábios tropeçam, a ajuda costuma vir das mãos dos fracos.

Por conseguinte, os Sábios ficaram perturbados, mas nenhum por enquanto percebia que Curunír se voltara para pensamentos sinistros e já era um traidor no fundo do coração, pois desejava que ele e nenhum outro descobrisse o Grande Anel, para ele próprio usá-lo e subjugar o mundo inteiro à sua vontade. Passara tempo demais estudando as atividades de Sauron na esperança de derrotá-lo, e agora o invejava como rival, em vez de detestar suas obras. E supunha que o Anel, que pertencia a Sauron, procuraria seu dono quando este voltasse a se manifestar. Porém, se ele fosse repelido mais uma vez, o Anel permaneceria oculto. Estava, portanto, disposto a se arriscar e deixar Sauron em paz por algum tempo, esperando, pela astúcia, se antecipar tanto a seus amigos quanto ao Inimigo, quando o Anel aparecesse.

Montou guarda sobre os Campos de Lis, mas logo descobriu que os servos de Dal Guldur estavam vasculhando todos os caminhos do Rio naquela região. Percebeu então

que Sauron também havia descoberto como fora o fim de Isildur. Amedrontou-se, recolheu-se em Isengard e a fortificou. E cada vez mais se aprofundou nos estudos da tradição dos Anéis de Poder e da arte de sua forjadura. Porém, não falava de nada disso ao Conselho, na esperança de ainda poder ser o primeiro a ter notícias do Anel. Reuniu um grande contingente de espiões, e muitos deles eram pássaros. Pois Radagast lhe prestava auxílio, sem nada imaginar de sua traição e considerando que essa era apeas uma parte da vigilância sobre o Inimigo.

Entretanto, a sombra na Floresta das Trevas cada vez se adensava mais, e a Dal Guldur afluíam seres nefastos, de todos os lugares sinistros do mundo; e eles estavam mais uma vez unidos sob o comando de uma única vontade; e sua maldade era dirigida aos elfos e aos sobreviventes de Númenor. Por isso, finalmente, foi mais uma vez convocado o Conselho, e muito foi debatida a tradição dos Anéis; mas Mithrandir falou ao Conselho, dizendo:

- Não é necessário que o Anel seja encontrado; pois, enquanto ele estiver na Terra e não for desfeito, ainda persistirá o poder que contém; e Sauron crescerá e terá esperança. O poder dos elfos e dos amigos-dos-elfos é agora menor do que antigamente. Em breve Sauron estará forte demais para vocês, mesmo sem o Grande Anel; pois ele domina os Novee; e dos Sete já recuperou três. Devemos atacar. Com isso Curunír concordou, desejando que Sauron fosse expulso de Dol Guldur, que era perto do Rio, e não tivesse mais oportunidade de procurar por ali. Por isso, pela última vez, ajudou o Conselho; e eles avançaram com seus exércitos.

Investiram contra Dol Guldur e expulsaram Sauron desse reduto; e a Floresta das Trevas, por um curto período, voltou a ser saudável.

Contudo, seu ataque foi muito tardio. Pois o Senhor do Escuro o previra e há muito tempo vinha planejando todos os seus movimentos. E os úlairi, seus nove servos, foram antes dele a fim de tudo preparar para sua chegada. Portanto, sua fuga foi apenas um fingimento, e ele logo voltou. E, antes que os Sábios pudessem impedi-la, retornou a seu reino em Mordor, onde reergueu as torres sinistras de Barad-dûr. E naquele ano o Conselho Branco se reuniu pela última vez. Curunír retirou-se para Isengard, e não se aconselhava com ninguém a não ser consigo mesmo.

Os orcs estavam concentrando suas forças, e muito ao leste e ao sul os povos bárbaros se armavam. Então, no meio de um medo que se avolumava e de rumores de guerra, o prenúncio de Elrond provou-se verdadeiro; e o Um Anel de fato voltou a ser encontrado, por um acaso ainda mais estranho do que até mesmo Mithrandir havia previsto. E o Anel permaneceu oculto a Curunír e a Sauron. Pois ele havia sido tirado do Anduin muito antes que por ele procurassem, tendo sido encontrado por um indivíduo dos pequenos povos pesqueiros que moravam às margens do Rio, antes que os Reis desaparecessem em Gondor. E foi levado por quem o encontrou para um local fora do alcance de qualquer busca, um esconderijo escuro sob as raízes das montanhas. Ali permaneceu até que, no mesmo ano do ataque a Dol Guldur, foi novamente encontrado por um viajante que fugia da perseguição de orcs e se embrenhou nas profundezas da terra. Passou então o Anel para um país distante, para a terra dos periannath, o Povo Pequeno, os Pequenos, que moravam no oeste de Eriador. E até esse dia eles haviam sido considerados insignificantes por elfos e por homens; e nem Sauron nem nenhum dos Sábios, à exceção de Mithrandir, em todas as suas conversas deram atenção a eles Ora, por sorte e por vigilância, Mithrandir soube do Anel primeiro, antes que Sauron dele tivesse notícias. Ficou, porém. Consternado e em divida. Pois era demasiado o poder maligno desse objeto para que qualquer um dos Sábios o usasse, a menos que como Curunír, ele desejasse por sua vez se tornar um tirano e um sinistro senhor. Entretanto, o

Anel nem poderia ficar escondido de Sauron para sempre; nem poderia ser desmanchado pela arte dos elfos.

Portanto, com a ajuda dos dúnedain do norte, Mithrandir montou guarda sobre a terra dos periannath e deu tempo ao tempo. Sauron. Porém, tinha muitos ouvidos, e logo ouviu rumores do Um Anel, que desejava acima de todas as coisas. E despachou os nazgûl para pegá-lo.

Detonou-se então a guerra, e em combates com Sauron a Terceira Era terminou, exatamente como havia começado.

Contudo, aqueles que presenciaram os feitos daquela época, atos de bravura e espanto, relataram em outros textos a história da Guerra do Anel e de como terminou em vitória inesperada e em tristezas há muito previstas. Aqui, relatemos apenas que naquela época o Herdeiro de Isildur surgiu no norte; apanhou os fragmentos da espada de Elendil, e em Imladris ela voltou a ser forjada. E ele então foi para a guerra, um admirável comandante de homens.

Era Aragorn, filho de Arathorn, o vigésimo terceiro herdeiro na linha direta de Isildur, e ainda assim mais parecido com Elendil do que qualquer outro antes dele. Houve combate em Rohan, e Curunír, o Traidor, foi derrubado; e Isengard, destruída. E, diante da Cidade de Gondor, houve enorme batalha campal; e o Senhor de Morgul, capitão de Sauron, ali passou para a escuridão; e o Herdeiro de Isildur conduziu o exército do oeste até os Portões Negros de Mordor.

Nessa batalha final estavam Mithrandir, os filhos de Elrond, o Rei de Rohan, senhores de Gondor e o Herdeiro de Isildur com os dúnedain do norte. Ali, no final, eles contemplaram a morte e a derrota; e toda a sua bravura foi inútil, pois Sauron era forte demais. Entretanto, naquela hora ficou provado aquilo que Mithrandir dissera, e a ajuda veio das mãos dos fracos quando os Sábios tropeçaram. Pois, como muitos versos cantaram desde então, foram os periannath, os Pequenos, habitantes de encostas de colinas e campinas, que lhes trouxeram a salvação.

Pois diz-se que Frodo, o Pequeno, a pedido de Mithrandir aceitou a responsabilidade e, sozinho com seu criado, passou por perigos e pela escuridão para afinal chegar, contra a vontade de Sauron, à própria Montanha da Perdição. E ali, no Fogo em que fora forjado, Frodo atirou o Grande Anel de Poder. E assim ele foi desfeito, e seu mal, consumido.

Fraquejou então Sauron e foi totalmente derrotado, fugindo como uma sombra de maldade. E as torres de Barad-dûr desmoronaram em ruínas; e, com o rumor de sua queda, muitas terras tremeram. Assim voltou a reinar a paz, e uma nova primavera teve início na Terra. O Herdeiro de Isildur foi coroado Rei de Gondor e Amor, e o poder dos dúnedain cresceu, e sua glória foi renovada. Nos pátios de Minas Anor, a Árvore Branca voltou a florir, pois uma muda fora encontrada por Mithrandir nas neves da Mindolluin, que se erguia alta e branca, acima da Cidade de Gondor. E, enquanto a árvore ainda crescia ali, os Dias Antigos não foram completamente esquecidos nos corações dos Reis.

Ora, todos esses feitos foram realizados em grande parte graças aos conselhos e à vigilância de Mithrandir; e nos dias finais revelou-se que ele era um senhor digno de enorme reverência; e, trajado de branco. Entrou em combate. Mas, somente quando chegou sua hora de partir foi que se soube que ele por muito tempo havia sido o guardião do Anel Vermelho do Fogo. A princípio, esse Anel fora confiado a Círdan, Senhor dos Portos, que o havia transmitido a Mithrandir, pois sabia de onde ele viera e para onde afinal retornaria.

- Toma agora este Anel – disse ele -, pois tuas aflições e cuidados serão grandes, mas em tudo ele te dará apoio e te defenderá do cansaço. Pois este é o Anel do Fogo e,

com ele, talvez tu consigas reativar nos corações a bravura de outrora num mundo que está esfriando. Quanto a mim, meu coração está no Mar; e vou permanecer junto às costas cinzentas, protegendo os Portos até a partida da última embarcação. Então, esperarei por ti.

Branca era a nau; muito demorou sua construção e por muito tempo ela aguardou o final do qual Círdan falara. Porém, quando todos esses fatos aconteceram, e o Herdeiro de Isildur havia assumido o comando dos homens, tendo sido passado para ele o domínio do oeste, também ficou claro que o poder dos Três Anéis havia terminado; e, para os Pnmogênitos, o mundo se tornara velho e cinzento. Nessa época os últimos noldor zarparam dos Portos e deixaram a Terra-média para sempre. E depois de todos, os Guardiões dos Três Anéis chegaram ao Mar. E o Mestre Elrond, embarcou ali, na nau preparada por Círdan. Mo crepúsculo de outono, ela partiu de Mithlond, até que os mares do Mundo Curvo foram se afastando abaixo dela, e os ventos do céu arredondado não mais a perturbaram. E, sustentada no alto, acima das névoas do mundo, passou para o Antigo Oeste, e chegou o fim para os eldar de prosa e verso.

MAPAS

N
NFAUGLITH
(Ard-galen)
LOTHLANN
LADROS
Poço do Rivil
Aeluin
TAUR-NU-FUIN
(Dorthonion)
Himring
Fronteira de Maedhros
Passagem de Aglon
ERED GORGOROTH
Nan Dungortheb
Dor Dínen
Arossiach
HIMLAD
Sant Iaur
Monte
RERIR
Lago HELEVORN
Grande Gelion
Pequeno Gelion
ERED LUIN (ERED LINDON)
Floresta de NELDORETH
Menegroth
R. Esgalduin
Rio CELON
Nan Elmoth
THARGELION
ESTOLAD
Floresta de REGION
Rio GELION
Monte DOLMED
Belegost
Rio AROS
Sarn Athrad
Rio ASCAR
ANDRAM
BELERIAND ORIENTAL
R. THALOS
OSSIRIAND
ERED LUIN
Ramdal
Amon Ereb
Rio LEGOLIN
Rio BRILTHOR
TAUR-IM-DUINATH
Rio DUILWEN
Rio GELION
TOL GALEN
Rio ADURANT
MAPA DE BELERIAND E DAS TERRAS AO NORTE
CJRT